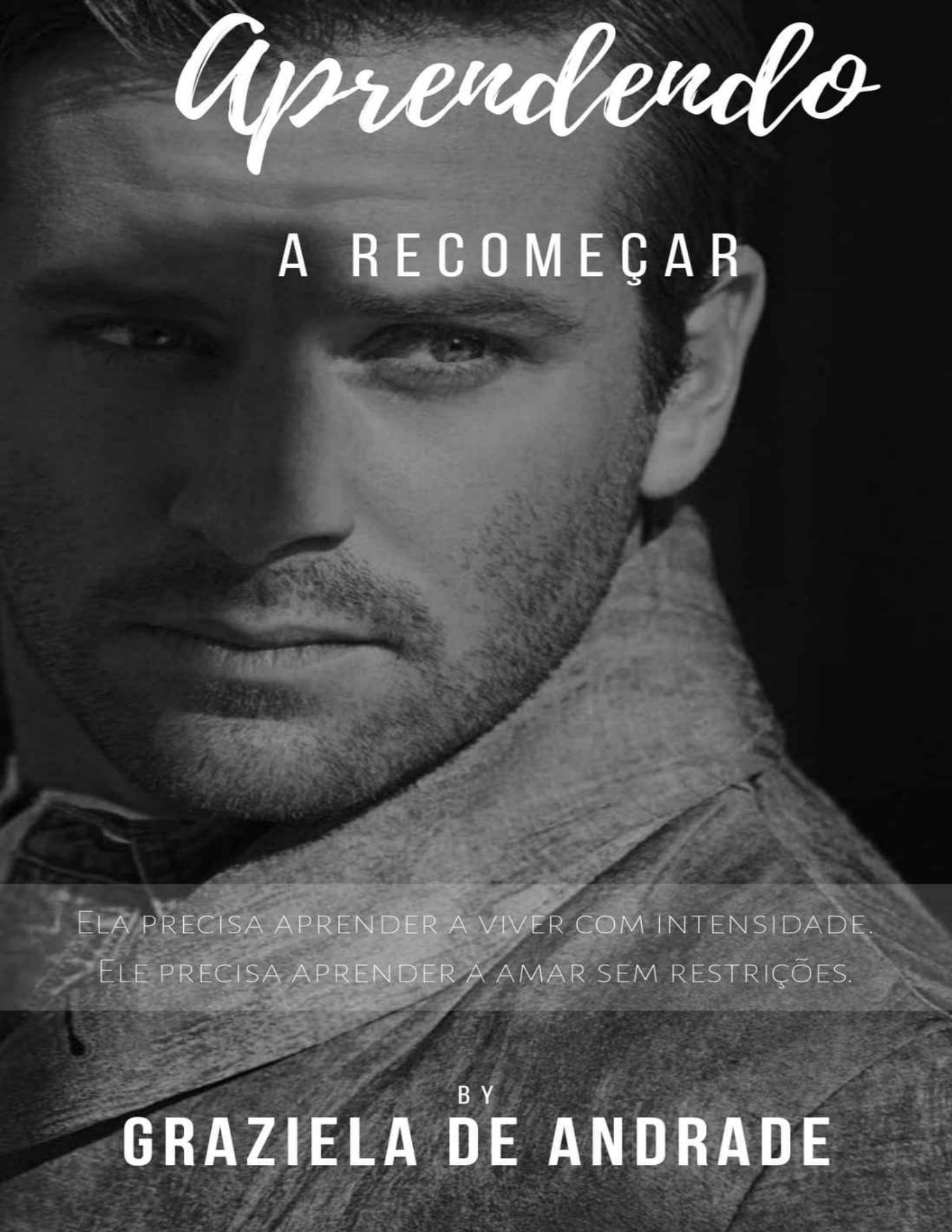




Aprendendo

A RECOMEÇAR

ELA PRECISA APRENDER A VIVER COM INTENSIDADE.
ELE PRECISA APRENDER A AMAR SEM RESTRIÇÕES.

BY
GRAZIELA DE ANDRADE



Prólogo

Greenville, Carolina do Sul, março de 2013.

Da janela do meu quarto olho para rua. Não acredito no momento atroz que estou enfrentando. Hoje estou indo ao funeral dos meus pais. Eles eram minha fortaleza, meu porto seguro, meu alicerce, mas hoje terei que enfrentar essa situação sem eles ao meu lado.

Me sinto sozinha no mundo agora. Ainda tenho minha amiga Sophie, mas ela está em Londres de férias. Claro, há o Jaime, meu namorado, mas hoje, mesmo estando ao meu lado, não consigo notar sua presença. Então hoje será somente eu e minha tristeza.

— Vou ficar bem! — Digo parecendo confiante.

— Querida, sei o que você está passando, e quero que saiba que poderá contar conosco sempre que precisar. Estaremos sempre aqui para te acolher. — Tento sorrir para mais uma vizinha simpática.

Meu pai era tudo para mim. Eu o amava muito. Ele me deu tudo o que podia, e às vezes até o que não podia. Minha mãe era forte, e sempre me impulsionou a seguir em frente. Agora estou pensando no que ela diria se pudesse ouvir meus pensamentos. Estou arrasada. Preciso fugir deste lugar, dessas pessoas, e de tudo que me faz lembrar o que acabei de perder. No entanto, para onde eu iria?

Um homem de cabelo grisalho, com a pele pálida, e olhos azuis, vem na

minha direção. Não o conheço, mas é reconfortante olhá-lo. É um homem bonito apesar da idade, mas não é isso que me atrai. É como se de alguma forma nos conhecêssemos.

Temo que o esteja encarando, tento desviar o olhar, e logo encontro o Jaime. Ele sorri, como se quisesse me confortar.

— Tory. Vem cá, me deixa abraçar você! — Realmente preciso de um abraço conhecido para ainda me sentir em casa. — Não chora, tudo bem!? — O olho resignada. *Será que ele acha que é possível parar de chorar?*

— Boa tarde! — Diz uma voz grossa, mas gentil. Quando viro, vejo o homem de cabelos grisalhos novamente. — Gostaria de me apresentar, sou Blake Collin. Fui um grande amigo da sua mãe.

— Prazer em conhecer você, Sr. Collin, sou Victória White. — Me apresento.

Quando aperto sua mão, sinto uma lágrima escorrer pelo meu rosto, não posso evitá-la. Amigo da minha mãe? *Pergunto a mim mesma.* Achei que conhecesse todos os amigos dela. Seco a lágrima insistente.

— Este é Jaime Thompson. — Falo.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Thompson.

— O prazer é meu, Sr. Collin. — Diz Jaime.

— O senhor a conhecia há muito tempo? — Pergunto.

— Sim, fomos amigos de infância. Fiquei sabendo da notícia pelos jornais, e não pude deixar de vir me despedir. Ela foi muito importante para mim.

— Por favor perdoe minha indiscrição, mas não lembro de tê-lo visto antes.

— Você não lembraria. Já fazem vinte e três anos aproximadamente que fui embora de Greenville. — Diz ele.

— Oh! — Aceno com a cabeça como se tivesse entendido. *Foi um grande amigo dela, mais não há viu por vinte e três anos?*

— Gostaria muito de oferecer minha ajuda, para o que você precisar. Qualquer coisa. Estarei disponível, sempre!

— Obrigada!

— Bem, vou deixar as outras pessoas prestarem suas condolências, mas gostaria muito de almoçar com você amanhã. Você aceita?

— Acho que não serei uma boa companhia, me desculpe. — Digo. Creio que não sou uma boa companhia nem para mim mesma.

— Tudo bem, entendo. Até logo, Srta. White. — Ele se afasta. Logo outras pessoas se aproximam.

Esse dia parece não ter fim.

Quando chego em casa, sento na minha cama e aguardo a dor passar, embora saiba que vou ter que esperar uma eternidade. Então prefiro dormir, assim não fico sozinha demais.

Ouçõ uma batida na porta e dou um pulo da cama. Olho o relógio, e vejo que já são onze horas da manhã. Nossa! Acho que dormi demais.

— Já vou! — Grito do meu quarto. Olho para o espelho e vejo que nem mesmo troquei de roupa para dormir. Saio correndo em direção a porta.

— Oh! Sr. Collin! Bom dia! — Digo, surpresa ao vê-lo.

— Bom dia, Srta. White. Sei que você disse que não estaria em boas condições para me acompanhar no almoço, mas devo insistir. Gostaria muito que pudéssemos conversar.

— Tudo bem, acho mesmo que preciso comer alguma coisa. — Na verdade, preciso mesmo de um café. *Sinto que ainda estou dormindo.*

— Conheço um ótimo lugar aqui em Greenville.

— Ok. Vou subir para me arrumar, e já volto. O senhor pode entrar...

— Não... não, obrigado! Espero a senhorita por aqui mesmo, apreciando o jardim. — Olho o jardim tão bem cultivado, cheio das mais variadas flores. A árvore com o balanço pendurado faz lembrar da minha infância feliz. Logo recordo do meu pai, que se dedicava tanto a esse lugar, e sempre dizia que este era o portal de entrada da nossa casa. *Só não sei por quando terei uma entrada tão bonita assim.*

— Tudo bem. Já volto! — Digo, saindo do meu desvaneio.

Chegamos ao *Sassafras Southern Bistro*. Nunca comi nesse lugar, mas parece ser bom. Nossa mesa já estava reserva, e logo nos sentamos. O Sr. Collin faz o pedido, enquanto tento me concentrar no dia de hoje.

— Vim aqui com sua mãe quando era jovem. A comida é muito boa.

— Ela nunca nos trouxe aqui. — Digo, pensativa.

— Ela deve ter esquecido de como a refeição daqui é gostosa. — Ele sorri. Acho que está tentando me animar. E funciona.

— Vocês eram muito amigos?

— Fomos amigos durante muito tempo. Nós nos conhecemos desde crianças. Passamos junto um período formidável. Então ela resolveu que queria ter sua própria casa e filhos. Logo ela e seu pai construíram tudo o que sempre quiseram. Seguimos rumos diferentes, mas ela nunca deixou de ser uma pessoa muito especial na minha vida.

Não consigo processar direito o que ele disse. Sempre soube que minha mãe e meu pai eram amigos de infância, mas nunca me falaram de outro melhor amigo.

— Deve ter sido um choque muito grande para você, não é? Digo, sobre a notícia do acidente. — Ele diz.

— Foi horrível! — E pela primeira vez desde que soube que meus pais

morreram num acidente de carro, consigo ser sincera.

Sempre fui muito ligada a eles. Fazíamos tudo sempre juntos. Aprendi com meu pai a gostar da carreira de publicidade. Minha mãe sempre foi dona de casa. Nunca trabalhou fora, sempre se dedicou a família, ela era muito alegre, mas em alguns momentos a via absorta, como se estivesse viajando em pensamentos. Quando perguntava, ela dizia que para seguir um sonho, às vezes, era necessário abandonar outros. Essa era sempre a resposta dela.

Meu pai era calmo e sereno. Nunca se alterava. Acho que herdei a personalidade dele, mas fisicamente sou um retrato vivo da minha mãe quando era jovem. Loira, lábios carnudos e desenhados, nariz reto e fino, e altura mediana. Nossa diferença está na cor dos olhos. Enquanto os seus eram de um castanho-claro, os meus são de um azul intenso.

Meus pais foram viajar para comemorar os vinte e três anos de casados. Era a segunda lua de mel, como dizia minha mãe. Eles estavam muito felizes e ansiosos.

— Minha filha, você devia vir conosco. — Disse meu pai.

— Pai, a faculdade já começou. Não posso faltar logo no começo do semestre.

— Você é muito correta, Tory. É preciso extravasar às vezes, minha filha. — Minha mãe sempre foi mais impulsiva.

— Você é o amor da minha vida, filha. Vai ser uma grade publicitária. Sua mãe está errada. Você não precisa extravasar. Você precisa somente ser feliz, e sua felicidade sempre esteve nas coisas mais simples da vida, não é!?

— Pai... Vai me fazer chorar. — Digo, emocionada.

— George, vamos logo. Temos um longo caminho até *Savannah*. Minha filha, se cuide. — Ela se aproxima e fala ao meu ouvido. — Convide o Jaime para passar uns dias aqui com você. — Ela dá uma piscadela.

— Mãe!

— São coisas naturais da vida minha filha. Tenho certeza que você saberá no

momento certo. Ah! Lembre-se, nunca ame mais do que se sinta amada. — Ela diz emocionada. — Se cuide. Eu te amo. Muito. — Ela me dá um beijo na testa.

— Até mais mãe. Eu te amo. — Sorrio.

Meu pai se aproxima e me abraça.

— Adeus minha filha. Eu te amo.

— Também te amo pai. Vou sentir saudades. — Digo melancólica. É a primeira vez que vou ficar sem eles por tanto tempo.

Ele sorri e sai em direção ao carro. Mas, antes de chegar lá, olha por cima do ombro e me diz.

— Prometa-me que será feliz Tory.

— Vou ser feliz pai. — Ele sempre me faz prometer.

Esta foi a última vez que falei com eles. Uma semana depois, recebi a visita de um policial, e soube na mesma hora que a notícia não era boa.

Fiquei em completo estado de choque.

— Quero que você saiba, que estarei aqui, quando você precisar. Faço isso pela memória de sua mãe, e por você, é claro. — Diz o Sr. Collin, me trazendo para o presente.

O almoço chega e logo interrompemos o assunto.

Antes de ir embora, ele me dá um cartão de visita sofisticado, com todos os seus contatos.

— Quero que você guarde isto. Gostaria de saber quando você precisar de algo.

— Obrigada, Sr. Collin. O senhor está sendo muito gentil.

— Você é uma garota forte, posso observar. Conheci sua mãe, e sei que ela gostaria que um amigo ampare você quando precisar. Tenho certeza que sou esse amigo.

— Vou guardá-lo. — Levanto o cartão. — Obrigada!

Ele abre a porta do carro — e só agora percebo que parece ser caro — mas não tenho a intenção de entrar.

— Sr. Collin...

— Por favor, me chame de Blake, afinal eu era um grande amigo da sua mãe. O espelho já me chama de senhor a cada vez que o olho. — Ele ri.

— Tudo bem, *Blake* então. — Sorrio. — Agradeço por tudo, mas vou embora caminhando. Gosto de caminhar, e acho que é a melhor maneira de pensar na vida.

— Você está certa. É muito bom caminhar. — Ele sorri, mas logo fica sério. — Devo me despedir. Estou voltando hoje para Nova Iorque.

— Ah! O senhor mora em Nova Iorque? — Pergunto. Sempre tive curiosidade sobre a cidade.

— Foi para lá que me mudei quando saí de Greenville.

— Meu pai também nasceu aqui na cidade. Será que o senhor também o conhecia?

Por um momento ele fica mudo.

— Creio que devo ir. Não posso perder o voo. — Ele diz, esquivando-se da minha pergunta.

— Ok. Boa viagem, Sr. Collin! — Mais uma vez fico com vontade de chorar. Sinto como estivesse perdendo um familiar querido novamente.

— Espero vê-la em breve, minha querida. — Ele diz, e entra no carro.

Aceno com a mão, e começo a caminhar. Longos quarenta minutos até em casa.

Durante o caminho, fico pensando no *Black*. Curiosidade à parte, sinto como se algo na história da amizade entre minha mãe e ele não estivesse bem

explicado.

Minha vida segue, da cama para cozinha e da cozinha para cama. Logo terei que encontrar o advogado, e não estou feliz com isso. Sei que meu pai deixou a casa hipotecada, e que era o nosso único bem. Na verdade, ainda tenho minha moto. Ela ao menos está quitada, e é uma lembrança do meu pai.

Quando o advogado chega, não fico surpresa ao saber que terei que entregar a casa, caso não honre a hipoteca. O problema é que o meu trabalho não paga o suficiente para cobrir todas essas despesas. Ainda tem minha faculdade. Vou me formar em publicidade só no final do ano.

Minha vida está um caos. Não sei por onde começar a consertá-la.

Capítulo Um

Greenville, setembro de 2013.

— Vou ter que entregá-la aos credores Sophie, não tem mais jeito.

— Oh! Tory, por favor. Não vamos ser dramáticas. Você pode conseguir um empréstimo.

— Sophie, já tenho um empréstimo para pagar, e fazer outro não vai resolver meu problema. Vou ter que deixar a casa.

— Jamais vou permitir que isso aconteça. Pode esquecer essa ideia idiota.

Estamos sentadas na mesa de jantar, com uma pilha de contas para pagar. Olho os papéis e suspiro.

— Não tem outro jeito. Não consigo pagar tudo. A hipoteca está atrasada a vários meses. Já recebi uma intimação para pagamento. Desta vez vou ter que abrir mão desta casa.

— E vai morar aonde, posso saber? Se ao menos aceitasse vir morar comigo em Londres.

— Sophie! Acabo de dizer que estou cheia de dívidas e você quer que eu mude para Londres?

— Claro! — Ela faz beicinho. — Lá posso cuidar de você. — Diz ela.

— Você não cuida nem de si mesma, Sophie. Seus pais é que vão te sustentar, e infelizmente não tenho mais os meus para fazerem a mesma coisa. — Penso nos meus pais. Eles até venderiam a casa para eu viajar com a Sophie, se precisasse, mas claro, se eles estivessem aqui, a hipoteca não estaria atrasada.

— Talvez Jaime queira cuidar de você, Tory. — Ela faz uma pausa, mas logo segue a falar. — Já aconteceu?

— Aconteceu o quê? — Pergunto, mas já sei o que ela quer saber.

— Vocês já transaram? — Ela pergunta de forma direta.

— Você saberia se já tivesse acontecido. — Saio da mesa e vou em direção à cozinha preparar um sanduíche.

— Tory, ele é homem, precisa de certas coisas. — Ela vem atrás de mim.

— Não estou impedindo ele de fazer nada. Só não estou pronta ainda. — Tento encerrar o assunto.

— Você tem vinte e dois anos. Já está pronta.

— Idade não quer dizer nada. Você, por exemplo, era uma criança de quatorze anos quando aconteceu, e eu nunca a recriminei por isso.

— Tinha quinze anos, e é diferente. Você namora o Jaime há sete anos. Não acredito que ele ainda está esperando por você. Obviamente ele já não é mais virgem. A pergunta é, como ele está conseguindo ficar sem ter relações sexuais? — Sophie pergunta, sempre ávida por informação. Com certeza ela escolheu a profissão adequada. Vai ser uma jornalista incrível, além de ser linda. Seus cabelos são castanho-escuros, sua é pele clara, e seus olhos são verdes. Seu corpo é escultural, e deixa os homens babando. Digo que ela é a princesa do desenho da Disney, Branca de Neve.

— Pergunte para ele, não a mim. — Digo.

— E você não sente curiosidade de saber?

Não respondi. Na verdade, gostaria de saber, mas tenho medo da resposta dele. Hoje, ele é a pessoa mais presente na minha vida, além da Sophie, é claro.

— Sophie, Jaime não vai resolver meus problemas com a hipoteca, então acho melhor mudarmos de assunto.

Saio da aula e vou para o estacionamento pegar minha moto. O tempo está instável e não quero apanhar chuva no caminho de casa. Vejo o Jaime assim que chego no estacionamento.

— Vim buscar você. — Diz ele. — Mas já vejo que tem carona. — Ele olha para moto.

Minha moto é uma *Ossa M.A.R.* 250, de 1974. Ela é antiga, mas me leva a todos os lugares, e a chamo de *bebê*.

— Você sabe que sempre venho de moto, Jay. Vir de Greenville até a Columbia não é fácil, já que são aproximadamente cem quilômetros de distância. — Sorrio.

Ele se aproxima e me olha sério.

— Viria trazer e buscar você todos os dias se pudesse, Tory. Só para ficar mais perto de você. — Ele me beija.

Seu beijo é leve e doce, e é como bálsamo para mim. Sophie me falou que eu jamais devia dizer ao Jaime o que acho do beijo dele. Bem, até hoje não entendi o porquê. *Um beijo que acalma é bom, não é!?*

— Hoje faz quatro anos que estamos namorando. — Ele diz sussurrando no meu ouvido. — Já se passaram quatro anos, Tory, e eu te amo cada vez mais.

— A Sophie disse que já se passaram sete anos, acredita!? - Digo, quando me afasto dele.

— A Sophie não faz parte deste assunto. — Ele diz. — Quero jantar com você esta noite. Quero que seja uma noite muito especial.

— Tudo bem. Podemos ir na...

— Não. Hoje não teremos pizza. Quero um jantar romântico, com luz de velas e tudo mais. Minha casa está liberada. — Ele fala, ansioso. — Teremos um

momento só nosso.

— Jaime... — Não sei o que falar, mas sinto que devo dizer alguma coisa para não alimentar a esperança dele.

— Você não precisa se preocupar com nada. É só um jantar.

—Tudo bem! — Tento sorrir.

Estou nervosa antes mesmo de sair de casa para jantar com o Jaime. Sei que não deveria estar, afinal ele mesmo disse que seria somente um jantar. Mas não consigo acreditar muito, porque sei que ele tem segundas intenções.

Quando chego na casa da mãe do Jaime, me sinto constrangida. *O que será que ele falou para ela sair de casa?*

Não dá tempo de pensar na resposta, pois, logo ele abre a porta.

— Boa noite, Tory. Você está linda! — Ele diz.

Sophie fez questão de me produzir. Quando me olhei no espelho, levei um susto. Não parecia ser eu mesma. Os cabelos loiros estavam soltos e jogados para o lado, meus olhos azuis estavam mais brilhantes com a maquiagem leve, e minha boca estava realçada com um batom rosa. Meu rosto ainda tinha um leve rubor, o que me deixou com um aspecto mais saudável. Sophie me presenteou com um vestido verde, curto e justo ao meu corpo, mas assim que ela foi embora, guardei o vestido e coloquei minha famosa calça jeans, e camiseta.

— Boa noite, Jay. Você também está muito bonito.

Jaime é um homem bonito. Ele tem vinte e cinco anos, é moreno, olhos castanhos e alto, mas não muito.

— Entra! — Ele me puxa pela mão. — O jantar está pronto, e não quero que esfrie.

— Espero que você não tenha cozinhado.

— Poxa! Tory, assim você machuca. Cozinho bem.

— Sim, sim. Tão bem quanto a Sophie, e ela não sabe nem fazer um ovo frito.

— Não se preocupa, pedi comida de um restaurante.

Nós rimos.

O jantar flui com suavidade. Conversamos sobre diversas coisas.

— E você lembra quando me ensinou a trapacear no jogo de cartas? Venci meu pai por anos por causa do seu truque. — Falo.

— Você sempre venceu todos nós, Tory, com ou sem truque. — Ele ri.

— É mesmo. — Não consigo parar de rir.

— Sempre modesta. — Ele me olha profundamente.

— Você que me ensinou. — Olho para o relógio. — Jay, tenho que ir. Está na hora de ir para cama. Amanhã tenho que acordar cedo para ir trabalhar.

— Temos cama aqui, você pode ficar. — Ele fala, desta vez de maneira séria.

Fico surpreendida com sua proposta.

— Tory, temos que conversar.

— Estamos conversando há várias horas. — Falo, nervosa.

— Falo sério, Tory. Vem até aqui, por favor. — Ele me chama para sentar no sofá, ao seu lado. Minha cabeça começa a girar.

— Você é muito importante para mim, e quero muito ter você, por completo. — Ele se aproxima e me beija. Desta vez, de maneira diferente. Já não me sinto mais confortável, me sinto estranha, como se algo estivesse errado. Não que seja ruim, porque não é. Mas falta algo. Acho que ele também sente, e para de me

beijar.

— Jaime... — Tento falar alguma coisa. *Será que devo me desculpar?*

— Escuta. Sei que você tem seus ideais, e talvez não esteja pronta para abrir mão deles. — Ele fala no meu ouvido. — Já estamos juntos há sete anos, como a Sophie gosta de falar, sendo que quatro anos estamos realmente namorando. — Ele suspira. — Você não acha que já está na hora de mudar de etapa?

Mudar de etapa? Ele podia ser um pouco mais romântico em relação a isso.

— Você já fez amor com alguém? — Pergunto antes de conseguir impedir as palavras saírem da minha boca. Lembro sobre o que a Sophie disse semanas atrás. Acho que realmente sinto curiosidade. Será que o Jaime tem relações com outras garotas? Isso me deixa com ciúmes, afinal sempre fomos amigos, eu deveria ser a primeira a saber. Fico confusa. *Sempre fomos amigos? Dá onde tirei isso? Namoro ele há quatro anos.*

— O quê? — Ele arruma a postura, e me olha.

— Namoramos desde muito cedo, Jay. Você foi o único que beijei de verdade. Quero saber se você já fez amor. Já avançou as coisas? — Não sei como perguntar. *Devo ter ficado ruborizada.*

— Tory...

Olho para ele esperando uma resposta.

— Tory...

— Tudo bem. — Interrompo ele. Vejo em seus olhos a resposta. — Está tudo bem, mas já tenho que ir. Conversamos mais em outra hora, ok? Ele pega minha mão, e olha para elas.

— Eu te amo. — Ele diz. — Sempre te amei. Sempre vou te amar.

— Eu também te amo. — Mas agora tenho dúvida do tipo de amor que sinto por ele.

No caminho de casa, penso em como o tempo passa rápido. Quando a

Sophie estava perdendo a virgindade, eu estava beijando pela primeira vez. Jaime viu, e saiu correndo atrás do garoto. Lembro muito bem as palavras dele.

— Nunca mais chega perto dela! — Ele dizia ao garoto.

— Jay, acalme-se! — Pedia.

— Ele não é para você Tory. — Foi o que ele me respondeu.

Nunca pude ir além de um casto beijo, porque Jaime sempre estava ali para me impedir.

Chegou uma época que nenhum garoto se aproximava mais de mim. Todos achavam que o Jaime era meu namorado.

Três anos depois isso se tornou realidade. Nós nos beijamos na formatura do colegial. Estávamos dançando, ele me olhou como se pedisse autorização, e me beijou, *sem esperar a resposta*. Depois disso já estava comprometida a ele. Todos viram, por isso passei a ser oficialmente a namorada do Jaime Thompson.

Assim estamos há quatro anos, mas nunca passou de beijos e abraços. É claro que o Jaime já tentou carícias mais ousadas, mas nunca me senti bem o suficiente para deixá-lo seguir em frente. É como se não fosse certo. Sophie diz que devo deixar rolar, e assim terei certeza se o Jaime é o homem adequado para mim.

Não consigo nem sequer pensar em ir para cama com ele. *Será que tem alguma coisa errada comigo ou Jaime é realmente a pessoa errada para mim?*

Ainda não me sinto preparada para tornar nosso namoro mais sério. Eu o amo, mas não tenho certeza se o Jaime é o homem da minha vida. A Sophie me chama de careta, afinal, quem hoje em dia espera o homem da sua vida para perder a virgindade? Ninguém, é o que ela responde. No entanto sou alguém que espera algo mais. Talvez os livros têm me prejudicado na arte do amor, mas espero o príncipe montado no seu cavalo branco, para me tirar do mundo monótono em que vivo.

Acordo assustada e de olhos inchados. Sonhei a noite toda que estava presa em um prédio com grandes janelas, e lá do alto via toda a cidade. Era um lugar diferente, mais sofisticado e grandioso. No sonho eu chorava e gritava que queria ser feliz, mas não consegui meu objetivo, porque acabei pulando do último andar. *Sonhos nem sempre querem dizer alguma coisa, não é mesmo!?*

Levanto da cama e vou me arrumar para o trabalho. Estou com um aspecto horrível. Coloco minha tradicional calça jeans, e a camiseta do uniforme.

Trabalho esporadicamente na loja *Bags*, onde Luy é dono. Ele é um homem idoso, e muito simpático. Seu filho Ray é o gerente, e o carrasco. Ele tem trinta anos, é loiro, olhos verdes, alto e musculoso, e casado, mas isso não o impede de flertar com outras mulheres. Tento ao máximo me manter longe dos olhos dele. Não suporto suas olhadinhas, seu toque, e as piadas sem graça.

Com o dinheiro que recebo aqui mal consigo pagar o combustível para ir à universidade. Então aos sábados faço um “extra” na Pizzaria do Joseph, e hoje vai ser um dia daqueles.

— Oi gata! Hoje você está uma belezinha, hein!? — Diz Ray.

— Obrigada Ray. — Falo sem graça.

— Você devia usar os cabelos sempre desse jeito. — Ele fala, tocando numa mecha do meu cabelo. Hoje resolvi deixá-lo solto, mas acho que foi a decisão errada.

Levanto um canto da boca simulando um sorriso e saio. Pego na minha bolsa um elástico e prendo o cabelo.

Toda vez que entro na loja penso a mesma coisa: Quando serei eu a comprar uma mala para viajar? Sempre tive vontade de me aventurar, mudar de vida, me arriscar. *Parece que não sou tão passiva quando imaginava.* Talvez tenha algo mais do que a aparência da minha mãe. Meu pai diria que se fosse para me fazer feliz, de tudo valeria. *Bem, um dia desses, quem sabe!?*

O dia corre tranquilamente, como todos os outros sábados. Ray não comentou mais sobre meu cabelo, o que foi ótimo. Vendi muitas bolsas e malas, e a comissão faz meu recebimento mensal aumentar. Espero que seja suficiente.

Meu trabalho na pizzeria é muito mais cansativo que na loja do Luy. No final da noite estou exausta. Quero em ir para casa dormir, mas um pensamento vem à cabeça: Se trabalho todos os sábados, o que o Jaime faz? Nunca questionei, mas agora, depois da conversa que tive com ele, isso não sai dos meus pensamentos.

Resolvo então passar na casa do Jaime para fazer uma surpresa, mas sou eu que acabo ficando surpreendida quando a Sra. Maria Thompson atende a porta. Geralmente o Jaime vem me atender. Ele sempre reconhece o barulho do *meu bebê*.

— Olá Victória. Que surpresa em ver você aqui sábado à noite. — Ela diz.

Acho que a mãe do Jaime não simpatiza comigo, por dois motivos. Motivo um: ela acha que roubei a juventude do filho dela, prendendo-o comigo desde cedo. *A verdade é bem ao contrário. Ele é que sempre me prendeu.* Motivo dois: ela pensa que vou roubar o filho dela para sempre, e assim ela vai ficar sozinha. Isso também é completamente equivocado. Nunca vou tirar o Jaime da sua mãe. Sei como é importante ter uma família. Jamais vou destruir uma. A Sra. Thompson nunca me disse nada referente a isso, é claro, mas Sophie já escutou uma conversa dela com Jaime, e pelo jeito como ela me olha, não tenho dúvidas de que seja verdade.

— Boa noite, Sra. Thompson. O Jaime está em casa?

— Não, não está. — Ela diz.

— A senhora sabe onde posso encontrá-lo?

— Não, eu não sei. — Ela é sempre assim, “simpática”.

— Tudo bem, vou ligar para ele. Boa noite!

Aonde será que o Jaime está? Prefiro não pensar. Vou direto para casa, e não ligo para o celular dele.

Capítulo Dois

Greenville, outubro de 2013.

Estou desesperada. Recebi uma intimação para deixar a casa. O pagamento da hipoteca está atrasado desde o mês de maio e não tenho de onde tirar dinheiro para pagar.

A Sophie já me ofereceu, e disse que o pai dela emprestaria com prazer. O Sr. Will Clark tem uma rede de supermercados, e com certeza tem dinheiro suficiente para emprestar. Mas como vou pagá-lo depois? Desta vez realmente não tem jeito. Vou ter que vender a casa.

— Você está maluca. — Sophie diz.

— Sophie, tente me entender. Se eu pegar dinheiro emprestado com o seu pai, quando vou poder pagá-lo? Nunca.

— E você vai fazer o quê? Vender a casa e pagar a dívida? Vai morar aonde? Vai casar com Jaime e morar na casa da bruxa da mãe dele?

— Acho que posso conseguir algum dinheiro com a venda da casa.

— O que é isso? — Ela agarra um cartão de visitas na mão.

— Nossa, nem sabia que ainda o tinha. — Digo.

— Ok, mas quem é Blake Collin? — Sophie diz, me olhando de maneira inquisitiva.

— Conheci o Sr. Collin no funeral dos meus pais.

Não consigo terminar de falar, pois Sophie me interrompe.

— O conheceu em um funeral? Tory... — Ela franze o cenho.

É minha vez de interrompê-la.

— Se você me deixar falar, vai entender. — Faço uma pausa, esperando que ela me pare novamente. Como não acontece, continuo falando. — Ele era amigo da minha mãe. Viu a notícia no jornal e veio prestar suas condolências. Essa explicação está suficientemente boa para você?

— Você viu que ele é um advogado?

— Não. Não tive tempo de analisar o cartão.

— Ok, e ele era bonito? — Curiosa como sempre.

— Sim, ele era bonito, apesar da idade. Ele era muito gentil também.

— Hum! Interessante.

— O que é interessante Sophie?

— Você precisa de alguém para te ajudar, e esse cartão aparece do nada na sua mesa. Isso é interessante.

— Não vou pedir ajuda a ele, Sophie. Mal o conheço.

— Ok, mas por que ele deu esse cartão a você?

— Não vou discutir sobre isso. — Já estou ficando zangada com ela.

— Ele te deu um cartão com um propósito Tory. Qual foi?

— Sim, ele ofereceu ajuda. Disse que devia ligar para ele, caso necessite de alguma coisa. Mas, não vou ligar. Não vou fazê-lo vir de Nova Iorque.

— Nova Iorque? Uau. Ele se deslocou de Nova Iorque até aqui só para prestar suas condolências?

— Isso foi insensível da sua parte Sophie. — Saio da cozinha. Preciso de ar.

Preciso saber o que fazer da minha vida. Ando em direção ao jardim. Sophie vem atrás de mim, é claro.

— Tudo bem. Fui insensível. Me perdoa, ok? Mas esse cartão aparece de repente, e você precisa de ajuda, Tory. Claro, podemos chamar o advogado do meu pai. Mas ele vai cobrar uma fortuna. O dinheiro que você receber da casa será somente para pagá-lo. Já o Sr. Collin, não. Ele provavelmente não vai cobrar nada. Ele é amigo da família.

— Você falando assim dá impressão que não me conhece. Jamais chamaria o Sr. Collin até aqui e não o pagaria pelos serviços prestados.

— Ele ofereceu ajuda. Talvez você precise ser mais humilde e aceitá-la.

— Mal o conheço. — Digo determinada.

— Você conhece algum outro advogado amigável, para cobrar uma valor camarada? — Ela me questiona, levantando aquela sobrancelha irritante.

— Não.

— Então não há nada de errado. — Ela fala vitoriosa.

— Claro que não há. A não ser pelo fato dele morar a mais de setecentas milhas de Greenville. — Explico.

— Ok. Não vamos mais falar deste assunto.

Venci Sophie Clark. Inacreditável.

— Hoje teremos o dia das recordações. — Sophie diz empolgada. — Você vai, não é?

— Oh, Sophie! Não estou com cabeça para isso.

— Não está, mas vai ficar. Você nunca perde o dia das recordações. Não vou deixar você começar por esse ano.

— Mas esse ano está diferente.

— Tory, me escute. — Ela pega minha mão. — Você precisa sair dessa

depressão e hoje é o dia ideal para isso. Recordar é viver! — Ela diz, tentando me animar. — Vamos rir muito, e lembrar de momentos incríveis que passamos todos juntos.

— Tudo bem. — Respiro fundo. — Estarei lá.

— E não se atrase.

Voltamos ao normal, afinal, Sophie sempre dá a última palavra.

O telefone toca quando estou saindo do banho. Sophie disse que o jantar será às vinte horas. Por que ela já está me ligando? Ainda faltam quarenta e cinco minutos.

— Alô!

— Tory. Por que não atende o celular? Estou tentando falar com você há horas! — Jaime parece irritado.

— Não sei onde está meu celular. — *Sempre o perco.* — Qual a urgência?

— Tenho uma festa para ir, na casa de um colega da faculdade. Gostaria muito de ir, e queria que você me acompanhasse.

Hoje deve ser o dia de *convidar Tory para sair.*

— Lamento Jay, mas já tenho um compromisso.

— Compromisso? Com quem?

— Com a Sophie, é claro. Vou jantar com a família dela.

— Posso ir com você, se quiser. — Ele diz, amuado.

— Você acabou de dizer que gostaria muito de ir à festa.

— Não sem você. — Diz ele.

— Jay. Pode ir na festa. Aproveita por mim.

— Não vai ser a mesma coisa se você não for junto.

— De qualquer forma vai ser divertido. — Tento animá-lo.

Ele parece pensar.

— Ok. Eu vou então. Eu te amo.

— Até mais Jay. — Desligo.

Desde o dia que estive na casa dele, não consigo parar de pensar por onde ele andava. Será que era em uma dessas festas? Não ficaria chateada se ele me contasse, muito pelo contrário, estou aborrecida por ele não ter me contado. Sempre fui sua confidente. Acho que agora algo mudou.

O telefone toca novamente.

— Já estamos te esperando. — Desta vez é a Sophie.

Jantar na casa dos Clark's é sempre divertido. Sophie teve a quem puxar. O *tio Will* é engraçado e parece sempre muito feliz, e a *tia Miranda* é linda e inteligente. Eles são uma família linda, e *rica*.

Os pais de Sophie marcaram uma viagem para ela no final do ano. Ela vai morar em Londres. Eles têm uma filial da rede de supermercados lá, onde Christopher Clark é o gerente. Chris é irmão da Sophie. Ele tem vinte e sete anos, sempre foi muito extrovertido, e bonito. Já faz cinco anos que não o vejo. Sophie vai para Londres ajudar o irmão. Não que ele precise de ajuda, é claro, mas os pais acham que ela vai amadurecer ficando longe deles. Na minha situação atual, concordo com eles. Amadureci muito desde que meus pais morreram.

Depois de jantar, vamos para sala de estar. A casa da família Clark é muito bonita e espaçosa. Pode ser feito uma festa nesta sala. Lá na mesa do centro está a famosa caixa de recordações.

Todo ano, a família se junta para rever as recordações guardadas e juntar as novas. É com certeza um momento de muitas risadas e descontração.

— Vem até aqui Tory, não fique aí parada na porta. — Diz o tio Will.

Vou sorrindo até onde eles estão.

— Hoje vamos separar algumas recordações para você, — Tia Miranda me olha — já que em breve nossa amada Sophie vai viajar.

— Mãe! Não vou ficar fora por muito tempo, e Tory sabe que pode ir ao meu encontro quando quiser.

— Bem, de qualquer modo, quero ficar com algumas recordações. — Digo, sorrindo.

A noite passa tranquilamente. Fazia tempo que não me divertia tanto. São tantas fotos e vídeos engraçados e antigos, que se torna impossível não rir.

— Olha essa foto aqui Sophie. Você parecia um repolho. Esse vestido era horrível. — Diz a tia Miranda, rindo.

— Então olhe a Victória, parecia uma cebola. — Sophie fala, apontando o vestido bege de camadas que eu usava naquela época.

Todos rimos.

— Mãe, quem é esse homem? — Sophie pergunta séria.

— Deixe-me ver. — Tia Miranda coloca os óculos.

Durante um momento ficamos todos em silêncio. Fiquei esperando alguém me mostrar o tal homem. A Sophie ficou aguardando a mãe explicar quem ele era. Tia Miranda ficou olhando para o marido como se não tivesse palavras para responder a filha. Isso foi um momento constrangedor.

— Deixe... oh! Esse é... esse é nosso amigo... morava aqui, em Greenville. Hoje já não sei onde mora. Passamos para outra fotografia. — Disse, parecendo incomodado.

Tio Will deixa a fotografia na mesa e logo pega outra. Quando me debruço para ver, fico pasma. Esse é o Sr. Blake Collin. *Então ele realmente foi amigo da minha mãe!*

— Esse é o Sr. Collin? — Pergunto.

Neste momento a mãe e o pai da Sophie se olham assustados.

— Vocês também conhecem o tal Sr. Collin? — Sophie questiona.

No dia do enterro dos meus pais, a família Clark estava de férias em Londres, então não sabem que o *Blake* esteve aqui, em Greenville.

— Sim, é o Blake Collin. Você o conhece Tory? — O pai da Sophie pergunta.

Explico como o conheci.

— Oh! Não sabia que o Blake tinha vindo a *Greenville*.

— Ele esteve aqui para o enterro, mas logo voltou para Nova Iorque.

— Hum!? Ele está morando em Nova Iorque então. — Não sei bem se foi uma pergunta.

— Pai, se vocês se conheceram tão bem, por que perderam o contato?

— Ele foi atrás dos sonhos dele, desde então não tinha voltado mais para *Greenville*. Nunca mais nos procurou.

— Eles eram realmente amigos? O Sr. Collin e a minha mãe? — Fico curiosa sobre a história.

Na foto, eles já eram adultos. Minha mãe devia ter uns vinte e cinco anos. Tia Miranda parecia já estar grávida de Chris, e meu pai não aparece na foto.

— Sim, eles foram muito amigos. — Responde a tia Miranda. — Nessa

época tínhamos viajado todos juntos. Fazia um ano que Will e eu estávamos casados, e saímos todos para comemorar. Eu já estava grávida do Christopher.

— Mas meu pai não aparece na foto. Foi ele quem fotografou?

— Ele não estava conosco. — Foi o que a tia Miranda respondeu. — Sua mãe não era casada ainda, nessa época. — Complementou.

Fico pensando por um instante. Então minha mãe saiu para viajar com um casal de amigos e o Sr. Collin? Essa história está muito esquisita.

— Ok, mamãe, escute. O Sr. Collin ofereceu ajuda para Tory. Você acha que ele é confiável o suficiente para ela solicitá-lo?

— Tory! — Tia Miranda me olha emocionada. — Blake era muito ligado à sua mãe. Eles eram feitos unha e carne. Ele sempre fez de tudo por ela, até não poder fazer mais, é claro. Mas quero que saiba, que se ele lhe ofereceu ajuda, pode ter certeza de que é confiável. Muito confiável. — Ela sorri.

Logo o tio Will muda de assunto, e os risos e piadas voltam. Mas meus pensamentos ainda estão perdidos. *“Ele sempre fez de tudo por ela, até não poder fazer mais, é claro.”* O que será que a tia Miranda quis dizer com isso? Acho que essa história é mais longa do que imagino.

Na segunda-feira, estou ansiosa. Sei que a Sophie vai passar o dia todo na universidade, por isso me apresso em ir embora. Tia Miranda deve estar em casa sozinha, e preciso muito conversar com ela a sós.

Algo me puxa pela cintura quando estou chegando perto da minha moto.

— Jaime! Você me assustou!

— Você se assusta fácil. — Ele diz, sorrindo.

— Então você devia avisar quando for se aproximar.

— Não. Você devia sentir quando eu me aproximo.

Fico sem palavras. Deveria senti-lo? Bem, não o sinto!

— Tenho que ir. — Pego meu capacete.

— Nenhum beijo, Tory?

Solto o capacete na moto e vou ao encontro de Jay.

— Só um beijo. — Sorrio.

Nunca consigo ficar brava com ele por muito tempo.

Tia Miranda me recebe com um sorriso no rosto.

— Tory, minha querida. Sophie não está, hoje ela passa o dia todo na universidade. Achei que você soubesse.

— Oi, tia. — Lhe dou um beijo. — Na verdade, quero conversar com você.

— Comigo? — Diz ela, surpreendida.

— Sim. Posso entrar?

— Claro minha querida, entre.

— Tia, vou direto ao assunto. Quem foi o Blake Collin para a minha mãe?

Ela fica calada por um momento.

— Não sei se devo lhe contar, Tory. Esta história não é minha.

— Então há uma história! Desde sexta não consigo pensar em outra coisa.

— Tory, o que eu sei pode mudar seu jeito de ver sua vida, será que você

está preparada para isso?

— Sim. — Digo prontamente.

— É uma longa história.

— Tenho tempo. — Digo, já me sentindo ansiosa.

— Éramos muito amigos, Will, eu, Helena, George e Blake. Crescemos juntos, indo para a mesma escola, mesmos parques. Conforme fomos ficando jovens, começamos a criar laços. Will e eu éramos muito ligados um no outro, logo começamos a namorar. Sua mãe, Helena, sempre foi a disputa entre Blake e George. Você quer que continue?

— Sim, por favor. — Falo rapidamente para ela continuar a história.

— Helena sempre foi apaixonada pelo o Blake. Se pudesse, o escolhia sempre. Ela via seu pai como melhor amigo, companheiro, um ombro para chorar. Não diria que eles protagonizavam um clássico triângulo amoroso, porque seu pai não sinalizava amar sua mãe naquela época.

— E o Blake, a amava? — Pergunto.

— Não sei. — Foi sua resposta. — Blake era o mais velho da turma, e é claro tinha também outros amigos. Ele já era formado em advocacia, quando um dia sumiu. Ninguém mais o viu em Greenville. A única pessoa que pôde se despedir foi a Helena. Ela nunca nos falou o que realmente aconteceu. Meses depois ela se casou com seu pai.

Não consigo processar a história. Minha mãe nunca foi apaixonada pelo meu pai? Mas eles construíram um amor tão puro e verdadeiro. Ao menos era isso que me parecia.

— Tory, sua mãe e seu pai se amavam. Verdadeiramente. Eles construíram esse amor. Por favor, não se questione referente a isso. Blake e ela eram um caso diferente. Não havia amor, ali havia paixão e loucura.

— Eles ficaram juntos? Digo, o Blake e minha mãe.

— Sim, e eram momentos tensos no geral, mas o Blake fazia tudo por sua

mãe.

— Tenso como?

— Não sei se devia estar contando a você essas coisas.

— Não há mais ninguém para contar, Tia Miranda. Por favor, continue.

— Blake era o tipo de homem carinhoso, atencioso, e até amoroso. Ele não conseguia ficar com as mãos longe dela, e não permitia que ninguém mais a tocasse. Ele era muito ciumento. Tinha ciúmes principalmente do seu pai, afinal a Helena e o George eram muito amigos, bastava o olhar de um para o outro, para se entenderem. — *Assim como era o Jay e eu, antes dos meus pais morrerem.* Penso. — Helena me contou que para a vida que ela sonhava, o Blake não se encaixava. Ele tinha um sonho e ela tinha outro. Foi a única declaração que ela deu a respeito do sumiço dele.

Tento digerir tudo isso. Como pode meus pais nunca terem me contado? Meu pai sempre foi tão aberto comigo, e minha mãe sempre foi tão despojada. Agora tudo o que o Sr. Collin me disse outro dia faz sentido. Eles realmente eram amigos, e o fato dele não dizer nada sobre o meu pai, é porque sentia ciúmes. Lembro-me que ele também disse algo sobre sonhos, que cada um seguiu o seu.

— Isso é tudo que posso te dizer. Espero que seja o suficiente. — Ela diz, com carinho.

— Isso é o suficiente, tia. Obrigada! — Falo emocionada.

Jaime e eu fomos jantar na pizzeria do Joseph. Depois saímos para passear no lago. Este é um dos lugares mais lindo que conheço. É um lago enorme, coberto pelas folhas das árvores que foram plantadas ao redor juntamente com o gramado. Várias pessoas caminham, fazem piquenique e passeiam com a família. Eu e o Jay sempre viemos aqui.

— Obrigada. — Falo quando ele estende a jaqueta para eu sentar. — Como foi a festa do seu amigo?

— Foi legal. — Ele diz, sem ânimo.

— Só legal? Legal? Qual é Jay, você foi em uma festa. Deve ter sido mais que legal. — Falo sorrindo.

— Não sem você. — Ele coloca a mão no meu rosto. O seu toque é calmo, tranquilo. Deito a cabeça no seu ombro.

— E você, por que não me fala dos seus problemas?

— Não há nada. Nada que eu não possa resolver.

— Vejo ao contrário, Tory. Acho que você não pode resolver e é por isso que tem mudado tanto nos últimos meses.

— Não mudei. — Nego com a cabeça.

— Tory. Seus pais se foram, infelizmente, mas nós ainda estamos aqui. Estou pronto para ajudar. Nós sempre fomos tão ligados. Você sempre contou tudo para mim. Por que mudou agora?

Sei que ele está certo. Eu mesma sinto isso. Nossa relação sempre foi tão diferente do que nos últimos meses. Sempre pude contar tudo para ele, mas quando os meus pais morreram me tornei independente. Achei que seria melhor não depender de ninguém nunca mais, mas acho que Jay tem o direito de saber dos meus problemas, afinal, se eu for vender a casa ele vai saber.

— Minha casa está hipotecada, e a hipoteca já está atrasada.

— O quê? Tory, não acredito que você me escondeu isso. Podia ter ajudado.

— Ajudado com o quê? Você ia querer pegar dinheiro com a sua mãe para me ajudar, e eu jamais aceitaria.

— Sou seu namorado Tory. Quero ser seu marido. Você tem que aprender a me aceitar. — Fico assustada com as palavras de Jaime. — Podemos verificar em quanto está a dívida, e tentar pagá-la.

— Não Jay. Não. Vou resolver do meu jeito. Aquela casa é muito grande para mim. Acho melhor vendê-la, e com o dinheiro quitar a hipoteca.

— Uau. Você está querendo vender a casa dos seus pais?

— Não, mas acho que eles ficariam felizes se eu seguisse minha vida, e não ficasse presa aqui, deprimida.

— E você vai ficar melhor aonde? Fora de Greenville?

— Não disse isso. O que estou dizendo é que vou ficar mais feliz se não tiver que pensar que minha vida vai desmoronar mais uma vez porque não tenho dinheiro para pagar minha casa.

— Ok. Você está certa. Vamos arrumar um advoga...

— Você lembra do Sr. Collin? O senhor que conhecemos no funeral dos meus pais.

— Sim, é claro. Parece que minha mãe também o conhece.

— Oh! — Provavelmente mais uma amiga de infância do *Blake*. — Ele é advogado. Pensei em contatá-lo. É o único advogado que conheço.

— Claro, ele pode ser de ajuda, mas você tem o contato dele?

— Sim. Ele me deixou os seus contatos. Você acha que devo ligar?

— Sim, Tory. Resolva isso de uma vez, e volte a ser a minha Tory. Minha menina alegre.

Ele me beija, e dessa vez foi uma libertação. Sinto a antiga e alegre Tory voltando a viver. Agora me sinto livre para recomeçar.

Na quinta-feira, resolvi que já era hora de criar coragem e ligar para o Sr.

Collin. No próximo mês é minha formatura, e quero estar com tudo resolvido.

Disco o número que está no cartão, e aguardo.

— Alô! — Ele atende, e imediatamente reconheço sua voz.

— Sr. Collin! É Victória White. O senhor pode falar?

— Victória, que surpresa maravilhosa. É claro que posso conversar com você. Como você está?

— Estou bem, obrigada. O senhor me pediu para entrar em contato caso precisasse. — Fico meio sem jeito de falar com ele. — Bem, estou precisando.

— Minha querida! Fico muito feliz em saber que posso ser útil. Qual o problema, Victória?

— Tory. Meus amigos me chamam de Tory.

— Tudo bem, Tory. Como posso ajudá-la?

— A casa que os meus pais me deixaram está hipotecada, e o pagamento está alguns meses em atraso. Quero vender a casa para quitar a hipoteca. O senhor tem como me ajudar?

— Claro, querida. Amanhã mesmo estarei aí.

Capítulo Três

Greenville, novembro de 2013.

O Sr. Collin é um homem muito gentil, e está me ajudando muito. Nós nos tornamos grandes amigos, e agora o chamo de tio Blake. Quem ainda não se acostumou com a presença do tio Blake foi o Jaime. Ele acha que não devia me apressar a vender a casa, principalmente agora que nossa relação voltou a ser como era, antes da morte dos meus pais.

Sophie diz que minha alegria voltou, mas a verdade é que agora me sinto leve. Estou pronta para começar uma nova etapa da minha vida.

Nunca questioneei o tio Blake referente ao namoro dele com a minha mãe. Decidi que não é o momento, e também não quero parecer intrometida.

Entre muitas idas e vindas, o tio Blake conseguiu fazer toda a papelada burocrática, e agora estamos procurando a melhor forma de vender a casa.

— Sugiro que você deixe a casa vazia antes de vendê-la. Acho mais provável que alguém se interesse. O que você acha?

— Não sei. Minha formatura é neste final de semana. Acho que posso deixar a casa depois disso. A Sophie também vai embora depois da formatura. Acho que seria um bom momento para recomeçar.

— E o que você vai fazer depois da formatura Tory?

— Não sei. — Penso em Jaime. Neste último mês ele tem falado muito sobre casamento. — Ainda não sei. — Concluo.

— Tenho uma ideia. Por que você não vai para Nova Iorque? — Fico

surpreendida. — Posso conseguir um trabalho para você lá.

— Um trabalho? — Falo, quase sem acreditar no que estou ouvindo.

— Sim. Na sua área de formação é claro.

— Mas onde vou morar? — Penso em voz alta, assustada com a ideia.

— Bem, você poderá escolher um lugar quando receber o dinheiro da venda da casa, mas enquanto isso não acontece, você poderia vir morar em um dos meus apartamentos.

Oh meu Deus! Estou chocada. Não pela proposta do tio Blake, mas sim pelo fato de estar gostando da ideia.

— Oh, não! Não posso aceitar. Não posso! — Tento negar o entusiasmo.

— Oh, pode sim, e deve. Vai ser uma oportunidade incrível para sua carreira.

— Não posso simplesmente aceitar morar em um dos seus apartamentos. O senhor já me conhece o suficiente para saber que jamais aceitaria.

— Sim, a conheço Tory, por isso vou estipular um valor de aluguel. Assim você vai se sentir mais confortável, não é?

Uau. Nunca estive mais empolgada. É como se uma luz estivesse nascendo no meu coração.

— Você pode pensar um pouco, mas estou sentindo que você vai aceitar. Estou voltando para Nova Iorque amanhã. Podemos jantar hoje e conversar mais sobre isso. O que você acha?

— Hoje não posso. É a festa de despedida da Sophie. — Falo, ainda de maneira extasiada.

— Tudo bem! Vamos nos falando por telefone. Voltarei para sua formatura. — Ele me abraça. — Enquanto isso pense nas oportunidades que você terá em Nova Iorque.

— Pode deixar, tio Blake. Vou pensar com carinho.

— Até logo, minha querida. — Ele me dá um beijo na testa e vai embora. Fico assombrada de como essa oportunidade mexeu comigo.

A festa da Sophie é um sucesso. O lugar está lotado, as pessoas estão dançando e bebendo, e eu não consigo tirar o sorriso do rosto. *Nova Iorque*. Sempre sonhei em morar naquela cidade. Meus pais diziam que jamais poderia abandoná-los para e ir a Nova Iorque, e é claro que eu jamais os deixaria. Hoje a situação é diferente. Agora *devo* recomeçar minha vida e abraçar essa oportunidade.

— Tory, adoro esse sorriso no seu rosto. — Jay me fala enquanto estamos encostados no bar. Ele pega uma tequila e me dá. — Beba isto.

— Jay, está tentando me deixar bêbada? — Sorrio.

— Não. Só quero que você esqueça um pouco os problemas e aproveite o momento.

Sophie aparece e me puxa pelo braço.

— Vamos dançar! — Rimos.

Ela provavelmente esqueceu que não danço. Sou atrapalhada o suficiente para tropeçar no meio da pista de dança. De qualquer forma, sigo ela, afinal vou ficar um bom tempo sem vê-la.

Levo Jaime até sua casa. Ele bebeu tanto que nem sequer pode dirigir.

— Fica esta noite comigo Tory.

— Jay, você bebeu muito. Acho melhor você entrar.

— Entra comigo? — Ele diz, choramingando.

— Não, hoje não. — Respondo.

— Quando então?

Essa pergunta me deixa surpresa. Nunca tinha parado para pensar na possibilidade de quando estaria preparada para dormir com o Jaime. Sophie sempre me pergunta, mas essa é a primeira vez que Jay fala diretamente no assunto.

— Acho que não é o momento de conversamos sobre isso. Você precisa dormir. — Tento desviar o assunto.

— Ok. Você vai sonhar comigo?

— Sim. — Digo sorrindo.

— Você vai casar comigo?

Não respondo e lhe dou um beijo casto.

Saio do carro e abro a porta para ele. Jay segura em mim, pois não consegue andar sozinho. Ele nunca bebe demais, mas hoje passou dos limites. Levo-o até a porta e me despeço.

Deixo o carro na garagem e pego minha moto. É hora de ir para casa. A menção sobre casamento me assustou. Não estou preparada para escutar a famosa pergunta do Jaime quando ele estiver sóbrio.

O dia da formatura chega, e ainda estou sem saber se devo ou não ir morar em Nova Iorque. Na verdade, já tenho uma decisão, mas não tenho certeza se consigo pronunciá-la em voz alta.

Tio Blake está na plateia, isolado num canto. Desde que ele voltou a Greenville não teve contato com os pais da Sophie. Acho isso estranho, mas não vou incomodá-lo com perguntas indiscretas sobre seu passado.

Jaime me recebe com um beijo demorado após a graduação. Ele parece feliz que essa etapa tenha acabado.

— Parabéns! — Diz. — Já vi que seu advogado também está aí. Achei que vocês já tivessem resolvido os problemas da casa.

— Jay, você está sendo implicante. Ele é nosso amigo.

— Bem, ele seria meu amigo, se não estivesse colocando ideias na sua cabeça.

— Não se preocupe. Vamos deixar a vida seguir seu rumo. Depois decidimos como percorrer o caminho.

— Uau. Você está filosófica hoje. Que tal irmos comemorar, a formatura e seu estado de espírito?

— Ok. — Digo. — Posso convidar meu advogado? — Ele suspira, mas acho que isso significa um sim. Sorrio.

O jantar segue de maneira agradável. Jaime e o tio Blake conversam somente sobre o necessário, mas o clima é calmo.

— Então Jaime, o que você vai fazer agora, depois da graduação? — Blake pergunta.

Jay me olha e sorri.

— Quero construir. — Ele responde, enigmático.

— Não sabia que você tinha se formado na área de construção.

— Não me formei na área de construção. Sou graduado em Administração de empresas.

— O que você pretende construir então? Uma empresa? — Tio Blake

pergunta, curioso.

— Uma família.

Fico pálida.

— Oh! Não é cedo demais? — Tio Blake olha para mim, depois para Jaime, e vice-e-versa.

— O Jay está brincando, tio Blake. — Falo de forma automática.

— Ah! Sim. Vocês terão muito tempo para formar uma família!

— Não estou brincando. Falo sério! — Diz Jaime, me assustando com a sua sinceridade.

Tio Blake vira para mim e pergunta.

— Você ainda está pensando na minha proposta, não é? — Ele diz, ansioso.

— Sim. — Respondo.

— Que proposta? — Jaime pergunta.

Ficamos em silêncio por um instante. Acho que o tio Blake espera que eu responda, mas não sei se tenho coragem. Então ele mesmo responde.

— É sobre a casa, Jaime. Não se preocupe.

Não quero conversar com o Jaime sobre a mudança para Nova Iorque na frente do Blake. Ainda não sei o que falar para ele. Tenho medo de decepcioná-lo.

— Você já vendeu a casa? — Jay pergunta.

— Na verdade, Tory ainda não sabe, mas consegui uma proposta muito atrativa pela casa. — Tio Blake diz.

— Que notícia boa! — Fico animada.

— Sim, é muito boa. Eles pretendem vir olhar a casa na segunda-feira. Tudo

bem para você?

— É claro. Ela não está vazia, mas vou ficar feliz em mostrar.

— Então logo teremos uma mudança! — Tio Blake fala sorrindo.

Os compradores da casa ficaram encantados e pediram que a liberasse quanto antes. Tio Blake pediu o prazo de uma semana, e concordei, ou seja, estou mais que pronta para recomeçar minha vida.

O problema é que o Jaime viajou com os amigos para a América do Sul, em férias. Ele já tinha comentado comigo sobre isso, e até pediu para que fosse junto, mas estive muito ocupada tentando pagar minhas dívidas. Agora vou ir embora e ele não sabe. Não tive coragem de contá-lo sobre minha decisão. Agora é diferente. A venda foi concretizada, e logo a mudança também será.

Não quero atrapalhar as férias dele com essa notícia, por isso prefiro não ligar para o seu celular. Vou pedir para a Sra. Thompson avisá-lo assim que ele chegar, desta forma não o atrapalho. Acho que Jay não vai gostar muito da minha decisão. Ainda tenho tempo para pensar como falar com ele, afinal ele só volta no começo do ano. Até lá já estarei bem instalada e posso convidá-lo para vir me visitar.

Sophie vai para Londres amanhã. Então antes de tudo tenho que me preparar psicologicamente para ficar longe dela. Depois penso o que vou fazer sobre todo o resto.

Chego no aeroporto, atrasada. A assinatura do contrato demorou mais do que o esperado por isso não tive tempo de ir à casa da Sophie para me despedir. Logo encontro ela e seus pais no portão de embarque. Ela me olha e já vem apontando o dedo indicador de maneira acusadora.

— Achei que iria embora sem ver você!

— Jamais. — Digo sorrindo.

— Vou sentir sua falta. — Ela me abraça com força. — Quero que me prometa que vai ser feliz na nova etapa da sua vida. Promete?

— Sophie, já sou feliz. Não se preocupe comigo. Você é quem deve prometer que vai se cuidar, e voltar logo que possível.

— Ok. Talvez eu venha para as festas de final de ano. — Ela sorri. — Mas você não estará em Greenville, não é mesmo *sua safadinha*!? — Ela me cutuca. — Ah, e por favor, esqueça o Jaime. Se ele não te fez uma mulher ainda, é porque não é o homem certo para você.

— Sophie...

— Prometa que serei a primeira a saber Tory.

— Saber o quê?

— Quando você finalmente se entregar por inteiro para alguém, é óbvio. Sou sua melhor amiga, e quero saber quem será o homem de sorte.

— Você já o conhece Sophie, e ele se chama Jaime.

— Sai fora! Nem o Jaime cai mais nesse conto. — Ela me repreende.

O voo de Sophie é chamado.

— Te amo. Até logo! Arruma um quarto no seu novo apartamento para mim.

— Você será bem-vinda sempre. Eu te amo. Boa viagem!

E ela vai embora. Espero vê-la em breve. Sophie sempre foi minha melhor amiga, mesmo quando era a mais popular do colégio. Ela é linda, com seus cabelos longos e pretos, e com o corpo curvilíneo. Ela pode ser facilmente confundida com uma modelo internacional. É óbvio que os homens sempre estão ao seu redor, por isso ela nunca tem dificuldades de ter alguém com quem se divertir.

Sophie diz que a culpa por eu ser tímida e virgem é do Jaime, que nunca me

deu a chance de aproveitar a juventude. Discordo, é claro. Jaime também é meu amigo, e é com ele que me divirto e choro. Ele é meu companheiro, meu conselheiro, e meu namorado.

Vou para casa ainda pensando no que a Sophie me falou sobre esquecer o Jaime, e começar uma nova vida. Ela me confunde quando fala que ele não é homem para mim. Não vejo minha vida compartilhada com outro homem, mas também não vejo minha cama dividida com Jay. *Acho que sou confusa demais para mim mesma.*

Agora tenho que pensar em encaixotar minhas coisas, porque em uma semana estarei morando em Nova Iorque.

Estava sem coragem de ir conversar com a Sra. Thompson. Não sei qual será sua reação diante a notícia da minha mudança. Tio Blake disse que já está tudo certo com o apartamento e que em breve devo começar a trabalhar também, já que ele entrou em contato com seus amigos. Então agora é a hora de enfrentar os medos e seguir em frente rumo a realização de um desejo.

Minhas coisas já foram todas encaixotadas e despachadas para Nova Iorque. O único pertence que ficou para trás foi minha moto, que o tio Blake achou melhor enviá-la por uma transportadora especializada. Adoraria viajar montada nela até meu novo apartamento, mas para não deixar meus amigos preocupados, aceitei a oferta do transporte.

Agora só falta deixar a chave da casa na imobiliária e passar na casa do Jaime para falar com a mãe dele. Acho que essa será a parte mais difícil de toda a mudança.

Me aproximo da casa dos Thompson e fico nervosa. Devia ter ligado e avisado o Jaime sobre a venda da casa e a minha decisão sobre a mudança para Nova Iorque. Sei que no final ele vai entender, já que uma das coisas que admiro nele é a compreensão. Estou nervosa porque acho que não estou sendo sincera comigo mesma. Não falei para o Jaime sobre a mudança, porque não queria que

ele tentasse algo radical. *Você não queria que ele te pedisse em casamento.* — Diz meu consciente, e essa é a verdade nua e crua.

Paro em frente da casa do Jaime, e vejo sua mãe espiando na janela. Bem, desta forma não vou precisar chamá-la.

— Sra. Thompson. Tudo bem? — Digo.

— Jaime não está, você sabe. — Ela diz, curta e grossa.

— Sim, eu sei. — Começo a tremer. — Gostaria de falar com a senhora.

— Falar sobre o quê? — Ela pergunta desconfiada.

— Gostaria de pedir que transmita um recado meu ao Jaime, assim que ele chegar.

— Victória, existem tecnologias maravilhosas para entrar em contato com pessoas que estão há milhas de distância, por que serei seu pombo-correio?

Fico muda por um instante. Uau, ela é sempre tão antipática comigo. Só não consigo entender o porquê.

— Não quero atrapalhar as férias dele. — Digo.

— Tudo bem, é melhor mesmo não atrapalhar ele com suas besteiras. Diga, o que devo falar?

— Por favor, é só o avisar que vendi a casa dos meus pais, e estou me mudando, e pedir para ele entrar em contato comigo.

— Tudo bem. É só isso?

— Sim.

— Então adeus! — Ela vira os calcanhares e entra na sua casa. Não deixa a chance de me despedir. Melhor assim, ela não faz diferença.

Agora é oficial. Estou indo embora de Greenville. Diferentemente da Sophie, não tive festa de despedida e nem mesmo alguém para me levar ao aeroporto. Os pais da Sophie se ofereceram, mas não aceitei. Não quero

atrapalhar mais do que nos últimos meses, então nos despedimos em um jantar, e foi ótimo. Na loja do Luy, comemos bolo e nos abraçamos, e ele me desejou boa sorte. Seu filho Ray, no entanto, aproveitou para me abraçar mais tempo do que o conveniente, mas consegui me desvencilhar. Na pizzaria, comemos por conta de Joseph. Meus outros colegas já seguiram suas vidas, então fiquei sozinha novamente. Tio Blake estará lá para me recepcionar, e isso será o suficiente.

Capítulo Quatro

Nova Iorque, dezembro de 2013.

Logo que chego ao aeroporto *JRB*, vejo o Tio Blake. Ele sorri e vem ao meu encontro.

— Tory, minha querida! Seja bem-vinda!

— Obrigada. — É só o que consigo dizer. Estou emocionada. Consegui finalmente vencer meus medos e seguir em frente. Neguei a mim mesma duvidar se daria certo. Decidi que arriscar é melhor do que deixar a oportunidade passar. Se não der certo, ao menos tentei. Pior seria se futuramente me perguntasse como teria sido.

Tio Blake me examina. Parece não acreditar que estou aqui, na sua frente, em Nova Iorque.

— Você está linda! Na verdade, ainda mais linda. — Ele diz.

— Você continua um cavalheiro, como provavelmente sempre foi. — Digo. Desta vez nos abraçamos.

— Agora venha logo. Quero que aproveite cada minuto de sua nova vida — Ele me olha novamente e oferece o braço. — Antes de ir para casa quero levar você em lugar especial, e tenho certeza que vai adorar. — Suspira. — Sua mãe sonhava em conhecer esse lugar quando éramos crianças.

Ele me olha com expectativa, e sei exatamente o lugar que ele quer mostrar. Quando eu era criança minha mãe me ajudava a desenhá-lo. Com frequência prometíamos a nós mesmas que um dia iríamos visitá-lo. Era nosso maior sonho.

— Estátua da liberdade? — Pergunto emocionada.

— Sim... O lugar que ela sonhava em conhecer. — Ele diz.

Já está anoitecendo quando chegamos, e a paisagem é ainda mais extraordinária ao crepúsculo. Minhas lágrimas insistem em correr pelo rosto. *Um sonho sendo realizado, para você mamãe.*

Tudo aqui é ainda mais lindo pessoalmente. O mar e seus tons azuis banhados pelo sol poente, as lanternas enaltecendo a estátua, e as luzes da cidade começando a brilhar para a noite que chega. *Uau. Inacreditável.* Suspiro.

— Obrigada, Tio Blake! É maravilhoso estar aqui. Com certeza era o primeiro lugar que queria visitar.

— Não acredito que você está chorando! — Ele sorri.

— Sonhei muito em estar aqui. Obrigada por me ajudar a realizar este sonho.

— Você sabe que não precisa agradecer. — Nós nos abraçamos, e seguimos de braços dados observando a paisagem.

O apartamento é lindo. A sala de estar é grande, com paredes brancas, e um lustre de cristais enorme. *Uau.* O sofá é aconchegante, na cor salmão-claro, combinando com as duas poltronas estampadas em flores miúdas na mesma cor. Há também uma mesa de centro quadrada toda feita por espelhos, e reflete o lustre de cristais. Posso observar outros móveis brancos, e uma porta dupla divide a cozinha da sala de estar. A cozinha é toda branca e limpa. É um apartamento incrível. Deve ser maravilhoso morar aqui.

— Então, está gostando do que vê? — Tio Blake pergunta animado.

— Tudo aqui é incrível!

— Espera até ver seu quarto. Deixei espaço para você decorar, mas ainda

assim ele é maravilhoso. — Ele me leva até um corredor que há três portas.

— Aqui é o lavabo. — Ele aponta a porta que está na nossa frente. — O quarto da direita é de hóspedes. E esse aqui é o seu! — Ele diz radiante, mostrando a porta da esquerda. — Vou deixá-la à vontade. Vou fazer uma ligação, mas qualquer coisa é só me chamar.

— Obrigada Tio Blake. Obrigada! — Dou um beijo em sua face.

Suspiro e entro no meu quarto. O apartamento é um verdadeiro sonho, decorado de maneira sóbria, porém jovem. Só aceitei em vir morar aqui sob o pagamento de aluguel.

Ele redecorou todo o apartamento, ou será possível ele gostar dessa decoração mais jovem e feminina? É claro que confio plenamente no seu bom gosto, mesmo assim me surpreendi quando entrei no meu quarto. É lindo, incrivelmente lindo!

O quarto tem uma cama de casal, com um criado-mudo de cada lado, ambos com abajur. Na parede ao lado há uma porta grande que deve dar na sacada, cobertas por cortinas longas e brancas. Na frente da cama tem um painel com televisão e aparelho de som. É claro que o tio Blake não se esqueceu de deixar espaço para meus livros. *Uau.*

Do lado da estante há uma porta. A abro e vejo um *closet* pequeno e aconchegante, com armários brancos. Na porta seguinte — dentro do *closet* — está o banheiro. *Nossa, tenho uma banheira! Adorei!* O espelho em cima das pias é enorme e o balcão serve para uma família inteira. *Tenho duas pias?*

Incrível. Tudo aqui é muito claro e traz uma paz inacreditável, e ainda sou agraciada por uma vista linda da rua. Sorrio.

Tenho tanta coisa para arrumar. Hoje ainda é quinta-feira, então terei todo o final de semana para me organizar antes de começar no meu novo emprego. *Sim, o tio Blake conseguiu um emprego para mim!* Escuto alguém bater na porta. Deve ser ele.

— Entre!

— Oi! E aí, gostou? — Ele pergunta.

— Eu simplesmente amei! — Suspiro.

— Ótimo. — Ele sorri. — Agora vamos comer. Você deve estar com fome e também muito cansada.

Depois de jantar, o tio Blake vai embora, me deixando aproveitar cada pedacinho do apartamento.

Decido por tomar banho de banheira, e demoro horas desfrutando. Foi um longo dia e amanhã tenho muita coisa para organizar.

Acordo quando o dia ainda está amanhecendo. A casa está em silêncio absoluto, e preciso levantar da cama. Tenho que aproveitar para conhecer a localidade da empresa em que vou trabalhar, o trânsito, as lojas e achar uma academia. Sim, inacreditavelmente quero começar a malhar. Sempre fui muito preguiçosa para frequentar academia, mais acho que vou mudar isso também.

Sigo até meu banheiro. *Nossa nem acredito que tenho um banheiro só para mim.* Quando me olho no espelho vejo uma pessoa fisicamente destruída. *De onde vieram essas olheiras?* É o resultado de tanta ansiedade e pouco sono. — Meu consciente responde.

Preciso dar um jeito nisto antes de sair de casa. Não posso dizer que sou uma pessoa vaidosa, mas gosto de me arrumar e não saio de casa sem máscara de cílios. Muitos dizem que sou uma *Barbie*, por ser loira de olhos azuis. Na verdade, não me sinto assim. Sou mais do tipo desastrada e sem senso de moda, mas quero aprender a me vestir, assim como a Sophie. Estou em uma grande cidade, onde as mulheres se vestem com classe e andam como modelos. *É como se a vida aqui fosse uma eterna passarela.*

Depois de dar um jeito nas minhas olheiras enormes, escolho uma roupa e me arrumo para sair. Tio Blake deixou a chave em cima da mesa de espelhos. *Ainda bem que ele lembrou desse detalhe.* O apartamento fica na 14 West 86 Street, próximo ao Central Park, Distrito de Manhattan.

Vou trabalhar no atendimento da *News Agency*, agência de publicidade e propaganda, que fica na concorrida *Columbus Circle*, e vou ser assistente da Diretora Executiva e publicitária. Ela é responsável por captar as informações necessárias para a criação do projeto publicitário e também de fazer as apresentações dos projetos prontos de *marketing*. *E vou ajudá-la em tudo.* — Fico empolgada.

Levei cerca de trinta minutos andando até aqui, provavelmente de moto levarei no máximo dez minutos. Podia ir de trem, mas minha moto deve chegar no domingo, e estou muito ansiosa para pilotá-la nas ruas de Nova Iorque.

Quando chego em casa o telefone está tocando. Não sabia que já tinha telefone fixo. Tenho que lembrar de pegar o número.

— Bom dia menina preguiçosa. O dia já amanheceu há muito tempo. Estou ligando faz horas. — É o tio Blake.

— Saí e conheci toda cidade de Nova Iorque, e o senhor me chama de preguiçosa? — Falo rindo. Ultimamente estou com uma felicidade incontrolável.

— Achei que estava dormindo. — Ele ri. — Como foi o passeio? — Ele pergunta.

— Foi ótimo, visitei vários lugares essenciais.

— Como o quê?

— Padaria, supermercado, farmácia...

— Que ótimo. Fico feliz que já esteja se adaptando, mas tome cuidado, hein!? Nova Iorque não é Greenville.

— Vou me cuidar.

— Liguei para avisá-la que marquei um jantar na segunda-feira, em meu apartamento. Tudo bem para você?

— Claro tio Blake, é só me falar o endereço que estarei lá.

— Vou mandar a localização. Terei que fazer uma viagem durante este final

de semana, mas volto na segunda-feira pela manhã.

— Ok, vou ficar bem.

— Bem, vou deixá-la, não quero atrapalhar. Até mais querida! — Ele desliga.

Não tenho dúvidas que minha vida aqui será agitada. Estou em Nova Iorque há vinte quatro horas e já tenho um jantar marcado. Felicidade me define neste momento.

Já está quase anoitecendo quando termino de organizar minhas coisas. Quero fazer o jantar hoje. Preciso me acostumar com a cozinha, então vou começar cedo. O meu celular toca quando chego na sala. *Um número desconhecido.*

— Alô!

— Quem fala? — Diz uma voz masculina.

— Tory White.

— Não acredito! Você realmente veio nos contemplar com sua presença?

— O quê? — Rio — Quem está falando?

— É Dylan Scott, tio da Sophie.

— Oi! — Não acredito que a Sophie, mesmo do outro lado do mundo, já espalhou por aí que estou em Nova Iorque. — Desculpa. Não reconheci sua voz.

— Não se desculpe. Estou feliz que tenha vindo. Quero muito vê-la. Liguei para a Sophie e ela contou a novidade. Temos que marcar um jantar. — Depois de um breve silêncio entre nós, ele pergunta — Você topa?

— Claro. — Falo, embora indecisa. Não quero parecer descortês.

— Que tal segunda-feira? — Ele pergunta apressado.

— Na segunda-feira não posso. Já tenho compromisso.

— Vai me dizer que seu namoradinho veio junto? — Ele diz com desdém.

— Não, ele não veio. — Franzo a testa.

— Melhor assim. Marcamos para terça-feira então?

— Ok. — Preciso mesmo de companhia. Estou em uma cidade nova, onde só conheço o tio Blake. Dylan é um antigo colega, então será bom reencontrá-lo.

— Ok. Marcado então. Um beijão. — Ele diz.

— Hum... até logo.

Acho que a semana será divertida.

Depois de fazer o jantar, resolvo ligar para Sophie.

— Oi! — Ela me diz, mal contendo a língua. — Então, o Dylan quer jantar com você. O que você acha? — Ela diz ansiosa. — Você, cedia aos encantos dele.

— Sophie... — Respiro fundo. — Você sabe que não posso... — Ia falar do Jaime, mas ela já está cansada de saber, além do mais não quero discutir com ela agora. — Não quero ser sua tia!

— Eu queria que você fosse minha *titia*. — Ela ri. — Ele é lindo e rico, o que mais você pode querer?

— Não vim para Nova Iorque procurar uma posição social. Não dessa forma.

— E você o vê como uma posição social? — Ela pergunta.

— Você sabe que o dinheiro não me inspira. De qualquer forma não o vejo desse jeito. Ele é seu tio, e no máximo o considero um colega afastado. — Digo.

—Ok! Não fique brava comigo. Vou tentar me conter. — Sophie diz.

— Eu duvido! Mas agora vamos falar de coisas *reais*.

No banho, fico pensando como será o jantar com o Dylan.

Ele é legal e engraçado, mais pode ser bastante insistente quando quer. Já se

passaram três anos da última vez que o vi, mas Sophie nunca desistiu de me incentivar a dar uma chance para ele. Então terça-feira vou precisar de paciência para esse reencontro.

Meu *bebê* chega amanhã e espero que esteja inteira, sem nenhum arranhão, ou vou ter que brigar com a transportadora.

Acordo empolgada na manhã de segunda-feira, após ter passado a noite de domingo pilotando o meu *bebê* pela cidade de Nova Iorque.

O dia está lindo, e o sol está radiando luz, embora o frio seja intenso. Hoje é o meu primeiro dia de trabalho na *News Agency*, umas das mais importantes agências de publicidade de Nova Iorque.

Levanto da cama e tomo banho. Escolho uma roupa social que comprei antes de sair de *Greenville*, e coloco um colar que era da minha mãe. O toco, emocionada. *Estou aqui mãe. Vivendo! Vou curtir cada momento.*

Pego minha bolsa e um casaco pesado, e saio em direção à cozinha.

Levo um susto ao ver uma mulher na minha sala.

— Bom dia! — Digo assustada.

— Bom dia, Srta. White! Sou Abigail. Vim fazer a limpeza do apartamento.
— Diz ela, sorrindo.

— Oh! — Fico surpresa, mas tento me recompor. — Prazer em conhecê-la. Pode me chamar de Tory. — Preciso lembrar de falar com o tio Blake sobre isso. Posso eu mesma limpar e cozinhar, embora a ideia de ter companhia me agrada.

Embora não tenha fome, me forço a comer uma torrada com manteiga e uma xícara de café que a Abigail preparou para mim. *Agora é a hora!* Diz meu consciente. *Vamos lá!*

Escolhi o tipo de veículo certo para andar em Nova Iorque, embora esteja muito frio. O trânsito aqui é uma loucura.

Logo chego em frente ao enorme prédio com fachada de vidros espelhados. Deixo minha motocicleta estacionada e entro no prédio. A recepção é enorme. Pego o crachá que foi entregue na minha admissão, passo facilmente pelas catracas, e entro no elevador rumo ao vigésimo quarto andar. O elevador está cheio de pessoas bonitas e sofisticadas. *Acho que vou precisar aprimorar meu guarda-roupa.*

Um homem sai do elevador e dá um belo sorriso em minha direção.

— Até logo! — Ele sussurra, e pisca.

Ruborizo. Não estou acostumada com esse tipo de atenção. Em *Greenville*, todos me conheciam como a namorada do Jaime, então os olhares eram sempre simpáticos e distantes.

Entro por uma porta de vidro transparente com enormes puxadores, e uma moça de cabelo preto e curto vem me recepcionar.

— Olá! Você deve ser a nova assistente da Sra. John. — Ela sorri.

— Bom dia, meu nome é Tory. Você é?

— Desculpa por não me apresentar. Sou Caroline Parker, recepcionista.

— Prazer em conhecê-la Caroline. Acho que vamos nos encontrar muito. — Sorrio com alegria. Ela parece ser uma pessoa muito agradável.

— Todos os dias, de segunda à sexta. — Rimos. — Vem, deixa-me mostrar sua sala.

Uau. Vou ter uma sala só minha?

Minha sala é pequena e serve de recepção para outra grande sala. O lugar é organizado e limpo, os móveis escuros e sofisticados, e o chão amadeirado. Na

minha mesa há uma placa com meu nome e o meu cargo. — Victória White, assistente.

Sento na cadeira giratória preta de couro, guardo minha bolsa no armário atrás da mesa, e ligo o computador. *Tenho que deixar esse ambiente mais agradável.* Penso. Talvez algumas fotos e flores.

Quando são nove horas, uma linda mulher loira, com olhos castanhos, alta e magra, entra na sala.

— Você deve ser a Victória. Sou Hanna John. — Ela não sorri.

— Bom dia. Sou sua nova assistente. Prazer em conhecê-la, Sra. John. — Ofereço-lhe um pequeno sorriso. Na verdade, estou muito nervosa. Minha nova vida depende desse emprego.

— Você pode começar guardando meu casaco e minha bolsa. Depois venha até minha mesa.

Guardei a bolsa e casaco no mesmo local onde havia guardado os meus. Sigo até a sala grande.

A mesa da Sra. John fica em frente a uma pequena janela com vista para a cidade de Nova Iorque.

Ela não me olha quando entro. Está ocupada procurando alguma coisa na gaveta.

— Sente-se!

Sento na cadeira macia e fico olhando-a. *Acho que ela não é uma pessoa muito fácil de conviver.* O pensamento me desagrada.

— Então Victória, aqui na *News Agency* trabalhamos com as expectativas dos clientes. Temos que ser rápidas e inteligentes. — Ela me olha da cabeça aos pés. — Bem, você vai atender ao telefone, cuidar da minha agenda e me acompanhar nas reuniões e viagens. Aqui você encontrará tudo que precisa saber sobre o cargo que vai exercer. — Ela me mostra uma espécie de manual. — Agora pode voltar à sua mesa.

Sorrio, tímida. Fico assustada pela rispidez com qual fui tratada. Ora, sou graduada, sei atender telefone sem precisar de manual nenhum. No entanto, quando o telefone toca pela primeira vez, dou um pulo da cadeira.

— Escritório de Hanna John, bom dia! — Lembro-me de olhar a página sobre atendimento ao telefone.

— Gostaria de falar com a Sra. John. — Olho rapidamente o manual.

— Ela está em reunião, gostaria de deixar recado? — Pergunto conforme está escrito, ainda não acreditando que estou realmente usando um manual para atender o telefone.

— Peça para ela entrar em contato com Carmem Steel.

— Claro, já está anotado.

— Obrigada.

No manual diz que os recados devem ser repassados por e-mail. Abro-o e digito o recado. A assinatura já está configurada com meu nome. Vou ler este manual inteiro quando chegar em casa, assim meu trabalho aqui vai ficar mais eficiente.

Estou saindo para almoçar quando escuto alguém chamar meu nome.

— Victória!

Olho para trás e vejo Caroline acenar. Ela faz sinal para eu esperar.

— Você vai almoçar sozinha? — Pergunta ofegante, quando chega próxima a mim.

— Sim. Na verdade, não sei onde almoçar.

— Aceita companhia?

— Claro, será um prazer!

Na frente do prédio há um hotel luxuoso.

— É caro, mais a comida é uma delícia. — Ela diz olhando para o hotel e lambendo os lábios.

— Você come aqui todos os dias?

— Não. — Diz ela assustada. — Só em ocasiões especiais. Como hoje é seu primeiro dia, pensei em mostrar para você o que há de melhor. — Ela sorri.

— Ok. Então vamos almoçar.

Caroline é uma pessoa muito legal. Conversamos sobre Nova Iorque, Greenville, e a Agência. Ela me contou que a última assistente da Sra. John era uma antiga modelo — *burra como uma porta* — que fugiu com algumas joias que ficavam no armário. Deve ser por isso que ela não é tão simpática.

— Mas a polícia já a prendeu. — Diz Caroline, enquanto se serve.

O prato dela é gigante e não consigo acreditar que ela vai conseguir comer tudo aquilo.

— E quem escreveu o manual? — Pergunto, ainda olhando espantada para o prato dela.

— Ora, a própria Hanna John. Ela era assistente de Carlo John, seu atual marido. Hoje ele é o diretor executivo internacional da agência.

Caroline me contou outras histórias e me alertou sobre algumas coisas.

— A coisa mais importante é lembrar que ali é uma agência publicitária, e que tudo é ideia para um projeto de *marketing* futuro. — Rimos. *Faz lógica!* Vou anotar todas as ideias que tiver.

O dia passou rápido, embora só tenha atendido o telefone. Acho que a Sra. John deu espaço para me acostumar. Amanhã ela tem marcado em sua agenda duas reuniões. Provavelmente vou acompanhá-la. Bem, foi por isso que vim para cá, para aprender o máximo de conseguir.

Chego em casa e aproveito a tranquilidade do meu novo lar para tomar café e ler meu novo livro preferido: Como ser assistente de Hanna John. Acabo adormecida no sofá.

— Oi! — Atendo o telefone que tocou insistentemente por minutos enquanto eu cochilava.

— Quero saber como foi seu primeiro dia de trabalho. — Diz o tio Blake.

— O senhor não me disse que a Hanna John era uma rabugenta. — Digo, ainda sonolenta, me levantando do sofá.

— Ela não é. — Riu. — Você vai se acostumar.

— Ela me mandou ler um manual sobre o trabalho que vou executar. — Na verdade, já li, mas quero reler e mostrar para ela que não sou nenhuma espécie de imbecil, mas é claro que não vou falar isso para o tio Blake.

— Bem típico dela. — Ele diz. — Você não esqueceu do nosso jantar, não é mesmo?

— Não. Não! Já estou a caminho. — O que é uma grande mentira, porque acabei de acordar.

Me arrumo rápido e saio. O endereço é fácil de achar e fica próximo ao meu.

O apartamento dele é bonito e sofisticado, e a comida estava maravilhosa, mas não gostei do semblante do tio Blake durante o jantar. Ele ficou sério e tenso, principalmente após atender uma ligação.

— Você estava esperando alguém importante? — Pergunto.

— Não. Não era importante. Você poderá conhecer essa pessoa em outro momento.

Em outras palavras, a tal pessoa era importante e não pôde vir ao jantar.

Ouço a campainha tocar. Deve ser o Dylan. *Será que devo tomar uns drinques?* — Pergunto. Meu consciente diz que não. Talvez seja necessário me manter lúcida para mantê-lo distante. Já tive experiências suficientes para ter certeza disso. Da última vez que bebi perto do Dylan, ri descontroladamente das piadas dele, e o Jaime ficou irado.

Abro a porta, e ele me olha impressionado. Será que mudei tanto desde a última vez que ele me viu? Ele parece o mesmo. Talvez mais bonito. Ele é loiro, cabelo curto, barbeado impecavelmente, olhos profundos, alto e forte. Seus músculos são aparentes por debaixo da roupa.

— Olá *Barbie*. Uau. Você. Está. Linda. — Ele fala cada palavra pausadamente, enquanto beija o meu rosto. *Barbie* é a maneira que ele me chama. Jaime nunca gostou desse apelido.

— Oi Dylan, você também está ótimo. — Digo meio sem jeito. Dylan é novo, deve ter uns vinte e cinco anos. Ele é o irmão caçula da tia Miranda. A Sophie e ele são muito ligados, e companheiros. Não se largam por nada.

— Espero não estar atrapalhando você. — Ele diz, desviando meus pensamentos.

— Claro que não. Não tenho nenhum compromisso agendado para as próximas semanas. — Rimos. — Vamos ao jantar?

— Claro. Vamos lá. — Ele sorri. — Escolhi um restaurante chinês, espero que goste.

— Gosto sim!

Andamos algumas quadras e chegamos no restaurante. Sento de frente para o Dylan. Abro um sorriso simpático e ele me responde sorrindo também.

— Você está feliz em Nova Iorque? — Ele pergunta, provavelmente para quebrar o gelo entre nós.

— Estou muito feliz.

— Você vai se adaptar muito bem aqui. Nova Iorque é a sua cara!

— Espero que sim. Investi muito para estar aqui. Espero aproveitar ao máximo essa oportunidade.

Ele está diferente. Se fosse anos atrás, ele estaria tentando me passar uma cantada, no entanto, estamos mantendo uma conversa normal.

Ah Sophie. Ele pode até ter mudado, mas não é nenhum príncipe encantado feito para mim.

— *Não entendo como seu namorado deixou você vir morar em Nova Iorque sozinha.*

— O Jaime é muito seguro em relação ao nosso namoro. Ele confia plenamente em mim.

— Mas nenhum tipo de homem deve confiar plenamente em outro homem.

— Sei me cuidar.

— Ninguém é imune às vontades do coração. E do corpo, devo acrescenta.

— Meu coração já tem dono.

— E o corpo?

Fico sem palavras. *Até você Dylan?*

— *Não cabe a você saber, não é mesmo!?*

Ele ri, como se soubesse a verdade.

Depois do jantar o Dylan me leva para casa. Quando chegamos na frente da porta do meu apartamento — que ele fez questão de me levar — ele se vira e me encara. Espero que ele não tente estragar nosso encontro agora. *Não. Não. Não.*

— Foi um jantar maravilhoso. Acho que devo agradecer a Sophie por me avisar que você está por aqui. — Diz com sinceridade nos olhos, embora esteja achando graça. — O jantar estava uma delícia. — Do jeito como ele me olha, não sei se é do jantar que ele está falando. — Fico apática.

— Ah, estava sim! Até logo então. — Me afasto o mais depressa possível.

— Até mais *Barbie*!

— Até mais Dylan! — Ele sorri e vai embora.

Fecho a porta do apartamento pensando no que o Jay acharia deste meu encontro.

— Victória, ele é louco por você. Só você não enxerga isso.

É claro que Sophie ia ligar para saber sobre o jantar.

— Esqueça isso Sophie. Nunca vai acontecer nada entre nós. Esse é o meu pedido, esqueça. Por favor me respeite, e respeite o Jaime também. — Digo em tom sério.

— Ok.

— Tudo bem.

— O que você está comendo de bom no café da manhã? — Ela pergunta.

— Só você para me perguntar isso. Já sinto saudades. — Nós duas rimos.

— Eu também. — Ela diz.

Capítulo Cinco

Nova Iorque, dezembro de 2013.

Está ficando mais agradável trabalhar na agência. Acho que a Sra. John entendeu que não sou uma psicopata e que posso fazer mais do que atender o telefone. Ela até está sorrindo nesta última semana. Acredito que vou conseguir a confiança dela antes de receber meu primeiro salário.

A vida em Nova Iorque é exatamente como pensei que fosse, mas mesmo com toda a correria do dia a dia, e os eventos do trabalho, sinto um enorme vazio dentro de mim. *É falta dos meus pais*. Converso algumas vezes com o Dylan por telefone, o que me faz sentir menos sozinha. Ele sempre liga para saber da Sophie — ou indiretamente de mim. Agora ele está simpático e ajuizado. Acho que se tornou um adulto maduro, e não é mais aquele adolescente indiscreto com os hormônios enfurecidos. No entanto minha única e verdadeira companhia tem sido meu bebê. Piloto minha moto todas as noites, admirando a cidade dos meus sonhos, que agora é real.

Hoje, sexta-feira, marquei de encontrar o tio Blake no restaurante *Le Bernardin*. Vai ser bom conversar um pouco. Preciso me distrair para esquecer a saudade que sinto de casa. Já estou em Nova Iorque há três semanas.

No almoço, Caroline me convidou para ir num *happy hour*, e topei. Quero me aventurar na noite nova iorquina.

Ao pegar a bolsa para ir embora, lembro de verificar quanto dinheiro tenho na minha carteira.

— Onde está minha carteira? — Penso em voz alta ao vasculhar a bolsa.

— Algum problema Victória? — Sra. John pergunta.

— Problema algum, Sra. John. — Me apresso a falar. — Já estou de saída. Precisa de mais alguma coisa?

— Não. Tudo bem. Pode ir. Bom final de semana. — Ela sorri.

— Obrigada.

Aviso Caroline que estarei no *pub* em três horas no máximo.

Antes de ir ao restaurante, tenho que passar em casa para pegar minha carteira. Subo até o apartamento rapidamente para evitar que o Tio Blake espere muito por mim.

— Boa noite Sr. Smith. – Cumprimento o porteiro.

— Boa noite Srta. White. Está com pressa pelo que parece. — Ele sorri. Deve ter percebido minha correria para entrar e sair do prédio.

— Estou atrasada.

— Vá com calma nessa moto. O trânsito é intenso nesse horário.

— Pode deixar... vou cuidar de mim, e principalmente dela. — Sorrio, e subo na moto.

Tio Blake deve estar preocupado com minha demora. Paro no semáforo, olho pelo retrovisor, e vejo um Audi S8 branco, logo atrás de mim. Quando percebo a velocidade que está vindo, sinto um calafrio percorre meu corpo, e então de repente escuto um estouro.

Não vejo nada. Na minha frente há uma cor preta, opaca. Escuto vozes por todo lado. *Bateram com o carro na minha moto.* O pensamento me atinge em cheio. Quero me levantar e ver meu bebê. Quero afrontar o imbecil que fez isso.

— Fique parada, por favor. Não se mexa! — Ouço uma voz grossa e firme

me dizer.

Vou retomando a consciência aos poucos. Já consigo sentir o chão duro debaixo do meu corpo. Estou caída no asfalto. Sinto minha respiração voltar. O ar entra e sai dos meus pulmões. *Sim. Isso significa que não morri.*

Abro lentamente os olhos, e logo tenho uma miragem. *É uma alucinação. Só pode ser uma alucinação. É lindo demais para ser um humano.* Estendo a minha mão para tentar pegá-lo. Então ouço novamente a voz divina.

— Por favor não se mexa!

É um homem lindo e muito atraente. Seus cabelos no tom de castanho é curto e desalinhado, seus olhos são verdes acinzentados, e seu nariz é reto e perfeito. Ele está vestindo uma camisa branca. A calça e o terno preto são impecáveis, de algum tipo de tecido caro, e mostra sua importância e status.

Fico desorientada por um minuto. Há muita gente em minha volta. Muitos passam me olhando, outros me encaram como se eu fosse uma espécie de aberração.

— Minha perna dói! — Meu pensamento sai em voz alta.

Pelo menos estou conseguindo falar.

— Fique calma. — Ele continua a falar. — Tudo está sendo providenciado. Logo você estará bem.

— Meu bebê. Como está meu bebê? — Pergunto ainda desorientada, e caída no chão.

Ele se ajoelha, e posso vê-lo de perto agora.

— Você está grávida? — Ele pergunta num tom assustador.

— Grávida? — FRANZO as sobrancelhas.

Levanto em um pulo quase colidindo com a minha cabeça na dele, e imediatamente me sinto tonta, mas sou segurada pelo homem mais atraente que já conheci.

Quando olho minha moto, caio de joelhos no chão.

— Não acredito. Não acredito! — Minha voz sai como um lamento exorbitante.

— Não se preocupe com sua moto. Ela vai ser consertada. Vai ficar tudo bem!

Percebo que ele não é exatamente uma alucinação, mas sim o motorista inescrupuloso, responsável pela batida na minha moto.

Levanto de repente e o encaro.

— Você não deveria estar em pé. — Ele diz, e agora sua voz não tem mais um tom angelical.

— Seu irresponsável! — Digo, exasperada.

Ele me olhou como se não tivesse entendendo o que eu falo.

— Foi você quem causou tudo isso! Você arruinou meu bebê! — Aponto para minha moto.

— Seu bebê? Então a moto é o seu bebê? — Ele sorri incredivelmente lindo, com seus lábios finos e desenhados. — A moto pode ser consertada. — Diz, voltando a ficar sério. *Como pode mudar assim tão de repente?* — Mas a dona dela deve respeitar a situação e ficar quieta. Você não devia estar se mexendo desse jeito.

— Quem é você para estar falando o que devo ou não fazer? — Digo entre os dentes.

Minha exasperação é evidente. *Quem ele pensa que é?*

— Você precisa realmente se acalmar. Vai ficar tudo bem. Eu prometo. — Ele me estende a mão com seus lindos dedos compridos. Vejo através de sua feição que está preocupado.

O que estou fazendo? Me pergunto. Eu preciso manter a calma e resolver toda essa situação. Minha vida se tornou um caos em menos de dez minutos.

Preciso colocar meus pensamentos no lugar, e não ficar brigando no meio da rua com um sujeito desconhecido, lindo e *sexy*. *Sim, esse é o primeiro homem que acho verdadeiramente sexy.*

Aceito a mão que me foi estendida, porque ainda me sinto tonta, e minha perna está doendo muito.

— Vou mandar consertá-la, não se preocupe, mas antes devemos cuidar de você. Sua perna está doendo. Preciso levar você para o hospital.

— Não vou a lugar algum sem o meu bebê.

Ele me olha irritado. Ah, então agora sou a culpada?

— Você tem duas opções. A primeira é ficar aqui, no meio da rua esperando uma ambulância, jornalistas e a polícia. A outra opção é você aceitar minha carona até um hospital. — Ele me olha, e ergue uma sobrancelha.

Minhas palavras não saem. Não sei se é porque estou exasperada ou porque estou completamente hipnotizada pela linda visão.

— Você gosta de ambulância? — Ele questiona, com um olhar de deboche. *Ainda assim ele é lindo.* — Posso ficar esperando com você. — Diz zombando. — Na verdade, esse seria o mais correto a fazer, mas você está saltitante por aí. — Ele tenta esconder o sorriso.

Bem, se não tivesse conhecido ele nestas circunstancias, poderia me apaixonar. Ele é lindo demais, e até bem-educado e cavalheiro. *Ele basicamente atropelou você!* — Meu consciente me lembra. *Talvez tenha me atropelado em mais de um sentido.* Eu penso.

— Ambulância, jornalistas e a polícia? — Digo através de um sussurro.

Ele acena com a cabeça confirmando, e escondendo o sorriso.

— Bem, talvez... talvez eu queira uma carona. — Encolho os ombros.

— Ótimo. Você consegue andar?

— Sim! — Sigo mancando até o carro.

Impressionante como nada aconteceu com o carro, nem um arranhão! Minha moto em compensação está destruída. Vê-la desse jeito me faz querer chorar. Sempre cuidei tão bem dela, desde que a ganhei do meu pai no meu aniversário de dezoito anos.

Ele abre a porta do carona para mim.

— Entre.

— E a moto? — Pergunto com a voz tremula. *Não posso chorar, não posso chorar.*

— Meu segurança vai cuidar de tudo. Vai ficar tudo bem. Agora me deixa cuidar de você.

Dou uma última olhada para a moto e entro no carro.

Me acomodo no acento do carona, olho pela janela e vejo como as pessoas estão nos olhando. Algumas sequer acreditam que estou viva. Outras olham para a moto com tristeza, e algumas pessoas olham com admiração.

Uma música começa a soar. É claro que reconheço a voz. *Coldplay* está cantando *Gravity*.

Ele dá partida no carro e vamos devagar, saindo do lugar do acidente. Enquanto nos afastamos, vou voltando a consciência e recuperando a calma.

— Como aconteceu? — Pergunto baixinho.

— Eu estava dirigindo em uma velocidade alta. Não percebi quando me aproximava do semáforo. Estava distraído. Foi quando um dos meus seguranças me avisou, e então tentei parar, mas não deu tempo. Você estava parada com a moto na frente. — Ele parou de falar, suspirou, fechou os olhos por um instante. — Eu bati com o meu carro na sua moto. — Ele abriu os olhos. Fiz um aceno com a cabeça, encorajando-o a continuar. — Você arremessou por cima do capô do carro. Bateu com as costas e a cabeça. Sua perna deve ter ficado trancada em algum lugar. — Ele me olha. — Fico feliz que estava usando capacete.

Ele volta o olhar para frente, mas parece que está lutando contra um pensamento desagradável. Bem, talvez tivesse sido pior se eu não estivesse

usando meu capacete.

— Estou bem! — Tento confortá-lo.

— Na verdade, não sabemos. Preciso da opinião de um especialista. — Ele sorri. Acho que recuperou seu bom humor.

Logo que chegamos no hospital, somos atendidos por uma recepcionista simpática e oferecida. Ela praticamente se jogou em cima dele.

Entreguei meus documentos e ela fez um breve cadastro. É óbvio que já estavam nos esperando.

Alguém me chama para a sala do médico. Vejo que o lindo anjo — ou não — segue até uma sala de espera. Ele acena e sai do meu campo de visão.

— Senhorita White. Prazer em conhecê-la, sou o Dr. Michael Ford. — Ele sorri.

Seus cabelos são brancos como a neve, seus olhos azuis, e seu sorriso é cativante.

— Olá, Dr. Ford! — Tento sorrir, e percebo o quão transtornada ainda estou. Meu sorriso estremece com o nervosismo.

— Vejo que a senhorita está muito nervosa. Eu a entendo, é claro. Que tal sentar? — Ele aponta uma cadeira macia. — Preciso terminar de preencher seu cadastro, mas não vai demorar muito, prometo.

Ele faz todas aquelas perguntas rotineiras e em seguida me leva para fazer uma radiografia.

— Bem, Srta. White... acho que teve sorte! — Ele sorri.

— Sorte? — Ergo uma sobrancelha.

— Talvez não exatamente. — Ele reconhece que o termo usado não é o mais apropriado. — Você teve uma leve luxação no tornozelo direito. Vamos colocar a articulação no lugar, e você terá que usar uma atadura durante uma semana.

— Uma... — engasgo. — Uma semana? — Pergunto incrédula.

— Sim, uma semana. Você deve repousar durante esse tempo. Não deve andar muito, e de jeito nenhum passear na sua motocicleta. — Ele tenta me confortar.

— Mas eu trabalho. Eu preciso da moto para ir trabalhar.

— Creio que a senhorita terá que arrumar outra solução.

— Eu não tenho outra solução doutor.

— Você trabalha aonde? — Ele pergunta calmamente.

— Na agência de publicidade *News*.

— Vou lhe dar um atestado médico para que fique em repouso durante esses dias.

— Acabei de começar neste emprego doutor. Não quero um atestado. — Digo, ainda mais nervosa do que antes.

— Tudo bem. Compreendo perfeitamente, mas terá que se cuidar e evitar caminhar muito pelos próximos três dias, pelo menos. — Ele me repreende.

Enquanto ele coloca toda a aparelhagem para verificar a pressão arterial, fico pensando como vim parar aqui. E agora, para piorar a situação, não vejo como vou conseguir trabalhar.

Meus pensamentos não vão muito longe.

— Você está passando por um momento estressante e sua pressão arterial mostra isso. Vou dar um remédio e você vai ter que ficar em observação por algumas horas.

— Isso significa?

— Descansar um pouco.

— Mas preciso saber sobre minha moto.

— Tenho certeza que o Sr. Hill não vai sair daqui sem a senhorita.

Senhor Hill? Bem, agora sei seu sobrenome.

— Sr. Hill? — Pergunto para confirmar.

— Sim. — Ele me responde. — O Sr. Hill vai cumprir todas as obrigações. Tenho certeza disso.

— Claro. Eu não espero outra coisa do *Sr. Hill*.

Sigo-o até o quarto, onde provavelmente terei um tempo para descansar. Preciso colocar minha cabeça no lugar e tentar assimilar tudo o que aconteceu.

Onde estou? Pergunto-me ao abrir os olhos.

— Olá. — O *Sr. Hill* fala.

— Ainda está aqui? — Pergunto sonolenta.

— Onde mais deveria estar? Você está bem? — Ele está sério de novo, com o cenho franzido.

— Muito melhor. Preciso voltar para casa.

Olho minha perna quando sinto que algo está estranho. Meu tornozelo já está enfaixado.

— Você já tem alta médica. Posso levá-la embora.

— Não tem necessidade. — Apresso-me a dizer. — Posso pedir um táxi.

— Minha dívida com você é grande. Temos que resolver muitas coisas. Além do mais, você precisa comer alguma coisa. É claro que se você preferir, pode comer aqui mesmo no hospital.

— Duas opções? — Pergunto com sarcasmo.

— Isso mesmo. Duas únicas opções. — Ele diz, sarcástico.

— Então acho que prefiro a primeira opção. Afinal, comida de hospital não ajuda ninguém.

— Boa escolha, como sempre Srta. White. — Pelo jeito ele também já sabe meu sobrenome.

— Preciso de cinco minutos.

— Tudo bem. Espero você lá fora. — Diz, ainda sério.

Vou até o banheiro. Preciso dar um jeito da minha imagem. Depois de todo esse *chororô* devo parecer horrorosa. Ainda bem que trouxe comigo minha escova de dente. *O que seria de uma mulher sem sua bolsa bem equipada?*

Saio do pequeno banheiro para arrumar o restante das minhas coisas.

— Ah não! — Ao ver meu celular, lembro do tio Blake. Ele deve estar preocupado. Já se passaram três horas.

— O que eu faço? — Penso em voz alta.

— Por agora a senhorita está liberada! — Ouço a voz do Dr. Ford. — Espero vê-la novamente em uma semana.

— Estarei aqui. — Sorrio com o canto da boca. — Desculpe-me por qualquer coisa, Dr. Ford. Eu estava um pouco nervosa com toda essa situação, mas graças a você, estou me sentindo melhor.

— Fico feliz em ouvir. — Ele sorri aliviado.

Devo ter causado uma impressão errada nele. Não sou exasperada desse jeito, mas a situação me levou ao extremo. Isso me lembra que devo pedir desculpas ao Sr. Hill também. É estranho chamá-lo de senhor. Ele deve ter no máximo trinta anos.

— Já passei todas as orientações ao Sr. Hill. A receita dos remédios

indicados já está com ele.

Orientações ao Hill? É bem provável que eu nunca mais o veja.

— Dr. Ford. A paciente já está liberada? — Hill pergunta.

— Sim. Creio que a Srta. White precise de ajuda para caminhar.

— Faço questão de ajudá-la. — Ele me olha profundamente nos olhos, e estende novamente sua mão. Seguro-a firme e deixo que ele me abrace. Seu braço passa pela minha cintura, e me aproxima do seu corpo. Sinto um arrepio. Como pode um olhar e uma mão afetar tanto meu corpo?

Caminhamos abraçados até o carro.

— Eu preciso mesmo voltar para casa. — Digo, quebrando o silêncio estabelecido entre nós. Ele apoia o braço na porta, esperando eu me acomodar no banco. — Eu vou comer quando chegar em casa.

— Tudo bem, mas precisamos conversar sobre sua moto e sua necessidade de locomoção. — Ele diz, ainda sério, olhando para mim.

— Existe táxi em Nova Iorque, Sr. Hill. — Tento quebrar o gelo entre nós.

Ele simplesmente me ignora e dá a volta para entrar no carro.

O silêncio volta a reinar, mas desta vez é inquietante. Quando chegamos em frente ao prédio, me pergunto como ele sabia meu endereço sem ao menos ter me perguntado.

— Como você sabia...

— Ficha cadastral do hospital. — Ele interrompe minha pergunta, e diz de maneira ríspida.

— Então acredito que você não vai precisar pedir o número do meu telefone.
— Falo com humor.

— Acho melhor você entrar. — Se limitou a falar. Ele dá a volta no carro, abre a porta para mim, e estende novamente sua mão forte e quente.

— Precisa de ajuda para subir?

— Acho que o Sr. Smith pode me ajudar.

Sinto uma angústia enorme invadir meu coração. Nunca mais vou vê-lo e isso me deixa — por incrível que pareça — triste.

— Quero te pedir desculpas. Sei que não agi de maneira educada. — Sussurro.

— Você não me deve desculpas. Você estava nervosa, e compreendo perfeitamente, além do mais, foi eu o culpado pelo acidente. — Ele responde friamente.

Cadê aquele sujeito educado e risonho de três horas atrás?

Sr. Smith chega e me oferece ajuda.

— Srta. White. O que aconteceu?

— Estou bem, Sr. Smith. Só preciso chegar até o apartamento. O senhor pode me ajudar?

— É claro. Venha. — Ele vai me puxando para seus braços.

Quando olho para trás, observo o Hill encostado em seu carro, me olhando. Aceno com a cabeça e sigo para dentro do prédio.

Abro a porta do apartamento e o Tio Blake correr até mim.

— Tory! Até que enfim você apareceu. — Ele me abraça.

— Uou. Tio Blake... — Ainda estou dolorida.

— O que foi isso? — Ele pergunta depois de me olhar da cabeça aos pés.

— Bateram na traseira da minha moto em um semáforo. Fui até o hospital, tive uma luxação no tornozelo, e minha moto ficou em cacos.

Ele abriu a boca, mas não disse nada. Deve estar em estado de choque. Sigo até o sofá.

— Quem foi? — Ele pergunta.

— Está tudo bem, não se preocupe. O que importa é que ele vai pagar o concerto da moto.

— Você pode processá-lo! — Ele diz, nervoso.

— Eu não quero processar ninguém, Tio Blake. O que quero é um banho e minha cama para descansar um pouco.

— Tudo bem, minha querida. Conversamos sobre isso amanhã. Vou pedir para a Abigail ficar aqui esta noite, e também para fazer algo para você comer.

O tio Blake sempre é muito atencioso. Não sei o que seria de mim sem ele. É como ter o carinho de um pai novamente, e isso faz com que eu me sinta igualmente em casa.

Sábado amanheceu triste. Além da neve lá fora, há uma dor insistente no meu coração. Os motivos são óbvios e numerados: o acidente, a minha moto quebrada, a minha perna dolorida, e a saudade dos meus pais. Mas, há outra coisa que está incomodando. *Ele*. Sr. Hill. Ele aparece nos meus sonhos, nos meus pensamentos e na minha dor. Sim, a cada momento que sinto dor no meu tornozelo, é nele que eu penso.

Seus olhos, sua personalidade forte, e tudo relacionado ao Hill me assusta. O que mais me incomoda é a forma como fiquei deprimida por saber que não voltarei a vê-lo, embora eu confie que ele irá resolver as questões da moto. No entanto, ele provavelmente não lembra mais do meu nome. Quantas mulheres ele deve conhecer a cada dia? Muitas.

Ouçõ um barulho na porta e me sento na cama.

— Bom dia, Srta. White! — Diz a Abigail. — Aqui está seu remédio, pelo que diz a receita do médico este é para a dor.

Fico pensativa. Não me lembro de ter comprado o remédio, muito menos ter uma receita médica. A não ser que... *Hill*.

— Quem trouxe o remédio e a receita? — Pergunto com expectativa. — *Será que ele esteve aqui?*

— Um homem engravatado. — Abigail diz calmamente.

— Ele falou o nome? — Fico ansiosa.

— Charlie Diggle. — *Estranho*. Franzo a testa. — Ele disse que veio em nome do Sr. Hill.

— Oh! Claro. — Ele mandou alguém, é claro. Ontem notei que ele deve ser muito ocupado. Por ocupado quero dizer rico. Mordo o lábio. *Por que estou decepcionada que não foi ele que esteve aqui?* Prefiro não me aprofundar neste pensamento. Engulo o remédio.

— O Sr. Collin ligou mais cedo. Pediu que você retornasse à ligação assim que possível.

— Ok. — Respondo sem ânimo.

Levanto da cama e vou tomar banho. Esta atadura me deixa desconfortável, mas tenho que tolerá-la. Depois de tomar um café resolvo ligar para o tio Blake.

Ele atende no primeiro toque.

— Querida, estava esperando sua ligação. Como você está?

— Estou bem, embora um pouco dolorida ainda.

— Você está tomando as medicações?

— Sim. Logo as dores vão passar.

— Ótimo, porque eu gostaria de jantar com você hoje. Quero apresentar uma pessoa muito importante para mim.

— Tudo bem. Se essa pessoa é importante para o senhor, vai ser importante para mim também.

Ele bufa, desacreditado.

— Fico feliz em ouvir isso querida. Se estiver com muita dor, podemos deixar para outro dia.

— Estou bem. É só uma luxação, e já estou medicada, só preciso evitar caminhar muito.

— Vou buscá-la.

— Não é necessário, tio Blake. Vou de táxi.

— Você tem certeza?

— Sim. Não se preocupe.

—Tudo bem então. Até mais tarde querida.

Abigail saiu logo depois do almoço, e disse que iria para casa do tio Blake preparar o jantar. Fico constrangida de tê-la mantido aqui. Sou capaz de fazer as tarefas domésticas, mas não nesta situação. Tenho que conversar com o tio Blake sobre o pagamento dela. Faço questão de pagá-la pelo tempo que ela ficar aqui comigo.

Visto uma calça jeans por cima da atadura, uma blusa de lã e uma jaqueta de couro marrom. Minha bota preta cano alto preferida completa minha *look*, embora a coloquei somente em um pé. Sei que não é a roupa mais elegante, mas hoje faz frio e estou *debilitada*. Ao sair uso um casaco para não congelar.

Logo que entro no apartamento do tio Blake, sou enviada para a sala de estar. Ouço vozes ao me aproximar.

— Não sei porque estou aqui. — Diz uma voz que parece familiar., mas não consigo identificá-la. Não quero atrapalhar a , então não entro na sala. *Será que estarei sendo intrometida se ficar aqui?*

— Quero que a conheça. Ela é importante para mim.

— Todas suas amantes foram importantes para você Blake.

Fico em choque. A pessoa está dizendo que sou amante do Blake?

— Anthony! — Tio Blake o repreende de maneira dura. — Não a chame assim novamente. Ela é quase uma filha para mim.

— Então você vai adotá-la também? — O desconhecido diz de forma sarcástica.

Não consigo me controlar, e interrompo a conversa. Assim que entro na sala vejo o tio Blake transtornado.

— Boa noite! — Digo.

Ao me olhar, ele suspira aliviado.

— Boa noite, minha querida! — Ele vem até mim, e caminhamos de braços dados até o centro da sala. — Gostaria de apresentá-la ao Anthony, meu sobrinho. Anthony, conheça Victória White.

Olho na direção que o tio Blake aponta e fico pasma. *Não é possível. Não. É. Possível.* Fico repetindo está ladainha na minha cabeça. *Hill? Sr. Hill.*

Anthony se aproxima e estende a mão. Ele não tem o aspecto de surpresa.

— Prazer em conhecê-la, Srta. White. — Ele sorri, mas seu sorriso não atinge os olhos.

Fico em choque por alguns momentos, e vejo o tio Blake me incentivar a retribuir o cumprimento.

— O prazer é meu Sr. Hill. — Não sorrio.

Não consigo acreditar no que estou vendo. Anthony Hill, a pessoa importante que o tio Blake queria me apresentar é a mesma pessoa que bateu de carro na minha moto, e também a pessoa que acha que sou a *nova amante* do tio Blake. Agora sim, estou perdida.

— Venham, vamos nos sentar. — Diz o Blake.

Antes de soltar a minha mão, Anthony me olha da cabeça aos pés, levanta uma sobancelha e vira-se para seguir o Tio Blake. Solto o ar, que não sabia que estava prendendo. Impressionante como ele consegue roubar minhas forças.

Sento-me também, ao lado do tio Blake, e de frente para o Anthony.

— Então, qual a história de vocês? — Ele pergunta de maneira sarcástica.

— Ora, Anthony, eu já lhe contei isso. Vamos nos focar nas novidades. — Tio Blake vira para me olhar. — Como foi sua semana de trabalho, minha querida?

— Estava indo tudo muito bem, mas um *idiota* bateu na minha moto. — Dou ênfase na palavra “idiota”. — Desculpe. — Falo sem graça, depois de me arrepender por tamanha sinceridade.

— Oh! Não, não... Era um idiota mesmo, eu aposto! — Tio Blake diz sorrindo. *Será que ele sabe de quem estamos falando?*

— E o tal idiota não cumpriu com suas obrigações? — Anthony pergunta.

— Não mais do que ele deveria. — Respondo.

Ficamos nos olhando por um instante. Ele, pela expressão do seu rosto, está querendo me matar por tê-lo chamado de idiota. E eu quero... não sei bem o que eu quero, mas estou mastigado o meu lábio com nervosismo.

Abigail aparece para nos informar que o jantar está pronto.

— Anthony é CEO da *Hill Enterprises Holdings Inc.* Possui um dos maiores patrimônios dos Estados Unidos, não é mesmo? — Blake sorri com orgulho para o Anthony.

O Sr. Hill parece mesmo ser muito importante, e nem mesmo sorri com o elogio do Tio Blake.

— E qual é a história de vocês? — Pergunto, olhando para o Anthony. *Touchê.*

Ele nota meu sarcasmo e responde.

— Tenho certeza que não é tão interessante quanto a sua história. — Ele responde.

Tio Blake logo o interrompe e responde.

— Anthony é filho do meu irmão, que infelizmente já é falecido. Fiquei com a sua guarda quando ele tinha quinze anos.

— E desde então sou seu filho adotivo. — Anthony olha sério para o tio Blake, e continua a falar, mas desta vez olhando para mim. — Me parece que você também passou a ser uma. Não é mesmo? — Ele fala de maneira sarcástica.

— Desde que eu o conheci, Blake tem sido mesmo um pai para mim, e como meu pai já morreu, eu agradeço por receber este carinho tão fraternal.

— Imagino que ninguém poderia negar um carinho assim como o dele. Você vive no apartamento *dele* não é mesmo? — Ele levanta aquela sobancelha irritante.

— Anthony! — Tio Blake tenta interferir.

— Não por muito tempo, garanto Sr. Hill.

— Por que não? Vai achar outro pai adotivo, Srta. White?

Fico sem reação ao ouvir isso. Como ele pode ser tão insensível? Traço uma rota de fuga. Não quero chorar na frente deste asno, e chatear o tio Blake.

— Preciso ir ao banheiro. Com licença. — Levanto-me e saio em direção ao lavabo.

Não sei o que está acontecendo comigo. Esse homem conseguiu virar minha vida de cabeça para baixo em menos de vinte e quatro horas. Não consigo suportar saber que ele pensa que sou amante do tio Blake. *Será que mais alguém pensa isso?* Que homem intrometido, arrogante, insolente, e... *lindo e sexy*.

Preciso sair urgente daqui. Preciso ir embora. Sinto vontade de chorar. *Não*

chore! — Digo a mim mesma. Fico mais uns minutos no lavabo para me acalmar. Estou com a boca machucada de tanto que a mastigo.

Quando saio, levo um susto. Anthony está me esperando.

— Está passando mal, Victória? — Ele parece preocupado.

— Estou bem. — Tento passar por ele, só então noto como ele é grande e forte. Ele está vestindo uma calça jeans e uma blusa com gola em formato de “v”, que mostra o seu pescoço forte, e enaltece sua mandíbula definida.

— Não parece que você esteja bem. Está branca como a neve.

— Só me deixa passar, ok? — Tento novamente passar por ele, mas desta vez ele me segura pelo braço. Sinto um arrepio percorrer minha espinha. Minha respiração fica trancada na garganta.

— Me desculpe. Ok? — Ele olha profundamente nos meus olhos.

— Está se desculpando pelo que exatamente? — Pergunto. — Por bater na minha moto me causando isto? — Aponto para o meu tornozelo, mas ele não tirar os olhos dos meus. — Ou por me chamar de amante do seu tio?

— Não a chamei...

— Não negue, Sr. Hill. — Interrompo-o. — Eu ouvi. Agora, com licença. — Preciso sair daqui. Solto-me do aperto de sua mão, e sinto o ar voltar aos meus pulmões.

Na sala, tio Blake me espera com os braços abertos. Sigo mancando até ele.

— Minha querida. Peço desculpas pelo Anthony. Ele é implicante demais.

— Não tem problema, tio Blake. — Tento amenizar as coisas, porque sei que Anthony é importante para ele. — Só preciso ir para casa descansar.

— Mas nem comemos a sobremesa ainda. — Ele diz triste.

— Eu a levo para casa. — Diz Anthony, atrás de mim.

— Não, obrigada. Vou chamar um táxi. — Não viro para olhá-lo.

— Eu a levo Victória. — Ele diz novamente, imponente.

Por que fico paralisada toda vez que ele fala comigo? Me sinto uma adolescente boba.

— Vou ficar mais tranquilo se você deixar o Anthony levá-la. — Tio Blake diz, com toda a calma.

Prefiro não contrariar. Observo que ele já está triste demais, e não quero dar mais uma preocupação a ele.

— Tudo bem, não se preocupe. — Dou um beijo no seu rosto. — Até mais tio Blake.

— Boa noite Blake. — Diz Anthony.

No elevador, ficamos ambos quietos. Por que borboletas passeiam pela minha barriga quando esse homem está por perto? *Me sinto exasperada.*

O manobrista trouxe seu carro, que não é o mesmo que bateu na minha moto. Esse é mais esportivo. Um Audi R8 Spyder, branco.

Ele abre a porta do carona.

— Entre. — Ele diz.

Arrogante.

Entro sem falar nada, e assim segue até próximo do meu apartamento.

Ele para o carro no semáforo e olha para mim.

— A culpa foi minha de você estar nesta situação. Quero que aceite uma carona do meu motorista para ir ao trabalho, ou a qualquer lugar que queira. — Ele diz em tom suave.

— Não vou processá-lo, se é isso que preocupa você. — Digo ríspida.

— Pouco me importa um processo. — Ele diz, me reprimindo. — Meu motorista vai levá-la e buscá-la todos os dias enquanto sua moto estiver sendo consertada. — Abro a boca para dizer que não quero carona, e que sei me virar

sozinha, mas ele me interrompe, levanta o dedo indicador como se tivesse pedindo silêncio, e continua a falar. — Sem opções neste caso.

— Você não precisa se preocupar com isso. — Balanço a cabeça em sinal de negação.

Eu não entendo, se ele não se importa com um processo, o que faz ele querer me ajudar? Tudo bem, ele foi culpado no acidente, mas geralmente os culpados não saem por aí oferecendo carona para os acidentados. Ele quer ajudar porque você é a *nova filha adotiva* do tio Blake. — Diz meu consciente.

Prefiro não brigar com ele agora, por isso não nego mais a sua ajuda, mas com certeza não vou a lugar nenhum de carona com ele, ou seja lá quem ele mandar me buscar.

Na frente do apartamento, ele me olha.

— Fique aqui. — *Será que ele é sempre tão mandão?*

Anthony dá a volta no carro, abre a porta e oferece a mão para mim. Eu a aceito, e sinto minha mão formigar assim que ele me toca. Anthony me olha tão intensamente que ruborizo.

Ele me leva até a porta do prédio, e chama o porteiro.

— Sr. Smith, ajude a Srta. White até seu apartamento. — *Nem por favor, e obrigado.*

— Boa noite Victória.

E novamente sinto frio ao largar a mão dele.

Capítulo Seis

Nova Iorque, dezembro de 2013.

Na segunda-feira acordo mais cedo do que o normal. Terei que pegar um táxi, e sei que a cidade é um caos. Com a minha moto consigo desviar do tráfego, mas de táxi não. Não posso pegar o metro com o tornozelo deste jeito, porque isso implica em andar mais do que devo.

Quando chego na porta do prédio encontro um carro preto sofisticado, estacionado na frente da saída. O meu táxi está logo atrás. Antes de chegar perto do táxi, um homem alto, negro e bem-vestido se aproxima.

— Srta. White, sou Charlie Diggle, motorista do Sr. Hill. Vou levá-la para o trabalho.

Fico pasma. Não é que ele mandou o motorista mesmo!?

— Sr. Diggle! Fico muito agradecida, mas já solicitei o táxi. Diga ao Sr. Hill que não é necessário ele se incomodar com minha mobilidade.

Sigo em direção ao táxi de novo, mas ele me interrompe novamente.

— Tenho certeza que ele se importa, Srta. White.

— Bem, eu não me importo que ele se importe, então... com licença. — Hill consegue tirar o pior de mim.

Sigo correndo e mancando para o táxi. Desta vez não deixo o Sr. Diggle me parar.

Chego ao trabalho no horário, e Caroline já está lá.

— O que houve? — Ela me pergunta.

Droga. Esqueci completamente do compromisso que tinha com ela na sexta-feira.

— Caro. Desculpa. Sofri um acidente e mal consegui lembrar de mim mesma.

— Não. Tudo bem. Como você está? Olha sua perna! — Ela diz chocada.

Espero que isso não seja um empecilho para meu trabalho.

— Estou bem. É só uma luxação. Logo vai passar.

— Vou solicitar uma muleta para você. Eles trazem até aqui.

— Oh, Caro! Seria ótimo. Não posso forçar muito o tornozelo. Com muleta vou conseguir me movimentar melhor. Não quero que isto atrapalhe meu trabalho.

— Bem, então tenho uma notícia boa para você. — Ela diz.

— O que é? — Pergunto curiosa.

— Hanna não vem hoje. Você está livre dela até amanhã. Pelo menos da presença dela, porque na verdade, ela já ligou e pediu para você retornar à ligação.

— Nossa, essa notícia é ótima. Amanhã já estarei de muleta e posso fazer o que ela solicitar. Hoje poderei ficar mais tempo sentada.

— Bem, eu não contaria com isso. — Ela diz, solidária.

— Vou para minha mesa ligar para ela. Obrigada Caro.

Pelo menos por hoje a Hanna não vai ver meu tornozelo enfaixado.

Sra. John me atende logo no primeiro toque.

— Até que enfim você resolveu aparecer.

Olho no relógio, faltam cinco minutos para meu horário.

— Bom dia, Sra. John. Caroline me passou seu recado. O que posso fazer para ajudá-la?

— Ligue para a Sra. Steel e agende um horário para sexta-feira, aí mesmo na agência, porque não vou mais me deslocar para empresa dela. Fale com Caroline sobre a apresentação da *Public*. Busque os gráficos da *Cia & Cia Green*. Ah, por favor, antes de tudo, quero que você faça uma ligação importante.

— Estou anotando. — Ainda bem que a luxação não foi na minha mão, ou estaria ferrada.

— Ligue urgente para as *Hill Enterprises*...

— O quê? — Levanto a cabeça rapidamente e a interrompo.

— *Hill Enterprises Holdings Inc.*, Victória. Anote aí. Eles estão esperando um projeto há meses, e finalmente ficou pronto. Agende um horário mais rapidamente possível. Qualquer coisa consulte o manual. É só isso.

Ela desliga, e eu ainda estou em estado de choque. Oh. Meu. Deus. *Não, não, não*. Não quero ir até lá. *O que eu faço?* Não tenho coragem de ligar para *Hill Enterprises*.

Meu telefone toca, assim que entro na minha sala depois do almoço.

— Escritório de Hanna John, boa tarde.

— Tory, é a Caro. Sua chefe está na linha, e parece estar nervosa.

Oh, meu Deus. Respiro.

— Ok, pode passar a ligação.

— Antes, deixe-me te avisar que a farmácia não disponibiliza muleta sem prévia solicitação, mas não se preocupe, eu solicitei agora e deve chegar em breve.

— Ok, Caro. Obrigada!

Antes mesmo de digerir a informação, ouço alguém gritar do outro lado da linha.

— Você não fez o que eu mandei?

— Estou finalizando...

— E o mais importante você deixou para o final do dia, Victória?

— Eu já vou ligar para...

— Ligue imediatamente. Não vou tolerar mais nenhum minuto de demora. Liga agora!

Ela desliga.

Vou ter que criar coragem. Disco o número, e com os meus olhos fechados, espero alguém atender.

— *Hill Enterprises*, Isabelle Allen, boa tarde!

Oh! Tarde demais para desligar.

— Boa tarde. — Respiro profundamente. — Sou Victória White, do escritório da Sra. Hanna John. Gostaria de solicitar um horário para apresentação do projeto de publicidade.

— Oh, é claro. Estávamos aguardando. Só um minuto, por gentileza.

Fico rezando para não ter horário na agenda.

— Consigo um encaixe para amanhã às oito horas.

Mais é claro que tem!

— Ok. — Digo, desanimada. — Estaremos aí no horário marcado. Obrigada.

Amanhã vou ter que enfrentar duas feras.

Na saída do trabalho, encontro novamente o Sr. Diggle. É inacreditável a

tenacidade desse homem. Passo por ele fingindo que não o vejo. Entro rapidamente no táxi, antes dele conseguir me alcançar. O vejo bufar, e sorrio para ele, me desculpando.

Na manhã seguinte estou muito nervosa. Primeiro, minha chefe vai me ver mancando em uma reunião importante, e segundo, essa reunião é na empresa de Anthony Hill, o homem que me causou está debilidade.

O Sr. Diggle está novamente com o seu carro estacionado na porta do prédio.

— Bom dia, Sr. Diggle. Nem tente me convencer, ok?

— Diga isso ao Sr. Hill, senhorita.

Sorrio e sigo para o táxi.

Vou direto para a sede da *Hill Enterprises*. O prédio é moderno, todo revestido por vidraças, e alto, muito alto. Quando vejo o nome estampado na entrada fico chocada. *Será que o prédio todo é da empresa dele?*

Vesti uma calça social preta, uma blusa de crepe branca com laço na gola, e um terno com corte fino. Por cima acrescentei um sobretudo mais sofisticado. Deixei meus cabelos presos num coque, e estou usando pouca maquiagem. Minha imagem está adequada para uma reunião importante. Só espero que consiga andar com esse sapato sem mancar. *O que parece impossível.*

Sou recepcionada por uma mulher linda e bem arrumada.

— Bom dia! — Ela diz. *Uau.* Até a voz dela parece refinada.

— Bom dia! Hum... sou assistente da Sra. John.

— Sim, é claro. Por favor me acompanhe.

Ela me leva até sala de reuniões, que também é incrível como todo o restante

do prédio. A mesa é gigantesca, de vidro branco, tem trinta lugares, e uma tela de projeção enorme que fica atrás da cadeira do CEO, *provavelmente*.

Instalo os equipamentos para a apresentação e aguardo. Agradeço mentalmente por chegar antes de todos. Assim ninguém me vê mancar.

Logo, a Sra. John entra na sala.

— Bom dia, Victória.

— Bom dia, Sra. John.

— Está tudo certo para apresentação?

— Tudo certo.

— Em breve eles devem chegar. Nunca se atrasam.

— Ok.

— Fique preparada. — Ela avisa. *Preparada por quê?*

Ela olha todo o material e novamente confere as instalações. Uma mulher muito bonita chega para servir a mesa. Seguida dela, vão chegando outras pessoas, na maioria, homens. Cada pessoa que entra, me deixa aterrorizada. Não sei qual vai ser a reação do Sr. Hill ao me ver na sua sala de reuniões. *Onde fui parar!?*

— Bom dia! — Diz o Anthony.

Todos respondem o *Sr. Hill*.

Ele não me vê, o que é ótimo, porque estou apavorada e mastigando os lábios inferiores. Minha boca vai ficar inchada. *Pare já com isso!* — Meu consciente diz.

— Podemos começar Hanna? — Ele pergunta, sentado na cadeira do CEO como eu havia premeditado.

— Claro, Sr. Hill. — Ela responde. Ok, então ela também o chama de *senhor*.

Hanna começa a explicar a proposta de publicidade criada especialmente para um novo produto, fala sobre os benefícios dessa proposta e no público que será atingido. Todos observam com muito cuidado os folders que deixei para cada um. Bem, ao menos agora não preciso levantar do meu cantinho.

Ela coloca um vídeo e todos se movem para olhar. O silêncio é absoluto. Neste momento, Hanna me chama com gesto. Paro de respirar. *Não, por favor.* O vídeo termina e todos voltam à sua posição inicial. Hanna me chama novamente, dessa vez mais irritada. Respiro fundo, me levanto, e sigo mancando até onde ela está. Sinto os olhares me seguindo, mas um par de olhos especificamente me deixa atordoada.

— O que está acontecendo? — Ela diz irada, assim que eu chego próxima a ela.

— É só uma luxação no tornozelo. Está tudo bem. — Respondo tentando manter a calma.

— Tudo bem? É isso que você responde? Você está mancando Victória! E o pior, no meio de uma sala com o mais importante cliente da News.

— Sinto muito. — Abaixo a cabeça.

— Deve sentir mesmo... — A frase não é terminada, porque o Sr. Hill levanta da cadeira e vem até onde estamos.

— Algum problema? — Ele pergunta, erguendo sua sobrancelha.

— Você sabe com são funcionários, não é mesmo? — Hanna ri, nervosa.

— Não, eu não sei. Como são? — Ele pergunta, com a mandíbula endurecida.

Ela fica muda. Anthony a encara, esperando uma resposta.

— Está tudo bem. — Falo. E, pela primeira vez hoje, ele me olha nos olhos. Hanna também me olha, provavelmente querendo me matar. — A Sra. John estava preocupada com minha saúde. É só isso! — Tento salvar a situação.

— Verdade? — Ele pergunta para mim, sarcástico.

— Sim. — Respondo.

Anthony me olha por inteira, e engulo seco.

— Tudo bem. Vamos continuar a reunião, mas você fica sentada, Srta. White. — *Isso foi uma ordem. Sem opções.* Ele olha para Hanna. — Se você precisar de ajuda, minha assistente está disponível, é só chamá-la. Tudo bem?

— Está ótimo, obrigada, Sr. Hill. — Ela não parece gostar muito.

A reunião segue, e fico sentada só observando, como ordenou o *Sr. Todo-poderoso Hill*. Hanna solicitou ajuda o tempo todo. Ela queria me mostrar o quanto eu estava sendo inútil naquele momento. Vi os olhos *dele* em mim algumas vezes, e fiquei ruborizada em todas elas.

Quando a reunião chega no fim, o Sr. Hill agradece o empenho da agência para o projeto, e diz a Hanna que pode dar continuidade.

Todos se levantaram e saem.

— Você foi imprestável hoje. — Sra. John diz.. — Fui repreendida por sua causa. Você sabe o que isso significa?

— Não senhora. — É só que posso responder.

— Significa que agora o Anthony vai achar que eu não posso cuidar dos meus funcionários, imagina se vou conseguir cuidar da sua conta publicitária.

— Sinto muito, não quis de maneira alguma atrapalhar o seu trabalho. Achei que ninguém se importaria com a minha debilidade.

— Bem, ao que parece, o Hill se importou. — Ela diz, e vai embora, me deixando sozinha.

Arrumo as minhas coisas e saio da sala. *Vou perder meu trabalho.* Sinto vontade de chorar. No corredor que leva para o elevador, sou interrompida pela recepcionista.

— Srta. White?

— Sim, sou eu.

— O Sr. Hill aguarda a senhorita. Por favor, queira me acompanhar.

Sigo ela, ainda em choque, e mancando. Meu tornozelo dói, mas meu coração está ainda mais ferido. Larguei tudo em *Greenville* para estar aqui, em Nova Iorque, e agora vou decepcionar a todos que torcem por mim. Não vou poder ficar no apartamento do tio Blake se não tiver um emprego. O pensamento de recomeçar novamente me aflige.

A recepcionista me leva até uma sala enorme e elegante. Os únicos objetos coloridos são os quadros. O restante é branco e limpo. Outra mulher me leva até uma porta enorme.

— A senhorita pode entrar.

— Obrigada. — *Eu acho*. Nem sei o porquê vim até aqui.

Ele está sentado em uma mesa enorme, bem organizada, na frente de uma vitrine incrível. Sua sala é ampla, com o chão de mármore branco, luxuoso. As cadeiras são cromadas, com assentos em couro marrom.

Assim que eu entro na sala, ele me olha, levanta, e vem na minha direção.

Sinto que estou prendendo o fôlego novamente. Ele está lindo, como sempre. Veste um terno cinza-escuro, uma camisa branca, e uma gravata também preta. Sua barba está aparente, porém, impecável, e seu perfume com fragrância provocante reina em toda a sala.

— Você está louca? — Ele diz, agressivo.

Levo um susto.

— O quê? — Ele deve ser louco! Por que está falando comigo desse jeito?

— Você teve uma luxação no tornozelo, tinha que estar em repouso. — Sua agressividade está clara, acentuada através da testa franzida.

— Estou bem! — Não tenho mais forças para brigar com ele.

— Vai ficar repedindo isso até que você mesma acredite? — Uau. Ele parece mesmo exasperado.

— Você — dou ênfase no *você* — não tem nada com isso.

— Bem, lembro de você me chamar de “o idiota que causou isso”. — Ele levanta uma sobrancelha.

— Olha, *Sr. Hill...* O senhor não deve se preocupar. — Estranho chamar um homem tão novo de *senhor*, mas prefiro me comportar como os demais, e entrar *na onda*. — Tenho certeza que logo não estarei mais aqui para incomodá-lo.

Viro e sigo em direção a porta, mas não chego muito longe, uma mão pega no meu braço, me fazendo parar.

— O que você quer dizer com isso? Por acaso vai sair da cidade e dizer ao Blake que não a deixei em paz? — Ele me pergunta, sério, com um olhar penetrante.

— Na verdade, estava pensando em algo mais imediato, como sair da sua sala. — Respondo com calma. Ele suspira e sorri. *Uau. Ele devia sorrir sempre.*

— Acho que seria uma boa ideia, mas como dispensou meu motorista três vezes, creio que eu mesmo terei que levá-la embora daqui. — Ele diz, ainda de bom humor.

— Já solicitei um táxi. — Digo rapidamente.

Ele se aproxima. Ficamos com o rosto à poucos centímetros um do outro.

— Você é tenaz Srta. White, e eu a admiro por isso, mas sou muito mais. — Ele usa uma voz sensual, e eu mordo o lábio. *Me admira?* — Vem, vamos almoçar. Você está branca como esse mármore, deve estar precisando se alimentar. — Ele acena com a mão para eu seguir em frente. — Por favor.

Meu corpo começa a formigar quando sinto sua mão nas minhas costas.

— Tenho que estar na agência em duas horas. — Falo, ainda em choque.

— Então você estará na agência em duas horas. — Ele diz, sério.

Entramos no elevador, em silêncio. Acho estranho ele me convidar para almoçar quando não parece gostar de conversar comigo. O modo como nos conhecemos não ajudou muito, creio eu, e também o fato dele imaginar que eu seria a amante do seu tio, mas ele é importante para o Blake, e isso é motivo o suficiente para dar a ele uma segunda chance.

— Chegamos. — Ele diz, quando elevador para no térreo.

As portas se abrem, e logo seguimos para a saída do prédio. A mão direita dele está novamente nas minhas costas, e não consigo pensar em mais nada além da sensação de proteção. Vejo o Sr. Diggle sorrindo discretamente. Ele abre a porta para mim.

Já dentro do carro, Anthony dá o comando do restaurante, o mesmo que estava marcado com o tio Blake, naquele dia fatídico.

— Você também ia jantar lá, naquela noite? — Pergunto.

— Sim.

— Então o tio Blake já tinha falado sobre mim?

— Blake falou de você desde quando voltou de *Greenville* da primeira vez.
— Ele diz, sério como sempre.

— E no dia do acidente, você já sabia quem eu era?

— Soube quando li sua ficha no hospital. — Ele franze a testa.

Então aquele anjo que eu vi no local do acidente se transformou por completo quando leu minha ficha, e descobriu meu nome. Por isso ele mudou tanto, porque pensou que eu era amante do Blake.

— Desde quando você achou que eu era a amante do tio... — Não termino de falar, pois ele levanta o dedo e coloca sensualmente na minha boca, me interrompendo.

— Duas coisas você deve saber. Primeiro: eu nunca acho, eu tenho certeza. Segundo: Ele não é seu tio, pare de o chamar assim.

Neste momento, Diggle para o carro e vem até minha porta. Ainda estou pasma com a presunção do Sr. Hill.

Antes de entrar no restaurante, paro e o encaro. Ele me olha confuso com a inesperada interrupção.

— O que foi? — Ele pergunta.

— Duas coisas você precisa saber. Primeira: Você estava errado. Segunda: Quem é você para dizer como devo, ou não, chamar alguém?

— Podemos discutir isso sentados? — Ele está exasperado.

— Não.

— Victória, vamos entrar. — Ele tenta me levar pela mão.

— Então me responde, por que não posso chamá-lo de tio?

— Você deve perguntar isso a ele, não a mim. Agora vamos entrar. — Ele segura a minha mão e me leva para dentro do restaurante. Estou ainda mais confusa com a resposta dele.

O Restaurante é lindo, todo construído em madeira escura e luzes destacando o teto e as vidraças. Imediatamente fico admirada. Jamais sonhei em frequentar um lugar como esse. Estou me sentindo um peixe fora da água. É como estar em outro mundo, com certeza mais endinheirado.

Anthony puxa a cadeira para eu sentar.

— Esse lugar é incrível. — Digo, ainda admirada. — Foi você quem escolheu vir aqui no outro dia?

— Sim. — Responde simplesmente.

Ele faz o pedido ao garçom sem me perguntar o que quero comer.

— Hanna a repreendeu?

— Ela estava preocupada com o sucesso da reunião. Foi só isso.

— Você não deveria estar trabalhando, Victória. Não acredito que o médico não a proibiu de trabalhar.

— Ele proibiu. — Ele levanta uma sobrancelha. — Mas expliquei a ele que não poderia ficar em casa.

— Por que não? Você sofreu um acidente, deveria estar repousando.

— Comecei nesse trabalho agora. Não quero ter um início complicado.

— Mas a Hanna teria que aceitar o período da sua recuperação.

— Você não conhece a Sra. John.

— Existem outros empregos, Victória. Nós, por exemplo, oferecemos ótimas vagas...

Não é possível. Ele está me oferecendo um emprego? Interrompo-o imediatamente.

— Oh, não. Eu gosto da agência. — *E das pessoas que trabalham lá.* Penso.

Não consigo imaginar trabalhando na *Hill Enterprises*. Com certeza teria um grave problema respiratório.

— O que há de errado na minha empresa?

— Nada. — Respondo simplesmente. *Com a empresa não tem nada de errado realmente, mas com o dono dela com certeza há!*

Ele franze a testa, mas não diz nada.

O Almoço chega e comemos em silêncio. A comida é uma delícia, mas bem diferente do que estou acostumada a comer. *Bife e batata frita.*

— Quanto custou? — Pergunto, revirando minha bolsa para achar o dinheiro.

Ele não responde, e quando eu o olho, fico ruborizada. Ele está me olhando fixamente, com algum tipo de sorriso. *Deve estar pensando que jamais poderei pagar essa conta.* Isso me irrita.

— Então, quanto custou o almoço?

— Srta. White, e a convidei, e pago.

— Bem, eu aceitei, e racho a conta.

Ele abre um sorriso largo. *Oh, meu Deus!* Acho que vou ficar sem ar novamente.

— Não, não *racha*. Agora vamos, ou você vai se atrasar.

— Mas eu...

— Sou um homem conservador, Victória. — Ele levanta, dá a volta da mesa e me ajuda a levantar.

— Obrigada. — Falo envergonhada pela proximidade.

O dia está frio e parece chuvoso. Desta vez, é Anthony que abre a porta do carro para eu entrar. Já lá dentro observo o luxo do veículo. *Ele deve ser mesmo muito rico*. Essa magnitude toda me assusta. Recordo-me de *Greenville*, e da vida que levava lá. Sinto saudade de toda aquela simplicidade. Luy com certeza não deixaria eu trabalhar com o tornozelo assim, mesmo sem atestado médico.

— Você está muito quieta. — Ele diz.

— Você tem notícia da minha moto? — Pergunto. Ela é a única lembrança que eu trouxe de casa.

— Não, ainda não tenho, mas você não deveria estar me perguntando sobre isso. Você devia vendê-la. Ela é um risco para sua saúde.

Como um homem pode me exasperar tanto, em tão pouco tempo?

— Ainda bem que este assunto não o compete.

— Eu falo sério. — Ele diz, me olhando.

— Eu também. — Também o olho.

— Blake com certeza não a deixará pilotá-la novamente.

— Ele não manda em mim. *Aliás, ninguém manda*, devo acrescentar. — Olho para o relógio, impaciente.

Quando o olho outra vez, vejo que seus olhos estão cravados em mim. *Respire Tory*. Ele coloca sua mão no meu queixo e se aproxima. *Oh. Meu. Deus*. Agora sei o que sinto. Meu corpo reage, me levando até ele. *Quero beijá-lo*.

— Você precisa justamente de alguém que a governe. — O carro para em frente a *News*, ele tira a mão do meu queixo e se afasta.

Sr. Diggle abre a porta para eu sair.

— Até mais, Srta. White. — Ele diz.

— Adeus, Sr. Hill.

Saio do carro, transtornada. Eu estava prestes a beijá-lo. Não consigo acreditar que pensei na possibilidade de isso acontecer. Devo estar ficando maluca.

Hanna não voltou para o escritório. Caroline me perguntou o que havia acontecido na reunião de hoje, porque a Sra. John ligou histérica, mas prefiro não contar detalhes.

— Você sabe, trabalhamos até sexta-feira, por causa dos feriados do final do ano. — Ela diz, feliz.

Nossa, só agora lembro que o natal está chegando. Não sei o que vou fazer. Não tenho com quem confraternizar. Sophie está em Londres e Jaime está de férias. Uau. Pela primeira vez em semanas me lembro de Jay. Sinto saudades da sua tranquilidade, do seu afeto, e da paz que ele me proporciona.

— Ah, você tem consulta marcada com o Dr. Michael Ford.

— Eu não marquei nenhuma consulta.

— A Srta. Allen ligou para avisá-la. Será às dezenove horas, na sexta-feira.

— Srta. Allen? Mas, Izabella Allen não é a secretária da *Hill Enterprises*?

— Sim. — Ela parece mais confusa que eu.

— Bem, de qualquer jeito preciso mesmo ir à consulta. Obrigada Caro!

Vou para casa, de táxi, o que deve ter irritado muito o Sr. Diggle, que estava me esperando novamente na frente do edifício.

Já em casa, vejo as ligações perdidas. Parece que a Sophie me ligou. O telefone toca justamente quando ia retornar à ligação. É um número desconhecido.

— Alô!

— Victória, meu motorista já foi um oficial de guerra. Você não deveria deixá-lo esperando.

— O quê? — Quase tenho um ataque do coração quando ouço a voz dele. Não sei o que dizer. *Anthony me ligando?*

— Ele está responsável por sua locomoção. Se você não o deixa trabalhar, ele fica irritado.

— Oh, me desculpe, mas não sou eu quem o irrita.

— É claro que é.

— Não fui eu que pedi para ele ficar plantado me esperando. Estou com a perna machucada, mas ainda tenho boca para solicitar um táxi.

— Não se atrase para o serviço amanhã.

Ele desliga. *O quê?* O que ele quer dizer com isso?

— Bom dia, Sr. Smith.

— Bom dia, Srta. White! — Ele me olha ansioso.

— Bom dia Srta. White!

Oh. Meu. Deus. Anthony está aqui. Viro e o olho.

— Bom dia, Sr. Hill. É muito cedo para visitas, não acha?

Ele sorri.

— Ainda bem que eu só vim buscá-la. Obrigado, Sr. Smith.

Estou confusa. Ele está agradecendo o Sr. Smith? *Ele agradeceu alguém!*

— Vamos, Srta. White.

Anthony coloca sua mão nas minhas costas e me leva até o carro.

— Ok. O que está acontecendo? — Pergunto exasperada.

— Já que o Diggle não consegue executar o serviço, faço-o eu mesmo.

Respiro fundo. Nossa, ele é determinado. Minha vontade é saltar do carro, para lhe mostrar que não sou fácil também, mas prefiro não me machucar novamente.

— Sabe, as pessoas usam táxi com frequência.

Ele não diz nada.

— E minha moto?

— Você deveria vendê-la.

— Já vendi coisas demais. Não quero vender mais nada. — Já basta ter vendido a casa onde passei minha infância.

— Perde-se uma, conquista-se outras. Essa é a vida.

— Você não se apega a nada?

— Apego não é uma palavra que tenha no meu vocabulário, Victória.

— Nem mesmo ao tio Blake? Quer dizer, você é apegado a ele, não é?

— Blake faz parte da minha vida, é só isso. — Fico com a boca aberta. *Esse homem não tem coração?*

Assim que chegamos na agência, ele abre minha porta e me ajuda até o elevador.

— Diggle virá lhe buscar. Dessa vez ele não vai deixar você escapar, então não tente.

Sorrio.

— Você é sempre tão controlador assim?

— Controle é o que exerço todo o tempo, Victória. Foi assim que eu consegui tudo o que tenho hoje. É melhor você ir, ou vai chegar atrasada.

— Hill. — Aceno e o vejo ir embora.

Entro no elevador ainda sorrindo.

Hanna não me chamou nenhuma vez hoje. Ela foi a várias reuniões, mas para nenhuma delas solicitou minha assistência. Estou com medo de perder o emprego.

A noite faço um jantar para esperar o tio Blake. Adoro cozinhar e fazia tempo que não praticava. Faço um risoto com *shitake*, minha especialidade.

A campainha toca assim que coloco a última taça na mesa. Sorrio. É bom pensar que não teremos imprevistos neste jantar.

— Boa noite, minha querida!

— Boa noite. — Dou um beijo no seu rosto. — O jantar já está na mesa.

— Cheira muito bem!

Tio Blake é sempre muito carinhoso. Converso sobre tudo com ele, menos é claro sobre o passado. Ainda não tive coragem para perguntá-lo sobre isso.

— Precisamos conversar sobre o feriado do final do ano. — Ele diz, assim que nos servimos. — Você aceitaria um convite para passar as comemorações comigo?

— É claro. — Suspiro. — Sou muito grata por tudo que você faz por mim, e nada melhor do que estar com você nas festividades. — Meu primeiro ano sem meus pais, sem Sophie, sem Jaime.

— Fico muito feliz em ouvir isso. — Ele sorri. — Vamos viajar até Miami. Você vai ficar encantada com o lugar. É muito lindo!

— Seria realmente incrível. Não conheço Miami, e tenho muita vontade de conhecer, mas comecei a trabalhar agora, e ainda não recebi o meu primeiro salário.

— Oh, não se preocupe com nada. Só deixe suas coisas prontas para viajar no sábado pela manhã. Vou passar aqui para buscá-la.

— Tio...

— Querida, realmente não se preocupe. Vamos num jatinho particular, você não vai gerar nenhum custo a mais, e ficaremos hospedados em uma casa. — Ele explica.

— Tudo bem! — Sorrio. Ele tem um jeito carinhoso de me convencer. — Não consigo pensar em nada mais deprimente que passar as festas sozinha.

— Ótimo.

— E o Anthony — Falo sem pensar.

Tio Blake me olha com surpresa.

— O que tem o Anthony?

— Achei que vocês passavam juntos as comemorações de final de ano.

— Sim, nós sempre confraternizamos juntos.

Ele não diz mais nada, e eu não tenho coragem de perguntar se o Anthony vai estar conosco.

Na manhã de quinta-feira, Diggle está me esperando novamente. Hoje não solicitei o táxi, sabia que ele estaria aqui. Não quero mais chateá-lo.

— Bom dia, Sr. Diggle! — Digo sorrindo, embora me sinta culpada de estar atrapalhando o serviço dele.

Ele abre a porta do carro.

— Hoje vou deixar você me levar. — Digo.

— Obrigada pela confiança, Srta. White. — Ele sorri.

Na sexta-feira também aceitei a carona, mas ele não me leva diretamente para casa. *Estranho*.

— Alguma rota nova Diggle?

— A senhorita tem médico marcado para às dezenove horas.

Oh meu Deus! Eu tinha esquecido.

— Mas, como você sabe? — Pergunto, espantada.

— O Sr. Hill me informou, Srta. White.

Oh, é claro. *Anthony*.

— Dr. Ford!

— Boa noite, Victória. Espero que esteja melhor.

— A dor passou, não sinto mais nada. Acho que já posso tirar essa atadura.

— Veremos. — Ele sorri. — Você me parece muito impaciente.

— E estou. Quero pilotar minha moto novamente. Estou cansada de ser totalmente dependente.

— Bem, seu tornozelo está melhor, e podemos tirar essa atadura. No entanto, eu a advirto que fique arreda a atividades muito arriscadas. Tudo bem?

— A atividade mais arriscada que estou exercendo no momento é a leitura de *Orgulho e Preconceito* de Jane Austin.

Rimos.

— Ótimo. Fico mais tranquilo em ouvir isso. Vou chamar a enfermeira para ajudar a tirar.

— Ok!

Finalmente poderei me livrar desta atadura, e do incomodo que ela me trouxe. Agora só falta minha moto. Acho que já deu tempo suficiente para Anthony ter notícias dela.

— Agora vamos para casa Diggle? — Digo quando estou chegando no carro.

— Sim, Srta. White. — Ele sorri.

Aos poucos vou ganhando mais um amigo. Sorrio.

— Sophie, estou bem! Não contei porque sabia que você ficaria histérica.

— É claro que estou histérica! Acidentada Tory!?

— Eu já estou bem. Só falta minha moto voltar, aí estarei completamente ótima.

— Você é maluca! Jamais deveria voltar a pilotar aquela coisa.

— Você está falando como o Anthony.

— O quê? Quem é Anthony? — Pergunta ela, surpresa.

Falei sem pensar, de novo. *Isso anda acontecendo muito, quando o assunto é ele.* Agora terei que aguentar a curiosidade da Sophie.

— Não é ninguém. — Tento disfarçar.

— Então é ninguém com um nome?

— Ah, Sophie. — Ouço alguém bater na porta. — Tenho que desligar. Falo com você outra hora. Beijo. — Deligo antes que ela fale alguma coisa.

Na porta está o tio Blake.

— Bom dia! Gosto de ver você sem aquela atadura horrorosa. — Ele diz.

— Eu também prefiro ficar sem ela. Agora estou ótima! — Digo feliz, mostrando o tornozelo.

— Perfeito. Preparada para viagem?

— Estou terminando de arrumar minhas coisas.

— Você vai adorar o lugar. É uma pena que estamos no inverno, mas Miami é lindo em qualquer estação e com certeza é mais quente que Nova Iorque nesta época do ano.

— Tenho certeza que vou adorar.

— Você vai ficar encantada. Estamos indo para a ilha de *Indian Creek*. Não podemos nos atrasar.

— Estou pronta! — *E ansiosa.*

Capítulo Sete

Nova Iorque, dezembro de 2013.

Fico alarmada quando vejo o Anthony no hangar. Ele está lindo, vestindo uma calça jeans escura, uma camiseta cinza, e uma jaqueta de couro preta. *Uau. Ele parece ficar mais lindo a cada vez que o vejo. Acho que eu deveria ter escolhido algo melhor para vestir.*

— Bom dia! — Ele diz e meu corpo reage. Sinto borboletas passeando pela minha barriga.

— Bom dia, Anthony. Está tudo pronto? — Pergunta o Blake.

— Sim, só faltava vocês.

Estou muda. Ele sabia que eu vinha. Por que o tio Blake não me avisou que ele viria também? *Provavelmente porque você se negaria a vir.*

— Tory, minha querida. — Tio Blake chama minha atenção. Estava perdida em pensamentos.

— Você não me avisou que *ele* vinha. — Sussurro para o tio Blake.

— Não achei que fosse importante.

— Não é. — Apresso em dizer.

O Sr. Diggle leva minhas bagagens. Tio Blake avisou que vamos passar dez dias na *tal Ilha*, então trouxe bastante coisa. *Praticamente tudo que tinha no guarda-roupa.*

Sento de frente para o tio Blake, e o Anthony acomoda-se no assento do

outro lado do corredor. O jatinho é totalmente luxuoso e confortável. Jamais imaginei voar deste jeito.

— Anthony, nos conte um pouco sobre as festas que você organizou.

Ele sorri, mas seu sorriso não atinge os olhos.

— Não organizei Blake. — Por que ele é sempre tão mal humorado?

— Meu caro, você me entendeu. É você que vai oferecer as festas.

Festas? O quê?

— Observei que você tirou a atadura. Está melhor?

Quase dou um pulo da cadeira quando escuto ele falando comigo.

— Sim, tirei. Estou ótima. - Engulo seco. Ele me deixa nervosa.

— Então o motorista *idiota* que causou o acidente já está perdoado? — Ele sorri, e desta vez, um sorriso verdadeiro.

Sim, quero dizer, mas preciso ser um pouco dura. Ele tem que aprender a ser menos arrogante.

— Na verdade, acho que vou ter que procurar um advogado.

Tio Blake me olha sério, e pergunta preocupado.

— Por que querida? Aconteceu algo?

Anthony me olha atrevido, esperando minha resposta.

— Acreditei no sujeito, mas até agora não recebi notícias da minha moto. — Olho para o Anthony com uma sobrancelha levantada. *Responde essa.*

— Você não me disse o nome desse homem, Tory. Posso ajudá-la se eu souber de quem se trata. — Diz o tio Blake.

— Ele deve estar pensando como seria perigoso você continuar a pilotar essa moto nas estradas de Nova Iorque. — Anthony diz, debochando.

— Ele deve ter esquecido que o imprudente foi ele, não eu. — Olho-o, séria.

Ele dá uma gargalhada. O tio Blake parece não entender nada. *Bem, também não estou entendendo.*

— Blake, você acha seguro que a Victória fique andando por aí com aquele projeto para fatalidade?

— Não tive tempo de pensar sobre isso. — Tio Blake me olha. — Mas você sempre a usou, não é?

— Sim. Sempre a usei.

— Então acho que não há problema, Anthony. Ela é uma menina responsável, e sabe o que faz.

— Discordo. Aquela moto é muito perigosa, além de velha. — Anthony diz.

— Não fala assim da minha moto. — Digo, exasperada.

— Você conhece a moto da Victória? — Tio Blake pergunta ao Anthony.

Uau. Agora teremos o que conversar durante s três horas de viagem.

— Sim, é claro. Victória e a moto moram no meu apartamento, você esqueceu? — Anthony diz.

Meu chão desmoronou. *O quê?* Estou morando no apartamento do Anthony?

Tio Blake olha ele, com fúria.

— Anthony...

— Preciso trabalhar. Com licença. — Ele diz, sai como se nada tivesse acontecido, e some dentro do *seu* jatinho.

— Querida...

Eu o interrompo.

— Por favor tio Blake, me diga que ele está blefando.

— Minha querida. Anthony já não mora lá desde os vinte anos.

— Mas ele é o dono? — Pergunto, ainda não acreditando na mentira do tio Blake. *Ele me disse que aquele apartamento era seu.*

— Sim, Anthony é o dono. — Suspiro e coloco a mão na cabeça. — Não se preocupe querida, ele não o utilizava.

Olho para ele.

— Ele achou que você tinha colocado sua amante no apartamento dele. O senhor tem noção disso? — Estou indignada.

— Bem, isso não é verdade. Além de que, quem colocava amantes lá era ele.

— Isso está ficando cada vez melhor. — Bufo. — Acho melhor dormir. — Encosto a cabeça no encosto do banco e fecho os olhos.

— Querida, por favor não fique brava comigo.

Finjo que não estou mais escutando, e acabo pegando no sono.

Estamos no carro a caminho da Ilha. Tio Blake está no banco do carona, com o Diggle no de motorista. Anthony entra no banco de trás, comigo. Não falei com nenhum dos dois desde que saí do jatinho. Ainda estou furiosa, com ambos. Sinto-me enganada. Sei que as intenções do tio Blake foram as melhores, mas ele não devia ter me escondido essa informação. Anthony, bem, ele devia ter me falado assim que viu meu endereço no prontuário da clínica do Dr. Ford.

— Ele não fez por mal. — Anthony fala, baixo.

— Você também não? — Pergunto.

— O que você quer dizer?

— Tio Blake queria muito que eu viesse morar em Nova Iorque. Ele queria que eu tivesse oportunidades, das quais ele imagina que minha mãe, sua amiga,

não teve. Mas você não tinha o porquê esconder. Então por que você não me falou quando viu no prontuário?

— Eu e Blake tínhamos um acordo. Ele está em débito com você, não eu.

Engulo seco. *Ele é arrogante, e sempre será.* Viro para janela, e olho a rua.

O lugar é realmente lindo. Se acaso não estivesse tão irritada, estaria aproveitando muito mais esse lugar.

— Qual a diferença de pagar aluguel para mim ou para o Blake?

— Não paguei ainda, então não há diferença. Provavelmente aquele apartamento vale mais do que eu posso pagar.

— Victória. — Ele pega meu queixo e faz-me olhar para ele. — Não o utilizo, e você pode usá-lo. Agora por favor, não fique com essa ruga aí, no meio da testa. — Ele diz, pela primeira vez de forma carinhosa. — Aproveite o momento.

Fico hipnotizada. Ele me deixa sem palavras. Nunca sei qual vai ser sua reação, e desta vez ele me surpreendeu. Logo ele se afasta e volta a trabalhar no seu *Macbook*.

Eu não tinha ideia do tamanho da fortuna do Anthony, mas assim que vi esta casa — *se é que pode se chamar de casa* — fiquei ainda mais confusa. Estamos no paraíso. A casa é uma espécie de galeria de arte. A faixa da casa é decorada por coqueiros altos que indicam a entrada, toda talhada em madeira, e com luzes ao fundo destacando o *designer*. A porta da casa é inacreditavelmente alta. Caminhamos um pouco mais e entramos, *literalmente*, na casa. O hall de entrada é ainda mais extraordinário. Ao lado direito há uma escada enorme, e abaixo dela há uma piscina. No lado esquerdo do hall, há uma entrada que nos leva a sala e cozinha.

— Está gostando Tory? — Tio Blake pergunta. Provavelmente ele quer verificar se ainda estou chateada com ele. Prefiro pensar nisto mais tarde.

— É maravilhoso. — Digo, deslumbrada. — Não sabia que existiam casas assim. É como se estar num cenário de filme.

— Anthony gosta de novos projetos arquitetônicos. Este é recente. Pode deixar suas malas aí. Vamos explorar o visual.

A casa é organizada em conjunto de pavilhões que se conectam por jardins, piscinas e pátios internos. A fachada é dominada por janelas de vidros e venezianas de madeira. A vista privilegiada de *Biscayne Bay* é incrível. A casa ainda tem uma pequena praia privada.

Parece mais um hotel de luxo. Na verdade, parece um labirinto de luxo. Há tantos cômodos, que devem caber milhares de pessoas aqui dentro. Agora entendo quando o tio Blake disse que haveriam festas. Esse lugar é propício para isso.

— Você está muito quieta querida.

— Estou absorvendo... ou observando e tentando acreditar no que estou vendo.

Essa casa deve custar bilhões. Nunca, nunca mesmo, sonhei em ver um lugar assim, muito menos me hospedar nele. Começo a ficar preocupada com os convidados do Anthony. Eles devem ser tão ricos quanto ele. *O que estou fazendo aqui?*

— Vem querida, a Sra. Jack vai mostrar os cômodos para você.

Aceno a cabeça. Preciso mesmo saber onde posso me esconder.

Meu quarto é deslumbrante, igualmente o restante da casa. Isso aqui é maior que meu apartamento. *Quer dizer, o apartamento do Anthony.* — Lembra meu consciente. O quarto é todo branco, com uma cama enorme, de frente para uma porta dupla ainda maior. Saio pela porta e vejo o mar. É uma pena que estejamos

no inverno, eu adoraria mergulhar nessas águas.

— Atrapalho?

Dou um pulo.

— Você não bate na porta? — Vejo o Anthony no meu lado.

— Assustei você? — Anthony diz, disfarçando um sorriso.

— Sim. — Respiro fundo.

— Gostou do lugar? — Ele olha o mar, e seus olhos ficam ainda mais deslumbrantes.

— A paisagem é maravilhosa.

— Só a paisagem? — Ele levanta a sobrancelha, me questionando.

Sorriso.

— A casa é deslumbrante, mas acho muito intimidante. Na verdade, acho que eu tenho medo dessa grandeza toda. Se fosse uma casinha de frente para essa paisagem, ainda assim seria linda. — Ele me olha intensamente. Engulo seco. — É uma pena que estamos no inverno. — Digo tentando quebrar a tensão entre nós.

— Haverá outras oportunidades.

— Você já mergulhou ali? — Aponto para o mar.

— Não.

— Isso é inacreditável. — Fico pasma. — Por que não?

— Não sei. Talvez porque temos a piscina.

— Então você não sabe o que é verdadeiramente bom.

— E você sabe, Srta. White? — Ele me olha profundamente.

— Sei o quê? — Fico aflita com o olhar penetrante dele.

— O que é verdadeiramente bom.

Estamos nos olhando quando tio Blake entra no quarto, dissolvendo o feitiço. Ele também não bateu na porta. *Deve ser costume de família.*

— Ah! Vejo que estão aí. — Tio Blake caminha até a sacada.

— É uma bela paisagem, não é mesmo, Tory?

— Sim. É incrível.

— Anthony, vamos deixar a Victória descansar. Preciso falar com você.

— O almoço será servido em duas horas. — Anthony me olha outra vez e sai do quarto com o tio Blake.

Estou assustada com a intensidade da reação do meu corpo diante do Anthony. Preciso começar a me acostumar com a presença dele, pois acredito que será constante na minha vida.

Leio a tarde toda deitada no sofá de frente para *Biscayne Bay*. Um adorável lugar para descansar. Só ouço os sons dos pássaros e das ondas do mar.

Meu celular toca. Já tinha esquecido que tinha um celular, há séculos ninguém liga para ele. Tenho sorte dele estar na bolsa junto com o meu livro.

É um número estranho.

— Alô!

— Tory. — Não acredito quando ouço a voz.

— Jay?

— Quem mais poderia ser? Ah, Tory... estou morrendo de saudades. Estive tentando ligar para sua casa, mas você não atende. Aconteceu alguma coisa?

Fico muda. Oh meu Deus, será que conto a ele sobre a mudança de endereço e de telefone?

— Oh, Jay. Preciso tanto conversar com você.

— Podemos deixar para quando eu voltar? A ligação está muito ruim.

— Prometa-me que vai ligar.

— Claro que prometo. Eu te amo, Tory. Assim que voltar, vou direto ao seu encontro.

— Jay? Jay?

Ele desligou. A ligação estava péssima. Devia ter contado.

— Tudo bem com a ligação? — Anthony se senta ao meu lado.

Levo outro susto.

— Sim. É só que... que...

— Posso ajudar?

Ele ajudaria muito se não me fizesse esquecer das coisas.

— Não. Está tudo bem.

— Ok. — Ele me olha. Acho que está tentando detectar alguma coisa. — Hoje à noite teremos uma festa de gala. Ofereço todo o ano para os acionistas.

— Tudo bem, posso ficar no quarto.

— O quê? — Ele franze o cenho. — Não estou dizendo isso para você ficar no quarto, Victória. Estou te comunicando porque sei que as mulheres gostam de se preparar para essas coisas.

— Devia ter dito antes, então. Não sabia que tinha que colocar um vestido de

gala na bagagem. — Digo.

— Se é só isso que a preocupa, fique tranquila, já tenho tudo resolvido.

— Você pode ser mais específico?

— Suba para se arrumar Srta. White, em breve os convidados chegarão. — Ele levanta e sai.

O detesto. É isso. *Eu. O. Detesto.* Ele é muito irritante e mandão. De qualquer forma, acho melhor subir e procurar a roupa mais formal que trouxe na mala.

Fico espantada com o que vejo em cima da minha cama. Um vestido *couture*! O mais lindo que já vi na minha vida. Não consigo me imaginar vestindo-o. Acho que não saberia usá-lo com dignidade. Em cima do vestido, vejo um cartão.

Vista-o. A. H.

Só há um motivo para receber de presente um vestido como esse, escolhido por ele. Começo a desconfiar que não gosto desse motivo. Tudo bem, geralmente estou de calça jeans e blusa, mas minha mãe era muito sofisticada, e ela me ensinou muita coisa. Não preciso de um *personal stylist*. Às vezes preciso só da Sophie.

Vou lhe mostrar como posso ser uma dama sofisticada, Sr. Hill. Resolvo tomar um banho de banheira, e relaxar. Decido ficar deslumbrante para esta noite.

Quando espio a festa da escada, vejo que a sala já está cheia de pessoas de

todos os tipos. A única coisa comum entre elas, com certeza é a conta bancária com um farto saldo. Olhando todos ali, começo a me sentir ridícula. Nunca me vesti deste jeito, e acho que não serei uma dama tão elegante assim.

O vestido frente única é realmente lindo, vermelho, totalmente justo ao corpo até os joelhos, e depois segue um pouco mais solto, formando uma calda atrás dos meus pés. Minhas costas ficaram totalmente nua. Sinto-me *sexy* pela primeira vez na vida. Optei por deixar o cabelo solto, para esconder um pouco das costas, e coloquei o brinco de brilhante pequeno que foi da minha mãe. Fiz uma maquiagem leve, para não parecer vulgar.

Resolvo descer as escadas, e começo a ruborizar assim que vejo todas aquelas pessoas me olhando. *Cadê o tio Blake?* Ficaria feliz se ele viesse me recepcionar. No entanto, vejo o Anthony, lindo, vestindo um *smoking* preto. Ele me olha dos pés à cabeça, fixa o seu olhar no meu, e vem até mim.

— Você está deslumbrante Srta. White.

— Tory. Só Tory. — Estou nervosa, e cada vez que ele me chama de Srta. White sinto um arrepio no corpo.

— Posso lhe acompanhar? — Ele sussurra e me oferece o braço.

Respiro fundo e dou minha mão. Ele a segura e a coloca no seu antebraço. Minha pele arrepia.

— Você conhece todas essas pessoas?

— A maioria delas. — Ele responde.

— O tio Blake já desceu?

— Não o vi ainda.

Anthony me leva até a verdadeira festa, onde as pessoas estão aglomeradas conversando ou dançando. Escuto *Mozart* tocar cada vez mais alto. *Uau*.

— Você devia ir procurar o Blake agora. — Ele diz sério, soltando meu braço quando as pessoas começam a olhar.

— Ok. — Fico sem reação.

Você não faz parte da classe social dele — diz meu consciente. Acho que Anthony tenta me mostrar isso a todo momento. Devo *ter ficado horrível neste vestido*. Saio a procura do tio Blake.

Durante o caminho, observo as mulheres elegantes. Elas olham como se eu estive no lugar errado e na hora errada, mas os homens me olham com apreço.

— Tory?

Olho para trás e fico espantada. O que o Dylan está fazendo aqui?

— Dylan. Oi! Tudo bem?

Ele me cumprimenta com um beijo no rosto.

— O que você está fazendo aqui?

Sorrio. Ele também deve pensar que não sirvo para este lugar.

— Estou acompanhando o meu *tio*. E você, o que está fazendo aqui? — Retribuo a pergunta, com petulância.

— Sou diretor de uma empresa que terceiriza serviços para as *Hill Enterprises*.

— Claro, Sophie deve ter comentado. — Ela jamais deixaria uma *informação importante* dessas passar despercebida.

— Já que estamos aqui os dois, que tal uma dança?

Fico surpresa com o convite. Dylan sempre foi popular com as mulheres, e há tantas por aqui, que não sei porque justamente eu. Olho em volta e vejo Anthony conversando com uma mulher linda. Talvez dançando com o Dylan, eu mostre a ele que não sou tão dispensável assim.

— Aceito seu convite. — Sorrio, mas com medo de tropeçar e fazer vexame.

Seguimos para o centro da pista de dança. A música é envolvente. *Metric, Speed the Collapse*.

Permito-me extravasar. Danço feliz, e vejo que Dylan não me olha com desprezo, mas sim com admiração. Sorrio para ele. Ele me girar e logo após me segura em seus braços. Fico de costa para ele, seu braço em torno da minha cintura, dançamos conforme as batidas da música.

Sei que na verdade quero mostrar ao Anthony que posso ser desejada por esses homens capitalistas. E ele vê, porque está nos encarando de maneira bem direta.

— Posso ficar dançando com você a noite inteira. — Dylan sussurra no meu ouvido enquanto estamos dançando.

— Tenho que procurar meu tio. — Melhor não alimentar as esperanças dele.

Viro e fico de frente para ele.

— Você nunca me falou de um tio que morava em Nova Iorque. — Ele comenta quando a música acaba.

— Deve ser porque eu não tinha um. — Sorrio.

— Devo perguntar por quê?

— Longa história.

— Ok. — Ele vira e pega uma bebida. — Para você! — Ele dá uma piscadela

— Obrigada. — Sorrio e bebo um gole antes de virar e sair a procura do tio Blake.

Agora me sinto mais leve, mais bonita, e mais mulher. Posso não ter o dinheiro dessas pessoas, mas ainda sou digna de estar em qualquer lugar.

Procuro por todo lado e não consigo achar o tio Blake. A música está lenta agora. *Moby, Skylar Grey, The Last Day.*

Esse deve ser o momento para os casais, como nos filmes românticos. Nunca dancei esse tipo de música, Jaime acha brega, e eu não sei dançar muito bem. Resolvo voltar para dentro da casa e procurar o tio Blake por lá, mas sou

impedida por uma mão forte que segura meu braço.

Olho para cima e vejo Anthony me segurando.

— Pode me dar o prazer desta dança?

Estou de boca aberta. *Dylan fez um ótimo trabalho.* Não sei dançar assim, então prefiro negar.

— Estou indo procurar o tio Blake.

— O Blake pode esperar. — Diz sussurrando. Ele pega minha mão e me leva para a pista de dança.

Estamos de frente um para o outro. Anthony está ainda mais lindo sob a luz da lua, que ilumina seu nariz perfeito e sua mandíbula desenhada com precisão. Seus olhos verdes acinzentados transmitem o perigo. Estou encantada com toda sua beleza. As mulheres devem cair em cima dele. Ele coloca uma mão na minha cintura e segura a outra. *Estou com medo de pisar no seu pé.* Abaixo a cabeça e sorrio com o pensamento. Ele começa a dançar, e me leva com ele. Estamos com o rosto a poucos centímetros um do outro. Fico hipnotizada com o seu olhar. Anthony me aproxima e minhas pernas ficam fracas, mas seus braços fortes me seguram contra o seu corpo.

Ficamos quietos durante a dança, e me sinto envolvida. Anthony ameaça minha sanidade só pelo fato de me olhar. Me sinto derreter quando estou perto dele. É diferente de tudo que já senti na vida. Com o Dylan me senti livre, mas com o Anthony, sinto-me presa a ele, como se não pudesse soltá-lo mais.

A música vai mudando, mas Anthony permanece dançando.

— Acho que eu devia procurar o tio Blake. — Digo, sem fôlego, querendo me libertar da sensação do corpo dele preso ao meu.

— Não se preocupe Victória. Ele já nos achou.

Olho ao redor e vejo o tio Blake nos olhando impressionado. Na verdade, percebo que não é só ele que olha. Todos ao redor parecem olhar com curiosidade, e surpresa.

— Todos estão nos olhando. — Falo meu pensamento em voz alta.

— Está impossível não olhar para você Victória.

Olho-o espantada.

— O quê?

— Você está linda. — Ele diz, com intensidade.

— Obrigada. — Digo, tímida. Nunca recebi um elogio de forma tão intensa.

— Não deveria ficar dançando com um desconhecido da forma que dançou.

— Desculpe, não entendi. Do que você está falando?

— Estou falando sobre o Sr. Scott. Não devia ter dançado com ele daquela forma. Você não o conhece, e não sabe do que ele é capaz.

Não acredito que estou ouvindo isso. Sorrio.

— Na verdade, sei muito bem do que ele é capaz.

— Não, você não sabe.

O que ele acha que está fazendo?

— Eu o conheço muito mais do que conheço você. — Ele fica quieto. — O que não sei, é o que você é capaz de fazer. — Indago.

Ele me segura pela cintura, com força, e sussurra no meu ouvido.

— É melhor você não descobrir. — Engulo a saliva com dificuldade. Oh, quero descobrir sim! *Da onde veio este pensamento? Foco Tory.*

Ele olha para os meus lábios e se afasta.

— Está tudo bem? — Tio Blake pergunta.

— Acho que sim. — É a única coisa que consigo falar. — Onde você estava?

— Estava no meu quarto. Gosto de entrar quando todos os convidados já chegaram, e dessa vez cheguei bem na hora de vê-la dançando com Anthony.

— Ele foi gentil... digo, de me convidando para dançar.

— Vocês se tornaram a atração da festa.

Não sei o que dizer, então fico quieta.

— Bem, posso ter a honrar de uma dança com você? Sei que não sou tão bonito quanto o Anthony...

— Oh, tio Blake! Você é mais bonito do que qualquer homem dessa festa, e com certeza é aquele que me faz mais feliz.

— Sinto-me honrado, senhorita.

Começamos a dançar. Desta vez, foi quase uma valsa, sofisticada e galante. Tio Blake é um cavaleiro, Anthony devia aprender com ele.

— Sabe, Anthony é muito reservado. Nunca o vi dançando com alguém.

Bem, isso é uma novidade interessante.

— Ele é estranho. — O meu pensamento sai em voz alta.

Tio Blake ri.

— Sim, ele é. Ele não deixa as pessoas se aproximarem muito.

— Por quê? — Pergunto entusiasmada em saber mais sobre o *Sr. enigmático*.

— Isso ele deveria responder.

— Mas o senhor sabe, não é?

— Ele acha que não, mas é claro que eu sei. Anthony perdeu a mãe e o pai quando tinha quinze anos. Seu pai era meu irmão. Nós não nos falávamos muito, então eu não tinha muito contato com o Anthony. Quando ele ficou sozinho, fui socorrê-lo. Desde então ele veio morar em Nova Iorque, comigo. Ele se tornou independente muito cedo, logo comprou seu apartamento e criou sua empresa.

Hoje ele é um dos homens mais importantes dos Estados Unidos, e também o mais sério. Não o vejo se divertir muito, ou conversar. Ele é um homem de poucas palavras.

— Como os pais dele morreram?

— Os pais dele não... quer dizer o pai...

Somos interrompidos pelo Dylan.

— Tory! Vejo que achou seu tio.

— Dylan, deixa-me te apresentar, Blake Collin. Tio Blake, esse é o Dylan Scott.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Collin. Tenho a impressão de já tê-lo visto antes.

— Provavelmente você tenha me visto na festa do ano anterior.

— Oh, claro. Provavelmente sim. Mas eu não sabia que você tinha uma sobrinha tão linda como esta. — Dylan me olha e sorri.

— Bem, eu também não sabia.

Dylan parece confuso.

— O senhor me dá permissão para um passeio com ela?

— Claro. — Ele me olha. — Estarei logo ali Tory.

Vamos caminhando até a praia. Dylan parece conhecer muito bem os labirintos da casa.

— Então o Sr. Collin é seu tio?

— É uma longa história.

— Temos tempo. — Ele diz.

— O Sr. Collin era um amigo da minha mãe, e quando meus pais morreram

ele me ajudou muito.

— Hum. Então ele não é seu tio. É um amigo?

— Ele é um tio amigo. Foi ele quem me trouxe para Nova Iorque, conseguiu um trabalho e um apartamento para mim.

— Você mora com ele? — Ele pergunta espantado.

— Não, eu não moro. Por quê?

— Se você precisar dividir um apartamento com alguém, pode ser comigo. Moro sozinho.

— Oh, Dylan! Você só pode estar brincando. — Riu.

— Por que estaria? Somos adultos e responsáveis. Qual o problema de dividir o apartamento com um amigo?

— O problema é que corri de você durante toda a minha vida. — Rimos. — Seria insano me juntar a você agora.

— Agora sou um adulto com os hormônios controlados. — Ele se aproxima de mim, e olha nos meus olhos. — E você é uma mulher adulta e linda.

Ele se aproxima mais.

— Dylan...

— *Barbie*, aproveita o momento. Seu namoradinho aborrecido não está aqui, aliás, ele está a milhas de distância.

Coloco as mãos no seu peito para afastá-lo.

— Dylan, por favor.

— Qual é Tory? Eu a vi dançando com o Hill, e ele estava muito mais perto que isso.

— Dylan...

Ele voltou a ser o mesmo Dylan insistente de anos atrás.

— E então, vocês são amigos?

— Não. — Realmente não somos. — Ele é...

— Victória. — Falando no diabo, ele aparece. Hill vem em nossa direção com os passos largos.

— Dylan, por favor. — Sussurro para que só ele possa ouvir, e consigo afastá-lo.

— Hill, vejo que já conhece a minha *Barbie*.

Anthony pega o meu braço e me puxa para seu lado.

— Parece que sim. — Ele encara Dylan. — Espero que no futuro você não a assedie mais Scott. Agora, por favor, retire-se.

— Uou. Então você é a vítima da vez, Tory? — Dylan aponta o dedo na nossa direção.

— Eu... — Não sei do que ele está falando. Nunca estive numa situação tão bizarra.

Anthony dá um passo em direção ao Dylan, o encarando.

— Não ouse fazer sugestões Scott. Retire-se. Agora.

Dylan me olha com o cenho franzido, depois de bufar, segue a orientação do Anthony e caminha em direção a festa.

Anthony se vira e me olha carrancudo.

— O que eu falei a respeito do Sr. Scott?

— Eu conheço ele. Você não precisava ser tão dramático.

— Se eu não tivesse chegado vocês já estariam deitados e nus nessa areia.

— O quê? Não é possível que você acredite que eu iria...

— Eu vi, Srta. White. Ele estava...

Desta vez, sou eu que o interrompo.

— Passei a minha vida toda fugindo do Dylan, e quer saber, você nunca precisou estar lá para me socorrer.

Ele dá um passo na minha direção. Seu cenho está franzido. Recuo um passo.

— Então ele é um antigo namoradinho?

— Ele é um velho amigo. Eu nem sei porque estou te explicando isso. — Viro em direção a festa e começo a caminhar. — Você não tem o direito de me insultar desta forma.

Ele segura meu braço e me puxa. Estou presa em seus braços. Anthony me olha intensamente e me beija. *Sim, ele me beija.*

Sua boca é macia e ágil. Ele me aperta contra seu corpo e intensifica o beijo. Sua língua invade e percorre toda minha boca. Não consigo raciocinar e pedir para que ele pare. Na verdade, quero que ele nunca mais pare. Seu beijo me domina, me fascina, e me possui. Nunca senti algo parecido. Minhas pernas ficam frágeis, e ele me aperta ainda mais. Sua mão segue da minha cintura para minha nuca. Ele segura meus cabelos e puxa para trás. Sua boca sai da minha e começa a percorrer meu corpo. Ele beija minha orelha e segue pelo meu pescoço. Seus beijos são inebriantes. Sinto-me embriagada. Anthony desce ainda mais sua boca. *O que estou fazendo. Pareço uma devassa!* Me obrigo a voltar para a vida real.

— Anthony. — Falo quase sem ar. — Pare! Por favor pare.

Ele respira fundo como se também estive sem ar.

— Isso é o que pode acontecer quando está sozinha em um lugar com um homem que você mal conhece. Espero que tenha aprendido a lição Srta. White. — Ele sussurra no meu pescoço.

Depois de se endireitar, ele estende o braço e aponta para festa.

— Está na hora de voltar. — Ele diz.

Sinto vontade de chorar. Primeiro, beijei outro homem, que não o Jaime; segundo, gostei muito do beijo; e terceiro, ele me usou para um tipo de exemplo idiota.

Saio quase correndo. Acelero os passos para ele não me alcançar. Só quero ir para o quarto, tirar essa roupa, tomar um banho e chorar, só não sei por qual dos motivos.

Não vi a festa acabar, mas hoje a casa está tão limpa e organizada que parece que tudo foi fruto da minha imaginação.

Preferia ficar o dia inteiro no quarto, trancada, mas o tio Blake pediu para que eu fosse tomar café com ele, então cá estou, perdida nessa casa gigante, tentando achar a mesa do café da manhã.

Logo encontro o tio Blake, sozinho.

— Bom dia! — Digo.

— Bom dia minha querida, dormiu bem?

— Estranhei um pouco a cama. — Ou não dormi direito porque fiquei pensando no seu sobrinho pretencioso.

— Você logo se acostuma. Não a vi no final da festa. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Quer dizer... estava cansada.

— Então aproveite o dia para descansar. Anthony saiu para um almoço de negócios, deve voltar somente para o jantar. Também preciso resolver umas coisas. Você se importa?

— Não, tudo bem, vou passar o dia lendo.

Ufa. Ao menos Anthony não está em casa. Posso ficar mais sossegada.

A decoração natalina já está pronta quando resolvo sair do quarto. É incrível como o dinheiro faz as coisas acontecerem, está maravilhoso e tudo foi feito tão rápido. Mas, embora esteja tudo impecável, não consigo sentir a essência do natal, o amor compartilhado em cada penduricalho da árvore, ou a cumplicidade familiar. É, nem tudo o dinheiro pode comprar, não é mesmo!?

Observo que Anthony ainda não desceu, e fico aliviada ao pensar que repente ele não venha para o jantar de natal. Não o vejo desde aquele beijo, e acho que ainda não estou pronta para encontrá-lo.

— Está tudo lindo! — Digo. — Nunca vi uma árvore-de-natal tão grande e enfeitada como esta.

Tio Blake me olha emocionado.

— Sua mãe adorava o natal. Era a festa que ela mais gostava.

— Acho que sei o porquê. — Digo.

— Ela gostava de ganhar muitos presentes. — Tio Blake diz sorrindo.

— Vocês passaram muitos natais juntos?

— Sim.

— Sempre que pergunto sobre ela, o senhor fica retraído, por quê?

— Acho que hoje não é o momento para termos essa conversa.

— Tudo bem. — Sorrio em concordância. *Quando ele estiver pronto.*

— Anthony vai chegar só na hora do jantar. Ele me disse que tinha que resolver umas coisas. — Ele se aproxima e diz sussurrando. — Acho que ele deve ter ido comprar um presente especial.

— Ele não parece uma pessoa que gosta de fazer compras. — Digo.

— E ele não gosta. Todos os presentes são escolhidos pela assistente pessoal.

Hum. É claro que o *Sr. Todo-poderoso* tem uma assistente pessoal.

— Queria ter ido às compras.

— Minha querida, não se preocupe com isso. Passaremos por muitos natais juntos. Terá muitas oportunidades.

— O senhor foi o maior presente que ganhei esse ano. Agradeço todos os dias por tê-lo encontrado.

— Você também é meu maior presente dos últimos tempos. Embora Anthony não acredite, ele também foi um presente muito especial na minha vida. Às vezes ele se aborrece por eu ficar me intrometendo na vida dele, mas tenho certeza que ele também me acha especial.

— Vocês não parecem se dar muito bem. — Digo com sinceridade. Nunca vi demonstração de afeto entre eles.

— Nós nos entendemos do nosso jeito. — Ele sorri.

— Creio ser o assunto. Atrapalho?

Olha para trás e vejo Anthony, lindo como sempre. Ele está vestido um terno preto, camisa branca, sem gravata desta vez, calça jeans escura e sapatos. Sua barba está aparada, mas aparente.

Ele me olha por inteiro, e sorri. Não estou acostumada com esse tipo de tratamento, logo fico envergonhada e corada.

Hoje resolvi usar o vestido verde que Sophie me presenteou, mas já estou arrependida, queria passar despercebida, mas pelo jeito já fui descoberta.

— E então, sou o assunto? — Anthony pergunta. Hoje ele parece estar de bom humor.

— Você está se superestimando muito, não acha? — Eu falo, sem perceber que foi em voz alta. Queria poder mostrar que de algum jeito que ele não me afetou com aquele beijo.

— Eu gosto de pensar que sou estimado por familiares, ao menos.

— Bem, já que não sou da sua família, deixo essa responsabilidade para o tio Blake.

Tio Blake está nos observando, e rindo. Acho que ele não está entendendo nada.

Anthony vem em minha direção, lentamente.

— Achei que podia mudar sua opinião sobre mim, Srta. White.

— Acho difícil. — Ele está muito perto, pega a minha mão, a abre, e coloca uma caixa em cima dela.

— O que é isso? — Digo, nervosa.

— Um presente. — Ele diz, levantando uma sobrancelha.

Fico sem reação. Anthony está me dando um presente!

— Não vai abrir? — Ele pergunta.

Olho para o tio Blake. Ele ainda está sorrindo, e faz sinal com a cabeça me incentivando a abrir.

Começo a abrir o laço dourado da caixa vermelha. Fico surpresa quando vejo a chave de um carro.

— É uma chave. — Digo, pensando em voz alta.

— Bem, sua percepção é admirável. — Anthony diz, olhando para mim.

— Uau. Uma chave? — Tio Blake diz. — Carro, casa ou cofre?

Anthony o fuzila com o olhar.

— É um carro. Quero dá-lo a você de presente de natal. Sei que por causa de um “idiota”, você ficou sem meio de transporte.

— Um carro?

— Sim. Você sabe dirigir, não é?

— Oh, meu Deus.

— O que foi? — Ele pergunta assustado.

— Não posso aceitar.

— Não só pode, como vai.

— Não, eu não posso. Agradeço sua atenção, mas não posso aceitar.

— É um presente Victória. Você vai recusá-lo?

— Me desculpa, mas um carro não é um simples presente.

— Blake, você poderia nos dar licença por um minuto. — Anthony diz.

— Claro. — Tio Blake diz, deslumbrado com a situação.

Anthony me pega pelo braço e me leva até a garagem.

— O que você acha que está fazendo? — Anthony diz, com o cenho franzido.

— O que você está fazendo? Acha que por causa de um beijo pode me dar objetos de luxo?

— Um beijo? — Ele me puxa, para ficar de frente para ele. — Você acha que estou te dando um carro por causa de um simples beijo? — Oh, que bom. Agora ele está desdenhando meu beijo. — Sua moto está fora de circulação. Esse carro poderá substituí-la, e um presente de natal foi a forma mais discreta que encontrei para não envolver o Blake no acidente que ocorreu.

— Minha moto está o quê?

— Seja razoável. Aceite.

— Você não sabe o quanto aquela moto é importante para mim.

— Coisas importantes são subjetivas, e sempre estão em constantes mudanças.

— Você só pode estar brincando. — Me solto e saio inconformada.

Ele me puxa e beija.

Seu beijo é grosseiro, forte, dominador. Sinto minhas pernas fraquejarem e seguro firme do pescoço de Anthony. Queria poder soltá-lo e dar-lhe uma bela bofetada, mas não posso. Gosto do seu beijo, do seu corpo junto ao meu, de sua mão segurando minha cabeça. Aos poucos, ele vai tornando o beijo mais lento e sensual. Sinto vontade de tê-lo por completo, nu, na minha cama. O pensamento me assusta. *Você enlouqueceu Tory?*

Ele me solta e coloca sua testa na minha.

— Você é um doce viciante. — Ele respira fundo e se afasta. — Esse é o carro. Amanhã mesmo ele será rebocado para Nova Iorque, ou você pode trocá-lo, se quiser.

— Só quero a minha moto. Por favor. — Não sei porque estou implorando, afinal a moto é minha.

— Victória. — Ele volta a ficar em frente para mim. — Você não percebe que aquela moto é um risco para sua vida? — Ele diz, sério.

— Ela não era, até você aparecer.

— No entanto, estou aqui agora, e não quero que você volte a pilotar aquele projeto de tragédia.

— Quem você acha que é, para dizer o que posso ou não fazer?

— Certamente sou alguém que você não deve contrariar.

— Nem o Jaime se atreveu a me proibir de fazer algo.

— Jaime? Quem é Jaime?

Jaime. Tinha esquecido completamente dele. Logo ele deve voltar de viagem. *E eu estava aqui, beijando outro cara.*

— Então, quem é Jaime? — Ele me pergunta, curioso, com uma sobrancelha levantada.

— Ele é meu namorado, e nunca me disse o que posso ou não fazer.

Ele me encara.

— Então ele não é o homem certo para você, Srta. White.

Após dizer isso, ele vai embora.

Claro que devia ter ficado contente com o presente. Quem em sã consciência não ficaria? No entanto, eu não posso aceitar de um estranho um presente tão caro, e, em troca terei que ficar sem a minha moto.

Volto para a sala onde o jantar vai ser servido. Vejo que o Anthony já está de volta, conversando com o tio Blake.

— Então minha querida, gostou do carro?

— Na verdade, mal pude vê-lo. — Respondo.

— Sei que você vai gostar, Anthony tem um bom gosto. — Tio Blake fala.

— Você vai ter tempo o suficiente para apreciá-lo, Victória. Ele estará na sua garagem amanhã. — Anthony diz, com os olhos fixos em mim.

— Não posso levá-lo para a garagem do apartamento, porque minha moto já ocupa aquele lugar. — Estou indignada. Ele acabou de chegar na minha vida e já está querendo tomar todas as rédeas.

— Talvez o idiota que te acidentou já tenha vendido a moto. — Ele diz, sarcástico.

— Não acredito que você teria coragem. — Digo furiosa.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? Por que Anthony venderia sua moto Victória? — Blake diz, confuso.

— Ela deve estar brincando, Blake. Que horas vai ser servido o jantar? — Anthony tenta desfaçar.

Se ele acha que vou ficar sem minha moto está muito enganado. Se precisar conto tudo ao Tio Blake. Tenho certeza que ele irá me ajudar a recuperá-la.

Evito ao máximo olhar para o Anthony durante o jantar. Não consigo pensar em mais nada. Minha moto é muito importante. *Meu bebê*. Ele não pode se achar no direito de tirá-la de mim sem autorização. Na verdade, ele parece poder tirar o que ele quiser. *Inclusive sua roupa*. Balanço a cabeça em negação. Esses pensamentos parecem não parar de surgir na minha mente.

— Algum problema Tory? — Pergunta o tio Blake.

— Não. Não. Está tudo bem.

Meu celular por muito tempo adormecido, vibra.

Olho para o Anthony e o tio Blake. Eles parecem surpresos por ter alguém ligando para mim.

— Atenda! — Diz o Anthony, carrancudo.

Vou até o aparador, e atendo o celular, sem olhar o identificador de chamadas.

— Oi! — Digo apressada. Quero desligar logo, o tio Blake e o Anthony estão me observando.

— Tory. Feliz Natal! — É a voz do Jay.

— Jay. — Suspiro, feliz. — Feliz Natal! — Sinto um aperto no coração em falar com ele. Já sinto saudades da paz que ele me proporciona. Me sinto culpada ao lembrar que beijei outro homem. Sei que posso perder a confiança do Jaime para sempre. E ainda tem a história da mudança, que ele nem sabe. Nunca

escondi as coisas do Jaime. Sinto que estou enganando deliberadamente ele, mas não. Não falei nada por não querer magoá-lo, e agora sinto que esconder não foi a melhor opção.

— Você parece triste. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Só estou com saudades.

— Fico triste pensar em você jantando sozinha, Tory. Queria estar aí para te fazer companhia.

— Na verdade, estou acompanhada.

— Quem está aí? — Ele diz, surpreso.

— Tio Blake está comigo. — Os olhos dos dois homens sentados à mesa ainda estão fixos em mim. — Queria que você estivesse aqui também.

— Em breve estarei em casa Tory, e vou direto para os seus braços. — Jaime diz com urgência.

Acho que esse seria o momento para avisar que não estarei em casa esperando por ele. Bem, não na casa de Greenville.

— Tenho que desligar. — Não consigo falar com ele, tendo como plateia o Anthony. — Um beijo, Jay.

— Beijo. Quando eu voltar, nunca mais vamos ficar longe um do outro.

Sei que não será verdade. Jaime jamais largaria tudo para vir morar comigo em Nova Iorque. Sua mãe jamais deixaria.

A sobremesa já estava sendo servida quando o Anthony resolve implicar comigo novamente.

— Então sou um ninguém? — Diz ele.

— O quê? — Eu e o tio Blake falamos juntos, embora o Anthony esteja olhando diretamente para mim.

— Você falou para o seu namoradinho que estava jantando com “o Blake”.

— Ele levanta uma sobrancelha questionadora.

— O Jaime está longe, não quero que fique preocupado.

— Então neste caso *eu* sou a preocupação? — Ele questiona.

— Preocupação para o Jay? Não, você não é. — Falo docemente.

— Por que não? — Ele fala de maneira ríspida. — Sou homem, e você uma mulher solteira. Acho que ele deveria estar preocupado, não só comigo, mas sim pelo fato de você estar sem ele. Ele devia saber o perigo que corre em deixá-la sozinha.

Fico calada. Não sei o que pensar dessa declaração. Sempre fui fiel ao Jay, mas nunca antes teve um Anthony na minha vida.

— Sou fiel ao Jaime. — Afirmo para mim mesma, só que percebo tarde demais que falei em voz alta.

— Tem certeza? Ontem não parecia.

Ele fala com deboche. O olhar dele me deixa atônita e com fúria. Quem ele é para dizer uma coisa dessas sobre mim. Primeiro ele achou que eu era amante do Blake, e agora está duvidando da minha moral. Foi ele quem me agarrou na noite da festa e hoje. Não fui eu que me joguei nos braços dele.

— Já chega! — Solto o guardanapo na mesa, e viro os calcanhares para sair da sala.

Escuto o tio Blake falando com ele.

— O que deu em você Anthony?

Não escuto sua resposta.

Não consigo dormir. Não consigo esquecer que trai o Jaime. Anthony estava certo, realmente não sou fiel. Esse pensamento me perturba. Preciso falar com o

Jay, e contar toda a situação.

Como pode um homem que acabou de entrar na minha vida mudar tudo. Lembro da primeira vez que o vi. Achei que fosse um anjo, mas suas asas acabaram fazendo um ciclone na minha vida. Desde aquele dia não consigo parar de pensar nele. O jeito como ele me olha, me deixa arrepiada. Seu corpo quente me deixa em chamas. Sua língua afiada me deixa sem palavras. Nunca ninguém me perturbou tanto como o Anthony faz.

De repente a porta do meu quarto se abre, e Anthony aparece. Sinto o chão se abrir aos meus pés. Ele está vestindo pijama de seda, com chinelo e roupão. *Uau. Ele está ainda mais sexy. O. Meu. Deus. Será que só penso nisso agora?* Fico frustrada comigo mesma.

— Você nunca bate na porta? Se eu estivesse dormindo?

— A luz está acesa. Achei que estivesse acordada. — Ele disse calmamente.

— Eu posso ter medo do escuro e dormir com a luz acesa.

— Me desculpa. — Ele parece sem jeito.

— Pelo que exatamente? — Eu digo.

— Por aquilo que eu disse no jantar. — Ele deu uma pausa. Quando notou que eu não o interromperia ele voltou a falar. — E por dizer que você era amante do Blake. E, por não bater na porta. Me desculpa. Você não merecia ouvir aquilo.

— E a minha moto? — Me mantenho firme.

— Isso não está em pauta, Victória.

— É claro que está. Você a vendeu?

— Você ganhou um carro, por que está reclamando?

— Não quero um carro, Anthony. Quero a minha moto.

— Por que foi o seu namoradinho quem deu de presente?

— Se você voltar a me insultar, pode sair pela porta que entrou.

Ele coloca a mão no rosto e suspira.

— Já pedi mais desculpas para você em um mês, do que para todo o resto da população americana em 31 anos. Chega de discussão.

Ele franze o cenho, e sai.

Assim que saio para o corretor, vejo uma porta se abrindo, e fico de frente com o Anthony, homem que eu jamais gostaria de voltar a ver.

— Bom dia, Victória! — Ele diz sorrindo.

— Bom dia. Você pode me dizer onde o Blake está tomando o café da manhã?

Ele sorri. Deve estar rindo da minha estupidez.

— Eu a levo até lá.

— Oh, não, não! Não quero atrapalhar. Basta me dizer.

— Você está querendo fugir de mim?

— É claro que não. — Engulo seco.

— Ótimo, porque vamos passar mais uns dias juntos nesta casa.

Anthony coloca sua mão nas minhas costas e me leva.

— O que não quer dizer que necessariamente vamos nos ver.

— Por que você diz isso? — Ele para de caminhar e me olha.

— Olha o tamanho dessa casa. — Reviro os olhos — Posso me perder dentro do meu próprio quarto.

Ele ri. Seu sorriso contagia o lugar.

— Prometo não deixar você se perder.

— Talvez eu queira. — Falo, indiferente. Preciso fugir dele, realmente. Agora só consigo lembrar da sua boca na minha, e nos estragos que isso fez em mim.

Ele parece não entender minha resposta, e continua a caminhar.

— Blake está nos esperando para o café. Ele detesta fazer uma refeição sozinho.

— Você sempre o acompanha?

— Não.

— Então como você sabe? — Pergunto com petulância.

— Já morei com ele.

— E depois você foi morar no apartamento que eu uso hoje?

— Sim.

— Bem, então quem sabe aquele apartamento me dê sorte, e um dia eu tenha uma casa gigante como esta.

Ele me olha, sorrindo, e para quase em frente à mesa de café da manhã.

— Você conseguiria uma casa como esta, apenas sorrindo, Victória. — Ele me olha e fixa nos meus lábios.

Fico sem fôlego.

— Meus queridos, ainda bem que chegaram. Estava ficando impaciente.

Quase não vi o Anthony nos dias que se passaram. Só nos encontramos nas refeições. Não voltamos a falar do Jaime ou da minha moto, e a paz reinou alguns dias.

A comemoração do ano novo foi linda, assistimos os fogos e bebemos espumante, só nós três.

— Estranho você não dar uma festa de fim de ano Anthony. — Diz o tio Blake.

— Prefiro conservar minha sanidade. — Anthony diz, me olhando.

Essa resposta nos deu algo o que pensar.

Capítulo Oito

Miami, dezembro 2013.

Estou deitada na espreguiçadeira, de frente para o mar. O dia está uma delícia. O frio persiste, mas é suportável, e o sol esquentando o corpo.

— Não se cansa ler sobre as mulheres que fazem os homens de bobos? — Anthony senta ao meu lado, me dando um susto.

— Você tem a mania de me assustar. — Fico exasperada. Meu corpo sempre reage a ele. Cada vez que o Anthony chega perto, minha nuca arrepia, e me arrebata, mas sempre tento ignorar os sintomas da sua presença. — Não é como você diz. São homens apaixonados, de séculos atrás.

— Apaixonados ou bobos, dá no mesmo — Ele sorri. — As mulheres já me chamaram por muitos adjetivos, mas nunca de assustador. — Ele diz, brincalhão.

— Sempre há a primeira vez para tudo Sr. Hill. — Minha mente vagueia. Tenho vinte e dois anos e ainda sou virgem. *Quando será a primeira vez para mim?* Acho que a única vez que pensei em me entregar para alguém, foi quando Anthony me beijou e...

Estou corando por perceber qual rumo meu pensamento estava indo.

— Me desculpa. Sobre o que você estava falando?

Ele se aproxima de mim, coloca uma mão em meu rosto e desliza o seu dedo na minha boca.

— Está corada. Você fica ainda mais linda quando está ruborizada.

Fecho os olhos e suspiro. O. Meu. Deus. Eu gosto muito de ser tocada por

ele. Fico imaginando sua mão em meu corpo. *Tory, foco.*

— No que você estava pensando? — Ele sussurra no meu ouvido.

Tenho vontade de dizer: Em você. No entanto acho melhor não demonstrar minha falta de juízo, por isso não falo nada.

— Bem, deixe me ver. — Ele olha a capa do livro. — Jane Austin. Tinha certeza que seria. Apaixonada por Lordes, *my lady*?

— Gosto de romance de época. Londres... 1850... — Rio.

— Você conhece Londres?

— Não, mas com certeza será meu primeiro destino quando resolver ir viajar.

Ele sorri.

— Quero que você venha comigo. — Fala, enigmático.

— Para onde? — *Londres*?

— É uma surpresa, mas não se altere tanto, porque ainda não é Londres. — Ele está com um sorriso exuberante.

— Da última vez que você me fez uma surpresa, eu a detestei.

— Você quer brigar de novo? — Desta vez ele está sério. — O assunto do carro está encerrado. Quero levar você para um passeio de barco. Venha. — Ele levanta e pega minha mão.

Ele vai me puxando até o trapiche. De longe vejo o iate.

— Anthony, não estou preparada para um passeio de barco. Olha as minhas roupas.

— Tudo que você precisa estará disponível lá. — Ele aponta para o iate *2014 Azimut 80*.

— Você força todos os seus encontros assim, puxando as mulheres pelo

braço?

Anthony para de repente, o que faz com que me esbarre nele.

— Não sabia que estava num encontro. — Ele diz sensual. Minha boca está uns 10 centímetros da boca dele. *Se ele me beijar, como vou resistir?*

— Não estamos. É claro que não estamos. — Me apresso em dizer, e me afasto dele.

— Bom. Muito bom. Por que não tenho encontros Srta. White. Não do jeito de você imagina.

O que ele quer dizer com isso?

Ele me puxa pela mão e continua caminhando.

O iate é lindo, grande, luxuoso e todo espelhado. Nunca vi nada parecido na minha vida.

Anthony me ajuda a subir, e depois vai em direção a um homem. Fico observando os detalhes desse paraíso.

— Nós já vamos seguir viagem. — Ele volta dizendo.

— E o tio Blake?

— Ele não gosta de barcos. — Ele sorri com seus lábios sensuais. — Você tem medo de ficar sozinha comigo?

— Sim. — Falo sussurrando. — Quer dizer, não. Não tenho medo! — Desta vez falo com firmeza. Por que esse homem tem sempre que me fazer sentir sensações nunca exploradas?

Ele ri.

— Ótimo!

Ele me apresenta toda a embarcação. O iate é todo luxuoso e tem todos os cômodos necessários, e até uns sem necessidade primária.

— Aqui é o meu quarto. — Ele diz, com um sussurro sensual.

Fico ruborizada. O único quarto masculino que vi até então, foi do Jaime. Nós nunca permanecemos muito tempo por lá, primeiro porque a mãe dele não gostava, e depois porque eu também não. Sempre achei que para ficar dentro do quarto de um homem era necessário um certo grau de intimidade, coisa que eu e Jay não tínhamos. Não dessa forma.

Tudo é muito sofisticado e claro, num tom *off white*. No centro do quarto tem uma cama redonda, grande e com lençol azul-claro, na cor da água do mar.

— É bonito. — Fico tímida, imaginando quantas mulheres já deitaram ali.

Ele nota meu receio em entrar.

— Vamos ver o restante. — Praticamente saio correndo do quarto.

O passeio foi muito agradável. Me sinto outra pessoa. Estou feliz, segura e entusiasmada com tudo que vejo.

Anthony se tornou encantador. Ele parou de me provocar verbalmente, no entanto, meu corpo sempre fica afetado, só pelo fato dele estar ao meu lado. Seu cheiro amadeirado e sensual, me causa rubor. Desde quando o conheci me sinto estranha. Como se a Tory nunca estivesse existido, e no lugar dela a Victória — ou Srta. White, como ele gosta tanto de me chamar — estivesse viva. Está é a palavra, *viva*. Embora o Anthony sempre esteja me exasperando, do lado dele sinto a vida com intensidade, meu corpo reage ao seu, e minha alma se prende na dele.

— Vem cá! — Anthony me puxa até o leme.

Só agora noto que o homem que guiava o iate já não se encontra lá.

— Você vai nos guiar. — Ele diz com toda calma.

— Você está louco!?

Viro para sair de perto do leme, mas ele me puxa de volta.

— Qual é problema, Victória? Cadê a garota corajosa que pilota uma moto velha?

— Primeiro, minha moto não é velha, e segundo, quem disse que sou corajosa?

— Você precisa de muita coragem para andar naquela coisa.

— Se por “aquela coisa” você está se referindo a minha moto, então vamos brigar novamente.

Ele me olha e sorri.

— Você tem duas opções. Você pode aceitar guiar e nos levar de volta para casa, ou passaremos a noite aqui. Você escolhe.

— Anthony, não! Por que você tem que ser o homem das duas opções?

Ele ri.

— Escolhe, Victória.

Olho exasperada para ele, e sigo em direção ao leme. Ele vem por trás e encosta seu corpo ao meu. Levo um choque com o se toque. Ele sussurra no meu ouvido tudo que preciso fazer, e isso me deixa libidinosa. *O. Meu. Deus.* Nunca antes pensei nisso, e agora cá estou, querendo que este homem me leve para cama dele, e me faça sua.

— Não desta forma. — Anthony diz.

Por um momento acho que ele está respondendo meus pensamentos. Ruborizo.

— Como devo fazer então?

Rimos muito no caminho de volta à casa. Quando finalmente chegamos, ele volta a falar com o homem que nos ajudou no barco. Já não consigo controlar minhas emoções quando o vejo vir na minha direção. Tenho vontade de beijá-lo

e agradecer o passeio tão maravilhoso, mas prefiro não me entusiasmar para não dar asas aos meus pensamentos, então sigo o mais rápido possível em direção a casa.

— Tio Blake! — Abraço ele. — Você perdeu o passeio. Foi maravilhoso. Nunca tinha visto um barco tão lindo, e o lugar também, é claro.

— Tinha certeza que você ia gostar, minha querida. Fico feliz que você tenha apreciado.

— Deve ser muito inconveniente não gostar de navegar. Você deve ter perdido inúmeras festas.

— Não ofereço festas no iate srta. White. — Anthony está vindo até nós.

Tio Blake pede licença e sai ao encontro do motorista, que a pouco lhe tinha chamado.

— E também nunca levei nenhuma mulher para aquela cama. — Ele fala sussurrando no meu ouvido.

Meu corpo reage e eu bufo.

— Não perguntei nada.

— Mas tenho certeza que queria saber.

Ele entra na casa e me deixa sozinha com meus pensamentos pecaminosos. Por que será que ele mexe comigo desse jeito? Sinto como se eu fosse atraída de alguma forma irremediável. Como se não houvesse cura.

Em toda minha vida sempre fui muito amada. Tinha o carinho dos meus pais, dos meus amigos íntimos, e do Jaime, é claro. Mas com Anthony é diferente. Ele parece nunca gostar da minha presença.

Anthony é grandioso de uma forma que eu nunca tinha visto, ou até mesmo ouvido falar. Nunca antes me relacionei com uma pessoa tão certa de si mesma. — E quando digo relacionar, leia-se “passar perto”. — Ele exala segurança e força, e não precisa de ninguém para garantir seu sucesso.

Nós vivemos em mundos diferentes, e às vezes acho que é isso que me atrai. *Só pode ser.* Esse luxo, exuberância e riqueza. Nunca fui fascinada por esse tipo de vida, mas me pergunto por que estou tão alterada em relação ao Anthony. Além de ele ser lindo, é claro, e *sexy*, e dominador, e sedutor. Nego com a cabeça os pensamentos insistentes. Devo ser uma pessoa fútil. Sim, deve ser isso. Não, na verdade, não estou atraída pelo luxo e essa coisa toda. Tenho medo disso, isso sim. Medo de não corresponder às expectativas das pessoas que estão incluídas nesse meio. *Seja verdadeira, você tem medo de não corresponder às expectativas do Sr. Hill.* — Diz meu consciente.

Na noite da última festa, Anthony me dispensou de uma maneira tão bruta, como se me mostrasse qual era o meu lugar. Talvez essa seja a verdade então. O cordeiro pelo leão, a aluna pelo professor, a empregada pelo patrão. Clichês.

OMG. Estou pirando. Viro em direção ao mar. Estou sozinha no *deck* e meus pensamentos continuam vagando.

Acho que o Jaime me roubou toda adolescência, e a paixonite pelo Anthony deve ser uma maneira de expressar a inexperiência nessa área.

Paixonite? Acho que preciso esquecer essa história e pensar em ir logo embora daqui.

Viro em direção à casa e saio com passadas firmes em direção ao meu quarto.

No jantar, estamos todos quietos. Anthony e tio Blake estão com a cara fechada, como se algo estivesse errado entre eles. Não consigo me organizar mentalmente desde aquele surto de pensamentos absurdos no *deck*. Parece que a

noite vai ser um desastre total.

— Amanhã terei... hum... uma reunião de negócios. — Falou Anthony. — Acho que seria propício você oferecer a Victória um passeio por Miami, Black.

Tio Blake aparenta querer comer o fígado do Anthony no jantar. Parece estar furioso.

— Adoraria. — Tento amenizar as coisas, pois acho que Anthony está nos expulsando de casa.

— Tudo bem. — Tio Blake concorda sem falar mais nenhuma palavra.

Passear pelo centro de Miami foi muito bom. Tio Blake parece não ter engolido o fato de ter sido excusado de casa, mas ainda assim, foi um ótimo guia turístico.

Quando voltamos, ninguém aparece para nos recepcionar, o que de fato é estranho, porque a casa vive cheia de empregados por todo o lado.

Quando chego na sala, levo um susto.

Anthony está *grudado*, sim, está grudado em uma mulher. Ele está beijando ela. *OMG*. Sinto um nó no estomago. Uma mão percorre toda a cintura dela enquanto a outra sobe até sua nuca. Sinto meu corpo petrificado. Não consigo mexer nenhum músculo. É claro que o sentimento não é de traição. Não. Nem poderia. É um sentimento de inveja, sim, de inveja daquela mulher nos braços dele. E não só por isso, mas sim por toda sua aparência refinada, coisa que o Anthony deve exigir das suas mulheres. Seus cabelos castanhos, sua altura, sua magreza, e sua beleza são de dar inveja a qualquer modelo internacional. Deve ser rica também, pois suas roupas são chiques e caras. Certamente são caras.

— Parece que estamos... — Tio Blake fica sem fala ao ver a mesma cena que eu.

Anthony se desvencilha da mulher e nos olha. Seu olhar possui triunfo, e isso me deixa cismada.

— Nos desculpe. — Ele finalmente fala.

Abaixo a cabeça. Prefiro não olhar para o rosto seguramente perfeito da mulher e muito menos para o cinismo de Anthony.

— Boa noite! — A mulher fala. Uau. Por que até sua voz tem que ser refinada. — Sr. Collin, como vai?

— Bem.

— Quem é essa linda jovem? Não vai nos apresentar Anthony? — *É desdém que ouço na voz dela?*

Viro e olho para o tio Blake, que por certo, está olhando Anthony.

— Ninguém que você precise se preocupar. — Anthony diz com secura.

Rio baixo, incrédula. Isso não podia ser mais ridículo. Tio Blake no mesmo instante olha para mim. Sorrio.

— Com licença. — Saio com toda a classe em direção ao meu quarto. No entanto, quando chego na escada começo a correr. Instantaneamente lágrimas começam a percorrer meu rosto. Nunca fui tão humilhada, tão mal-amada, tão não desejada na minha vida. Bem, se ele queria me colocar no devido lugar, fez de maneira certa. *Como pode uma pessoa mudar tanto de um dia para o outro?*

Ontem eu estava falando em estar apaixonada por um homem que hoje certamente me declarou idiota. Ontem eu estava feliz por causa de um bobo passeio de barco. O que posso ter feito para merecesse tratamento hoje?

Quando dou conta, já estou arrumando as malas. É isso, vou embora. Já devia ter ido. Não me encaixo aqui. Vou esperar todos dormirem. Sem discussões, sem escândalos.

Depois das malas prontas, deito e choro até pegar no sono. Queria saber o que minha mãe diria de tudo isso. Queria meu pai para me abraçar com força, e

me tranquilizar.

Acordo assustada e suada, e praticamente dou um pulo da cama. Olho a janela e vejo que o dia já está clareando. Saio em direção ao banheiro, me visto e resolvo de uma vez por todas acabar com essa agonia que me consome. Sei que não tenho motivos para estar tão deprimida. Anthony sempre foi sincero comigo e sempre demonstrou sua antipatia por mim. Só não entendo o porquê. Em alguns momentos pensei nele como sendo cortês, atencioso e até cuidadoso. Então ele vem com sua verdade e estraga a figura desenhada por mim.

Ele deve ter transtorno temperamental. Riu.

Bem, já que estou rindo da situação, acho que posso tirar proveito dela.

Escrevo um bilhete para o Tio Blake e o deixo junto com a chave do carro que Anthony me deu, em cima da mesa do café da manhã, que por sinal já está colocada e bem servida.

Querido Tio Blake,

Eu já estava pensando mesmo que era hora de voltar para NY, e depois do ocorrido de ontem, não vejo mais necessidade de ficar.

Agradeço a hospitalidade do Anthony, no entanto, peço encarecidamente que no futuro, você me exime de encontrá-lo.

Por favor, não se dê o trabalho de perguntar o porquê, pois tão pouco eu saberia respondê-lo.

Encontro você em breve,

Sua sobrinha adotada.

Tory.

O amanhecer está lindo, e sinto-me reconfortada de saber que terei essa bela companhia na viagem.

O táxi já está me esperando quando saio da casa.

Olha para a imensa casa que deixo para trás. Sinto pena em saber que não voltarei a vê-la.

Entro no táxi e partimos. Meu voo sai em seguida e preciso quanto antes chegar em casa.

Capítulo Nove

Nova Iorque, janeiro de 2014.

Correr sempre foi uma atividade gratificante. Ela faz bem para o corpo e para a alma. Nestes últimos dias venho praticando bastante no *Central Park*, e está funcionando. Meu corpo parece estar mais alerta e minha alma mais confortada. Já não penso mais no que aconteceu em Miami. Decidi que não vale apenas criar rugas pelo Anthony. O que ele pensa ou fala de mim já não importa. Aquela paixonite não passou de deslumbramento, e agora que estou longe dele consigo refletir melhor. Tenho que focar na minha carreira, e tão logo no Jaime, que deve voltar a qualquer hora.

É claro que o Anthony deve continuar lindo e atraente, mas se eu conseguir mantê-lo fora do meu caminho, estarei segura. O único problema é minha moto. Sinto muito a falta dela. Tenho que encontrar uma forma de obtê-la novamente sem ter que solicitar ao *todo-poderoso* Sr. Hill.

Tio Blake me ligou depois do episódio em Miami, e creio que desta vez ele aceitou que eu e o Anthony não fazemos um par harmonioso nem para amizade. É claro que disse a ele que não fiquei magoada, fiz com que ele entendesse que não estou disposta a forçar uma simpatia pelo Hill, e ele pareceu me entender.

Amanhã a rotina volta ao normal, e vou me concentrar no trabalho, uma vez que foi para isso que vim a até Nova Iorque. A única coisa que ainda me perturba é o fato do Anthony não ter me atualizado sobre o reparo da minha moto. Isso me deixa frustrada. Nem ao menos sei em qual mecânica ela está, e não posso pedir para o Tio Blake interceder por mim neste caso. Acho que a única saída é procurar um advogado. É claro que não vou processá-lo, ou algo parecido, mas pelo menos assim terei um porta-voz.

Sinto saudades da Sophie. Ela seria uma ótima porta-voz. *Ela pelo menos está na altura dele.* Esse pensamento me faz estremecer.

— Bom dia Caroline! Senti sua falta. — Abraço ela. Tornamo-nos amigas em poucos dias, e ultimamente preciso de amizade verdadeira. *E não de falsos amigos.* Penso em Anthony.

— Bem, teremos bastante tempo a partir de hoje. O ano vai ser longo.

— Espero poder contar com você, então.

— Você pode! — Rimos.

Somos compatíveis.

— A Sra. John volta a trabalhar hoje? — Fico ansiosa. Não sei se ela superou totalmente nossos últimos encontros.

— Ela deve voltar somente na próxima semana.

Suspiro. Mais uma semana de folga.

— Mas não fiquei tão tranquila. Sua caixa de e-mail deve estar lotada de recomendações.

— Ainda bem que gosto de trabalhar.

Sigo em direção a minha sala.

— Almoço hoje?

— No mesmo lugar de sempre. — Caroline diz.

No final da tarde estou exausta. A Sra. John não está, mas com certeza deixou trabalho suficiente para um mês.

Volto andando para casa.

Gosto de sentir a brisa do final de tarde, mesmo quando está frio.

Meu celular toca.

Dylan é o nome que aparece na tela.

Da última vez que nos vimos tudo ficou meio estranho. Resolvo atender e dar a ele uma chance de se explicar.

— Alô!

— Tory. Obrigado por me atender.

— Como você está?

— Esperando ser desculpado pela cena em Miami.

— Dylan. O que você fez foi... estranho, mas vamos atribuir isso ao álcool que você ingeriu e esquecer essa história, está bem?

— Então você me perdoa?

— Sim! — Sorrio. Não posso me dar ao luxo de diminuir meu círculo de amizades, e não quero. Sei que o Dylan é impulsivo, porém é inofensivo.

Pelo que me lembro daquele dia, Dylan estava tão eufórico com minha presença que tentou me beijar. Na hora do ocorrido fiquei chateada com ele, mas hoje, pensando bem, mais vale uma tentativa de beijo, do que ser ignorada na frente de estranhos como o Anthony fez.

— Então já posso marcar um horário na sua agenda para um encontro?

— Dylan...

— Qual é Tory? Você precisa conhecer Nova Iorque.

— Me promete que você não tem pretensões?

— Prometo que não vou fazer nada que você não queira.

— Ok. Vou lhe dar mais essa chance. Não me decepcione.

— Até mais, *Barbie*.

Desligo o telefone com sorriso no rosto. *Ele ao menos me faz sorrir.*

Assim que chego no restaurante na quarta à noite, vejo tio Blake me esperando.

— Não vamos falar sobre ele, não é mesmo? — Eu digo assim que o cumprimento.

— Se você insistir, não falaremos.

— Insisto.

— Tudo bem, minha querida. Só me deixe dizer que ele não ficou feliz em receber a chave do carro.

— Achei que isso já tinha se resolvido quando saí da casa. — Digo, assombrada.

— Na verdade, não tive coragem de entregar a ele. Fiz isso somente há algumas horas.

Uau. Por essa não esperava. Achei que Anthony tinha recebido a chave e tinha entendido de uma vez por todas que eu não aceitaria o carro. Isso explica a ausência do Diggle essa semana.

— Diga alguma coisa. — Tio Blake pedi, ansioso.

— Espero que ele aceite o presente de volta, e vá tirar logo o carro da minha garagem.

— Pela reação dele, tenho a impressão seu desejo não será realizado. Não sem uma briga.

— Por quê? Como ele reagiu? — Fico curiosa.

— Ele esbravejou, bufou e saiu dizendo que você era a criatura mais irritante que ele já havia conhecido.

— Bom que ele não precise mais conviver comigo, não é mesmo? — Digo com uma fingida calma.

— Sabe que não entendo essa cisma que ele tem de querer que você tenha um carro. — Ele falou confuso. — Se ele não gosta de você... — De repente ele ficou em silêncio, mas eu já sabia como ele ia terminar a frase.

— Deve ser remorso. — Penso alto.

Tio Blake me olha com desconfiança?

— Remorso de quê? — Ele pergunta.

— Não sei. Por não gostar de mim do jeito que o senhor gostaria.

— Anthony não tem remorso de nada. — Ele falou pensativo.

Ou tem, penso. A culpa pelo acidente provavelmente é a causa.

— Podemos mudar de assunto?

Já em casa, deitada na cama, escuto meu celular vibrar. Decido esperar até amanhã para ver a mensagem.

Quando saio do prédio, fico pasma ao encontrar o Sr. Diggle.

OMG. Vai começar tudo outra vez.

— Bom dia Sr. Diggle!

— Srta. White. — Ele acena com a cabeça. Dessa vez ele está sério, não sorri.

— Nós não vamos começar a brigar, não é mesmo?

— Não, se a senhorita entrar no carro.

— Acordei cedo justamente para poder caminhar. Você não vai me tirar esse

prazer, não é?

— Peço encarecidamente que a senhorita aceite minha carona, caso contrário estarei despedido.

Fico de boca aberta com a declaração. Não é possível que aquele *sou-dono-do-mundo* está ameaçando tirar o emprego de uma pessoa honesta, por capricho.

Não sei o que fazer. Se entrar no carro vou dar a ele o gosto da vitória, literalmente. Se não entrar, vou me culpar por tirar o sustento de uma família.

Entro no carro sem dizer nenhuma palavra.

Tiro o celular da bolsa, porque tenho a intuição que sei quem foi o autor da mensagem de ontem à noite.

SMS, às 00:13h.

Não jogue comigo Srta. White.

Nunca perco.

A.H.

Digito uma mensagem sem pensar direito nas consequências.

SMS, às 07:20h.

Sempre há a primeira vez para tudo.

Me aplauda quando eu estiver do pódio.

V.W.

Sete minutos mais tarde, antes de sair do carro, recebo uma nova mensagem.

SMS, às 07:37h

Vou encarar isso como um desafio.

A.H.

Ele deve estar brincando. Que homem irritante.

SMS, às 07:38h

Sinta-se à vontade.

V.W.

Enfio o celular na bolsa e saio do carro. O Sr. Diggle acena com a cabeça, sem falar nada. Ele deve estar chateado comigo, afinal por minha culpa ele poderia perder o emprego. Preciso urgentemente colocar o *Senhor-eu-que-mando* no seu devido lugar.

Aceitei a carona do Sr. Diggle nos demais dias da semana. No entanto, hoje pretendo dar um fim nesta situação. Vou encontrar o Dylan e pretendo pedir a ele uma indicação de advogado. Não posso ficar nessa quebra de braço com o Anthony, e também quero muito recuperar minha moto. Já se passou um mês, e creio que já foi tempo suficiente para concertá-la.

Hoje Dylan vai me levar a um *pub*. Então resolvi me arrumar com mais

apreço, ele é todo sofisticado, e não quero que sinta vergonha de sair comigo. Coloco uma saia justa, um blazer elegante, e uma blusa com decote generoso — presente da Sophie. Uma sandália preta com tiras até o tornozelo finaliza o *look*. Minha maquiagem é leve, não quero parecer vulgar, e a roupa já me deixa bastante exposta.

Antes de sair o telefone toca.

— Alô!

— Minha querida, que bom que ainda peguei você em casa.

— Algum problema, tio Blake?

— Passei a pouco na frente do seu prédio, e vi o carro do Anthony saindo. Ele esteve aí?

Ótimo, o Sr. Diggle deve ter desistido.

— Não, ele não esteve aqui. Deve ter vindo visitar algum amigo.

— Nunca vi o Anthony com um amigo. Colegas sim, mas visitá-los seria demais para ele.

— Bem, aqui ele não esteve. — Graças a Deus.

— Tudo bem, minha querida. Vá se divertir. Se controle na bebida.

— Pode deixar.

O *pub* é agradável. Assim que entramos vejo uma escadaria linda, os lustres sofisticados, o bar está fervendo, e as mesas lotadas.

— Acho que não vamos conseguir sentar. — Falo para o Dylan.

— Não se preocupe. Já temos um lugar reservado. Venho muito aqui depois das reuniões. Todos já me conhecem.

Fico constrangida ao saber que provavelmente “todos” vão me comparar com as outras mulheres que o Dylan já tenha trazido.

Quando ele me viu, assim que abri a porta do apartamento, ficou sem palavras. Cheguei a ficar preocupada, ele não falava nada, somente me olhava. Quando ameacei em trocar de roupa, ele me segurou pelo braço e disse que eu estava perfeita. Fiquei feliz em saber que não vou decepcionar na frente dos seus conhecidos, mas ao entrar aqui, vejo que as mulheres são notáveis, e pareço ser uma criança diante delas.

— Venha. — Dylan me puxou em direção da escada.

Acho que esse andar deve ser das pessoas exclusivas. Todos aqui estão elegantes e ao que me parece todos vieram do trabalho.

Sentamos em uma mesa bem no centro do lugar, o que nos deixa expostos.

— Sei que não é conveniente conversar sobre o ocorrido agora, mas não ficarei tranquilo o restante da noite se não o fizer.

Olho para ele com angústia. Não quero me lembrar daquele momento. Não quero lembrar do Anthony. Não quero lembrar do beijo.

— Você precisa me perdoar, *Barbie*. — Ele continua falando. — Tinha bebido um pouco, e vi você dançando com o Hill, pensei que ele estava marcando território, e queria que você soubesse que estava ali, a fim de você.

Não consigo falar nada. O fato dele achar que o Anthony estava marcando território está totalmente equivocada, mas não deixo de sentir um frio na barriga quando penso no beijo. Será que ele queria mesmo me marcar como sendo dele? *É claro que não. Lembre-se de como você saiu da casa, dias depois.* — Meu consciente me traz para realidade.

— Achei que você era a vítima da vez.

Isso me deixa curiosa. Ele já tinha falado isso aquele dia.

— Vítima da vez? O que você quer dizer?

— Ah, você sabe... Hill e sua insanidade de mostrar ao mundo que ele pode tudo.

— Continuo não entendendo.

— Ele pega uma mulher, a usa por um tempo, e por fim quebra o coração dela.

— Com que propriedade você diz isso?

— *Barbie*, está em todos os canais de fofoca. “A vítima da vez do milionário Anthony Hill é a fulana...”

— Pare. — Fico em choque. Ele não pode estar falando a verdade. Anthony pode ser frio e irritante, mas usar as pessoas dessa forma, seria demais. — Você não pode acreditar em tudo que se fala na mídia.

— Acredito no que vejo, Tory. Ele sempre está nos eventos com mulheres diferentes. A cada três eventos ele muda. Todos ficam apostando como será a reação da vítima da vez quando levar um fora dele, e também quem será a próxima vítima.

— Eu... — Eu não sei o que falar. Resolvo mudar de assunto. — Dylan, vamos ficar falando do Anthony a noite toda?

— Não, claro que não, mas antes de mudar de assunto, me explica por que ele foi socorrer você aquela noite? você diz que não é a vítima da vez...

— Por favor Dylan, cale a boca. — Digo exasperada. — Não sou esse tipo de mulher. Você sabe que estou namorando, e respeito o Jaime. — *Embora meus pensamentos sejam pecaminosos em relação ao Anthony*. — Estou aqui com você como amiga, assim como o Sr. Hill foi tentar me socorrer como um amigo faria.

— Acreditaria, se não fosse pelo fato dele não ter amigos. — Ele falou.

— Bem, então o motivo do socorro, você terá que perguntar ao Hill.

Espero ter encerrado o assunto.

Me concentro na música que está tocando. *La la La, Naughty Boy e Sam Smith.*

Acho que essa conversa me deixou um pouco irritada. Mas, ao passar das horas, Dylan consegue me distrair novamente, e voltamos a ser um casal de amigos aproveitando a noite.

O lugar fica ainda mais lotado, as pessoas começam a dançar, a música ficou mais alta, e as conversar também.

Dylan muda de lugar, e vem ficar ao meu lado. Estava impossível conversar com tanto barulho.

Falamos sobre a Sophie, principalmente, mas ele tocou no nome do Jaime também.

— Ele é louco em te deixar aqui sozinha. Olha quantos caras já tive que encerrar, para que parassem de olhar para você.

— Jay confia em mim.

— Certo. Ele não devia confiar nos outros.

— Ele vai voltar logo.

— Ele vai vir morar em Nova Iorque?

Essa foi uma pergunta que me pegou desprevenida. Nunca pensei nessa possibilidade. Sei que Jaime jamais deixaria a mãe dele para vir morar comigo, e eu mesma jamais pediria que ele fizesse essa escolha. Mas se ele resolver vir? Não sei. Poderia dividir o apartamento com ele, em quartos separados. Acho que afinal a Sophie tem razão, se não consigo pensar em dividir minha cama com Jaime, provavelmente não tem chances de nossa relação continuar.

— Você está ficando muito séria. — Ele ri. — Vamos mudar de assunto.

Depois de três tequilas e muita cerveja, começo a ficar tonta. Já não consigo me concentrar em nada. Dylan parece que também está assim. Nossas

gargalhadas ficaram mais histéricas, e nossa conversa mais animada. Ainda não estou bêbada, mas acho que se não parar de beber, posso ficar logo.

— Fala sério! — Dylan dá um murro da mesa.

— O que foi? — Fico assustada.

— Se soubesse que você ia trazer um segurança, teria contratado um também.

— Do que você está falando?

— Hill está aqui.

Meu coração palpita. Minha face fica ruborizada ao ouvir seu nome. Minhas pernas perdem a força. Fico ainda mais tonta do que antes.

— Onde? — Falo quase como um sussurro.

— Vamos dançar, não quero outra cena.

— Onde ele está? — Falo mais firme. Quero vê-lo. Há duas semanas não o vejo. Meu corpo está inquieto, e meus olhos procuram por ele.

— Não olhe agora, ele já nos viu.

Paro de procurar. *O. Meu. Deus. Estou ansiosa por tocá-lo de novo.* O que estou pensando. Se concentra Tory. Esse é o mesmo homem que te desprezou outro dia.

— Mas que merda! — Ele bate novamente na mesa.

— O que foi dessa vez? — Pergunto, incomoda.

— Ele está vindo para cá.

Respire. Respire. Respire. Tento me concentrar na garrafa de cerveja.

— Boa noite!

Reconheço imediatamente sua voz rouca. Borboletas dançam na minha

barriga. Meu coração pulsa fortemente no meu pescoço. *Estou perdida.*

— Boa noite, Hill. — Dylan fala, e passa seu braço em volta do meu corpo, por cima do meu ombro.

Continuo olhando para baixo. Não consigo deixar de morder o lábio.

— Srta. White.

Conto até três e o olho.

Ele ainda está mais divino do que eu lembrava. Uma sobrancelha está erguida, de maneira inquisitória.

— Boa noite, Sr. Hill. Prazer em voltar a vê-lo. — Tento soar confiante.

— É sempre um prazer em vê-la, Srta. White.

Ele me olha de cima a baixo, lentamente, queimando meu corpo.

— Estávamos indo dançar. Você nos dá licença? — Dylan diz.

Anthony não tira os olhos dos meus.

— Na verdade, vim até aqui lhe dar notícias do Blake.

— Aconteceu alguma coisa? — Fico preocupada.

— Ele me ligou a pouco. Disse que estava indo ao pronto-socorro. Não estava passando bem. Resolvi ir embora, e ver como ele está. Você me acompanha?

— Claro. — Me levanto rapidamente.

— Posso te levar Tory. — Dylan diz apressado, também levantando de sua cadeira.

Os dois homens ficam se medindo. Ambos com o olhar furioso.

— Tenho certeza que o meu carro pode levá-la Scott.

— Eu a trouxe. Eu a levo.

— Você bebeu. Está visivelmente alterado. — Anthony diz, ainda mais furioso.

— Você também estava bebendo.

— Meu motorista está me esperando, por tanto não há com que se preocupar.

— Posso pedir um táxi, então. Não se preocupe você.

— Já chega! — Grito.

Estou no meio dos dois homens.

— Dylan, acho melhor eu ir com o Anthony. Assim podemos ir direto ao hospital ver o tio Blake. Depois conversamos.

Anthony levanta um canto da boca.

— Por favor. — Ele estende a mão, para que eu passe na frente.

— Até mais Dylan. — Dou um beijo no rosto. — Eu te ligo.

Ele não diz nada, só nos observa.

No momento, só estou preocupada com o tio Blake. Ele sabia que eu ia sair com o Dylan, deve ser por isso que não me ligou para falar sobre seu estado de saúde.

Ao sairmos, Anthony coloca sua mão nas minhas costas. Um arrepio sobe até minha nuca. Já estava com saudade dessa sensação. É como se aquela mão me possuísse.

Ele abre a porta do carro para que eu entre, e vai falar com o Sr. Diggle.

Assim que ele entra, o meu ar some. Por que sempre fico nervosa ao estar perto dele?

— Seu namorado é condescendente com suas saídas com o Sr. Scott?

Fico surpresa pela pergunta.

— Meu namorado confia em mim. — É a segunda vez que falo isso hoje. Minhas palavras estão um pouco embaralhadas. *Deve ser o álcool.*

— Ele não devia confiar nos outros. — Essa é a segunda vez que escuto essa frase hoje também.

— O que acontece com os homens de Nova Iorque? Dylan é um amigo. Um dos poucos que tenho aqui. Jaime o conhece. Tenho certeza que ele não vai se importar.

— Que tipo de namorado não se importa com sua mulher saindo com outros homens.

— Oh não. Não. Não vou ter essa conversa de novo.

Ele me olha, erguendo aquela sobrancelha irritante.

— Vamos falar do tio Blake, afinal é por isso que estou aqui com você.

— Você bebeu?

— Um pouco.

— Parece que bebeu o suficiente para estar alterada.

— Por que você tem que ser tão chato?

— Chato? — Ele levanta as sobrancelhas e sorri. — Você é a única mulher que usa adjetivos negativos em relação a mim. — Ele diz, ainda sorrindo.

— Mesmo depois de você descartá-las? — Agora sou eu que levanto a sobrancelha. *Toma essa, Hill.*

Ele me observa um pouco e depois responde.

— Não costumo ficar para ouvir.

— Pois devia. Creio que meus adjetivos dirigidos a você, são um elogio perto do que elas devem falar. — Olha para o teto do carro. Minha cabeça está

leve. Quase girando.

— Foi o Sr. Scott que lhe falou isso?

— O que importa?

Ele pega minha nuca e me coloca com o rosto de frente para ele.

— Me importa o fato de tê-la alertada sobre ele, e você não ter escutado.

— E quem deve me alertar sobre você? — Sussurro.

Ele se aproxima. Nossas bocas ficam poucos centímetros uma da outra. Seu nariz reto e perfeito toca o meu. Sua respiração acelera assim como a minha.

— Chegamos. — Sr. Diggle quebra o feitiço.

Viro o rosto, envergonhada. Tinha esquecido do Diggle.

Quando olho pela janela, vejo que estamos em frente ao meu apartamento.

— O que...

Anthony sai do carro e abre minha porta.

— Vou levar você até a porta. — Ele diz.

— Quero ver o tio Blake. — Digo, sem entender nada que está acontecendo.

— Amanhã você o verá. Hoje você vai para casa, dormir. — Ele segura meu braço, e me leva elevador adentro.

— Você deve estar ficando maluco. — Eu puxo meu braço de volta.

Por um estante, acho que ele vai me agredir. Seu olhar se torna escuro, e seu rosto mostra certa fúria. Ele me encurrala num canto do elevador e coloca suas mãos sobre minha cabeça.

— Acho mesmo que estou ficando maluco.

Ele me beija. Um beijo feroz, de posse. Nossas línguas se encontram

tornando o beijo ainda mais íntimo. Sua mão vai para a minha nuca. Não consigo me mexer. Meu corpo está extasiado.

O elevador abre, e sem eu saber como, já estamos na porta do apartamento.

Ele para de me beijar, respira fundo e encosta sua testa na minha.

— Chave. — Ele diz.

Fico apavorada e começo a procurar a chave na minha bolsa. Eu a encontro, porém, não tenho forças para colocá-la na fechadura. Anthony pega a chave da minha mão e com agilidade abre a porta. Quando estamos lá dentro, ele me puxa e beija novamente.

Toda vez que nos beijamos sinto como fosse derreter. Ele me segura pela cintura e me leva em direção ao quarto. *Sim. Me faz sua mulher.* É só nisso que consigo pensar.

Seu beijo suaviza, ele me deita na cama, e beija meu rosto até chegar no meu pescoço. Solto um gemido.

Sua língua percorre o lado do meu pescoço, em direção ao meu decote. Nunca antes senti algo tão delicioso. Meu corpo anseia por ele.

Ele desabotoa meu blazer e meus seios ficam expostos.

— Sem sutiã? — Ele sussurra.

Minha parte íntima pulsa fervorosa.

— Sim. — Consigo dizer.

Ele me puxa pela cintura, em direção ao seu membro duro. Retribuo a investida e Anthony respira fundo.

Deseja-me. Ele realmente me deseja. — Esse pensamento faz com que eu sinta mais prazer.

Por fim, após vinte e dois anos, vou fazer isso. Vou me entregar a um homem, e esse homem é Anthony Hill, não Jaime Thompson, meu namorado.

Ele desliza sua mão até o meu seio, acariciando, me fazendo esquecer o resto.

Uau. Nunca permiti alguém ir tão longe. Jaime jamais passou dessa barreira. No entanto, não consigo pensar em fazer o Anthony parar. Na verdade, meu corpo quer mais.

Sua boca segue fazendo um tormento em meu corpo, até chegar ao meu mamilo enrijecido. Arquejo, levando meu corpo junto ao dele, quase como se implorando.

— É... tão... delicado. — Ele geme. — Quero beijar cada centímetro de você.

Ele segue usando a língua para brincar com o meu mamilo com certa perícia, enquanto sua mão agarra minha cintura.

O telefone toca uma... duas... três vezes.

— Anthony, o telefone! — Ofego.

— Deixa tocar! — Sua boca segue do meu mamilo traçando um caminho pelo pescoço, e chega até minha boca novamente.

O beijo está mais apressado, mais intenso. Ele pega minha nuca, e coloca minha cabeça para o lado, e beija o nódulo da minha orelha. Ofego.

O telefone continua a tocar.

— Anthony... pode ser do hospital.

Suas habilidades são muito boas, desejo-o com loucura.

— Não existe hospital. — Ele diz, sussurrando.

— O quê? — Minha voz sai como um sopro.

— O Blake não está no hospital. — Ele sussurra. Fico confusa.

— O Blake não está no hospital?

Coloco minhas mãos no seu peitoral forte e másculo e o empurro com força.

— Como assim não está no hospital? — Falo, apreensiva.

Ele fica atordoado, com a respiração ofegante, levanta da cama, passa as mãos no seu cabelo, como um gesto de frustração.

— Desculpa. — Ele fala, com os olhos fechados, e as duas mãos na nuca.

Anthony começa a andar pelo quarto, como um predador enjaulado.

— Não devia ter ido tão longe. Perdi o controle da situação.

— Do que você está falando Anthony? — Sento na cama, fechando meu blazer que estava aberto e puxando minha blusa de volta ao lugar devido — O que você quer dizer com “o Blake não está no hospital”?

— Você teria aceitado vir embora se não fosse assim? — Pergunta, irritado. Ele fixa o olhar no meu, o calor irradiando seus olhos.

— Você está querendo dizer que inventou essa história para eu vir embora com você?

Não sei se fico exasperada por sua mentira, ou lisonjeada por ele me querer.

— Não pretendia ir tão longe. Era para tê-la deixado na portaria. — Ele diz, de forma seca.

Instantaneamente levanto da cama e vou em direção a ele, irritada. Então o que ele queria era me tirar da companhia do Dylan, por capricho.

— Você é louco? — Paro a centímetros dele, tensa.

— O que falei para você sobre o Sr. Scott? — Anthony levanta aquela sobrancelha irritante.

— Não acredito! — Olho para ele friamente. — Você estava tentando me dar uma lição?

Ele me olha confuso.

— Foi assim que você imaginou que terminaria minha noite com o Dylan?

Ele dá um passo para se aproximar ainda mais, abaixa a cabeça, deixando nossos rostos quase grudados. Não consigo deixar de notar que seus olhos são lindos, mesmo quando está furioso.

— Você iria trazer ele aqui? — Ele fala, ameaçador.

Minha garganta está seca, e luto contra a vontade de chorar. Imaginei que essa seria minha primeira transa. Pensei em me entregar a esse homem, e ele estava apenas me mostrando como posso parecer fácil.

— Vai embora Anthony!

Anthony me olha por um minuto, faz a menção de se aproximar — acho que vai me beijar — sua mandíbula se aperta, e por fim, ele recua, atordoado, recolhe o casaco, e antes de passar pela porta, dá um murro na parede.

Pulo, com o susto. Engulo a saliva, e assim que escuto a porta bater, começo a chorar.

O. Meu. Deus. Iria me entregar a um homem que acha que sou uma prostituta qualquer. Pela segunda vez ele me levou a crer que me desejava, no entanto, ele queria me dar uma de suas estúpidas lições. Não consigo segurar o soluço. É claro que ele não sente desejo por mim, ele quer é mostrar para todos que pode possuir o que bem entender. Só que não sou uma de suas aquisições.

No meio dessa confusão, ainda tem o Jaime. Estive a ponto de estar com outro homem na cama, e acredito que esse é o sinal que faltava para que eu desse conta de que esse namoro nunca teve amor entre um homem e uma mulher, e sim um laço de amor entre amigos.

Deito na cama, e adormeço chorando.

Depois de um almoço de domingo agradável, eu e o tio Blake passeamos no

Central Park. O dia está frio, mas a neve cessou. A paisagem do Central Park é branca, mas as pessoas aproveitam o sol para sair de suas casas.

— Tio... estive pensando... será que você...

— O que foi Tory? Pode falar... você parece estar gaguejando. O que está te afligindo?

— Eu... — Preciso resolver isso. — Gostaria de saber se você tem algum carro sobrando na sua garagem. — Sorrio e mordo o lábio. Só Deus sabe o quando tenho vergonha de pedir mais favores ao tio Blake.

— Tenho sim. Pode usá-lo quando quiser. — Ele me olha curioso.

— Preciso para essa semana. Somente para essa semana.

— Claro, minha querida. Você já pode levá-lo hoje mesmo. Não estou usando no momento.

— Obrigada.

— No entanto, eu queria saber o porquê você precisa de um carro agora. Você tinha me dito que o assunto da moto estava resolvido. Achei que o seguro tinha lhe oferecido um carro.

— Na verdade... o seguro... — Penso no Anthony. — Ofereceu. Mas achei que minha moto ficaria pronta na semana passada, e devolvi o carro. — Não acredito que estou mentindo para única pessoa que realmente se preocupa comigo. — A moto só fica pronta na próxima semana.

— Tudo bem. Pode pegar o carro. — Ele pensa um minuto e torna a falar. — E o carro que o Anthony lhe deu de presente?

— Devolvi a chave, lembra? E de qualquer forma não vou usá-lo.

— Ele tirou o carro da sua garagem?

— Não que eu tenha visto. Mas tenho duas vagas no prédio. Não quero me incomodar com o Anthony agora.

— Ok. Mudamos de assunto então? — Tio Blake fala, bem-humorado.

Na segunda-feira saio da garagem sem o Sr. Diggle me ver. O carro do tio Blake serviu de escudo contra a vontade do Hill. Agora posso sair de casa sem ter que passar pela barreira chamada Diggle.

No meio-dia, no entanto, me deparo com outra barreira. Meu celular vibra, e por algum motivo meu corpo também reagi assim.

SMS, às 12:48h

Você não foi trabalhar. Aconteceu alguma coisa?

A.H.

Não respondo a mensagem dele.

Depois de conversar com a Caro sobre um advogado eficiente, decidi que já não podia mais lidar com o Anthony. Ele deteriora minha paciência. Hoje, depois de burlar a vontade dele sobre a carona do Sr. Diggle, é hora de resolver a questão da minha moto. O advogado disse que seria muito simples conseguir as informações da minha moto, o bem em questão é meu e o Sr. Hill não tem direito de enclausurar do mesmo.

Na terça-feira também consigo passar despercebida pelo Sr. Diggle. Foi uma ótima ideia ter pedido o carro do tio Blake emprestado. Fico feliz em não ceder as vontades do Anthony. Espero que em breve minha moto já esteja aqui, na garagem, para que possa usá-la novamente.

Em casa, procuro descansar e ler, para evitar pensar em tudo que aconteceu na sexta-feira. Minha cabeça dá mil voltas em torno de como a noite podia ter

terminado, e em todos os finais imagináveis, eu acabava perdendo a virgindade com o Anthony.

Hoje decido que tenho que resolver meu problema com o Jay. Ligar para casa dele não seria uma opção, já que ele não ligou para avisar que chegou, também porque não gostaria de falar com a mãe dele, mas, o celular dele está sempre desligado e fora de área, então creio que vou ter que fazer o inimaginável.

— Boa noite, Sra. Thompson. É Tory White.

— Oh! Claro. Tudo bem, Tory?

OMG. Ela me chamou de Tory. Prevejo algo errado.

— O Jaime está sempre com o celular desligado. A senhora tem algum outro número que eu consiga entrar em contato com ele?

— Minha querida, achei que ele já tinha falado com você.

Fico assustada. Nunca antes ela me chamou de *minha querida*.

— O quê?

— Ele não gostou de você ter mudado sem falar com ele. Disse que nunca mais queria vê-la novamente. Que estava tudo terminado entre vocês.

— Você falou sobre minha mudança com ele por telefone? — *Bruxa*.

— Não querida. Ele já retornou da viagem na semana passada.

Meu mundo caiu. Abriu um buraco negro embaixo dos meus pés. Jaime, meu Jaime, não quis nem ao menos falar comigo. Não quis pedir uma explicação. Não consigo acreditar que ele pode ser tão frio.

— Ele me disse que iria mandar uma mensagem para você terminando. Depois ia mudar o número do celular. Ele chegou muito mudado. Mais objetivo. Acho que você não vai gostar desse novo Jaime.

Não posso acreditar nas coisas que ela está falando. Jaime jamais mudaria

tanto em tão pouco tempo. Ele jamais me negaria uma chance de explicar.

Bem Tory, você ia terminar com ele mesmo.

— A senhora poderia me passar o novo contato dele?

— Não. — Ficamos em silêncio por um instante. — Ele me proibiu, me desculpa.

Respiro fundo. Estou sem chão. Achei ao menos que a amizade poderia continuar. Jaime, embora não seja o homem que escolhi para ser meu, era antes de tudo meu amigo, meu porto seguro. Sabia que podia contar com o apoio dele a qualquer momento.

Ele deve ter conhecido outra pessoa. Só pode ser isso. *Não seja boba, você também conheceu.*

— Obrigada pelas informações, Sra. Thompson. — É tudo que consigo dizer.

Acho que o tio Blake vai gostar de saber que nada mais me prende a Greenville.

Capítulo Dez

Nova Iorque, janeiro de 2014.

— Sophie, ele era bom para mim, e isso é tudo que posso pensar agora. Perdi mais alguém que me amava.

— Ok. Ele podia ser bom ombro amigo, mas como homem está fora de questão.

— Você só pensa nisso?

Contei para a Sophie sobre o termino. É claro que ocultei a parte que ligava para o Jaime justamente para terminar nosso namoro. Não quero participar de um questionário, porque isso implicaria em falar do Anthony.

— Tory. Você tem que prometer que não vai correr atrás dele. Promete?

— Não vou, Sophie. Sei que fiz errado em não contar para ele sobre a mudança, e sei também que ele tem toda a razão em ficar chateado comigo. Acho que quando a dor passar, ele pode vir me procurar. Vou dar esse tempo a ele.

— Seu novo *titio* deve estar pulando de alegria.

— O tio Blake ficou preocupado comigo, me convidou para jantar, mas quero ficar em casa um tempo, para pensar em tudo isso.

— Você vai colocar um pijama fofo e comer sorvete no pote?

— Acho que sim. — Sorrio.

— Chorar é uma possibilidade?

— Acho que não. — Riu.

— Então acho que você pode superar.

— Posso te pedir uma coisa? — Falo.

— Claro. Vou tentar realizar mesmo do outro lado do mundo.

— Não fala nada para o Dylan. Pelo menos por enquanto.

— Tarde demais querida. Enquanto estou aqui no telefone com você, já mandei uma mensagem para ele.

— Oh, Sophie, honestamente. — Fico furiosa.

Decido não sair de casa ou atender o telefone pela próxima semana.

Na manhã de sexta-feira, o tio Blake parecia preocupado quando ligou para o escritório da *News*.

— Minha querida, você não pode ficar tão deprimida.

— Vai passar tio Blake, não se preocupe.

— Se não puder vê-la, não acreditarei.

Já não consigo mais explicar que estou bem. Ele não entenderia. Deixo que ele pense que estou “na fossa”. Isso é melhor do que explicar que o namoro já não seguiria em frente, por conta do sobrinho dele.

Depois dessa conversa, resolvo ligar meu celular, que estava desligado desde então. Cinco mensagens aparecem na tela.

SMS, às 23:45h

Parabéns Barbie!

Esse término merece comemoração.

Todo seu,

Dylan.

Oh, Sophie, vou matá-la.

SMS, às 00:10h

Isso nada tem a ver com você sair com Hill naquele dia,

não é mesmo?

Dylan

Ótimo, agora ele acha que terminei com o Jay por causa do Anthony. *Mas não era isso que ia acontecer?* — Diz meu consciente.

SMS, às 09:58h

Um advogado? Sério?

Sou um homem durão Srta. White.

A.H.

Respiro fundo. Por que o Anthony precisa ser irritante até por telefone?

SMS, às 18:20h

Sexta à noite estou livre.

Vamos marcar algo.

Beijo

Dylan

Definitivamente Sophie, você está morta.

SMS, às 07:43h

Não estou acostumado a ser ignorado.

Retorne minhas mensagens,

ou terei que me tornar mais dramático.

A.H.

Vai esperar sentado. Antes mesmo de conseguir pensar em algo para respondê-los, sou chamada pela fria Sra. John, que depois do episódio na *Hill Enterprises*, está mais gelada que a neve que cai lá fora. Decido que essa sexta-feira já começou fatídica.

Antes de sair do trabalho, entro em contato com o advogado, e isso já me deixa um pouco mais animada, logo estarei em posse da minha moto.

— Muito breve. — Disse ele.

— Oi Abigail. Tio Blake está?

Estou na porta do apartamento do tio Blake. Não quero que ele fique preocupado comigo, por isso resolvi visitá-lo no domingo.

— Sim, Srta. White, entre.

— O que aconteceu com *Tory*?

— Me desculpe, é que cada um tem uma mania. — Ela parece confusa. — Entre. O Sr. Collin está no escritório.

— Pode deixar, Abigail. Sei onde fica. Quero fazer uma surpresa para ele.

— Tudo bem, fiquei à vontade.

Sigo em direção ao escritório. O apartamento do tio Blake é muito bonito, porém, não tão luxuoso e grande com a casa do Anthony em Miami. — *Nem perto disso*. Paro na porta do escritório. Tio Blake está conversando com o Anthony. *Bendita hora que resolvi fazer uma visita*.

— Ela está deprimida, não atende o telefone, não sai de casa. — Tio Blake diz, de cabeça baixa.

— Ela não está indo trabalhar?

— Creio que está indo. Falei com ela pelo telefone do escritório. — Ele parece arrasado. — Como pode alguém não desejar seguir a vida com ela? Como pode alguém ter a intenção de fazê-la sofrer? — Tio Blake diz, choramingando.

— Bastardo. — Anthony dá um soco na mesa, o que faz com que o tio Blake levante a cabeça.

Ele me olha, assustado, e se levanta. Anthony instantaneamente olha para

trás e me vê.

— Desculpe. — Digo, quase com um grito.

— Tory, que bom que você está aqui. — Diz o tio Blake, vindo na minha direção.

— Não queria atrapalhar. — Olho para o Anthony.

— Não está atrapalhando. — Tio Blake diz.

Anthony me olha de cima a baixo, me inspecionando. Os dias que se passaram, depois da cena com o Anthony no meu apartamento, foram de reflexão. Sabia que enquanto o Anthony estivesse fora da minha vista, estaria a salvo. No entanto, não estava preparada para encontrá-lo tão cedo.

— Só vim dizer oi. Já estou de saída.

Olho uma última vez para o Anthony, que está com a mandíbula tensa. Seu olhar me queima. Dou um beijo no tio Blake e saio correndo do apartamento.

— Deixa que resolvo isso. — Escuto o Anthony falar para o tio Blake enquanto saio.

Hoje é um grande dia. Meu advogado ligou e disse que minha moto está na frente do prédio, me esperando. Estou tão feliz. Sei que agora posso retornar minha vida da onde parou, depois do acidente.

Assim que a vejo, fico emocionada. O Sr. Smith logo se aproxima.

— Bom dia, Srta. White.

— Bom dia, Sr. Smith. Acredito que vai ser um dia incrível.

— Já parou de nevar, mais é importante manter cuidado. O asfalto está escorregadio.

Sorrio. Me simpatizei com o Sr. Smith desde o começo da nossa relação, e ele parece sentir grande carinho por mim.

— Vou ter cuidado.

— O Sr. Diggle não apareceu hoje.

— É... espero que ele tenha seu emprego preservado.

— Oh, não se preocupe, ele trabalha a anos para o Sr. Hill.

Olho-o curiosa.

— Você já o conhecia?

— Sim, ele sempre vinha aqui quando o Sr. Hill emprestava o apartamento para suas vítimas.

Levanto a sobrancelha.

— Vítimas? — A voz do Dylan sussurra no meu consciente. Vítima da vez.

— Sim, foram muitas. — Ele ri. — Mais elas nunca ficaram muito tempo. — Ele sorri e dá um *tapinha* no meu ombro. — Você deve ser diferente.

Bem, isso é estranho. Sorrio e embarco na moto. Então o Dylan falou a verdade. O pior é que todos acham que sou a premiada da vez.

Hanna está perturbada hoje. Já me chamou na sua sala dez vezes, e em todas elas, me dispensou antes de dizer alguma coisa.

— Caro. O que está acontecendo com a Hanna hoje?

— Não sei, mas depois que ela recebeu uma ligação ficou assim, nervosa.

— Mas não passei nenhuma ligação para ela.

— Foi uma chamada no celular particular.

— Deve ser alguma coisa pessoal então.

— Pode ser.

— Victória. — Hanna grita novamente.

— Vou lá, de novo. — Rimos.

— Sra. John.

— Sente-se.

Sento pela décima primeira vez hoje.

Ela respira fundo.

— Você vai viajar a trabalho.

Fico confusa. *Eu?*

— Achei que somente você fizesse as viagens.

Ela me olha com fúria.

— Sim, somente eu faço, no entanto, o cliente quer uma visão nova do produto, neutra, se é que me entende.

— Sim, é claro. — Não entendi nada.

— Você vai amanhã para Londres. Seu voo sai às nove horas. Não se atrase.

— Não preparei nada...

— Já está tudo preparado. O cliente já providenciou tudo. Passagens aéreas, hotel, motorista... você só deve levar sua bagagem. O restante já está acertado.

— Mas não entendo...

— Eu também não. — Ela fala, sarcástica. — Mas você vai de qualquer forma. É um cliente importante.

— E quem é o cliente?

— Ele exige sigilo. Disse que assim você pode se manter imparcial, até conhecer o produto.

Ok. Demoro um pouco para digerir. Estou indo para Londres. Sorrio. Isso é demais. Um sonho que vai se tornar realidade. Posso conhecer os pontos turísticos na minha folga. E posso encontrar a Sophie. Fico eufórica só de pensar nessa possibilidade.

— Outra coisa. — Diz a Sra. John, me tirando do deslumbre momentâneo. — Você está dispensada está tarde. Pode ir embora arrumar as malas.

Sorrio.

— É só isso. — Ela me expulsa do escritório.

Saio feliz.

Capítulo Onze

Londres, fevereiro de 2014.

A passagem aérea foi de primeira classe, o motorista veio me buscar com uma limusine, e estou na cidade mais romântica do mundo. Não desmerecendo Paris é claro, mas foi aqui que meus personagens favoritos viveram há séculos atrás.

Londres, 1800... meus livros geralmente começam assim. E aqui estou, em 2014 vivendo esse sonho.

Quando o motorista para na frente do *Hotel Mandarin Oriental Hyde Park* quase morro do coração. A visão é deslumbrante. As luzes desenham cada linha das janelas e portas. É como se estivesse viajando no tempo. Sinto como se fosse uma duquesa em seu castelo.

Estou hospedada na suíte superior. O quarto é moderno, em tons azuis, e um lustre de cristal craquelado. A suíte ainda possui closet, banheira, uma sala de estar, poltronas macias e uma escrivaninha com tampa de couro muito encantadora. Me sinto uma *Lady*.

Minha reunião está marcada para amanhã, então hoje vou aproveitar para relaxar.

A sala de reunião é de extrema elegância, assim como todo o restante do hotel. O luxo aqui é palpável. A Sra. John não me informou quantos dias devo permanecer aqui, então preciso aproveitar cada instante dessa incrível viagem.

Logo que sento, uma mulher muito bem vestida entra na sala. Uma pasta preta é colocada no centro da mesa.

— Bom dia Srta. White. Favor queria aguardar, em breve a reunião deve começar. Você pode ir se familiarizando com o produto. Com licença.

Não sei porque, mas essa pasta me dá medo. De qualquer forma, a abro.

Dentro tem um projeto arquitetônico. Estranho. Não, o projeto não é estranho. Estranho é o projeto ser o produto. Balanço a cabeça e me atento aos detalhes. É um projeto de uma casa. A fachada me faz lembrar de um castelo, no entanto, é mais moderno. Vejo descrições de um lago, um jardim, um estabulo. Uau. É mesmo como se estivesse colocando no papel os desenhos que fiz em minha memória lendo os livros das minhas autoras preferidas.

Estou absorta quando entram mais duas pessoas. Levanto para cumprimentá-los, quando me deparo com o Anthony. Vou sentando devagar. Minhas pernas fraquejam, meus olhos arregalam, meus dentes começam a trabalhar nos meus lábios. Meu corpo já não responde meu instinto.

Anthony sorri, mas não um sorriso irônico, e sim um sorriso genuíno, como quando o vi pela primeira vez.

— Bom dia, Victória.

Agora realmente devo ter voltado ao tempo. Ouço sua voz angelical, a mesma que me trouxe para a realidade depois do acidente.

— Sr. Turner, esta é a Srta. White, nossa conselheira de marketing.

Estou pasma, mas minha educação responde.

— Bom dia Sr. Turner, como vai?

— Nossa, Hill. Ela é muito linda. Como você consegue se concentrar no trabalho quando uma moça linda assim está presente numa sala de reunião? — O Sr. Turner me parece muito com o tio Blake, com os cabelos grisalhos, e as rugas já aparentes.

— Me esforço ao máximo, Sr. Turner. — Anthony fala, olhando para mim.

O que deu nele?

— Bem meu querido, deixe essa distração para mim então. Bom dia, Srta. White. É um prazer em conhecê-la.

— O prazer é todo meu.

Anthony explica que estou aqui como uma opinião neutra sobre o projeto, já que não o conhecia ainda. Eles falam sobre o novo empreendimento imobiliário e os benefícios financeiros. O projeto vem tencionado com a ideia de que as pessoas ligadas com a história da Inglaterra, possam de uma maneira, possuir uma residência dos sonhos.

Bem, acredito que indiretamente o Anthony acertou em me convidar. Se fosse uma milionária como ele, certamente iria querer uma casa dessa.

A reunião foi tranquila, e Anthony a conduziu com elegância e astúcia. Ele é muito bom no que faz, e tenho certeza que o empreendimento será um sucesso.

Após levar o Sr. Turner até a saída, Anthony vem até mim.

— Hoje tenho compromisso durante o dia todo, mas a noite pego você para jantar.

— Isso é um convite?

Ele sorri.

— Não Victória, é ultimato.

— Você é assim sempre tão romântico?

— Achei que não fosse opção de par romântico para você.

Nós olhamos, ambos estudando um ao outro. A intensidade é tanta, que me faz pensar nas possibilidades. Abaixo a cabeça. Estou aqui a trabalho e preciso focar nisso. Não posso deixar o Anthony me abalar novamente.

Ele coloca seu dedo indicador no meu queixo, e levanta minha cabeça.

— Você está bem?

Suspiro.

— Sim.

— Bom. Não quero ver você triste por aí por causa de um bastardo.

— Jaime não é um bastardo, Anthony.

— Que seja! Ele é um idiota de qualquer jeito.

— Já o superei. De qualquer forma, iria terminar com ele.

Isso parece que acendeu o olhar do Anthony.

— Por que diz isso?

— Nós sempre fomos mais amigos do que um casal de namorados. Vou sentir a falta dele, da amizade dele. Só isso.

— Fico feliz em saber.

Ele me surpreende e encosta seus lábios nos meus.

— Te pego às vinte horas.

Ele me olha, e sai da sala.

Coloco as mãos nos lábios, e fico parada feito uma árvore.

Resolvi não visitar Sophie hoje. Estou muito ansiosa por conta do jantar. Comprei um vestido enquanto conhecia a minha cidade favorita. Quero estar linda. Sei que meu coração esperançoso não escuta minha cabeça inteligente, mas a forma como o Anthony falou, me deu esperanças.

Às dezenove horas já estou pronta. Minha maquiagem está leve, meus

cabelos estão presos para lado, por uma presilha. Meu vestido é fantástico, e de uma maneira sofisticada, mostra todas as minhas curvas. O azul do vestido acentua meu olhar, e faz com que meus olhos pareçam maiores. Acho que estou no nível das mulheres com quem o Anthony costuma sair. Espero que seja suficiente. Borboletas passeiam na minha barriga. Não sei se vou conseguir comer alguma coisa.

Às vinte horas, ouço uma batida na porta. Minhas pernas fraquejam. Respiro fundo, e sigo para atender.

Anthony está no lado de fora, espetacular, usando uma calça jeans escura, uma camisa social branca, e um blazer azul marinho. Sorrio inquieta. A imagem dele na minha porta já me causa distúrbio nervoso.

Ele me olha dos pés à cabeça, me inspecionando.

— Acho melhor ficarmos no quarto.

Levo um susto. *Mas já?* Achei que isso ia acontecer somente no final da noite.

— Não vou aguentar ver todos os homens desejando minha mulher.

Minha mulher? *OMG.*

Sorrio nervosa.

— Não seja bobo. — Viro o olhar, porque o magnetismo é quase insuportável.

Ele segura na minha nuca, e me faz olhá-lo.

— Com você, geralmente ajo como um bobo. — Ele passa a mão nos meus lábios. — Mas hoje vai ser diferente.

Ele me beija levemente os lábios.

— Vamos, antes que eu mude de ideia e realmente queira ficar no quarto. — Ele diz.

Chegamos ao restaurante, e é claro já tinha uma mesa reservada. O lugar é lindo como tudo aqui. Não sei me comportar diante de tamanho luxo. Meu lábio está inchado de tanto que o mastigo. Estou muito inquieta.

— O que foi? — Anthony me pergunta, com um olhar amistoso.

— Estou nervosa. — Minha boca está seca, e minha voz sai falhada.

— Por que está nervosa?

— Não sei. Talvez porque nossos encontros nunca terminam bem. Quando digo encontro, não quero dizer encontro... encontro... é.... na verdade... encontro...

— Casual? — Acho que ele está se divertindo.

— Sim. — Respiro fundo. Meu coração está palpitando.

— E você está nervosa somente por isso? — Levanta uma sobrancelha inquisitória.

Mal ele sabe que meus pensamentos estão além desse jantar. Eles estão no quarto, mais especificamente na cama.

As bebidas finalmente chegam, e assim posso me esquivar de respondê-lo.

— Sabe... — Anthony começa a falar, acho que para me acalmar. — Nunca tive um encontro... encontro... — Ele ri. — Somente encontros casuais. Posso considerar esse o meu primeiro encontro? — Ele levanta um canto da boca, o que o torna ainda mais sexy.

— Bem, considerando que nunca tive também...

— Como assim? E os encontros com seu *ex-namorado* — ele dá ênfase no “ex”. — Não conta?

Rio.

— Eu e o Jaime nunca tivemos um encontro de verdade. Nossa relação começou na amizade desde bem cedo, quando ainda éramos crianças, e assim ela permaneceu.

— Mas depois de começar a namorar... não rolou encontros? — Ele pergunta sério, com o olhar fixo no meu.

— Não.

Ele franze a sobrancelha.

— Impossível. Vocês namoraram bastante tempo, não é mesmo?

— Nós costumávamos sair, é claro, mas ... não sei explicar sem que soe estranho...

— Bom... então acho que esse é o nosso primeiro encontro, literalmente.

— Por que você nunca teve um encontro? — Estou curiosa.

— Acho que as mulheres não precisam disso para serem estimulá-las. Basta você ter dinheiro envolvido, e tudo fica bem.

Fico chocada com a declaração. Tenho que morder o lábio para segurar o riso.

— Por que você diz isso?

— Experiência própria. — Ele diz, sério.

— Então você acha que dinheiro é tudo?

— Não, mais a maioria das pessoas acha. O que você acha?

— Eu? — Rio nervosa. — Acho que o amor move tudo.

— Mas você está aqui em Londres através do dinheiro. — Ele responde sarcástico.

— Não penso assim. Estou aqui em Londres porque amo o meu trabalho. Fiz a faculdade de publicidade, não para ganhar dinheiro, mas por amor.

Ele me interrompe.

— E você se mudou para Nova Iorque por quê?

— Por amar a possibilidade de um recomeço, um novo trabalho, novos amigos, novos...

— Homens?

— Não. — Eu balanço a cabeça em sinal de negação. — Achei que casaria com o Jaime.

— E por que não ficou em Greenville por amor ao Jaime?

Essa pergunta me pega de surpresa. O primeiro pensamento que me vem à cabeça é *por que nunca o amei de verdade*. Mas prefiro não falar isso para o Anthony.

— O amor não vai embora junto com o caminhão de mudança. Podia amá-lo mesmo de longe, mas parece que ele não pode.

— Um brinde a ele, que deixou você sozinha para que outro homem tenha a sorte de te encontrar.

Tomo um gole generoso do vinho. Preciso relaxar, e o álcool parece ser o caminho.

Depois de comer uma comida deliciosa, sugerida pelo *Sr. Grande e Sexy Hill*, nós passeamos na *Hyde Park*, próximo ao hotel.

Anthony contou que só pode ficar dois dias, ou seja, minha passagem aérea provavelmente tem a mesma validade. Ele falou também sobre o trabalho que está realizando com uma empresa de construção civil, que vai construir versões atualizadas de antigas propriedades históricas.

Nossa conversa foi bem amigável, e sem muito sarcasmo, o que é surpreendente. Hoje o Anthony está diferente, mais calmo, e mais relaxado.

Espero que a situação não mude quando voltarmos para Nova Iorque.

— Você voltou a pilotar a moto? — Ele pergunta de repente, me deixando aflita pela mudança de assunto.

— Sim. Pilotei ela no mesmo dia em que voltou para minha garagem.

— O carro continua na lá, você deve ter notado.

— Sim, notei, mas estava com muita coisa para pensar, e acabei esquecendo de resolver esse assunto.

— O assunto já está resolvido Victória. Quero que você fique com ele.

Cada vez que ele pronuncia meu nome, meu coração pula em um ritmo frenético. É como se ele tivesse acariciando minha alma. Lembro-me da minha mãe. Ela era enfática quando o assunto era meu nome.

— Tory é fraco demais. Você é Victória. Forte e perspicaz. — Dizia ela.

Será que Anthony pensa como ela?

— Você está bem? — Anthony me olha, preocupado.

— Estava pensando na minha mãe.

— Aposto que ela gostaria que aceitasse meu presente.

— Bem, você tem razão. Ela jamais recusava um presente.

— Então você devia aceitar.

— No entanto, meu pai era mais firme, e nenhum presente o comprava.

Sentamos no banco, e ambos ficamos pensativos. Depois de algum tempo quieto, Anthony quebra o silêncio estabelecido entre nós.

— Você acha que estou tentando comprá-la?

— Se não for isso, não sei o que é então.

— E a compraria por qual motivo?

— Pelo silêncio? — Digo erguendo os ombros.

Ele dá uma gargalhada.

— Você está falando sério? — Ele me indaga. — Victória, não tenho medo que você fale para o Blake, ou aos jornais e revistas, até mesmo na televisão. Estou dando a você o carro porque alguém precisa te impedir de andar naquele projeto de fatalidade.

— Acho que devemos mudar de assunto, porque isso já foi resolvido pelo meu advogado. — *Ninguém vai me impedir de nada.*

Ele sorri.

— Você acha que foi o seu advogado que resolveu?

Fico confusa.

— Não foi?

— Bom, para começar tenho uma equipe de advogados muito bem preparada para resolver qualquer assunto. Seu advogado com certeza não seria suficiente se eu quisesse realmente ficar com sua motocicleta.

Abro a boca para dizer que não tinha como ele ficar com minha moto, no entanto, ele levanta seu dedo, informando que não acabou de falar.

— Devolvi sua moto... porque você estava passando por um momento difícil... com o término do seu namoro.

Fico pasma.

— Você não pode ser mais audacioso. Não sei se fico furiosa ou lisonjeada.

— Com certeza lisonjeada. — Diz ele, com humor.

— Acho que ambos. — Digo, na dúvida. — Você acha que estou em fase de decadência por um amor não correspondido?

— Achei, no passado, mas agora sei que não. — Disse aliviado.

Riu.

— Você é muito presunçoso. — Digo sorrindo.

Ele me olha pensativo.

— Gosto da maneira como você me vê.

— E como eu vejo você?

— A versão verdadeira. Arrogante, presunçoso... — Ele sorri com malícia.

— E você gosta que eu o veja assim?

— Eu gosto do fato que você não minta para me agradar. Eu gosto de saber que você está aqui mesmo me conhecendo de verdade.

Ele se aproxima e me beija apaixonadamente.

Não me importa que as pessoas estejam olhando. Esse é o nosso primeiro beijo sem lições, sem raiva. Esse é um beijo apaixonado, sem restrições.

Meu corpo reage instantaneamente a ele, e Anthony percebe que estou pronta para me entregar.

Ele me levanta devagar, e me olha intensamente.

— Quero levar você para o hotel.

Aceno, sem conseguir falar.

— Mas não quero deixá-la na porta.

— Eu também não quero. — Estremeço.

Ele sorri com malícia, coloca seu casaco no meu ombro, e me puxa pela mão até o hotel.

Abro a porta do meu quarto, me sentindo ansiosa. Anthony está logo atrás de

mim, cheirando o meu pescoço. Não consigo me concentrar. Não sei se devo dizer a ele sobre minha virgindade. *Acho melhor não. E se ele rir de mim? OMG. É claro que ele não vai rir de mim. Ele não é uma criança.* Vou dizer a ele.

Antes de eu começar a falar, ele estende a mão, segura a minha nuca, me olha com os seus olhos brilhantes, e me beija. Sua ação rápida me deixa surpresa. O beijo é intenso e quente. Sua língua acaricia a minha, e nossos corpos se unem com ardor. Anthony me pega no colo, nunca desgrudando sua boca da minha. Minhas pernas ficam ao redor de sua cintura, e meus seios estão contra seu peitoral forte. Meu coração dispara com a intimidade e meu sangue ferve por todo o meu corpo.

Meu consciente sabe para onde ele está me levando, e meu corpo está em pleno acordo. Assim que chegamos na cama, ele me deita, beija todo o rosto, e vai descendo pelo pescoço. Minha pele se arrepia pelo desejo imenso nunca antes sentido.

— Quero você. — Ele sussurra e volta a me beijar.

Quando ele abandona minha boca, sinto-me perdida e com muito frio. Ele tira seus sapatos e meias, seu cinto, o blazer e a camisa, depois desliza seu corpo em contato com o meu, e novamente me sinto completa com o seu calor.

— Você imagina como te desejo? — Ele fala entre os dentes, antes de pegar o nódulo da minha orelha. — Vamos tirar esse vestido de você.

Ele me puxa pela mão, e fico de pé. Após abrir o zíper devagar, ele deixa uma trilha de beijos quentes nas minhas costas. Ele abaixa a alça do meu vestido e volta a ficar na minha frente. Aos poucos fico despida e o Anthony me olha com paixão. Com uma mão ele me puxa para fora do vestido, e me beija.

— Você é linda.

Meu corpo quase nu toca o seu. Minha respiração fica ofegante somente por senti-lo assim. Ele me solta, e tira sua calça chique, e ambos ficamos somente com as partes íntimas cobertas. Levo um susto quando ele me pega no colo, e dou um gritinho. Ele sorri e acaricia meu rosto.

Anthony me deita na cama, e monta em mim. Uma mão segue em meu

cabelo, e a outra corre meu corpo por inteiro.

— Seu seio se encaixa perfeitamente na minha mão. — Ele sussurra.

Ele segue com seu rastro de beijos até o meu mamilo. Ofego com a sensação. Hoje sei que segurei minha virgindade para ele. Somente ele pode me fazer sentir assim. Ele vai descendo até encontrar minha calcinha. Com uma rápida ação, me vejo nua embaixo dele. Noto que ele também ficou nu. Meus olhos viajam até sua ereção, e me faz ficar nervosa. Não contei para ele que sou virgem, e espero com apressado que ele não consiga notar agora.

Anthony pega o seu membro e estimula meu clitóris, lentamente.

— Oh... — Coloco minha cabeça para trás e gemo.

— Sim... está pronta para mim. Ele coloca a camisinha antes de me penetrar.

Com um polegar, Anthony mexe no meu clitóris, enquanto seu membro ereto está na entrada do meu sexo.

Ele segura minha cabeça com as duas mãos e finalmente me penetra, lentamente.

Fecho os olhos com força, e mordo o lábio para evitar gritar com a dor.

— Abra os olhos Victória. — Anthony me olha confuso, perdido. — O que aconteceu? Está doendo?

— Continua, por favor. — Sussurro.

— Você era virgem? — Ele me diz, assombrado.

O olho como se pedindo desculpas, e engulo seco.

— Deus, como te desejo. — Disse ele com um suspiro presunçoso. — Minha Victória. — Ele sorri, triunfante. — Só minha. Minha.

— Sim... — Minha boca está seca. Não consigo me concentrar na conversa. Meu corpo pede mais dele.

— Vou me mover de novo. Me avise se doer. — Seus olhos estão brilhantes

em êxtase.

Quando ele se move novamente, não sinto mais dor. Um prazer imenso toma conta do meu corpo. Sinto-me quente, insaciável, esperando liberar meus hormônios. Anthony mexe lentamente, como se saboreando o momento.

— Mais. — Suplico.

— Você é muito apertada. Tenho medo de te machucar.

— Você não vai me machucar. Por favor, Anthony.

— Diz de novo. — Ele diz, entre os dentes.

— Por favor, Anthony. — Sussurro.

— Sim.

Ele se move, e desta vez não se detém. Ofego. Sua mão agarra minha cintura, e seu corpo vem contra o meu, cada vez com mais intensidade.

Meu corpo fica flertando com o êxtase. Ele segura meu rosto e me beija ferozmente.

— Goza para mim. — Ele suplica.

Meu coração acelera e minha respiração fica irregular. Meu corpo se arrepia, e minhas pernas sentem um fraquejar. Aos poucos vou sentindo o prazer tomar conta de mim.

Logo ele investe com mais agressividade.

— Victória. Minha Victória.

Ele geme, e deixa sua cabeça cair nos meus seios.

Depois de alguns instantes ele levanta a cabeça e me olha com atenção.

— Machuquei você? — Ele me questiona, exigente.

— Não... — Suspiro. — Foi perfeito.

Ele me beija lentamente, então sai da cama, tira a camisinha, coloca no criado-mudo, e deita ao meu lado. Estico meu corpo, que ainda está vivendo a sensação do orgasmo. Sorrio. *Foi absolutamente maravilhoso.*

— Você está sorrindo. — Ele diz, glorioso.

Mordo o lábio. Não sei como me comportar perante a ele agora.

— Você devia ter me contado que era virgem. — Ele me diz, sério.

— Mudaria alguma coisa se soubesse?

Ele parece pensar.

— Acho que não. — Ele sorri e acaricia meu rosto. — Você é perfeita. Como aquele bastardo deixou passar a oportunidade de te fazer mulher? — Ele sussurra, e mexe com uma mecha do meu cabelo.

— Tem certeza que você quer falar sobre o Jaime agora?

Ele parece pensar.

— Você tem razão. Não quero.

Ficamos nos acariciando, quase como se não acreditando no que aconteceu entre nós.

— Queria poder fazer amor com você de novo.

— Sim. — Respondo sem pensar em mais nada.

— Sim. — Ele sorri, sexy. — Mas não. Não quero que se machuque. Não tenho experiência com virgens, mas acho melhor você ter um tempo para se recuperar. — Explicou ele.

— Oh! — Fico decepcionada.

— Mas podemos nos conhecer de várias outras formas.

— Posso perguntar como? — Fico terrivelmente interessada.

— Vou mostrar todas elas a você.

Ele desliza sua língua até minha barriga e me olha.

— Agora vou saboreá-la Srta. White.

E essa foi a noite mais incrível da minha vida.

Quando acordo, vejo Anthony sentado da cama, me observando. *É a primeira vez que um homem me vê acordar.*

— Bom dia, Victória! — Ele diz, sorrindo.

— Bom dia! — Sorrio.

Ele me beija a testa, e cheira meu cabelo. Sinto-me no céu.

— Tenho uma reunião hoje. Você se importa se lhe deixar por algumas horas?

Fico surpreendida por seu cuidado comigo.

— Não. Está tudo bem. Pode ir.

Ele coloca sua mão no meu rosto, e acaricia meus lábios.

— Volto logo. — Ele sussurra, e me beija levemente, encostando seus lábios macios nos meus. Seu cheiro está ainda mais acentuado. Ele está de banho tomado, e isso explica tudo. *Só não explica o fato de ter um sabonete dele no meu banheiro.*

Quando ele se levanta, eu sento na cama, e ajeito meu cabelo. Nunca dormi com um homem, mas sei que sempre pareço horrível quando acordo.

— Até mais, minha pequena! — Ele dá uma piscadela antes de sair.

OMG. Estou apaixonada!

Seu cheiro está na minha pele, e acho que penetrou também meu coração. Sorrio como uma boba. Me sinto no céu. Devo parecer uma adolescente, e é como me sinto agora. Passo a mão por meu pescoço, e lembro dos seus beijos. Sorrio.

Preciso contar para Sophie. É isso. Estou em Londres, posso contar pessoalmente, e isso me deixa ainda mais animada. Saio da cama eufórica. No banheiro, vejo o sabonete do Anthony e uma escova de dente. *Será que ele vai ficar aqui, no quarto comigo?* Prefiro não criar expectativas.

Sophie está concentrada em frente ao computador. Resolvi fazer uma surpresa para ela. Estava com muitas saudades, e depois de fazer um tour pelos museus de Londres, vim até a empresa dos Clark's.

— Não quero atrapalhar...

Sophie olha por cima do computador, e pela primeira vez na vida a vejo surpreendida.

— Não acredito. Tory? O. Meu. Deus. Tory.

Ela levanta depressa e vem ao meu encontro.

— Sou eu. — Rio. Ela me abraça forte. — Você fez muita falta.

— O que você está fazendo aqui? Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

— Sophie... calma... deixe-me falar!

— Ok. — Ela respira fundo.

— Tenho tanta coisa para contar a você.

Ela franze o cenho, e me observa.

— Você está diferente, mais sorridente, mais mulher. Nova Iorque fez bem para você.

— Você nem imagina o quanto. Você pode sair? Podemos tomar um café, e conversar.

— Claro. Vou avisar a secretária, e podemos ir.

Vamos até *Hard Rock Café*. É um lugar agradável, e o fim de tarde nos faz lembrar de quando saíamos juntas em Greenville.

— Então, o Jaime não ligou?

Suspiro fundo.

— Não. Mas acho que acabou mesmo, Sophie.

— Então finalmente você concorda comigo?

— Acho que você sempre teve razão. Jaime é um amigo querido, mas acho que nunca o vi como namorado de verdade.

— Tory, o que aconteceu com você? Cadê minha amiga tímida, de coração frágil e sensível?

Sorrio. Ela é capaz de ver minha alma, só isso explicaria.

— Continuo aqui. Só que agora tenho uma visão melhor do que é amor. — Não acredito que falei isso.

— Então minha amiga está apaixonada? Não consigo arriscar o nome do homem de sorte.

— Sophie! — A repreendo. — Não estou apaixonada, só... — Não quero admitir.

— Só? — Ela questiona. — Tory, olha para você. Seus olhos estão

brilhando. Você esqueceu o Jaime em tempo recorde. Greenville já não está na sua lista de lembranças ruins. Eu diria mais, você já está amando.

— Não seja precipitada. Não é nada disso.

— Então me conta o que é.

— Sophie... — Ruborizo. — Não sou mais virgem. — Pronto, falei!

Ela não diz nada, só abre a boca com a surpresa. Pisca os olhos umas cinquenta vezes.

— Você não vai dizer nada? — Falo.

— Você ama ele.

— Isso não foi uma pergunta. — Falo, confusa.

— Não, não foi. Eu sei. Você jamais se entregaria a um homem se não o amasse.

Mordo o lábio. Não sei se é amor, mas realmente estou completamente apaixonada. Antes achei que era uma paixonite, e sim, também o odiei, mas dizem que o ódio e o amor caminham juntos, não é mesmo!?

— Quem é ele? O Dylan não é, porque se fosse ele, com certeza eu já saberia. Ele me contaria assim que saísse da cama.

— Credo, Sophie. Honestamente. — Censuro ela.

— Quem é? Estou curiosa.

— Lembra que sofri um acidente de moto?

— É claro, até hoje não sei quem é babaca. Oh... você não vai me dizer...

— Sim. — Mordo o lábio. — Sim, é ele.

— Tory... você está se saindo muito bem. — Ela ri.

— Tem mais.

— O quê?

— Ele é sobrinho *legítimo* — enfatizo a palavra legítimo — do Blake.

— Ok. — Ela respira fundo. — Agora você me chocou.

— Bom, ele foi atencioso quando aconteceu o acidente, me levou ao hospital, e depois me tratou muito mal, mas eu não sabia....

— Com assim, tratou mal?

— Você pode deixar eu terminar?

— Ok. Prossiga.

Expliquei a ela todos os fatos, inclusive o primeiro beijo.

— Sua safadinha.

— Para com isso. — Fico envergonhada.

— Ele deve ser muito bom mesmo. Você nunca falou assim de alguém, suspirando tanto.

— Ele é lindo, Sophie. E mandão, e arrogante, e *sexy*. — Mordo o lábio novamente, pensando na nossa noite.

— Victória White, você chamou um homem de *sexy*. Você é uma impostora. Bom, agora só preciso saber o nome do homem que te transformou.

— Anthony Hill.

Sophie arregala os olhos, espantada.

— Você está brincando!

Franzo o cenho.

— Não. Por quê?

— Anthony Hill? Você está pegando o multimilionário Anthony Hill? Tory...

— A claro, esqueci de comentar sobre o dinheiro. — Digo, sarcástica.

Ela segura minha mão.

— Não é isso... é que... ele é meio... como posso dizer para você entender... ele é um tipo de... — Olho ela com ansiedade. — Libertino. Daqueles romances de época que você lê. — Diz ela.

Não sei o que responder quanto a isso. Todos me pedem para tomar cuidado com o Anthony. Bem, agora não posso mais ficar longe dele.

— Não quero dizer que ele vai machucar você, mas ele é conhecido por ter sempre belas mulheres.

— E não me enquadro nesse perfil. — Meu pensamento sai em voz alta.

— Não é isso que quero dizer, Tory. Você é a mulher mais linda e meiga que conheço. Só que ele tem fama de mudar de mulher, como troca de gravata.

— Ok. Vou digerir isso.

— Tory. — Ela me olha profundamente. — Não pense nisso. Viva. Viva cada momento. Mais tome cuidado para não sofrer. É só isso.

De repente, Sophie olha por cima de mim e abre a boca.

— Acho que temos companhia. — Diz. — E ele não parece feliz. — Ela diz, sem mexer os lábios.

Quando olho para trás, vejo Anthony caminhando em nossa direção, como um furacão. Logo atrás vem o Sr. Diggle.

— Victória. — Ele me cumprimenta, seco.

De alguma forma, ele parece bravo. Seu olhar está soltando faíscas, e sua mandíbula está cerrada.

— Anthony. — O cumprimento, sem entender o que está acontecendo.

— Já que a Tory não faz a honra, eu mesma me apresento. Sou Sophie Clark. Amiga de infância da Tory.

Anthony estende a mão, e cumprimenta a Sophie.

— Srta. Clark. Você pode nos dar licença um minuto?

Ok. Isso foi grosseiro. Sophie me olha, indignada. Ela não está acostumada a ser tratada assim por um homem.

— Preciso mesmo ir ao toalete. Com licença.

Sigo a Sophie com o olhar. Como o Anthony pôde ser tão grosseiro.

Viro e o encarro. Ele está com o cenho franzido, me observando.

— O que deu em você? — Pergunto.

Ele bufa.

— O que deu em mim? Você está falando sério? — Ele levanta sua sobrancelha irritante. — Você sumiu, não deixou nenhum recado, não estava no hotel, não atendeu o celular... você mobilizou boa parte da minha equipe de TI. É isso que está acontecendo.

— Você está irritado por que eu saí do hotel?

Ele agarra o meu braço, com força.

— Não brinca comigo, Victória. Você mal conhece a cidade, e de repente some.

— Ok. Desculpa. Não imaginei que você ia se importar.

— Mas me importo. Nunca mais saia sem avisar. Não sou bom em trabalhar com certas expectativas.

— Você disse que ia estar numa reunião...

— A partir de hoje, Diggle vai estar com você.

— Anthony... — Não acredito. *Por que todo esse drama?*

— Você tem duas opções: sai com Diggle, ou não sai.

Fico exasperada, no entanto, Sophie retorna, e fico engasgada com muitas palavras não bonitas para falar ao *senhor-encrenca*.

— Está tudo bem por aqui? — Ela olha para ambos.

Por um momento ninguém responde. Eu e o Anthony continuamos nos encarando.

— O Sr. Diggle estará à disposição de vocês. — Ele fala, ainda olhando para mim. — Preciso voltar para minha reunião. — Agora ele olha para Sophie. — Prazer em conhecê-la, Srta. Clark. — Depois ele me olha, ainda furioso. — Até mais tarde Victória. — Ele levanta e sai, deixando o Sr. Diggle.

— Ok. Isso foi intenso. O que aconteceu?

Não sei, penso.

— Vamos passear. Gostaria de conhecer tudo por aqui. Você aceita ser minha guia particular? — Digo, ainda insegura com as minhas emoções.

— Claro. — Ela fala, e se aproxima de mim. — Vou me sentir superimportante com um segurança.

Somente ela para me fazer esquecer de tudo.

Chego ao hotel às vinte e uma horas. Já na recepção, sou informada que o Sr. Hill está me aguardando no restaurante. Ainda estou exasperada por toda aquela cena com a Sophie. Vou até o restaurante, mesmo achando que não estou vestida para isso. Passeamos pelos parques a tarde toda, minha calça jeans e sapatilha estão sujas, e minha blusa e casaco são simples. Com certeza não condiz com o luxo desse restaurante.

Assim que o vejo, meu coração palpita. Ele está lindo, sofisticado com seu suéter, e calça jeans cara. Seu cabelo está molhado e penteado. Seu perfume chega até mim, me fazendo suspirar. Vou até ele.

— Já jantei. — Digo.

Anthony levanta a cabeça, e me olha profundamente. Seus olhos estão mais calmos, mais seu semblante ainda está receoso.

— Sente-se.

Obedeço, submissa.

— Como foi seu passeio? — Sua voz sai profunda.

— Foi bom. Sophie conhece todos os pontos turísticos.

— Nosso voo para Nova Iorque é amanhã.

— Ok. — Suspiro. — Acho que vou para o meu quarto.

— Mandei que colocassem suas coisas no meu quarto.

Mandão e opressor. Ele acena para o garçom, fala alguma coisa e levanta. Sua mão é estendida em minha direção. Eu a aceito.

Já no seu quarto, olho ao redor. Não esperava outra coisa. É um luxo interminável. Tudo aqui cheira a dinheiro. É claro que sua beleza é visível, e toda a delicadeza é deslumbrante.

— Você quer tomar um banho? — Ele diz.

— Sim. — Engulo seco.

Ele pega a minha mão, e a beija. Fico sem fôlego. Ele me leva até a banheira, e meu coração pula descontroladamente. Anthony começa a se despir, e me deixa ainda mais nervosa.

Seu corpo é perfeito. Bronzeado do sol. Seu bíceps é malhado, e suas coxas são bem torneadas. Ele é um Deus grego.

Anthony senta atrás de mim, na banheira, e cheira o meu cabelo, fazendo-me arrepiar.

— Nunca mais fuja de mim. — Ele sussurra.

Ele beija meu pescoço, e sobe até chegar no nódulo da minha orelha. Não consigo pensar em mais nada. Seus braços são o meu bálsamo, e seu toque é a minha perdição.

Capítulo Doze

Nova Iorque, fevereiro de 2014.

A viagem de volta foi tranquila. Anthony trabalhou a maior parte do tempo, e na outra parte me ensinou diversas formas de fazer amor. Não sabia que no avião tinha um quarto, mas Anthony parece gostar de ter privacidade enquanto voa. Fiquei com medo que nos ouvissem.

— Anthony! — Ofego.

— Psiu. Quietinha. — Ele diz, ofegante. — Não quero ninguém imaginando você nua.

Gemo baixinho.

Desde ontem me sinto muito carregada de emoções contraditórias. Durante a tarde, no café, ele me deixou muito exasperada pela forma que tratou a Sophie, mas a noite, no quarto, me senti amada. Nunca sei como vai ser a reação do Anthony, mas isso faz com que eu sinta sempre borboletas na minha barriga.

Agora só resta saber como vai ficar a nossa situação quando chegarmos em Nova Iorque.

— Quero ver você hoje à noite. — Anthony diz, quando chegamos ao meu apartamento. *Ou seria o apartamento dele?*

— Tinha combinado de jantar com o tio Blake.

— Ótimo, jantamos nós três então.

Será que ele pretende contar ao Blake o que está acontecendo entre a gente? Fico apreensiva. Sophie me falou coisas que prefiro não pensar, mas toda hora passam pela minha cabeça.

— Não precisamos contar, se é isso que está fazendo você franzir a testa.

Ok. Ele realmente lê a minha mente.

— Acho melhor não contar. Ele acha que nos detestamos, e acabei de sair de um relacionamento.

— Tudo bem.

Ele aceita muito fácil. Estranho. *Talvez ele não queira assumir nada.* As palavras de Sophie continuam me assombrando.

— Nós nos vemos hoje à noite então. — Ele deposita um beijo casto na minha testa.

Diggle abre a porta do carro, e saio com meus pensamentos turvos.

Na realidade é a primeira vez que estou em um relacionamento totalmente consensual. O Jaime não me deu espaço para aproveitar a vida, e quem sabe essa seja minha oportunidade. Vou seguir o conselho da minha amiga, e apenas viver, sem pensar no amanhã. Anthony é um homem muito sofisticado e solicitado, e não quero me prender a ele sem saber quais são seus sentimentos por mim. Não quero ser a próxima mulher chiclete dele. Vou relaxar e aproveitar. *Carpi Diem.*

— Você está ainda mais radiante, minha querida. Londres foi muito boa para você. — Diz tio Blake.

— Reencontrei minha amiga, a Sophie, e ela consegue trazer paz para o meu coração.

— Foi só a sua amiga que aconteceu de bom em Londres? — Anthony chega

ao restaurante, e me viro para olhá-lo.

— Boa noite! — Sussurra no meu ouvido, e sorri, de forma lenta e sexy. Eu, é claro, ruborizo.

Tio Blake nos olha de forma estranha.

— A sua viagem para Londres parece que também foi muito boa, Anthony.
— Blake diz, erguendo uma sobrancelha, o desafiando.

Achei que o Tio Blake não sabia sobre a viagem de Anthony.

— Sim, Blake. A viagem foi ótima. — Anthony responde da mesma forma irônica.

É como se os dois estivessem conversando sobre outro assunto.

— Você sabia da viagem do Anthony para Londres?

Fico curiosa, afinal ele não comentou nada comigo.

— Não que ele tenha me contado, é claro. Acabei sabendo depois, pela assistente.

Olho para o Anthony, e ele ainda está olhando o Blake.

— Acho que sou *grandinho* o suficiente para não ter que explicar cada passo da minha vida.

Blake o olha com estranheza, e fico me perguntando se há algo que não sei.

— A levo para casa, Victória. — Anthony diz, depois da sobremesa.

Antes de conseguir responder, Blake se intromete.

— Não, Anthony. Eu a levarei. Preciso conversar mais com a Victória.

— Ok, ainda estou aqui! — Sinto-me exasperada. Eles estão falando como se estivessem disputando minha atenção, e ninguém ousou perguntar minha opinião.

Preciso mesmo me manter um pouco afastada do Anthony, então aceito a carona do tio Blake. Anthony não aprova, mas respeita minha vontade.

No carro, tio Blake ainda está esquisito.

— Está acontecendo alguma coisa? — Pergunto.

— Ia fazer a mesma pergunta para você.

— Não estou entendendo.

— Victória, minha querida, quando você disse que ia viajar para Londres porque sua chefe pediu, entendi, mas quando descobri que a empresa que requereu era a *Hill Enterprises*, não acreditei. Anthony nunca vai fiscalizar suas obras sem ao mesmo ter planejado muito isso, e digo, ele não tinha planejado. Para piorar, ele nunca chama ninguém da publicidade para ir até o local com ele.

Minha cabeça começa a girar. Tio Blake está dizendo que essa viagem foi um encontro programado?

— Por favor, me diga. — Tio Blake continua. — Você está tendo um caso com o Anthony?

OMG. Agora virei um pimentão vermelho. Começo a tossir descontrolada, sem saber o que dizer. Blake coloca uma mão em meu ombro.

— Não estou recriminando você.

— Tio Blake... — Gaguejo — Eu não estou... com.... o Anthony. — Na verdade, não é mentira, realmente não sei o que temos.

— Não quero que você se magoe Tory, nem que ele saia ferido desse "rolo" de vocês. Se decidirem que querem se relacionar, só peço que seja com cuidado, e bem pensando.

— Está tudo bem. Você não precisa se preocupar. Digamos que começamos a nos entender, e é só isso. — *Por enquanto*, diz meu consciente.

— Anthony nunca teve um relacionamento sério, e sei como você é romântica. Não quero que vocês criem expectativas um, no outro, que não possa

se realizar. Às vezes as pessoas se amam, mas têm sonhos diferentes. — Acho que não é mais de mim e do Anthony que o Blake está falando, mas deixo ele continuar. — Você é muito parecida com sua mãe, querida. Ela sempre quis formar uma família, e esse era o maior sonho dela. Já o Anthony tem muito de mim. Quer dominar o mundo, e ele ainda é mais decidido a fazer isso, controlar tudo e todos ao seu redor. Você vê a diferença entre esses dois mundos?

Começo a entender o que a tia Clark me disse. *Ele sempre fez de tudo por ela. Até não poder fazer mais, é claro.* Então ele não pôde realizar o sonho dela de ter uma família. Fico pensativa. Tio Blake me traz de volta.

— Está tudo bem, não vamos mais falar de coisas pesadas. Só não se envolva muito, tudo bem? — Tarde demais.

Respiro fundo para absorver toda essa conversa.

— Ok.

Chegamos ao prédio, e três caminhões de bombeiro estão estacionados em frente a ele. Uma nuvem de fumaça sai pelas janelas, o que dificulta ver o que realmente está acontecendo. Tio Blake avista o porteiro e logo sai do carro para averiguar. Quando volta, está todo preocupado.

— O que está acontecendo? — Pergunto.

— Parece que houve um incêndio em um apartamento, mas ainda não se sabe a causa. O prédio está interditado. Teremos que ir para minha casa.

— Mas, e as minhas coisas? Tudo que tenho está lá. — Digo, aflita.

— Vamos ter que aguardar a liberação, mas creio que isso não vá acontecer hoje. Melhor irmos para minha casa. Você passa a noite lá, e amanhã, com calma voltamos para ver o que aconteceu realmente.

— Estou sem roupas para vestir, e....

— Isso é o menos importante, querida. O que realmente importa é que você não estava aqui. Muitas pessoas se feriram. Graças a Deus você está a salvo.

A campainha da porta toca sem parar. Olho no relógio e vejo que são duas horas da madrugada. Essa hora a Abigail não está mais aqui para atender a porta. O que será que está acontecendo? Levanto, e coloco o hobby que tio Blake me emprestou.

Ouçõ a voz gritante do Anthony.

— ... ninguém sabe dela, e você aí, com essa calma, bocejando. — Diz ele.

— Anthony...

— Se algo aconteceu com ela, nunca iremos saber. Ela não tem família por aqui, não tem um contato, o celular dela está desligado. — Ele dá um profundo suspiro.

— Se você me deixar falar...

— Falar o quê? Hein? Você não se preocupa com ninguém. Você...

— Anthony, já chega! Você está alterado, e entendo...

— Não, você não entende! Coloquei um investigador atrás dela desde que vi o prédio daquele jeito, e nem ele a encontrou. — Ele grita.

— Ela está aqui, Anthony! — Tio Blake diz, também gritando.

A sala fica em silêncio, e me aproximo. Anthony está nervoso por medo de me perder? Será que há esperanças de eu ser importante para ele, como ele já é para mim?

— Victória? — Tio Blake me vê.

Anthony me olha nervoso me examinando dos pés à cabeça, dá três passos na minha direção, respira profundamente, e tranca o maxilar.

— Estou bem. — Sussurro, olhando para ele.

Ele me abraça forte, sem ligar para a presença do Tio Blake. Retribuo o abraço.

— Não estava no apartamento quando tudo aconteceu. Estou bem! —

Sussurro.

— Vamos para casa comigo, cuido de você.

Me solto devagar do abraço dele e olho para o Blake, que está nos observando.

— O Tio Blake já está cuidando de mim, e de todas as minhas necessidades. Não quero parecer desagradável. — Ele sempre se mostra pronto a me atender e quero que ele saiba que gosto de sua atenção. — Logo vou voltar para o meu apartamento...

— *Eu* posso cuidar de *todas* as suas necessidades, e mais ninguém. — Ele diz com um olhar que me faz arrepiar. — Pegue todas as suas coisas, ou o que tiver sobrado delas. Vamos para o meu apartamento agora. Amanhã resolvemos todo o resto.

— Anthony, já está tarde. Como você pode ver já estou vestida para dormir, e estava dormindo antes de você interromper meu sono. Não vou a lugar nenhum agora. Está tudo bem, estou bem. *Está tudo bem!* Você precisa ficar calmo.

— Estou calmo, mas vou ficar melhor se você vier comigo.

— Não vou sair a essa hora, Anthony. Estou bem, aqui. Acho melhor manter as coisas assim, pelo menos por agora. — Tento argumentar.

Nosso relacionamento começou recentemente, e não quero apressar as coisas indo ficar no apartamento dele. Tudo começou tão complicado. Desde que nos conhecemos as coisas nunca foram muito normais, e bem, acabei de terminar um relacionamento de anos. Não quero me entregar tão de pressa há outro relacionamento. *Fala sério, você já se entregou, de corpo e alma, literalmente.* — Diz minha amada consciência.

— *Ótimo!* Então vou ficar aqui também!

Ele pega na minha mão e me puxa em direção ao quarto.

Olho para trás e vejo o Blake com o semblante consternado. Ele esperava que o Anthony fosse embora. Sorrio para ele com o canto da boca. Ele retribui com um sorriso tímido.

Anthony começa a se despir. *Sim, despir por completo!* Meu coração já entra em colapso. Deito na cama e aguardo.

Ele se deita ao meu lado, me abraça.

— Agora estou aqui. — Ele diz. — Agora sim, vai ficar tudo bem!

Ele me despiu, sussurrando palavras doces, e me provocando com sua língua. Minha respiração fica presa nos pulmões, e preparo para ficar sem controle em suas mãos. Onde quer que ele me toque, desperta estímulos incríveis. Aqui, Anthony me pertence. Mesmo que só aqui.

— Você é a minha insanidade. — Murmurou ele, me beijando com intensidade.

Ele me leva para além da razão, e o desejo nos domina.

Ao acordar vejo que o Anthony não está mais ao meu lado. Coloco a roupa da noite anterior e sigo para sala de jantar. Vejo os dois sentados na mesa, e o ambiente parece ser harmonioso. Anthony se levanta e empurra a cadeira para mim, num gesto de cavalheirismo, no qual estou me acostumando.

Ele sorri e me beija. Sim, ele me beija na frente do Tio Blake! E não, o Tio Blake não faz “cara de poucos amigos”, ele sorri, um sorriso de canto de boca. O que me faz pensar... o que eles conversaram? Fico feliz que ao menos eles tenham se entendido, o que parecia ser impossível.

— Bom dia! — Digo ao sentar. — Alguma novidade sobre o acidente do prédio?

— Bom dia., minha pequena! Os investigadores estão trabalhando no caso, mas aparentemente foi intencional. — Anthony diz. — Fico feliz por você não estar lá no momento que tudo aconteceu. — Diz ele, com o semblante sério.

— Alguma vítima fatal? — Pergunto preocupada.

— Não, querida. — Blake fala. — Todos estão bem. Alguns casos estão apenas em observação no hospital.

— E quando posso voltar para o apartamento? Pelo menos para buscar algumas coisas...

— Já mandei uma equipe retirar todas as suas coisas do apartamento. — Anthony diz.

— E elas já chegaram aqui? — Pergunto levantando uma sobrancelha. Sei que a resposta é não. E sei o que ele vai responder.

— Está tudo no meu apartamento, Victória. — Responde ele, justamente o que imaginava.

Olho rapidamente para o tio Blake, que continua sorrindo.

— Anthony acha melhor você morar com ele durante esse período, e como vocês estão se entendendo melhor... — Blake diz de forma sarcástica — Não tenho nada contra, se você preferir assim, é claro.

Balanço a cabeça, sinalizando que está tudo bem. Não tenho coragem de dizer ao tio Blake que quero ficar com o Anthony. *Sim, quero ir ficar com ele, dormir com ele, e com certeza fazer amor com ele.*

Sei que devia me resguardar. Estou me entregando numa relação que não sei bem como vai funcionar. *Estou me entregando nessa relação com Anthony, o que não me entreguei na relação que tive com Jaime durante anos.*

Tomamos o café, e logo Anthony sai para trabalhar.

— O sr. Diggle está à sua disposição. — Diz ele, antes de sair. — Deixei uma muda de roupa sua separada, caso você queira ir trabalhar.

É claro que o *senhor-todo-poderoso* já tinha pensando em tudo.

— Não é bem questão de querer. — Digo rindo — Preciso ir trabalhar.

— Ok. — Diz ele, concordando, mas contrariado.

Seu beijo é sempre maravilhoso, e me arrepia inteira, fazendo-me pensar que queria mesmo voltar para a cama. *Com ele.*

Chego no escritório e logo vejo a Caro. Estava com saudade dela e do seu sorriso simpático e carinhoso.

— Sua *chefinha* está uma *fera*. — Ela ri. — Acho que não deve ter engolido sua viagem. Então meu conselho para essa semana é: Seja doce! — Ela solta uma gargalhada, e eu também não consigo segurar o riso.

— Bem... — Digo. — Vou tentar sobreviver para o almoço. No mesmo lugar de sempre?

— Claro! Vou ficar torcendo por você. — Ela dá uma piscadela.

Ao chegar na sala da Sra. John, vejo que ela já estava me esperando, e me olha como se soubesse tudo que se passou na viagem.

— Quero um relatório completo de tudo que foi visto e conversado *nessa sua viagem*. E o quero ainda hoje. Então, não perca seu tempo me desejando bom dia, e vá logo trabalhar.

Ui. Engulo seco. Aceno com a cabeça e saio em direção a minha mesa.

Já esperava que ela fosse me solicitar algo assim. Não tenho muitas coisas a relatar, é verdade. Anthony me deixou fora do trabalho por um bom tempo, mas o que visitei com ele no primeiro dia são suficientes para gerar um relatório esclarecedor do projeto e dar início ao *marketing*.

— Não queria ter que perguntar.... Mas preciso! — Diz Caroline.

Estamos almoçando no nosso restaurante preferido.

— Então pergunte. — Respondo ansiosa.

— Todos estão comentando que você está tendo um caso com o Anthony Hill, é verdade?

Não sei o que responder. Sei que não estou fazendo nada de errado, somos os dois livres e desimpedidos, e não quero mentir para Caro. Apenas me faltam palavras.

— Sabe, todos dizem que você foi salva por ele em uma reunião, e depois foi vista saindo de um *pub* com ele. Agora essa viagem... — Ela diz. — Você não precisa confirmar se não quiser, mas achei que você devia saber o que andam falando por aí.

— Na verdade, estou saindo com ele. — Digo sussurrando. — E tudo o que você falou antes é verdade.

Ela pega minha mão, e dá um sorriso tranquilizador.

— Obrigada por confiar em mim!

— Eu confio. Você foi uma das poucas pessoas que me acolheu de verdade nessa cidade. — Sorrio. — Não tenho porquê mentir para você.

— Sendo assim — diz ela — posso te dar um conselho?

Balanço a cabeça.

— Não me entenda mal, por favor. Não sou como umas tantas que têm inveja da sua relação com o Sr. Hill, por isso gostaria de dar um conselho. — Ela me olha com cautela. — Não se doe por completo. Não se entregue de corpo e alma. — Eu começo a falar, mas ela interrompe. — Tiveram muitas mulheres que disseram que iam mudar ele, e nenhuma teve sucesso. Quando digo em mudar ele, falo do fato dele nunca ter um relacionamento duradouro. Essas mulheres ficaram todas conhecidas nos tabloides por “vítimas da vez”. Esses casos não duraram mais que três encontros... então...

— Estou indo morar com ele. — Acabo dizendo sem pensar. Caroline

arregala os olhos. — Não é definitivo, é claro. Só enquanto meu apartamento não é liberado...

— Tory! — Ela aperta minha mão. — Fico feliz por você. Nossa... — Ela ri. — Fico até aliviada.

— Aliviada? — Pergunto surpresa.

— Sim. Sim, aliviada. Você já sofreu tanto. Não quero ver você infeliz. Nova Iorque é sua nova oportunidade. Não quero que perca isso.

Não consigo controlar a emoção, e corre uma lágrima no meu rosto.

— Obrigada! — É tudo que consigo falar.

Diggle me pega no fim do expediente de trabalho e me leva para *West St.*, no bairro *Tribeca*, em *Manhattan*. Ele para em frente ao prédio *70 Vestry*, luxuosamente feito de mármore. O apartamento ocupa os últimos andares do prédio, e tem vista panorâmica para o Rio *Hudson*. Não deve ser nada mal acordar com essa vista.

Sou recebida por uma senhora bem vestida, de altura mediana, com os cabelos castanhos claros, e olhos na mesma cor. Ela sorri com doçura.

— Boa noite, Srta. White, sou a Sra. Wilson, e vou ajudá-la a se acomodar.

— Boa noite, Sra. Wilson, prazer em conhecê-la. — Sorriu.

— Por favor, por aqui. — Ela me mostra o caminho.

O *hall* de entrada é lindo, todo em tons de cinza, com flores naturais que exalam um perfume agradável. A sala de estar é toda de vidraças que vão do chão ao teto. Tudo aqui é muito masculino, organizado e limpo, e parece que ninguém habita está casa. Passamos em frente a sala de jantar, que me deixa ainda mais impressionada. Embora as paredes sejam todas cinzas, e as janelas

cobertas por uma linda cortina clara, a mesa e o lustre são extremamente extravagantes. O lustre tem um *design* sofisticado e com certeza deve valer uma fortuna. A mesa é enorme, com incontáveis cadeiras. *Quem olha pode pensar que o Anthony socializa muito.* Riu.

Chegamos ao quarto, que parece ser do Anthony. Tudo aqui é muito organizado e sóbrio, como todo o resto da casa. Os janelões têm enormes cortinas brancas, que acompanha o tapete branco de arabescos. O acolchoado da cama parece ser daqueles hotéis de luxo, ou daqueles que só vimos em revistas. O quarto ainda tem um sofá simpático de costas para uma das janelas, com um criado mudo de cada lado, e uma poltrona aconchegante à frente. Um ótimo lugar para ler um livro. Acabo me apaixonando pelo cômodo, mesmo ele sendo tão sério.

— Srta. White, deixe-me mostrar o *closet* e banheiro.

O banheiro é magnífico, todo em mármore branco com mesclas cinzas. Há uma banheira linda, uma câmara de banho dos sonhos, e um balcão e espelho enorme, com duas pias. O *closet* segue na mesma linha dos demais cômodos, todo sóbrio, e com cada compartimento iluminado por *leds*.

— Vou deixá-la se acomodar. Com licença. — Diz a Sra. Wilson, se retirando.

Um lado do *closet* está todo vazio, com minhas coisas ocupando um pequeno espaço. Fico imaginando se ele tinha toda essa parte vazia. *O que ele acha que vou fazer com esse espaço todo?* Nem se revolver gastar todo o meu salário com roupas vou conseguir preencher esse *closet*.

Não tenho coragem para tomar um banho. Ainda não me sinto à vontade nesse apartamento gigante. Minha casa inteira de *Greenville* caberia dentro dessa suíte. Estou espantada com o tamanho dos cômodos, e ainda não conheci todo o restante da casa.

Pego meu celular e deixo minha bolsa na poltrona do quarto do Anthony. Resolvo mandar uma mensagem para ele.

SMS, às 19:52h.

Já cheguei no seu apartamento.

Vai demorar?

Victória

Ele não responde de imediato, então sigo explorando o apartamento. Passo em frente a uma biblioteca, e fico de queixo caído. Nem nos meus melhores sonhos imaginei uma biblioteca em casa. Isso parece um conto de fadas. Olho para ela com grande admiração. Há uma parede toda revestida com livros, uma mesinha linda de frente para o rio *Hudson*, e uma cadeira que me faz lembrar meus livros de época. *Acho que se abrir a primeira gaveta da mesa posso encontrar um tinteiro e pena.* Isso me faz sorrir. Há também um sofá muito confortável e poltronas lindas. Com certeza é o lugar perfeito para se desconectar do mundo real.

Mais à frente vejo uma sala de televisão, que mais parece um cinema em casa. O Anthony deve receber muitas visitas! Não é possível ter um apartamento tão grande e luxuoso e não o dividir com ninguém.

Tudo aqui é muito elegante e muito sóbrio. Tenho a impressão que ninguém respira aqui dentro para não tirar nada do seu devido lugar. *Ou ele tem milhares funcionários para deixar essa gigantesca casa em ordem.*

Volto para a biblioteca e fico de frente com o Anthony.

— Oi! — Digo surpreendida.

— Oi! — Ele sorri, e seu rosto com traços marcantes se torna irresistível.

— Mandei uma mensagem... — Digo.

— Eu vi, mas já estava subindo. Resolvi fazer uma surpresa. — Ele estende uma das mãos.

Seus dedos pegam os meus com firmeza, e com um leve puxar ele me

aproxima, e me beija, suave e longamente. Me sinto no paraíso.

— Vamos subir. — Ele diz. — Preciso de um banho.

— Tudo bem. — Consigo dizer.

— Como foi seu dia? — Ele pergunta quando já estamos na banheira.

— Foi esquisito. É estranho como as pessoas podem tirar conclusões precipitadas.

— Que tipo de conclusões? — Ele questiona, interessado.

— Não sei se você vai gostar de ouvir, também não sei se vou gostar de falar...

— Agora que começou, por favor termine. — Murmurou ele com firmeza.

— No escritório estão comentando que sou sua “vítima da vez”.

— O quê? — As palavras dele saem com rispidez.

— Ah, você sabe Anthony!

— Nunca existiu vítima da vez, Victória. — Havia intensidade na voz dele.
— Nunca tive um relacionamento com ninguém. Tive casos, sim. Alguns duraram mais que outros, e nenhum durou o suficiente para se tornar um relacionamento, mas nenhum desses casos foram sérios, e nunca existiu uma vítima.

— Então você está dizendo que não sou uma delas?

— Você não é só mais um caso, Victória. Pense bem! Tivemos péssimos encontros e isso já teria bastado para mim. *Você é minha*. Não *minha vítima da vez*, mas *minha... minha...* — Fico esperando ansiosa ele concluir. Pela primeira vez vejo o Anthony sem palavras.

— Tudo bem. — Digo suavemente, acariciando seu rosto. — Você não precisa ficar se explicando. Só queria que você soubesse o que andam falando.

— As pessoas sempre falam, de tudo e de todos. Você não deve ficar se

preocupando com isso. O que existe entre nós, fica entre nós. — Ele diz, enquanto me ensaboa.

— Não estou me preocupando, mas é ruim saber que as pessoas pensam coisas que você não é.

— E o que você não é?

— Não sei.... Uma qualquer, como essas pessoas fazem parecer.

— Você não é uma qualquer, Victória. — Ele fica irritado. — Acabei de dizer isso para você, então, por favor, vamos mudar de assunto antes que isso estrague nossa noite. — Ele segura meu rosto. — E não ouse mais falar que você é a vítima da vez, ou uma qualquer. Você está aqui comigo, e é aqui que quero você. É só isso que importa, tudo bem?

Aceno que sim.

Ele me olha um instante e fico completamente seduzida. Ele me puxa, levando junto a ele, suas mãos passeando em meu corpo. Consigo perceber que sexo é a forma que ele tem de deixar as coisas bem entre nós, então me entrego a ele.

— Quer beber alguma coisa? — Ele pergunta, sentado confortavelmente no sofá da sala. O jantar que a Sra. Wilson fez estava divino, e agora estamos na sala relaxando. A vista do Rio *Hudson* é ainda mais espetacular nesse horário.

— Sim, obrigada.

Ele pega o vinho e nos serve.

— Seu apartamento é tão grande. — Digo. — Você recebe muitas visitas? — Minha pergunta não é só de curiosidade. Se vou ficar aqui por um tempo tenho que me inteirar de como funciona a rotina da casa.

Ele me olha.

— Não. — Responde. — Você tem algum problema com o tamanho?

— Não, mas deve ser estranho morar num lugar tão grande, e tão... tão vazio.

Ele ri.

— Ele me parece bem cheio, e bem decorado.

— Oh, Anthony, você sabe o que eu quis dizer. Deve ser muito solitário viver numa casa tão grande, *sozinho*.

— Gosto da solidão. — Sua expressão é totalmente contida e misteriosa.

— Bem, então estou atrapalhando?

— Você sabe que não.

Ficamos em silêncio. Minha curiosidade fica aguçada.

— Por que me convidou para ficar aqui com você?

— O que você quer escutar? — Ele franze o cenho.

Riu.

— De preferência, a verdade. — Ele não responde e continuo a falar. — Eu comecei a viver sozinha a pouco tempo, mas você vive assim desde jovem. Deve ser estranho acordar e não ter ninguém para abraçar e beijar.

Observo ele pela borda do copo, enquanto bebo o vinho. Ele parece pensar no que eu disse, e fica sério. O silêncio dele é estranho. Esse assunto o incomoda, posso apostar.

— Tenho você agora. — Sei que esse é o máximo de explicação que ele vai dar, então não o forço. Ele perdeu os pais muito cedo, e isso deve doer ainda. — No momento não estou pensando no “bom dia”. — Ele sorri e se aproxima. — Quero é “*uma* boa noite”. — Murmura junto a minha boca.

Capítulo Treze

Nova Iorque, fevereiro de 2014.

A luz do dia me faz despertar. Tive a noite mais maravilhosa da minha vida. Dormir com o Anthony foi um sonho. O cheiro dele me acalma, e me faz pensar como estou “em casa” de novo. É uma linda manhã, e ao meu lado, tenho ele, uma vista impressionante. Seu nariz reto, e seus lábios desenhados me fazem lembrar dos meus heróis literários. Nunca imaginei que um dia teria um herói desses para mim. Minha vida com o Jaime nunca foi intensa desse jeito, e cada vez mais tenho certeza que nunca me entreguei a ele justamente por não ser um relacionamento verdadeiro entre homem e mulher.

Tudo aconteceu tão depressa, mas ao mesmo tempo, pareceu certo, na devida hora. Poderia ficar aqui olhando ele para sempre. Sorriu. Toco seu torço, e ele se remexe na cama. Imediatamente tiro a mão. Aproveito que ele ainda está dormindo e sigo para o banheiro dar um *jeitinho* na minha aparência.

Quando volto para o quarto, Anthony já está acordado.

— Bom dia, Victória! — Ele diz, ainda sonolento, mais muito sexy. — Acordou cedo.

— Bom dia! — Sorrio. — Tenho que trabalhar, e o caminho agora é mais longo.

— Diggle já está avisado, não se preocupe, ele não vai deixar você se atrasar.

Ele levanta da cama, e segue em minha direção. Pega na minha cintura firmemente e me aproxima de seu corpo.

— Me conta aquela história de acordar, abraçar e beijar. — Ele me beija e

derreto em seus braços. *Será que vai ser sempre assim?*

— Acho melhor você se vestir, antes que eu tente tirar a minha camiseta de você.

Ontem, a noite foi maravilhosa e pela primeira vez na vida estou dormindo com um homem, na sua casa, e com a sua roupa. *O que pensaria a Sophie?* Sorriu.

Quando ele entra no *closet*, já estou completamente vestida e ele já está devidamente barbeado e peteado.

— Você não precisava deixar tanto espaço para mim no *closet*. — Digo.

— Por que não? Mulheres gostam de roupas, não é?

— Sim, é claro que sim. — Riu. — Mas algumas *mulheres* não gastam todo o seu salário com roupas. Nunca vou conseguir preencher esse vazio. — Sinalizo para o espaço do *closet*.

Ele me olha de cenho franzido.

— E além do mais... — continuo — Logo o apartamento deve ser liberado. Você não precisava se incomodar espremendo todas as suas coisas para me deixar tanto espaço.

Ele gargalha.

— É isso que você pensa? — Sua sobrancelha se levanta com divertimento e arrogância. — Victória, não “espremi” nada. Essa parte foi toda arquitetada para você. E isso não me incomoda.

Ok. Agora fiquei verdadeiramente espantada. Como assim feita para mim? Nem ele pode arrumar um *closet* em um dia. *Ou pode?*

Ele se veste e me leva até o carro, onde Diggle já está esperando com a porta aberta.

— Eu pego você para almoçar. — Ele diz.

— Desculpe, Anthony, mas eu já combinei de almoçar com a Caro. Ela vai ficar decepcionada se tiver que almoçar sozinha. — Não quero me acostumar muito rapidamente com essa vida junto a ele. Se deixar ele fazer parte de toda a minha rotina, posso me machucar quando tiver que deixá-lo para voltar ao meu apartamento. — Vejo você a noite. — Ele tranca o maxilar, e franzi o cenho. — Tudo bem?

Ainda de cenho franzido ele acena com a cabeça. Beijo-o e entro no carro.

Chego no escritório após intermináveis minutos de tráfego terrível. Sei que vou entrar em uma briga grande, mas preciso da minha motocicleta enquanto estiver no apartamento do Anthony. Com certeza ela vai facilitar minha vida, e não quero ficar usando os serviços do Diggle sem necessidade.

SMS, às 08:13h.

Preciso da minha moto.

Esse trânsito é horrível.

Beijo

Tory.

SMS, às 08:14h.

Nem pensar.

A.H.

SMS, às 08:14h.

Você sabe que vai ser muito mais rápido se eu vir de moto.

Tory.

SMS, às 08:17h.

Justamente por isso.

A.H.

SMS, às 08:19h.

Não é justo o Diggle ficar a minha disposição, sendo que tenho um meio de transporte muito mais eficiente.

Tory.

SMS, às 08:19h.

Esse assunto não tem discussão Victória. Já está decidido. Não vou correr o risco de você se ferir de novo.

Tenho uma reunião agora.

Beijo.

A.H.

Ok. Vou ter que usar outro método para conseguir o que quero. Fico ruborizada só de pensar como posso convencê-lo.

Diggle sobe comigo ao apartamento, trazendo as sacolas das compras que fiz após sair do escritório. Comprei umas *coisinhas* para cozinhar.

Encontro Anthony no telefone, de frente para a janela. Ele não me vê entrar. Pego as sacolas com o Diggle e levo para cozinha. A Sra. Wilson não está, e não vejo o jantar pronto, o que parece ser um bom sinal.

Volto para sala e Anthony está conversando com o Sr. Diggle, mas assim que me olha, vêm na minha direção.

— Boa noite! — Ele diz, se aproximando da minha boca.

Não consigo responder, porque ele me envolve em um beijo apaixonante.

— Fiquei pensando que você não voltaria mais. — Diz ele após me soltar. — Demorou.

— Fiz compras. — Sorrio. — Espero que a Sra. Wilson não tenha preparado o jantar.

— Você cozinha? — Ele sorri e franze o cenho.

— Você vai perceber que cozinho muito bem. — Estou muito empolgada. — Mas vou precisar de ajuda, então espero que tenha mais de um avental.

— Você está dizendo que vou ter que cozinhar? — Ele indaga, boquiaberto.

— Não. Estou dizendo que você vai ser meu ajudante. — Ele me olha como se não entendesse. — Vai pegar os utensílios, lavar a louça suja... essas coisas. — Explico.

— A Sra. Wilson é paga para isso, você sabe.

— Bem, pretendo pagar pelos seus serviços, é claro.

— É claro. — Ele se anima. — E qual será a forma de pagamento, Srta. White? — Ele pergunta terrivelmente interessado.

— Você decide. — Digo, ruborizada, olhando nos olhos dele.

— Vou arrumar dois aventais então. — Seu rosto se ilumina com as possibilidades, e ele sorri, um sorriso que me faz derreter.

— Não acredito que você nunca cozinhou. — Digo após Anthony deixar queimar o molho do espaguete.

— Nunca precisei. — Ele diz aborrecido.

— Você morou sozinho.

— Comia fora. — Fala, ainda emburrado.

— Bem, acho que também vamos ter de usar essa tática. O molho já era.

— E o meu pagamento? — Ele me agarra por trás e fala no meu ouvido.

—Você foi um péssimo ajudante. — Digo, sorrindo.

— Não deixo de pagar meus funcionários por eles terem feito um mau serviço. — Ele argumenta.

— Ok. — Suspiro. Borboletas dançam na minha barriga. *Quando fiquei tão atrevida?* Fico de frente para ele. — Como você deseja seu pagamento, Sr. Hill?

— Na cama. — Ele beija meu pescoço e fala no meu ouvido. — Com certeza na cama.

— Ui. — Dou um grito de surpresa quando ele me pega no colo e vai em direção a escada.

Anthony me leva para cama e me ama de uma forma lenta e tentadora. Temos uma conexão incrível, e me faz pensar que fui feita para ele, e ele para mim. Nós encaixamos com perfeição, e não consigo imaginar dividir a cama com outro homem. Sei que meu coração já é dele, mas será que ele só me vê como um corpo disponível? Espero que ele também me queira no seu coração, e não somente na sua cama.

Abraçados e satisfeitos, resolvo que é o momento de atingir meu objetivo.

— Minha moto já está aqui. — Ele me olha de canto, mas não responde. — Vi ela na sua garagem.

— Tive que tirar ela do outro prédio, é só isso.

— Anthony. — Sento na cama. — Vou voltar a usá-la.

Ele fecha os olhos.

— Não. — Diz.

— Você não tem o direito de me negar isso. Sou adulta e responsável, posso decidir como vou transitar.

— Mas está morando na minha casa. Então eu decido.

Suspiro indignada. Estou pasma como ele pode ser tão escroto às vezes. Pulo da cama, nua mesmo, e olho para ele com fogo nos olhos.

— Estou indo embora então. — Viro e vou para o *closet* me vestir. Ele me agarra antes de chegar na porta.

— Victória. Não quis dizer isso. Só que tenho medo *daquela coisa*.

— Anthony. Você precisa me deixar fazer as coisas. Não posso depender de você para tudo. Sempre fui independente, mesmo quando meus pais eram vivos. Você não pode querer me domesticar segundo suas regras. Se você acha que tem direito sobre mim pelo fato de eu estar aqui, morando com você, então vou embora.

Tento sair novamente. Ele pega na minha cintura.

— Ok. Quer ir de moto? Tudo bem! Mas só enquanto for longe do seu trabalho. Tenho um apartamento próximo a *Columbus Circle*. Podemos nos mudar para lá.

— Você é dono de Nova Iorque inteira? — Fico perplexa.

— Não. Mas caso precise, posso ser. — Ele diz facilmente. Bufo.

— Não precisamos nos mudar, Anthony. Logo meu apartamento fica pronto.

— Acho que agora precisamos pensar no tempo presente, e neste caso acho melhor pedir comida. Estamos com fome. — Ele foge do assunto.

Reviro os olhos e sigo para o *closet*. Aquele espaço vazio confirma o que o Anthony disse, não estou em casa.

— Tory, preciso da sua ajuda! — Disse Caro, quando me aproximo da sua mesa.

— Claro. O que você precisa?

— Fui convidada para um casamento. Vou acompanhar meu novo namorado.

— Hum. — Sorrio. — Então está ficando sério.

— Sim. — Ela ri. — Mas não sei o que vestir. Vou conhecer toda a família dele. — Ela suspira. — Aí pensei, *a Tory se vesti muito bem*.

— Ah, você está exagerando. Também tenho uma ajudante. — Faz algum tempo que não falo com a Sophie. Estou com muitas saudades dela. — Mas posso tentar ajudá-la.

— Pensei em irmos na *Times Square*, o que você acha?

— Não conheço a *Times Square* ainda, então vou adorar.

— Não acredito. Por onde você anda quando não está trabalhando?

Na casa do Anthony, penso.

— Não tive necessidade de ir às compras ainda. — Dou os ombros.

— Ok. — Diz ela. — Eu te apresento um ponto turístico e você me ajuda a escolher um vestido bem bonito.

Estendo a mão para ela.

— Acordo fechado. — Sorrio. — Vou precisar avisar o Anthony. Hoje ele viria me buscar.

— Posso te levar em casa.

— Tudo bem então!

SMS, às 16:25h.

Vou sair com a Caro depois do expediente.

Ela vai me dar carona para casa.

Não me espere para jantar.

Até mais.

Sua Tory.

SMS, às 16:25h.

Sair para onde?

Prefiro eu mesmo ir buscá-la.

Anthony

SMS, às 16:28h.

Vamos à Times Square fazer compras.

Noite das meninas.

Tory.

SMS, às 16:29h.

Vou buscar você.

Me avise quando terminar.

Até mais, minha pequena!

Seu.

Não me canso de ler sua assinatura. *Seu.* Ainda acho inacreditável o que estamos construindo. Aos poucos vejo os sentimentos que o Anthony tem por mim. Ainda não disse a ele que o amo, para não o obrigar a retribuir a frase. Mas eu o amo. De todo o meu coração. E, embora ele ainda não tenha dito, sei que ele também sente algo por mim.

Não só compramos o vestido, como também sapatos, bolsa e joias. A noite

estava ótima. Jantamos no *Burger King*, e me diverti muito pensando o que o Anthony iria falar da nossa escolha.

— Precisamos sair mais vezes juntas. — Digo. — Me diverti muito.

— Eu também. — Ela ri.

— Vou te contar um segredo. — Me aproximei dela por cima da mesa e sussurrei. — Fazia tempo que não jantava tão bem.

Nós duas caímos na gargalhada.

— Posso interromper? — Ouço.

Olho para cima e vejo o Dylan, parado na minha frente.

— Oi! — Digo surpresa.

— Uau! Só mesmo o acaso para fazer eu encontrar você. — Ele diz. — Te liguei várias vezes.

— Não... não ando muito com o celular. — Não costumo retornar ligações perdidas não identificadas.

— Liguei no apartamento também.

— Não estou mais morando lá.

— Como assim? — Ele pergunta surpreso.

— Longa história.

— Tenho tempo.

— Mas já estávamos de saída. Podemos marcar outro dia.

— Ah não, não. Você não vai fugir tão facilmente. — Já sei sobre o que o Dylan vai falar, e já passei da fase de “vítima da vez”.

— Estou de carona, Dylan. — Olho para Caro não me desmentir. Ela está apertando os lábios e seus olhos estão arregalados. Ergo uma sobrancelha,

solicitando ajuda, mas ela não fala nada. Parece pasma.

Dylan parece se dar conta somente agora que não estamos sozinhos.

— Oi amiga da Tory. Tudo bem? Você se importaria de nos deixar a sós por um momento?

— Não. Tudo bem. — Ela diz apressadamente. — Vejo você amanhã?

Aceno com a cabeça. *Traidora, penso.*

Dylan se senta de frente para mim.

— E então, está morando onde? Com o tal do *tio* Blake?

— Teve um incêndio no meu prédio. — Digo evasiva.

— O que está acontecendo Tory? Você está diferente. Depois daquela noite não consegui mais falar com você. Soube pela Sophie que você esteve em Londres. Mas ela não quis dar mais informações.

Ufa. Até que enfim ela conseguiu prender aquela língua solta.

— Fui sim, a trabalho.

— E o Jaime. É ele? É isso, você voltou a namorar ele?

— Não. Não, claro que não. — Respiro fundo. — Dylan...

— O que está acontecendo aqui? — Escuto uma voz estridente.

— Anthony! — Digo, levantando.

— Mais que inferno. Por que você sempre aparece nos momentos mais inoportunos? — Diz o Dylan, com fogo nos olhos.

— Ela é minha, Scott. Fica longe dela. — Ele diz com raiva, apertando a mandíbula.

— Minha? — Dylan olha para mim, esperando uma explicação.

— Estamos juntos. — Anthony fala.

— Então é com ele que você está morando? — Dylan não tira seus olhos dos meus.

— Sim, ela está morando comigo. — Anthony se apressa em dizer. — Agora se você for esperto, vai ficar longe dela de uma vez por todas.

Dylan olha para o Anthony, e os dois ficam se encarando.

— Tudo bem! — Consigo achar minha voz. — Tudo bem! — Do jeito como estão se olhando, tenho medo de haver uma briga.

— Você foi com ele para Londres? — Dylan volta a me olhar.

— Anthony. — Olho para ele. — Você pode me esperar no carro? — Digo docemente.

— Não.

— Sim. — Digo com ênfase. Ele me olha irritado. — Por favor. — Sussurro. Ele olha Dylan mais uma vez e sai.

— Dylan. — Ele olha para baixo, inconformado. — Estou com Anthony, e por favor não diga nada. Sei o risco e estou disposta a correr. Só quero que você entenda que nossa amizade permanece.

Ele ri, sarcástico.

— Você acha? Hill parece um predador perto de você. Ele provavelmente vai te colocar em uma gaiola, e não deixar ninguém mais chegar perto.

— Dylan. — Coloco a mão no braço dele. — Estou feliz. Quero que você seja feliz também. — Ficamos nos olhando. — Tenho que ir. — Beijo seu rosto e saio sem olhar para trás.

Sei que Anthony não deve ter ficado feliz, mas quando entro no carro fico impressionada com sua carranca. Ele não me olha, e não fala nada todo o caminho para casa. Quando vou sair do carro, ele me agarra pelo braço.

— Você é minha, Tory. — Ele engole seco, tenso. — Ele não vai tirar você de mim.

Pela primeira vez ele me chama de Tory, e ver seu rosto aflito me corta o coração.

— Não vou a lugar nenhum. — Sussurro e o beijo apaixonadamente. Anthony pula para o meu banco, e sobe em mim. Nosso beijo fica intenso. Ele me possui. Não penso em mais nada quando estou em seus braços.

Fazemos amor no carro até os vidros suarem. Esse é o jeito dele de se reconectar comigo e selar a paz. E não posso reclamar, porque amo a forma que encontramos de nos reconciliar.

Meu telefone toca antes do meu despertador. Vejo Sophie sorrindo na tela do meu celular.

— Alô! — Digo ainda sonolenta. Anthony está em um sono profundo do meu lado.

— Como assim você está morando com ele?

— Bom dia para você também Sophie, estou bem, obrigada por perguntar.

— Sem gracinhas, mocinha. Você sumiu. Não me liga mais. Fico sabendo das coisas pela boca das outras pessoas.

— E essa “outras pessoas” se chama Dylan Scott.

— Sim, sim foi ele que me contou. Enraivecido, devo dizer.

— Sophie. Não é hora para discutir. Mal acordei...

— É hora sim. Quando você pretendia me contar?

— Talvez não contasse.

— Victória White! É assim que você trata nossa amizade, me escondendo coisas?

— É provisório Sophie. Estou aqui de forma provisória. Meu prédio está interditado e quando for liberado vou voltar para casa. Não havia necessidade de contar algo que não é permanente.

— Então vocês estão em um relacionamento sério?

— Sim, acho que sim. E antes que você pergunte, estou feliz.

— Bom. Acho que sendo assim posso deixar você dormir mais um pouco.
— Riu. — Prometa para mim que não vai me esconder as coisas.

— Tudo bem, prometo.

— Quero me sentir perto de você, mesmo estando longe.

— E eu te amo por isso. — Digo.

— Também te amo. Durma bem. — Ela ri. — Ou acorde seu garanhão e não durma mais.

— Sophie!

Ela gargalha e desliga o telefone.

— Provisório? — Levo um susto e coloco a mão no peito. Anthony está acordado, com a sobancelha levantada, olhando para mim.

— Que susto você me deu. Hoje é o dia de acordar a *Tory* de qualquer jeito, pelo visto.

— E então, sou provisório?

— Você não, seu bobinho. — Empurro o ombro dele. — Minha estadia aqui é.

— Por quê? Você não gosta de morar aqui?

Fico sem fôlego. O que será que ele quer dizer? *OMG*. Será que ele me quer

aqui para sempre? Tipo casamento?

— Preferia que você ficasse aqui, comigo.

— Você sabe que o combinado foi até meu apartamento ser liberado.

— Ele já foi.

— O quê?

— Há dias que seu apartamento foi liberado.

— E quando você pretendia me contar?

— Quando tivesse certeza que você aceitaria minha proposta de morar aqui.

Uau.

— Anthony!

Ele senta na cama.

— Fica aqui comigo. Me acostumei a beijar e abraçar você pela manhã.

Sorriu, assustada, porém encantada.

— E então?

— Não sei. — Fico perdida e olho para ele novamente. Anthony está me olhando com expectativa. — Tudo bem. — Sussurro.

— Perfeito! — Diz, com um suspiro de alívio.

Recebo uma mensagem no meu celular, na sexta a tarde.

SMS, às 15:46h.

Temos um jantar beneficente hoje, às 21 horas.

O Sr. Diggle vai levá-la.

Encontro você lá.

Já com saudades,

Seu Anthony.

Mal consigo prestar atenção na informação na mensagem. *Seu Anthony? OMG!* Mordo os lábios. Não consigo processar que tenho que arrumar um vestido descente, ou ajeitar os cabelos... só consigo pensar que ele é *meu Anthony*.

Estamos em maio, e o clima está agradável. Já fico imaginando as possibilidades que tenho no meu guarda-roupa e nenhuma me agrada. Quero ficar linda para que o Anthony tenha orgulho de me acompanhar. Com o tempo, as fofocas sessaram, e agora me sinto mais segura com o nosso relacionamento.

Chego em casa e vou direto para o *closet*. Preciso ver o que vestir. Levo um susto ao me deparar com o *closet* completo, cheio, sem meu espaço vazio. Vestidos, saias, blusas, sapatos e tudo mais que uma mulher precisa. Minhas roupas ficaram escondidas em um pequeno espaço. Em cima do *puff* está um vestido glamoroso, de seda amarela. Me aproximo ainda não acreditando no que meus olhos veem. Sapatos prateados estão no chão, logo abaixo do vestido. Ao lado, há um estojo grande. Fico com medo de abri-lo, mas a curiosidade ganha. Um lindo colar de ouro branco com safiras azuis reluz dentro do estojo de veludo vermelho. Fico com a boca aberta durante alguns minutos. Jamais poderei usar esse colar. Anthony deve ter ficado doido. *Esse colar deve valer mais que esse apartamento*. Um bilhete foi deixado junto ao colar, preso em um anel com uma pequena safira, cravejado de diamantes.

Para minha pequena ficar ainda mais linda.

Combinam com os seus olhos.

OBS: Não se preocupe, elas estão asseguradas.

Ansioso para te ver nua, só com o colar.

Mas para jantar coloque o vestido.

Seu.

Ele com certeza enlouqueceu. Meu maluco mais romântico do mundo. Não posso aceitar nada disso de presente, inclusive as roupas. Já sei que vamos ter mais uma briga desastrosa, mas antes quero o impressionar. Tomo um banho perfumado, me visto e sigo o Sr. Diggle até o carro. Estou me sentindo deslumbrante, e os olhares dos seguranças me confirmam. Nunca antes me senti tão desejada. Fico ruborizada.

Não consigo avistar Anthony em lugar nenhum. Olhares curiosos são dirigidos a mim, e fico nervosa. O vestido tem um decote vantajoso nos seios e o colar fica totalmente em evidência. Me sinto exposta, mas sexy. Sou abordada por um homem bonito, que me olha dos pés à cabeça.

— Uma moça tão linda não devia estar sozinha. Posso acompanhá-la?

— Não. — Diz uma voz estridente.

Viro e vejo Anthony. Ele está de tirar o fôlego em seu fraque luxuoso, sob medida, e com o caimento perfeito no seu corpo musculoso.

— Estou acompanhada senhor. — Digo baixinho, ainda olhando para o Anthony, embora me dirigindo ao outro rapaz.

— Você está linda! — Anthony diz, me desejando.

— Você também. — Digo suspirando.

Uma valsa começa a tocar.

— Você tem uma caderneta ou coisa assim? — Ele diz, sorrindo. Sei que ele está se referindo os meus livros prediletos, na época em que as mocinhas anotavam seus companheiros de dança em cadernetas.

— Não preciso de uma. Só pretendo dançar com um único homem.

— Espero ser eu o sortudo.

— Não poderia ser outro.

Ele pega minha mão, a beija e me leva até a pista de dança. Sua postura é de um príncipe, e o meu medo de acabar pisando no seu pé só aumenta, mas logo eu me vejo rodopiando o salão com o Anthony, como se fosse acostumada a valsar.

— Acho engraçado eles tocarem uma valsa num evento como esse. — Anthony sorri. — Você tem algo a ver com isso, não é?

— Posso ter subornado alguém. — Ele diz, enigmático.

— Obrigada. Está sendo uma experiência maravilhosa.

— Não é assim que funciona nos seus livros? O mocinho cotejando a mocinha.

— Ah, sim. Quando eles querem casar com elas.

Ele levanta uma sobrancelha, me indagando.

— Oh, não. Não. Não quero dizer que você deseja isso... É só que.... Não ria Anthony.

Ele gargalha. Adoro o som da sua risada, o faz parecer mais jovem, mais livre. Gosto de saber que fui eu quem o fez se sentir assim.

Quando a valsa termina, ele me leva ao terraço e me beija. Sua língua acha a minha em uma sintonia perfeita. Seus lábios estão quentes e sua mão percorre meu decote.

— Estava louco para fazer isso desde o momento que coloquei os olhos em você.

— Então não pare. — Sussurro.

— Blake está vindo para cá. — Ele diz no meu ouvido.

— Não se preocupe, ele não vai duelar com você pedindo reparação. — Riu.

— Não duvide disso. — Ele diz em tom de brincadeira antes do Blake chegar até onde estamos.

— Espero não estar atrapalhando. — Blake se aproxima.

— É claro que não. — Digo antes que Anthony fale alguma coisa rude.

— Você poderia me emprestá-la por alguns minutos? — Ele diz ao Anthony.

— E por que faria isso? — Anthony responde, de bom humor.

— Porque você a vê todos os dias.

— Sorte a minha. — Ele me olha e dá uma piscadela.

— Gostaria de apresentá-la à algumas pessoas. E você precisa resolver algumas coisas. — Ele diz, advertindo o Anthony.

— Tudo bem. Mas não a deixe sozinha.

— Ok. Estou aqui sabiam? Vocês têm uma mania de decidir as coisas ao meu respeito sem me consultar. Posso decidir por mim mesma o que fazer. Tio Blake, vai ser um prazer dar uma volta no salão com você. Mas antes mate minha curiosidade. Essas pessoas as quais quer me apresentar pode incluir *de repente* uma namorada secreta?

— Talvez. — Blake ri, e me leva de volta para a festa.

Ele me apresenta a Rebecca, uma mulher linda, na idade da minha mãe, morena, alta e muito elegante. Ela parece fazer bem ao tio Blake, o que de fato me faz gostar ainda mais dela. Há alguns meses, tio Blake anda mais feliz, e muito evasivo. Estava mais ausente, o que era muito curioso. Imaginei que seria uma namorada, mas ele nunca confirmou.

Ao sermos apresentadas, ela me olha de maneira estranha, curiosa, porém,

carinhosa. Imagino que o tio Blake tenha falado muito de mim para ela.

— Sua mãe realmente devia ser muito bonita. — Ela diz, após o tio Blake dizer que me pareço muito com minha mãe. — Mas os olhos são do seu pai. — Ela continua.

Por um momento ficamos todos quietos. Rebecca coloca imediatamente a mão boca.

— Blake me falou do seu pai também.

— Meu pai tinha olhos castanhos.

— Oh! Devo ter me confundido.

O clima ficou esquisito e o Anthony nos salvou do constrangimento.

— Rebecca. — Ele a cumprimenta. — Temo ter que roubar Victória de vocês, mas o jantar vai ser servido, devemos nos sentar.

— Conseguiu resolver as divergências? — Pergunta o tio Blake ao Anthony.

— Não. Mais vai ficar tudo bem.

— Traidor. — Digo ao Anthony enquanto caminhamos até a mesa. — Você sabia que ele estava namorando e não me disse nada.

— Victória. — Ele para, de repente, e quase me faz tropeçar nele. — Não posso contar um segredo que não é meu. Você entende? — Ele diz, nervoso.

Sua reação é desmedida, por isso tento acalmá-lo.

— Está tudo bem. — Coloco a mão no braço dele. — Estava brincando.

Anthony respira fundo, transtornado. Ele acena, e seguimos quietos até a mesa.

Sentamos em uma mesa redonda, com dez cadeiras. Ao meu lado está um senhor muito simpático, com idade para ser meu avô, e ao lado dele, sua esposa. A cadeira ao lado do Anthony ainda está vazia. Ele coloca a mão em minha perna, e me olha com ansiedade. Ele parece estranho desde o episódio com a

Rebecca. Seu nervosismo é evidente, e é a primeira vez que vejo ele desta forma.

Chega ao seu lado uma ruiva deslumbrante, alta, com as pernas mais compridas de já vi, seu rosto é perfeito, seus lábios desenhados e seus olhos com a cor da mais brilhante esmeralda. Fico com a boca aberta durante muito tempo. Ela olha diretamente para o Anthony, sem disfarçar.

— Boa noite, Anthony! — Ela diz com a voz mais *sexy* que já ouvi de uma mulher.

— Boa noite, Camilla! — Ele volta a olhar para mim.

— Não vai me apresentar sua acompanhante da noite? — Ela chama a atenção dele.

— Claro que sim. Camilla, essa é a minha *namorada* Victória. Victória, esta é a Camilla...

— Ex-namorada. — Ela o interrompe.

— Não se promova tanto Camilla, não fomos namorados. — Anthony diz, irritado.

— Ok. A última vítima então. Ela é mais baixinha que as outras, não!? Está abaixando o nível, Anthony? — Camilla diz, e ele fica furioso.

— Basta, Camilla! — Ele fala entre os dentes. — Elevei o nível de uma forma que você nunca conseguirá alcançar. E por favor, se não for jantar quieta, me avise, porque prefiro me retirar.

Ela fica pasma — assim como eu — e se cala.

Ele me olha. Estou em choque. Então era esse tipo de mulher que Anthony saía. Bem, fui avisada várias vezes, por várias pessoas, e inclusive já o vi com uma mulher, mas não imaginava que todas elas eram extraídas das revistas. Estou abaixo do nível literalmente.

Jantamos quietos os três. Antes da sobremesa Anthony se levanta e me puxa pela mão.

— Acho que por hoje já chega! — Ele diz.

— Não nos despedimos do tio Blake.

— Ele vai entender.

Eu aceito sua mão. E saímos da mesa sem olhar para a Camilla novamente.

— Ela é realmente muito linda. — Falo quando já estamos no carro.

— Quem? — Ele pergunta distraído.

— Ora quem!? A Camilla.

— Não vamos falar dela. — Ele segue olhando para a janela do carro.

— Por que não deu certo?

— Você não vai desistir, não é? — Ele me olha, achando divertido.

— Não. Estou curiosa.

— Nunca quis me apegar a ninguém. Elas sempre queriam mais do que podia dar.

— E eu? — Pergunto, sem graça.

— Não quis me apegar em você também. — Ele coloca um dedo na minha boca, me calando. — Mas foi inevitável. — Ele me olha profundamente.

— Claro que foi. — Tento brincar. — Você me atropelou. — Riu. — Era praticamente inevitável me esquecer.

— Talvez por isso então. — Ele fecha os olhos me beija castamente.

— Elas eram todas lindas como a Camilla? — Pergunto quando estamos chegando em casa.

— Nenhuma é tão linda como você!

— Você está muito cavalheiro hoje.

— Não quero brigar.

— Talvez tenha a ver com um *closet* cheio? — Digo, franzindo o cenho.

— Não fique com essa ruga no meio da testa, Victória.

— São muitas roupas Anthony. Nunca vou conseguir te pagar por isso.

— Você sabe que é um presente.

— Não posso aceitar tudo aquilo como presente.

— Por que você fica negando meus presentes?

— Não estou acostumada a ganhar tantas coisas. — Fico confusa.

— Então a partir de agora deve se acostumar. — Ele acaricia minha bochecha. — Quero cuidar de você.

— Para cuidar de mim não precisa me dar um carro, ou um *closet* cheio.

— E do que você precisa? — Ele sussurra.

— Me basta ter você. — *Basta me amar.*

— Você já me tem.

Capítulo Quatorze

Nova Iorque, junho de 2014.

Estou em casa — ou no apartamento do Anthony, como prefiro não esquecer — quando o interfone toca, me assustando. Hoje o Anthony vai trabalhar até tarde, devido uma reunião fora da cidade. Como já passou das vinte e uma horas, decidi dispensar a Sra. Wilson. Então fico intrigada com o interfone.

— Pronto? — Pergunto insegura.

— Boa noite, o Sr. Thompson está aqui embaixo. Posso autorizá-lo a subir?

OMG. Jaime. Jaime está aqui. Como ele me encontrou? Fico muda por um instante, e o porteiro chama minha atenção.

— Senhora?

— Sim. Sim, é claro! Pode deixar o Sr. Thompson subir.

— Ele está subindo. Até mais. Boa noite senhora!

— Boa noite. — Sussurro.

Fico ansiosa esperando a campainha tocar. Não esperava ver o Jaime em Nova Iorque, ainda mais no apartamento do Anthony. Quando a campainha toca, dou um pulo. Meu coração está acelerado. Estou nervosa. Jaime terminou comigo — sem me avisar diretamente — e agora aparece na minha porta. Tento ficar indignada, mas a verdade é que estou feliz em poder vê-lo.

Sigo devagar até a porta, e a abro. Jaime está na minha frente, com um olhar de tristeza profunda, o que me deixa chocada.

— Jaime!

Ele me abraça forte. Senti sua falta. Senti falta do seu carinho, da sua amizade. Ele é especial para mim de forma fraternal.

— Oh, Tory! Como senti sua falta! — Ele me olha nos olhos, e me deixa melancólica. Ele parece deprimido.

— Jay. Você está bem? Aconteceu alguma coisa?

— Me desculpa. Me desculpa por vir assim, sem avisar, mas preciso falar com você, e por telefone não seria adequado.

— Entra, por favor!

Ele olha ao redor, admirado. Não posso culpá-lo. Mesmo após quatro meses ainda não me acostumei com tanto luxo.

— Sente-se.

Ele senta no sofá, de costas para as janelas. Sento-me na poltrona, olhando a noite lá fora.

— É tão bom ver você. Meu mundo estava vazio sem você. Quando cheguei em Greenville fui direto para sua casa, e lá estavam morando pessoas que nunca antes vi na vida. — Ele suspira, e com um sorriso triste continua a falar. — Meu mundo ficou sem chão quando minha mãe contou que você havia se mudado para Nova Iorque, com o Blake Collin.

— Não me mudei para cá com o Blake, Jaime. Ele me ajudou com a mudança, e foi só isso.

Ele sorri de forma sarcástica.

— Bem, parece ter se mudado para casa dele. — Ele olha ao redor. — Mas não cheguei ao ponto principal dessa conversa. — Escuto quieta, e sem explicar que não moro aqui com Blake. — Quando cheguei em casa, minha mãe explicou que além de você ter ido embora — sem me avisar, diga-se de passagem — você também terminou nosso relacionamento, também sem me...

— Como assim eu terminei nosso relacionamento? — O interrompo. — Sim, vim para Nova Iorque sem avisar você, porque não queria estragar sua viagem e deixar você aborrecido. Mas quando saí de Greenville fui falar com sua mãe. — Estou indignada, mas continuo a falar. Os olhos de Jaime estão surpresos. Ele nunca me viu assim. — Pedi que ela explicasse sobre a mudança, mas nunca, nunca mesmo, falei sobre terminar nosso namoro. Liguei para você em janeiro Jaime, eu liguei. Sua mãe me disse que você já tinha encerrado esse assunto, que não queria mais namorar comigo, que tinha trocado o número do celular. Meu Deus! — Olho para o Jay, e vejo que ele não parece surpreso.

— Já conheço toda a história, Tory. Minha mãe me contou.

— Então ela inventou tudo isso? Para nos separar?

— Não tudo, não é mesmo?

Sento novamente, mas agora do lado dele.

— Foi meu jeito de recomeçar Jay. — Digo mais calma.

— E o jeito que encontrou foi longe de mim?

— Foi longe de tudo. — Meus olhos começam a lagrimejar. — Precisava disso, precisava mudar minha vida. Precisava me encontrar, precisava recomeçar.

— E se encontrou?

— Sim.

— Sim, acredito que sim. Olha para você! — Estou vestindo um terninho sofisticado que coloquei para trabalhar hoje. *Uma das roupas caras que ganhei.* — Até seu jeito mudou. Não parece ser mais a mesma. — Ele se levanta.

— Não sou. Não mudei ao todo, mas mudei.

— É o Sr. Blake o responsável por toda essa transformação? — Ele diz, com desdém.

— Não. Tudo aqui me transformou um pouco na pessoa que sou agora. —

Nunca tinha pensado nisso antes, mas realmente mudei. Hoje sou uma mulher mais confiante, mais objetiva. Deixei para trás a Tory pacata, e me tornei forte, com opiniões bem formadas. E não foi o Blake quem me transformou. Foi o Anthony. Ele me tornou mulher em todos os sentidos, e com todas aquelas discussões descabidas ele me deixou minha vida mais intensa.

— E que pessoa você é agora Tory? — Ele pergunta, com um sussurro.

— Deixei a menina em Greenville, e me tornei uma mulher.

Ele bufa.

— Você sempre foi uma mulher. Linda. Então a única mudança que vejo é a roupagem nova. — Ele mostra ao redor. — O dinheiro. Isso mudou você, o dinheiro.

— Jaime! — Estou sem chão com o seu comentário. Também me levanto. — Você me conhece bem demais, como consegue dizer isso?

— Ué? Você mesma disse que mudou!

— Então você acredita que sou fútil o suficiente para mudar por causa de dinheiro?

Ele coloca as mãos no rosto e caminha pela sala.

— Não sei mais no que acreditar Tory. — Ele para de andar e me olha. — Depois que soube de toda a verdade, liguei para seu celular, inúmeras vezes, mas você nunca atendeu.

— Nunca vi uma chamada sua.

— Realmente mudei de número quando voltei de viagem. Minha mãe não mentiu sobre isso. — Ele suspira, e continua. — Liguei também para Sophie, porque se tem alguma pessoa que sabe sobre você, esse alguém é ela.

— Ela nunca me falou sobre suas ligações...

— Provavelmente não teve tempo. Ela me passou o telefone do seu apartamento, mas você também não me atendeu. — Prefiro omitir o fato de não

morar mais lá. — Então resolvi vir. Fui até seu endereço, e o porteiro me informou que você não estava mais morando lá. — Ele me olha, sério. — Consegui extrair dele seu local de trabalho essa tarde, mais quando cheguei lá soube que você estava em reunião fora do escritório. Expliquei para a secretária, Caroline o nome dela, então ela me passou seu *novo* endereço. — Ele dá ênfase no novo, me recriminando. — E cá estou eu.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Preciso digerir toda essa história. Sei que estou omitindo informações importantes do Jaime, mais ainda não estou preparada para contar. *É Tory, parece que algumas coisas não mudam mesmo.* Sempre tive esse travamento em relação ao Jaime. Sempre procurando não machucá-lo. A única explicação é a importância dele na minha vida. Antes de tudo, sempre fomos amigos. Sei que se falar a verdade para ele, sobre eu realmente querer terminar, vai entristecê-lo muito.

— Mas estou aqui por outro motivo também. — Ele diz, após nosso silêncio amistoso. Fico aguardando ele continuar. — Minha mãe me contou...

A porta da frente se abre, e o Anthony aparece na sala. Ele nos olha, surpreso. Aos poucos vai ficando carrancudo, e fica encarrando o Jaime. Fico olhando eles, assustada. Nunca imaginei ver os dois na mesma sala. Sei que o Jaime é um homem pacífico, porém, não posso dizer a mesma coisa do Anthony.

— Não vai me apresentar sua visita Victória? — Anthony é o primeiro a falar, depois do silêncio constrangedor.

Ele olha para mim, e o Jaime não tira os olhos do Anthony.

— Anthony, — engulo seco — este é o Jaime Thompson. Jaime, este é o Anthony Hill.

Os dois ficam se medindo e me deixam nervosa.

— Prazer Sr. Hill. — Jaime diz, parecendo confuso. Ele me olha, pedindo explicação. Não consigo falar, porque Anthony nos interrompe.

— Prazer em conhecê-lo pessoalmente Sr. Thompson. Sou o namorado da Victória. — Bem, isso vai ficar interessante. Jay me olha rapidamente, com o cenho franzido.

— Não sabia que você estava namorando. E pelo que posso presumir é com ele que você mora agora. — Ele fala baixo, mas Anthony escuta, e ergue a sobrancelha.

— Sim. — É o que consigo dizer. Quero poder explicar tudo para ele, mais o Anthony me deixa nervosa com seu olhar exigente.

— Você aceita alguma bebida, Sr. Thompson? — Anthony pergunta.

— É só Jaime, por favor. E prefiro não beber.

Anthony está se servindo uísque — puro, devo acrescentar.

— Sente-se por favor. — Anthony diz, assumindo o lugar de anfitrião. Ele vem até mim, pega minha mão e me puxa até o sofá oposto ao do Jaime. — O que traz você até aqui? — Ele tenta manter a serenidade.

Jaime ignora a pergunta e me olha, com olhos suplicantes.

— Você pode me atualizar sobre seu estado civil?

— Continuo solteira. — Respondo rápido. Anthony aperta minha mão, mas evito olhá-lo agora. — Anthony é sobrinho do Blake. Nós nos conhecemos assim que cheguei em Nova Iorque.

Jaime se levanta, assustado.

— Sobrinho do Blake Collin?

— Sim, por quê? — Anthony responde, perdendo o controle.

— Voltamos então ao assunto que você interrompeu, Sr. Hill. — Jaime diz, descontrolado, ansioso, e com o rosto vermelho de raiva.

— Jay... — Tento acalmá-lo.

— Deixa! — Anthony me adverte. — Continue então por favor, mas sente-se. — Ele ordena, e Jaime o obedece, ainda transtornado.

Antes de começar a falar ele olha diretamente para mim.

— Minha mãe conheceu o Sr. Collin.

— Imagino que sim. Ele morou em Greenville. — Falo.

— Sim, ele morou lá, e foi embora depois que sua mãe engravidou.

— Já chega! — Dessa vez é Anthony que levanta. — Você vai embora Sr. Thompson. E de preferência não volte mais.

— Anthony! — Chamo sua atenção.

— Ela não sabe ainda, não é? — Jaime grita ao se levantar.

— Saia agora! — Anthony vocifera.

— Não saio até contar toda a verdade.

— Que verdade? — Pergunto, me levantando, tentando manter a calma.

— Não ouse. — Anthony com os dentes apertados, advertindo Jaime.

Fico tensa. Que verdade é essa que todos parecem saber, menos eu?

— Deixa ele falar. — Ameaço Anthony.

— Você é prima *desse aí*. — Ele aponta com a cabeça o Anthony.

— Do que você está falando Jaime? — Tento manter a calma.

— Você é filha do Blake Collin.

Dou alguns passos para trás e acabo me colidindo com o sofá. Anthony vem até mim, e segura minha mão.

— Você está bem? — Ele pergunta, mas não o olho.

Estou de cabeça baixa, tentando digerir o que acabei de escutar. *Como assim filha do Blake?* Não consigo acreditar. A Sra. Thompson deve estar enganada. Não tenho dúvida. Puxo o ar para os meus pulmões, mas parece não funcionar. Já não escuto nada. Minha cabeça está trabalhando a mil por hora. Toda a história faz sentido. Desde o começo me senti conectada com o tio Blake de

alguma forma. *Que tio, Tory? Ele é seu pai!* Meu Deus. Meu Deus.

— Victória! — Anthony me chama para o mundo novamente. Desta vez, o olho. *Meu primo!* Levanto ligeiramente e fico ao lado de Jaime.

— Você sabia! — O acusei. — Você sabia e mentiu para mim! — Estouro.

— Não menti.

— Como você teve coragem? — Digo desiludida.

— Não menti para você. — Anthony sussurra, com a voz rouca.

— Você omitiu um fato importante sobre a minha vida. — Digo, já aos prantos.

— Podemos conversar sem plateia?

Só agora me dou conta que estou discutindo com o Anthony na frente do Jaime. O olho. Ele parece triste também.

— Por favor. — Digo baixinho, chorando.

Ele sai, embora resignado.

Anthony dá passos decididos até mim. Coloco minha mão no seu peito, o parando.

— Não! Já chega de mentiras. — Sussurro. — É desse jeito que você me considera importante?

— Não faça isso. — Ele diz, incrédulo.

— Foi você quem fez, Anthony! — Digo magoada. — Você e o Blake! Meu Deus, meu primo. Você é meu primo.

— Não é bem assim Victória!

— Não quero escutar mais nada. Aliás, não quero mais escutar ou ver vocês!

Saio da sala. O Anthony vem atrás de mim e pega no meu antebraço.

— Você tem que me escutar.

— Me solta! — Grito. Saio correndo em direção ao quarto, e tranco a porta assim que entro. Recolho todas as coisas mais importantes, colocando tudo dentro de uma mala. Faço tudo sem pensar direito. Não sei bem para onde vou, mas preciso sair daqui. *Meu Deus!* Não acredito no que está acontecendo. Anthony bate na porta, mas o ignoro. Inspiro e expiro tentando me acalmar. Minha vida desmoronou pela segunda vez em um ano.

Vou até a porta e tento detectar algum sinal de movimentação. Tudo parece estar silencioso agora. Abro a porta e saio. Encontro Anthony na sala, de cabeça baixa, sentado numa poltrona. Meu coração acelera. Queria sair sem falar nada, mas sei que ele vai acabar escutando quando eu sair, e não quero que ele venha atrás de mim.

— Acabou! — Falo séria, olhando para ele.

Ele levanta a cabeça e me olha, mas não se levanta.

— Você está me deixando por ele, não é? — Ele diz, me censurando.

— Me apaixonei por você de uma forma que jamais vou me apaixonar novamente por outra pessoa. — Ele se levanta.

— Então não me deixa. — Ele diz, quebrado.

— Já deixei, no momento em que descobri que você mentiu para mim esse tempo todo. Já te deixei quando descobri que não sou importante o suficiente para você. — Começo a andar em direção a porta.

— Victória! Não, por favor! — Ele me chama desesperado.

Me viro e o olho pela última vez.

— Adeus, Anthony!

O porteiro me olha espantado. Meu aspecto deve ser horrível, mas não tive tempo para pensar nisso. Jaime ainda está na porta do prédio, e fico aliviada em vê-lo.

— Jay! — O chamo com desespero.

Ele vem correndo ao meu encontro.

— Me leva para casa. — Digo acabada.

Capítulo Quinze

Greenville, junho de 2014.

Greenville, a cidade em que nasci, e que nunca mais pensei em voltar. Estar aqui novamente é um sinal de fracasso. Fracasso no amor, no trabalho, na vida. Tudo o que vivi virou pó. Lembranças que quero esquecer. Lembranças que preferia não ter vivido.

Meu pai, George White era minha inspiração, meu herói. Eu me espelhei muito nele. Como posso acreditar que ele não era meu pai biológico? Minha cabeça está em um turbilhão de pensamentos. Tenho a aparência da minha mãe, mas meu jeito é do meu pai, George. A única coisa que me não puxei de nenhum deles foram os olhos. Meus olhos. *Os olhos são do seu pai. Rebecca disse.* Até ela sabia! Só mesmo eu, a maior interessada, que não sabia de nada.

Voltei para Greenville com o Jaime, no mesmo dia em que soube de toda a verdade, e fiz questão de deixar meu celular no apartamento do Anthony. Não quero receber ligações. Não quero mais ouvir falar de ninguém de Nova Iorque.

Estamos no táxi, Jaime e eu. Ele está dormindo, o que me deixa tempo para pensar. Não conversamos muito durante o voo. Ele está estranho comigo, e sei que é por causa do Anthony, e mesmo assim, depois de tudo, ele quis me ajudar. Solicito ao motorista que me deixe na casa dos pais da Sophie. Não quero ir para casa do Jay, por causa da mãe dele. Ainda não sei o que aconteceu para ela ter uma crise de consciência e contar ao Jaime toda a verdade, mas ainda não me sinto segura para descobrir. Tenho certeza que a tia Miranda e o tio Will vão ficar felizes em me receber.

Jaime acorda com o celular tocando. Ele olha para tela e resolve ignorar.

— Não estamos indo para casa? — Ele pergunta confuso quando olha o caminho que o táxi está seguindo.

— Vou ficar na casa da Sophie.

— Por quê? Seu namorado não vai gostar se você ficar na minha casa? — Ele diz, sarcástico. Não gosto do seu tom, mas ele está no direito de se sentir magoado.

— Jay. — Olho fundo nos seus olhos. — Há tanta coisa que devemos conversar e resolver, mas antes preciso organizar meus pensamentos. Acho que a princípio preciso de um banho e dormir um pouco, depois vamos resolver nossos conflitos.

— Tudo bem, Tory. — Ele me devolve o olhar profundo.

Saio do carro e pego minha bolsa e minha única mala. Jaime me ajuda a carregá-la até a porta — mesmo sem necessidade — o que me faz pensar que ainda existe carinho entre nós.

Toco a campainha e Jaime fica ao meu lado. Espero alguém atender, mas não acontece. Fico nervosa. *Se a tia Miranda não estiver, para onde vou?* É muito cedo, pode ser que ainda esteja dormindo. Insisto mais uma vez. Tia Miranda aparece na porta, ainda de pijama.

— Meu Deus! Victória! Minha querida, aconteceu alguma coisa? — Ela pega na minha mão e vai me puxando para dentro. Não consigo falar nada, começo a chorar compulsivamente.

— Bom dia, Sra. Clarke! Victória descobriu muitas coisas. Ela precisa descansar um pouco.

— Jaime meu querido, por favor entre.

— Já estou indo para casa. Se a Victória precisar de alguma coisa me chame, por favor.

Ele se despede e sai.

Tia Miranda me leva até o quarto que era da Sophie e me acomoda em sua cama. Ela deita ao meu lado me abraçando.

— Dorme um pouco querida! Descanse. Depois você me conta tudo que

aconteceu.

Acordo atordoada. Meus olhos estão inchados de tanto chorar. Preciso urgentemente de um banho. Vejo uma toalha limpa na ponta da cama, e sorrio. Tia Miranda sempre foi muito hospitaleira. Tomo um banho relaxante e me visto com umas das três mudas de roupa que trouxe. Não sei como vou fazer para sobreviver somente com isso. *Espero que Sophie tenha deixado alguma coisa no seu armário.* Preciso conversar com os pais da Sophie sobre todo o acontecido. Espero poder ficar aqui até ajeitar as coisas, e devo satisfações a eles.

O cheiro de café me leva até a cozinha. Tia Miranda está sozinha, fazendo panquecas.

— Bom dia! — Digo. Ela se vira e me olha.

— Bom dia, Tory. Conseguiu descansar?

— Sim, obrigada! Estou me sentindo melhor.

— Que bom, minha querida. Fiquei preocupada, você dormiu bastante.

— Realmente precisava.

— É claro que sim. — Ela me olha, compreensiva. — Sophie já ligou umas tantas vezes.

— Ué? Como ela soube? — Fico confusa. Será que a tia Miranda contou para ela?

— Ela me disse que o Anthony entrou em contato com ela, através do seu celular.

Anthony, meu primo! Suspiro e me seguro para não chorar.

— Ela disse que ele ligou preocupado, perguntando sobre você. — Bufo. —

Você quer conversar? Sophie me disse que esse tal de Anthony é seu namorado.

— Era. — Digo com urgência. — Como ela sabia que eu estava aqui?

— Jaime a avisou.

Aceno com a cabeça.

— Será que ela disse alguma coisa ao Anthony?

— Não.

Sentamos na mesa para tomar o café da manhã. Conto a história enquanto comemos.

— A senhora desconfiou que eu pudesse ser filha do Sr. Collin?

— Não querida. Nunca desconfiei. Sua mãe foi minha melhor amiga. Ela nunca me contou nada que pudesse me fazer desconfiar da sua paternidade.

— Não entendo. Por que ela escondeu isso? Meu pai George, será que sabia?

— Não creio. Não mesmo. Acho que ele acreditava ser seu pai biológico. Há coisas que somente o Blake poderá explicar. Você devia dar uma chance a ele.

— Não. Não consigo. Estou muito magoada. Respeitei seus limites desde o começo. Nunca entrei no assunto para não o deixar constrangido. — Coloco as mãos no rosto.

— Tory, me escute. Talvez o George desconfiasse, mais nunca falou com sua mãe para não a constranger, ou magoar. E você é igual a ele. Sempre pensando no sofrimento alheio. Mas, e o seu sofrimento Tory? — Fico angustiada, porque sei que ela tem razão.

Primeiro Jaime. Passei minha vida toda deixando ele exercer sua vontade sobre a minha. Nunca quis que ele me protegesse contra os outros garotos, mas nunca falei nada para não o magoar. Fui embora e não falei nada para não o aborrecer e atrapalhar sua viagem. Nunca quis fazer amor com ele, mas não disse abertamente para ele não se sentir rejeitado. E agora Blake. O respeitei o máximo, e acabei sendo desrespeitada. Se tivesse insistido em saber a relação do

Blake com a minha mãe desde o começo, teria sido diferente.

A única pessoa sobre a qual consegui impor minhas vontades — *embora com muita tenacidade* — foi o Anthony. Com ele sempre fui verdadeira. Houve muitas brigas, o que mostra que com ele tudo foi diferente. Sorrio timidamente lembrando da minha moto. *Minha moto! Até ela ficou para trás.*

— Jaime também já ligou. — Tia Miranda me tira do meu devaneio.

— Preciso falar com ele. Precisamos nos entender novamente.

Encontro o Jaime no mesmo restaurante que estive com o Blake, no ano anterior. Cheguei primeiro, o que não é nada cavalheiresco da parte dele, deixar uma dama esperando. *Anthony jamais faria isso.* Tenho que parar de pensar nele! — Me repreendo.

Quando o Jaime chega, já estou na minha terceira taça de vinho. Não me sinto embriagada, mas o vinho me deixa mais relaxada e ajuda a inibir meus medos. Quero ser honesta com Jay, acho que ele merece isso.

— Chegou cedo? — Ele pergunta reticente.

— Boa noite Jay. Cheguei no honorário. Você está atrasado. — Ponto para mim. Primeira verdade da noite.

— Desculpe. Esteva perdido em pensamentos e acabei esquecendo do horário.

— Tudo bem. Não vai se sentar?

— Oh, claro! — Ele senta de frente a mim.

Pedimos a comida e esperamos a garçonete sair.

— Você é especial Jay. Gostaria de começar afirmando isso.

— Tão especial que estive com você por quatro anos e você nunca dormiu

na minha casa, embora estivesse morando com um cara que mal conhecia.

Ugh. Essa foi difícil de escutar.

— Vamos começar do princípio. — Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. Estou muito nervosa. Sei que vou o magoar, mesmo sem querer. Mas a verdade é melhor que a omissão, e isso eu aprendi com a vida. — Nunca fui pedida oficialmente em namoro por você. — Digo de repente.

— Não fala besteira, Tory!

— Não é besteira, Jay. Pense bem! Nosso namoro começou com uma suposição das outras pessoas, e acabou se tornando real. Mas você nunca perguntou se eu queria namora com você. Você simplesmente me considerou sua namorada e ponto.

— E por que você está me dizendo isso só agora?

— Porque agora entendo o que é um relacionamento.

— O Sr. Hill mostrou a você?

— Sim! Mas ainda não chegamos lá. Vamos seguir a linha do tempo. — Respiro fundo e continuo. — Depois do nosso namoro se tornar real, ainda sim era diferente. Sempre admirei você. Sempre *amei* você, mas hoje percebo que esse amor era diferente, ele é fraternal.

Ele bufa.

— Vai me dizer que você me ama como irmão? Depois de quatro anos?

— Infelizmente sim. — Fico amuada. — Minha intenção nunca foi esconder meus sentimentos verdadeiros de você. No entanto, só descobri essa diferença a pouco tempo.

— Hill de novo, eu aposto.

Prefiro não responder. Ele sabe que sim, e não quero ficar jogando sal na ferida.

— Quando tive que vender a casa, eu realmente imaginei sendo uma segunda chance, mas jamais pensei em terminar nosso namoro.

— Mas não teve a decência de contar sobre a mudança. — Ele diz, seco.

— Pode parecer que fiz isso por mim Jay, mais foi por você! — Falo, indignada. — Não quis estragar sua viagem, e então decidi não falar.

Quis evitar responder “não” para sua possível proposta de casamento. Também para não o magoar. — Penso, mas prefiro não expor.

Ele coloca os cotovelos na mesa, e as mãos na cabeça. Parece arrasado, mas também estou. Essa conversa está sendo tão difícil para ele, quanto para mim.

— Anthony bateu com o seu carro na minha moto. Foi assim que nos conhecemos. Não sabia que ele era o sobrinho do Blake. — Como ele fica quieto, continuo a falar. — Foi diferente assim que o vi. Ele transformou minha vida em um redemoinho de sentimentos. Tive ódio dele, raiva. Brigamos muito antes de nos entender. Mas no meio de tudo isso me apaixonei, e vi que era diferente com ele. Vi ele como um homem, não como um irmão. — Fico ruborizada. Esse é o máximo que posso explicar ao Jaime.

Jaime levanta a cabeça ligeiramente e me olha. Seus olhos possuem uma raiva contida. Sei que ele está ferido, e parece que quer me ferir também.

— Você dormiu com ele? — Ele não espera minha resposta e continua. — É claro que dormiu. Você estava morando com ele! — Ele grita.

Dou um pulo na cadeira. Fico assustada com a maneira que ele falou. Seu rosto está vermelho, e seu corpo está praticamente em cima da mesa, voltado para mim.

— Quando foi? — Ele pergunta com cólera. — Quando foi?

— Foi depois do nosso namoro acabar. — Sussurro.

Ele joga a cabeça para trás, e olha para o teto. Quando ele volta a me olhar, parece mais calmo.

— Você ama ele? — Ele indaga, aborrecido.

— Não me entregaria a ele não o amasse.

Fico feliz de ter comido antes da nossa conversa. Jaime dispensa a sobremesa, e faço o mesmo.

— O que você pensa em fazer agora?

— Vou ver com o Luy se ele me aceita de volta. Vou alugar um apartamento e ficar por aqui.

— Tory. — *Tory, ótimo.* Estamos voltando ao normal. — Traí você. — Ele diz entristecido.

Não posso dizer que fico surpresa, porque a Sophie me alertou várias vezes sobre isso, mas no fundo, fico magoada.

— Você nunca estava disponível, e sou um homem, embora você não me veja assim. A traí por necessidades físicas, mas não foram muitas vezes.

— Necessidades físicas? Fala sério Jaime! — Que cretino. E eu preocupada por beijar o Anthony.

— Tentei esperar você o máximo que pude, e cada vez que fodia alguém, era em você que eu pensava.

— Oh, Jay, por favor. — Me remexo na cadeira, enojada.

Ele rapidamente pega minha mão, exigindo que o olhe.

— Foi por isso que fiquei tão inseguro em forçar a barra, mas queria ter feito de você uma mulher em todos os sentidos.

Ele olha a cima da minha cabeça com o cenho franzido. Olho na mesma direção, mas não vejo nada.

— O que foi?

— Pensei ter visto uma pessoa.

— Que pessoa? — *OMG*, será o Anthony? Não sei porque fico com borboletas na barriga. Não quero o ver. *Não minta para você mesma.*

— Não foi nada. — Fico desiludida. A essa hora o Anthony já partiu procurar a próxima vítima. Jaime volta a falar, me tirando do devaneio. — Você precisa conversar com minha mãe.

— Oh, Jay. Não me peça isso.

— É pelo seu bem Tory. É para descobrir sobre sua história.

— Você pode me contar.

— Infelizmente não. Minha mãe só me contou que você era filha do Blake. Nada mais.

— E por que ela contou isso?

— Ela teve um infarto. Achou que podia morrer, mas tudo não passou de um susto. Ela está bem agora. Totalmente recuperada. Você deve ir vê-la.

— Tudo bem, eu vou, quando eu estiver pronta. — Penso.

Luy me aceitou prontamente, e ficou muito feliz com a minha volta. Os dias se passaram e ainda não consegui nenhum apartamento barato que encaixe no meu orçamento atual. Mandeí um e-mail me demitindo da News, e não recebi nenhuma mensagem de volta, mas Caroline entrou em contato me informando que a Sra. John não ficou feliz, o que é um ponto positivo. É óbvio que ela vai sentir minha falta.

Falar com Caro é sempre muito bom. Ela me acalma com o seu jeito doce e desinibido. Nosso tema de conversa não foi dos melhores devido à situação em que estou vivendo, mas suas opiniões me abriram os olhos. Depois de conversar com ela, resolvi procura a Sra. Thompson. Não tenho coragem de entrar em contato com o Blake, e a Maria é a melhor e mais rápida forma de conhecer parte da verdade.

— Fico feliz que a senhora queira me receber. — Digo ao me sentar no sofá

da sala da Sra. Thompson.

— Não queria. — Ela diz, sincera e rude. — Mas Jaime me pediu encarecidamente, e resolvi atendê-lo.

Ok. As coisas não mudaram por aqui mesmo depois do término do meu namoro com Jay.

— Bem — ela começa dizendo — você já sabe que é filha do Blake.

— Como você pode ter certeza que sou filha dele?

— Seus olhos. Seus olhos são iguais aos dele. Com o mesmo azul profundo.

— A senhora parece ter reparado muito nos olhos dele, não é mesmo!? — Estou curiosa.

— O amava. Antes de sua mãe roubá-lo de mim, eu o amava. — Bem, isso é novo, e começa a ficar interessante.

— Continue, por favor!

— Namoramos por um curto tempo, mas Blake sempre quis sua mãe. É claro que conseguiu. Ele sempre conseguiu tudo o que queria. Mas também, sua mãe não me facilitou as coisas. Sempre estava por perto, se insinuando.

— Me desculpe, Sra. Thompson. — Digo, a interrompendo. — Não vou deixar que insinue qualquer coisa sobre minha mãe.

— Você está certa. Não vou falar nada dela, até porque você é igual.

— A senhora está me tentando me ofender? Porque se parecer com minha mãe, me sugeri um elogio.

— Estou falando somente a verdade. Você fez com o meu Jaime exatamente o que sua mãe fez o Blake, e depois com o George. Se insinuou até ele não ter mais opção.

— A senhora está completamente enganada!

— Por isso nunca gostei de você! Além de se parecer com ela, também quis

me tirar a pessoa que mais amo na vida.

— Nunca quis tirar o Jaime da senhora, mas não vou entrar em detalhes. Converse com o seu filho. Olhe através dos olhos dele. Se a senhora está aborrecida por tudo que aconteceu décadas atrás, não tenho culpa.

— Sua juvenzinha insolente! Usou sim o meu filho, assim como sua mãe usou o George. Quando sua mãe descobriu que estava grávida, Blake foi embora. Ele não quis assumir você. Não quis casar com sua mãe. George, o segundo plano, ficou com o fardo.

— Vou embora. — Digo, indignada. — Não vou escutar mais nenhuma palavra. A senhora é amargurada, e quer que todos ao seu redor sejam infelizes. Pois bem, boa sorte! Não preciso mais conviver com isso.

Saio, batendo a porta da sala.

Não posso acreditar no que aquela mulher azeda disse. Conheci minha mãe acima de tudo, mas as contas fecham. Blake saiu de Greenville meses antes de eu nascer. Minha mãe e meu pai George se casaram meses antes de eu nascer. Sim, posso ser filha legítima do Blake, mas nunca ninguém vai conseguir tirar meu pai George do meu coração.

Mais de uma semana se passou desde que saí da casa do Anthony, e desde então não tive notícias dele. Blake também não me procurou. Não sei o que está acontecendo lá, e prefiro não saber. Mas sinto saudades de ambos. Muitas saudades. Blake se tornou muito especial na minha vida, e mesmo após descobrir que ele mentiu para mim, sinto sua falta.

Embora a mentira toda tenha sido omitida principalmente pelo Blake, é com o Anthony que estou mais magoada. Fico imaginando desde quando ele sabia. Será que foi antes ou depois dos nossos beijos? Suspiro a cada vez que lembro dos nossos beijos. *Por que ele tem que beijar tão bem?* Achei que eu era importante para ele. Mas ele omitiu fatos tão relevantes da minha vida. Fatos que me fazem ver tudo de uma forma diferente. E ele não me contou nada. Nada! Decidi não entrar em contato com eles. Sei que Blake é meu pai, embora não confirmado por um teste de DNA, e Anthony é o amor da minha vida, e sim, esse fator já foi comprovado pelo meu coração, mas não consigo pensar em perdôá-los.

Meu telefone toca, e chego a levar um susto. *Anthony? Penso.* Não pode ser ele, troquei o número de telefone. Sophie aparece na minha tela. *Ufa.*

— Olá! Como você está hoje?

— Bem. Ainda tentando entender a vida.

— Não acredite naquela megera Tory. Ela não conhecia verdadeiramente sua mãe. Não tem como ela saber como aconteceu. Só o Sr. Collin pode contar a você toda a história, ou parte dela.

— Ele não tentou entrar em contato comigo para se explicar.

— Você deixou tudo para trás. Deve tê-lo assustado. Ele pode querer dar um tempo para você digerir tudo.

— Passaram-se dias, Sophie. Dias!

— Eu sei. Você devia ir atrás dele. Exigir explicações.

— Acho melhor não!

— Por quê? O motivo é ele estar acoplado com seu arrogante preferido?

— Ele não é meu! — Grito com ela, enquanto seguro o celular no ombro e subo uma escada para colocar a nova bolsa de viagem na prateleira.

— Mas você queria que fosse.

Paro um momento, me desequilíbrio e caio no chão.

Capítulo Dezesseis

Greenville, junho de 2014.

Acordo num quarto branco, limpo e cheio de aparelhos. Estou num hospital. Ao meu lado está a tia Miranda, segurando a minha mão, e me olhando com expectativa.

— Graças a Deus você acordou! — Ela diz.

— O que aconteceu? — Falo, ainda confusa.

— Você caiu da escada, na loja. Sophie estava com você no telefone. Você consegue se lembrar?

— Sim. Estava falando com a Sophie, e acabei me desequilibrando.

— Sim, isso mesmo! É um bom sinal você lembrar dos fatos.

Sorrio, fraca.

— Já chamei as enfermeiras, elas viram examinar você. Seus exames estão bons. Você está aqui somente para observação.

— Obrigada por estar aqui comigo. — Aperto sua mão.

Volto a fechar os olhos. Se não fosse pela piedade da tia Miranda, eu estaria sozinha. Não gosto de pensar que não tenho família. Na verdade, tenho. Penso no Blake, meu pai, e no Anthony.

— Victória! — Escuto a voz de Anthony me chamando. Sorrio. Novamente estou sonhando com ele!

Abro os olhos devagar, e como se tivesse o invocado, Anthony aparece na

porta do quarto.

— Anthony! — Consigo dizer, sussurrando.

Ele me olha inteira, e mesmo fraca, meu corpo aquece com o seu olhar atormentado. Tento me levantar, para vê-lo melhor, mas ele coloca sua mão no meu ombro, me fazendo ficar deitada.

— Fique deitada, e descanse. — Sempre mandão! Ele olha apavorado para a tia Miranda. — Cadê o médico? — Diz, arrogante.

— Ela está bem, Anthony. — Miranda diz, calmamente.

— Estamos em desvantagem. Você é?

— Sou a Miranda Clark, mãe da Sophie.

Ele parece relaxar.

— Prazer em conhecê-la, Sra. Clark! Obrigado por estar aqui pela a Victória.

— Tory é da família, não estaria em nenhum outro lugar.

Ele sorri, agradecido.

— Por que *you* está aqui Anthony? — Digo, cochichando.

— Onde mais estaria? — Ele responde, e com certeza é o máximo que ele pretende explicar.

— Como você soube?

— Diggle.

— Diggle?

— Ele veio atrás de você.

— Ele esteve me seguindo? — Digo, chocada.

— Ele esteve cuidando de você.

Levanto sem aprovação deles.

— Você é maluco?

— Acho que vou deixá-los a sós. — Tia Miranda sai de fininho.

— Não quero brigar com você agora, Victória. Nós vamos conversar. Depois.

— Quem disse que eu quero conversar com você? — Falo, emburrada.

— Não faz assim, minha pequena! — Ele toca meu rosto. — Vou atrás do médico, para ele examiná-la. Se precisar transferimos você para um hospital em Nova Iorque. Depois... depois resolvemos as coisas.

Ele segura a minha mão, e mesmo em conflito de sentimentos, sinto que o mundo voltou ao seu eixo normal.

Impressionante como o Anthony tem o poder de fazer tudo acontecer. Num instante, toda uma equipe médica estava á minha disposição. Os exames estavam todos bons, ou seja, não fraturei nada. O médico me deu alta, com recomendações, e, em pouco mais de uma hora eu estava na casa da tia Miranda.

Anthony parecia cansado. Seu terno impecável estava amassado, e seus cabelos desgrehados. Ele com certeza precisa de um banho e descanso, mas mesmo assim permaneceu ao meu lado, até eu pegar no sono.

No dia seguinte, acordei nova. Senti falta do Anthony, e a tia Miranda me explicou que ele tinha ido para o hotel.

— Ele parece muito atencioso com você. — Ela disse.

— Ele é! — Suspiro resignada.

Ela sorri quando a campainha toca.

— Deve ser ele. — Ela diz. — Vou atender a porta.

Fiquei na cozinha, nervosa e ansiosa. Foi difícil vê-lo e não se aproximar.

— Tory, querida! — Tia Miranda me chama. — Visita para você.

Levanto lentamente da cadeira e sigo até a sala sem saber o que fazer. Levo um susto ao me deparar com o Blake.

— Oi. — Ele diz, sussurrando. — Podemos conversar?

Aceno com a cabeça.

— Bem, vou deixar vocês a vontade. — Miranda olha para mim. — Estarei no mercado, querida. — Ela cochicha.

Sento no sofá e o Blake me acompanha, sentando-se na poltrona em frente.

— Você aceita alguma coisa para beber? — Pergunto.

— Não, obrigada. Temos tanto que falar, minha querida. Mas vou começar pedindo que me perdoe.

Ainda estou controlando os meus nervos, e prefiro continuar desviando o olhar do dele.

— Tory, nunca imaginei que você pudesse ser minha filha. — Isso chama minha atenção. — Quando nos conhecemos senti um imenso carinho por você, porque você era filha da Helena, e eu amei sua mãe. — Desta vez o olho. Ele continua. — Você há de concordar que nos entrosamos muito bem. Nos tornamos amigos em pouco tempo, não é mesmo?

— Sim. — Consigo responder. — Por isso mesmo machucou muito você não ter me contado a verdade.

— Anthony descobriu, e me contou antes da viagem de natal. Confesso que não sabia o que fazer. Fiquei tão confuso. — Ele inspira fundo.

Então o Anthony descobriu antes dos nossos beijos. Antes de me dar o carro de presente. Isso explica bastante coisa.

— Claramente você e minha mãe tiveram uma relação.

— Sim, foi uma relação com sentimentos profundos.

— Gostaria que você me contasse.

— Claro, você tem o direito de saber. Estou pronto para falar.

— Por favor, então continue.

— Eu e a sua mãe nos conhecemos quando crianças. Quando chegou a adolescência, descobrimos estar apaixonados um pelo outro. Era uma paixão forte, avassaladora. Mas, a realidade é diferente dos filmes. — Ele diz entristecido. — Cada um tinha um sonho muito particular. Embora sua mãe quisesse conhecer o mundo, seu lar era Greenville. Ela queria formar sua família e viver aqui. Eu tinha o sonho de morar numa cidade agitada, com festas e tudo mais. Quando sai da faculdade, estava preste a realizar meu sonho, mas sua mãe não quis vir junto comigo. Não fui embora, porque não quis deixá-la, mas nosso relacionamento desmoronou, e ela acabou se apegando muito ao seu pai, George.

Fico feliz que ele use o termo pai para descrever o George. Ele é, e sempre será meu pai.

— Então você a deixou?

— Não, mas também nunca deixei de sonhar os meus sonhos. Meses depois Helena disse que jamais iria se mudar de Greenville, e que eu devia partir. Nós brigamos, e vi ela com o George. Ela não tentou me explicar. Fui para casa e fiz as malas, mas antes de partir fui até a casa dela, acreditando que ela me faria ficar. Muito pelo contrário, ela disse que George a daria o que eu jamais poderia dar. Um lar e uma família. Eu era jovem e sonhador. Queria construir minha carreira antes de pensar nessas coisas, e Helena era ainda mais jovem. Não acreditava que ela queria uma família tão cedo. A única resposta que encontrei foi que ela já não me amava. Então sim, fui embora. Nunca mais a vi, e nunca mais dei notícias.

— Não entendo porque ela mentiu para você.

— Talvez com medo, por saber que eu ia querer o mundo para a minha filha. — Ele pega minha mão. — Me perdoe, Tory. Não te contei porque tive o mesmo medo de sua mãe. Medo que você me deixasse.

— E por que o deixaria? — Uma lágrima corre em meu rosto.

— George foi seu pai a vida inteira. Fiquei com medo de você me rejeitar.
— Ele abaixa a cabeça e chora.

Meu coração doí ao vê-lo assim.

— Blake. — Sussurro. — Ainda não consigo chamá-lo de pai. — Ele levanta a cabeça. — Mas, jamais vou te rejeitar. Sinto um carinho imenso por você. Fiquei muito triste por vocês terem escondido de mim um assunto tão importante, mas sim, o perdoo.

— Oh, minha querida! — Ele levanta e me abraça. — Obrigado!

— Preciso de um momento para processar tudo, mas fique sabendo que não sou a minha mãe, e embora eu a admire muito, não vou afastá-lo como ela fez.

— Lhe dou o tempo que for necessário. Não se preocupe em me chamar de pai agora. George fez um excelente trabalho, e só tenho que agradecer. Vou agradecer-lo eternamente pela criação que ele deu a você, e agradeço também a sua mãe, que no seu tempo, me deu o melhor presente da minha vida.

— Tenho certeza que ela organizou tudo, lá no céu!

— Sim, tenho certeza. — Ele suspira. — Tenho que te pedir mais uma coisa. Anthony omitiu de você para me proteger.

— Tenho certeza que ele tem seus motivos, e não me escondeu esse assunto para proteger você.

— Ele é um novo homem desde que você entrou na vida dele. Não quero forçar nada, mais por favor, o escute.

— Vou pensar!

— Bom, agora aceito algo para beber.

Sorriso.

Anthony está com um buque de lírios na mão quando abro a porta, no dia seguinte. Ele me olha intensamente e retribuo o olhar. Finalmente ele me entrega as flores.

— São para você! — Sua voz me faz arrepiar.

— Obrigada! — Cheiro os lírios. O perfume aromático me faz lembrar do apartamento do Anthony em Nova Iorque

— Podemos conversar? — Ele fala sussurrando.

— Você veio até aqui, não é mesmo!? Então por favor, sente-se! Vou colocar as flores no vaso.

É uma boa ideia me afastar quando nossa atração é tão palpável. Não sei o que ele tem a me dizer, mas sei que ainda tenho muita coisa para processar, e não quero me jogar em seus braços antes de acalmar meus sentimentos.

Quando ele me vê chegar, se levanta, como um cavalheiro. Sentamos em seguida, ainda constrangidos pelo silêncio. Anthony parece tão nervoso quanto eu. Ele passa a sua mão na nuca, e respira fundo antes de falar.

— Não sei por onde começar. — Ele diz, confuso. — Nunca fui muito bom nisso, na verdade, nunca precisei fazer isso.

— Fazer o que, Anthony? — Tento ajudá-lo a começar. Minha vontade é de abraça-lo e esquecer todo o resto.

— Pedir perdão. — Ele me olha profundamente. — Perdão, Victória! — Ele sai do sofá onde estava sentado e se ajoelha na minha frente. Inspiro. Nunca vi o Anthony tão vulnerável, e não quero o ver assim.

— Por favor, Anthony. Levante-se!

— Não! Primeiro me escuta. — Ele pega minha mão. — Me perdoa Victória. Sei que fui um babaca desde que nos conhecemos. Mas não sabia como

lidar com o meu coração. Você mexeu comigo desde o momento que vi seus olhos. Nunca havia sentido algo parecido, e esperava nunca sentir na vida. Isso me deixou louco, você me deixa louco. Esse sentimento é mais forte que eu. Mais forte que a minha razão.

Fico emocionada com sua declaração. Lágrimas ameaçam sair dos meus olhos.

— Descobri que você era filha do Blake antes do natal. Mande fazer o teste de DNA com um fio de cabelo que peguei no dia do jantar na casa do Blake. Conte para ele logo depois. Não sabíamos o que fazer com a informação. O Blake não queria que você pensasse que ele desejava substituir o seu pai George, e eu não queria que você se afastasse. — Ele suspirou. — Na época jurei que não queria que você se aproveitasse dessa informação para lucrar com o Blake, confesso. Mas a verdade era que você já tinha entrado aqui. — Ele apontou para o peito. — Não queria perder você, mesmo você não sendo minha ainda, vale acrescentar.

Ele sorri com seu sorriso mais sexy, e me deixa louca para tê-lo em meus braços novamente.

— Não somos primos. — Ele diz, sério novamente. — Não sou sobrinho legítimo do Blake.

Fico sem fôlego. *Como assim?*

— Não entendo. — Digo atordoada.

Ele ainda está de joelhos, e sua mão quente segura a minha *gelada*.

— Meu pai, irmão do Blake, me criou como filho, mas não sou filho biológico dele.

— Mas...

Ele coloca um dedo na minha boca, me silenciando.

— Minha mãe deixou meu pai biológico quando ainda estava grávida, depois que conheceu o Matthew. — Ele passeia com o seu dedo na minha boca, me deixando sem ar. Mal consigo me concentrar na história. — Então, Victória,

não sou seu primo.

— É muita informação. — Digo, ainda atordoadada.

— Eu sei! Quero que você processe tudo, e que me perdoe, sinceramente me perdoe. Mas o segredo não era meu.

— Sim, era do Blake.

— E somente ele podia contar a você.

— Vocês demoraram muito para contar, não é mesmo!? Depois eu descobri, e vim embora... achei que vocês tinham me esquecido. — Corre uma lágrima no meu rosto e imediatamente Anthony se levanta e senta ao meu lado, secando minhas lágrimas com seus beijos embriagantes.

— Não pense assim. Jamais esquecemos de você. Olhe para mim, Victória! — Eu o olho. Nossos rostos quase se tocando. — Blake ama você! — Solto o ar que nem sabia que estava prendendo. Achei que ia escutar "*Eu te amo*". Engulo seco, decepcionada, porque já sei o que Blake sente. *Ele mesmo me falou*. Queria escutar essas palavras vindas do coração do Anthony também.

— Queria levar você num lugar. — Ele fala, repentinamente.

— Não vou voltar para Nova Iorque, Anthony.

Ele ri, e me faz querer abraçá-lo.

— Não pretendo ir tão longe, minha pequena. Não agora.

Anthony levanta, e me estende a mão. Fico imóvel, pensando no que fazer, mas meu coração fala mais alto, e o sigo.

Chegamos na frente da casa dos meus pais. Desde que cheguei em Greenville não tive coragem de vir até aqui. O jardim continua lindo, e me deixa feliz em ver. Meu coração palpita em uma mistura de sentimentos, mas antes de conseguir processá-los, Anthony abri a porta do carro, me tirando para fora. Fico

intrigada. *Será que ele vai bater na porta da casa?*

— Anthony, o que você está fazendo?

— Você já vai ver.

Ele abre a porta, que não estava trancada. *Curioso*. Me sinto uma criminosa invadindo a casa que já foi minha.

A casa está vazia. *Vazia!* Não há nada nela. Somente Anthony e eu.

Ele pega minha mão e entrega uma caixa vermelha, com um laço dourado. *Acho que já vi isso*.

— O que está acontecendo?

— Abra.

Abro o pacote, lembrando da uma vez que vi um. Ele me deu um carro, e nós brigamos. Ainda estou tentando trabalhar em perdôá-lo. Não quero brigar novamente. *Uma chave?*

Ergo a sobrancelha e o olho.

— O que é isso?

— Você é mais esperta que isso, Srta. White. — Ele brinca comigo. — É uma chave como você pode observar.

— Isso eu percebi. — Tento parecer irritada. Como posso me irritar quando ele está assim, tão jovem, tão brincalhão?

— Essa casa sempre foi sua, Victória. Quero devolvê-la a você.

O quê?

— Foi você que comprou de mim? — Digo.

— Não. Recomprei para você. E antes que diga que estou tentando subornar você com mais presentes, já vou adiantar... não quero suborná-la. Quero que você saiba que não queremos tirar as lembranças da sua história, queremos

construir novas. *Eu* quero construir novas lembranças com você. Quero ter você na minha vida. Me permita ter você na minha vida.

— Oh meu Deus, Anthony. — Puxo para abraçá-lo. Lágrimas correm no meu rosto. Nosso abraço é um encontro. Um reencontro, na verdade. Sinto todo o seu corpo no meu. Sinto seu cheiro, que jamais esqueci. Sinto seus lábios no meu pescoço. Me sinto nas nuvens.

— Diz que me perdoa? Diz.

O solto, olhando para ele.

— Perdoo você. — Coloco minha mão na sua face.

Ele se aproxima, lentamente, e me beija.

Seu beijo possessivo me envolve de uma forma alucinada. Fico a sua mercê, me sinto protegida e em perigo, ao mesmo tempo. Anthony me faz sentir viva. Sua mão percorre minhas costas, e chega na minha nuca. Ele puxa meu cabelo, levando minha cabeça para trás, e ficando com o acesso livre ao meu pescoço. Seus lábios dançam sobre meu corpo. Nossa respiração fica acelerada, e o desejo aflorasse. Sinto seu membro duro no meu ventre. Quero ele com loucura.

— Preciso de você! — Ele fala no meu ouvido.

Lentamente ele tira minha roupa, olhando cada parte minha com intensidade. Coloco minhas mãos na sua blusa, para despi-lo também. Estamos os dois ansiosos por nos preencher. Mesmo não ouvindo as famosas palavras "*eu te amo*", me sinto amada por ele. Ele me idolatra com o seu corpo, e me faz queimar de paixão.

Anthony me deita devagar no chão gelido da sala vazia.

— Quero você aqui. No chão dessa sala. — Ele diz, me envolvendo com sua voz *sexy*.

— Aceito. — Consigo sussurrar. Ele ri.

— Vamos construir nossa primeira lembrança nessa casa. — Anthony diz, beijando meu pescoço.

— E você vai fazer dela algo memorável, acredito.

— Não espere menos de mim, Srta. White.

Estou pronta para ele, esperando ser preenchida.

— Vire-se e fique de joelhos, com as mãos no chão.

Faço imediatamente o que ele pediu. Seus olhos me queimam. Suas mãos tiram meu cabelo das costas, e colocam para o lado. Ele desliza seu nariz pelo meu corpo, depositando beijos por toda as costas.

Estou ajoelhada e excitada, esperando para ser preenchida por ele. Anthony continua me atormentando.

— Sabe como foram os meus dias sem você? — Ele pergunta com um tom assombroso.

— Posso imaginar. — Murmuro.

— Não, não pode! — Diz entre os dentes.

Ele me penetra, e a excitação me percorre inteira. Seu ritmo me eleva a um grau de desejo inimaginável.

— Eu te desejo tanto. — Ele diz.

Não consigo responder. Um gemido sai da minha boca a cada estocada em meu corpo. O poder do clímax atinge a ambos.

— Anthony! — Grito seu nome.

— Não fuja mais de mim. — Ele diz, sem fôlego, com a cabeça encostada no meu pescoço.

— Organize suas coisas, venho buscá-la às vinte horas. — Diz Anthony, enquanto estamos seguindo para a casa da família Clark.

— Que coisas?

— Suas roupas e o que mais você trouxe de Nova Iorque. — Ele explica.

Levanto uma sobrancelha.

Ele me olha confuso.

— O quê? — Ele pergunta.

— Não vou ficar no hotel.

— Por que não?

— Anthony. — Suspiro tentando achar uma explicação plausível. — Retomei minha vida aqui em Greenville. Não posso simplesmente morar em um hotel. Estou à procura de um apartamento, mas enquanto não acho, e enquanto for bem-vinda, prefiro ficar na casa da Sophie.

— Você não pensa em continuar trabalhando em uma loja de malas, não é mesmo!?

— Qual é o problema?

— Victória. — Ele dá um suspiro dramático. — Você consegue muito mais que isso.

— Por enquanto é disso que preciso. Vamos deixar as coisas acontecerem, tudo bem?

— Se você quer assim. — Disse com secura.

— O que você pretende fazer com a casa? — Pergunto, tentando tirar a carranca dele.

— O que você deseja. Você disse que estava procurando um apartamento. Bem, não precisa mais. Essa casa é sua. Pode se mudar quando quiser.

Riu.

— Está vazia, Anthony. Preciso mobilhar antes de mudar para a casa, *de novo*.

— Posso agendar uma reunião com os meus arquitetos, eles resolvem isso em instantes.

— E que tal eu mesma resolver isso? Me aproximo dele, dócil.

— Prefiro resolver do meu jeito.

— Eu sei que sim, mas a casa é minha, você mesmo disse. E tem outra questão importante. — Ele me olha com ansiedade. — Quero minha moto de volta.

— Tudo bem. — Ele concorda muito rapidamente. — Mas com uma condição. — Eu sabia que teria. — Ela vem para ficar. Não volta mais para Nova Iorque.

Sorrio.

— Como vou ficar aqui também... sem problemas!

Ele franze o cenho. Sei que ele vai argumentar, então o beijo, e finalmente a ruga que estava em sua testa desaparece.

Anthony está hospedado no *Westin Poinsett*. O hotel é um verdadeiro luxo. *Fico feliz de ter pegado um vestido emprestado da Sophie*. Nunca imaginei entrar aqui. Anthony me leva de braços dados até onde o Blake está sentado, nos aguardando.

— Só para constar, você está deslumbrante. — Anthony sussurra ao meu ouvido, antes de chegar na mesa.

— Você também não está nada mal. — Sorrio.

— Queria poder te levar direto para o quarto.

— Anthony! — O repreendo, ruborizada.

— Minha querida! Você está linda. — Blake se levanta para me beijar.

— Obrigada. — Digo, tímida. Já o perdoei, mas ainda não sei bem como tratá-lo. Ele é meu pai, mas meu coração ainda não consegue entender, o que minha razão já entende.

— Fico feliz que vocês tenham se entendido. Estive preocupado com o Anthony esses dias.

— Já basta! — Anthony diz, constrangido.

O olho sorrindo e pego sua mão. Não gosto de saber que ele sofreu, mais fico feliz de ter sido a causa. *Faz sentido?*

— E agora, quais são os próximos passos? — Blake continua.

— Como assim? — Pergunto.

— Temos que arrumar um novo emprego para você em Nova Iorque, e abrir seu apartamento...

— Nada disso! — Anthony responde, contrariado. — Victória vai ficar no meu apartamento, e sobre o trabalho...

— Bem, como ainda estou aqui, e tenho voz, gostaria de avisá-los como eu vou proceder. — Ambos me olham com expectativas, mas Anthony levanta a sobrancelha irritante. — Quero ficar em Greenville. Vou mobiliar a antiga casa dos meus pais, e vou tentar construir a vida de novo. — Anthony começa a negar, mexendo a cabeça.

— Então você decidiu ficar aqui. Não vai mais voltar para Nova Iorque? Mas era seu sonho! — Diz o Blake.

— Quero que você volte comigo, Victória. — Uma faísca de medo cintilou nos olhos verdes dele.

— Você me deu a casa...

— Dei, mas não foi para você decidir morar aqui. — Ele diz com secura.

— Você não perguntou seu *eu quero* ir com você para Nova Iorque, Sr. Hill.

— Não perguntei porque isso não está em questão. Não vou ficar longe de você de novo. — Ele diz, transtornado.

— E se eu não quiser ir?

— Não vou deixar você aqui. — Por um momento vejo seus olhos atormentados.

— Eu amo vocês! — Digo com doçura. — Amo o suficiente para deixar escolherem o caminho que querem seguir. — Olho para o Blake. — Acho que foi isso que minha mãe fez. Deixou você seguir o caminho que mais o deixaria feliz. — Blake abaixa a cabeça, e acena. — Aprendi tantas coisas durante o último ano, e a mais importante é sobre recomeçar. A cada manhã o sol nasce trazendo um novo dia, cheio de novas oportunidades. Podemos dar uma chance para nós mesmos a cada novo amanhecer. Precisei errar, e aprender a superar diversas coisas para poder me encontrar. E me encontrei graças as experiências que vivi. — Eles me olham com expectativa, então continuo a falar. — Descobri que às vezes é bom chorar, para saber valorizar a risada, e que às vezes precisamos sentir saudades para saber o quanto amamos alguém. — Olho para o Anthony, e vejo que ele me olha com intensidade. — Temos que fazer o que dá prazer, e não viver a vida somente por estar vivo. Achei que voltar para Greenville era um atraso de vida, mas não. É um avanço estar aqui e encontrar novos projetos. Entendi que nossas escolhas são únicas e exclusivamente nossas, e jamais podemos impô-las às outras pessoas, ou nos submeter as escolhas dos outros. Sei que o dinheiro não é tudo, e aprendi que as oportunidades não estão ligadas a ele, e sim ao amor, porque quando amamos, mesmo se a oportunidade não aparecer, nós a buscamos. Aprendi que provar o novo é uma boa experiência, e que o medo é o nosso pior inimigo, porque às vezes deixamos de lado nossas vontades para não confrontá-lo. Sabe, há pessoas que podem nos completar e nos guiar para felicidade, mas precisamos estar abertos para que isso aconteça. — Olho Anthony, intensamente. — E finalmente aprendi que mesmo achando que é o fim, recomeçar é iniciar uma nova história acreditando que ainda podemos ter um final feliz. — Coloco a mão no rosto do Anthony. — Você

me ajudou a aprender tudo isso. — Sussurro.

— Victória. — Ele coloca sua mão em cima da minha, comovido.

— Recomeçar é saber a viver, e quero recomeçar todos os dias, se for necessário. Você recomprou a casa que foi dos meus pais, Anthony, e me deu a chance de escrever uma nova história. Quero recomeçar a partir dali.

— Não vou deixar você aqui! — Ele diz. Blake só nos assiste.

— Então fique e recomece comigo.

Nota sobre a autora

Graziela de Andrade Vieira Varela, trinta e dois anos, é casada, mãe de um menino, e contadora por profissão.

Seu maior vício são os livros. O amor pela leitura começou em 2008, e depois não parou mais de ler. Leitora avida, leu mais de cem livros no último ano.

Em 28 de dezembro de 2012 resolveu escrever sua própria história. Após vários acontecimentos na sua vida pessoal — abertura de seu escritório contábil, casamento, e filho— finalizou o livro em outubro de 2018.

Graziela descobriu que ama escrever e contar histórias, então espere mais romances dessa nova autora.

Copyright© 2018 de Graziela de Andrade

Capa | Diagramação: Graziela de Andrade Vieira Varela

Revisão: Graziela de Andrade Vieira Varela

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

APRENDENDO A RECOMEÇAR

Graziela de Andrade

1ª Edição

2018

Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armanejamento /ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis — sem consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.160/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Gostou do livro?

POR FAVOR AVALIE!

Isso estimula a autora a continuar escrevendo, e crescer com as críticas construtivas.

Avaliou e quer ganhar o primeiro capítulo da continuação dessa história?

Envie um email para graziela_andrade@hotmail.com

OBRIGADA!